

Frederico Luiz Barbosa de Melo

Trajetórias no mercado de trabalho:
perfis socioocupacionais de indivíduos e casais da Grande São Paulo

Belo Horizonte, MG

CEDEPLAR - UFMG

2006

Frederico Luiz Barbosa de Melo

Trajetórias no mercado de trabalho:
perfis socioocupacionais de indivíduos e casais da Grande São Paulo

Tese apresentada ao curso de doutorado do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do Título de Doutor em Demografia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Simone Wajnman

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Diana Reiko Tutiya Oya Sawyer

Belo Horizonte, MG

Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional - UFMG

2006

*Para a Socorro e o Rodrigo,
que me suportam
com todo amor.*

*Para minha mãe,
com quem tudo começou.*

*De meu pai,
saudades.
Desde antes.*

*Ao meu primo
que ficará
Paulinho para sempre.*

Agradecimentos

O processo de elaboração de uma tese de doutorado exige um longo período de trabalho solitário. Contudo, como todo trabalho, atividade humana por excelência, uma tese não resulta de mero esforço individual. Num momento de encerramento de um ciclo, faz-se necessário compartilhar a alegria com quem, de uma ou de outra maneira, colaborou com o fruto desse longo e, apenas em aparência, solitário trabalho. Em poucas palavras e, quando possível, sem citar nomes, gostaria de agradecer às pessoas e instituições que tornaram esse percurso mais fácil e factível.

Agradeço à Socorro e ao Rodrigo, minha enorme pequena família, por terem criado, para mim, o ambiente favorável à realização do meu curso e da tese e por terem suportado as restrições impostas pelas exigências de um trabalho tão demandante. Não posso dizer que os momentos de impaciência e de irritação deveram-se e devem-se a preocupações com a tese, a qual, afinal, desenvolvi com grande prazer, mas aproveito para pedir desculpas por todos eles.

À Simone, serei eternamente grato e devedor. Pela orientação presente e criativa, pelas reuniões agradáveis e intelectualmente muito estimulantes, por ter exigido o melhor de mim, pela alegria e generosidade em dividir descobertas, pela admirável franqueza e por tantos outros motivos.

Sou agradecido à orientação segura, atenciosa e paciente da Diana. Ela também conseguiu estimular minha criatividade, fazendo com que eu me esforçasse para alcançar a essência da tipologia desenvolvida e tornar menos enfadonha sua leitura.

O incentivo da Ana Flávia (Machado) foi essencial para que eu ingressasse no mestrado. Além disso, nossos trabalhos conjuntos e conversas, acadêmicas ou não, serão parte das boas lembranças dessa fase da minha vida. Agradeço a ela e ao Hugo (da Gama Cerqueira) a carta de apresentação e o apoio para ingresso no mestrado em Demografia do Cedeplar.

A todos que fazem do Cedeplar o centro de excelência acadêmica que é, meu muito obrigado. Obrigado aos professores da Demografia, àqueles que me deram aulas e àqueles que não; obrigado aos professores da Economia; obrigado aos funcionários, próprios da UFMG e terceirizados; e obrigado aos pesquisadores. Não poderia deixar de registrar um agradecimento especial aos funcionários do laboratório de informática, atuais e já passados, que me socorreram em momentos de (contido) desespero, e aos

funcionários da biblioteca, que tantas vezes me guiaram no labirinto das publicações e das normas. Agradeço também a paciência e o auxílio dos funcionários da secretaria e da seção de reprodução e encadernação.

Da coorte 2001 do mestrado e doutorado em Demografia, guardarei muitas e boas recordações. Mantereí vivas em minha memória as características de cada um e as experiências que compartilhamos. “Ovelhas desgarradas” de outras coortes, também serão lembradas com muito carinho. Os Congressos da IUSSP em Salvador e em Tours, o Seminário de Diamantina e o Encontro da ABEP de Ouro Preto, para mim, constituíram experiências especiais por combinarem momentos de rico aprendizado intelectual com a possibilidade de aprofundar laços.

À Júnia (Quiroga), agradeço a chance que me deu de me enriquecer no aspecto acadêmico e no pessoal. Nossa amizade é para sempre.

A minha mãe, minhas irmãs e a meu irmão, eu devo o sentimento fortalecedor de ser amado e fazer parte de uma verdadeira família.

O apoio e a licença do DIEESE foram fundamentais para que eu conseguisse viabilizar o curso de mestrado e doutorado. Mas, mais do que esse apoio, eu agradeço ao DIEESE e a seus funcionários, atuais e passados, terem me ajudado a consolidar uma ética e uma visão do conhecimento como instrumento coletivo de transformação. As várias oportunidades de contato mais próximo com os diversos “mundos do trabalho” estão na origem do impulso para empreender essa pesquisa a partir de um ponto de vista específico. Sou devedor de muitos trabalhadores, sindicalistas ou não, que contribuíram para minha formação.

Ao Mário Marcos (Rodarte) devo os primeiros e fundamentais passos no SPSS e ao Carlindo (Oliveira), paciência (outra vez) e solidariedade. A compreensão da Fátima (Guerra) foi importante para eu poder me dedicar à elaboração da tese. A profunda solidariedade nordestina do Cezar (Cerqueira) tornou bem mais fácil o aprendizado do uso do GoM. O *shiatsu* e amizade da Paula (Oliveira) conseguiram e continuarão conseguindo reduzir minhas tensões.

Eu não teria realizado esta tese se a Fundação SEADE e o Centro de Estudos da Metrópole (CEM-CEBRAP) não tivessem realizado, com apoio da FAPESP e da USP, a Pesquisa de Mobilidade. Agradeço do fundo do coração à Paula Montagner, por me enviar o CD-ROM com os dados e responder a várias dúvidas de modo tão prestimoso.

Talvez seja estranho fazer isto, mas agradeço aos autores e às autoras, cujas publicações li e me guiaram na minha investigação. Espero ter contribuído para expandir, minimamente que seja, o conhecimento sobre nossa realidade desigual.

Às professoras da minha banca de qualificação (Ana Flávia Machado, Ana Hermeto, Diana Sawyer, Nadya Guimarães e Simone Wajnman), obrigado pela leitura cuidadosa do projeto e pelas sugestões, muitas das quais foram essenciais para a versão final da tese. À Ana Flávia Machado, Ana Hermeto, Lilia Montali, Nadya Guimarães, Simone Wajnman e ao Paulo Paiva, professores que compuseram a banca de defesa de minha tese, muito obrigado pela disponibilidade e interesse em debater comigo. Que a leitura lhes tenha sido leve, é o que espero. Para mim, a oportunidade de ouvir seus comentários e refletir com eles configurou um momento muito especial desse meu percurso.

Por fim, gostaria de agradecer à CAPES, que me apoiou com bolsa durante praticamente todo o processo, desde fevereiro de 2001. Se, no início do curso, muitas vezes eu reclamei do valor da bolsa e me indignei e me maldisse por pretender ser pesquisador num país que não dá condições para tal, empreendida toda a travessia (e depois de alguns reajustes no valor), só me resta agradecer. Mesmo se, em alguns momentos, a bolsa era insuficiente, a realização do curso e da tese não teria sido possível sem ela. Agradeço à CAPES e rogo a seus dirigentes, atuais e futuros, que não deixem de olhar nossos sofredores pesquisadores, em particular os das chamadas “ciências humanas”.

Sumário

(continua)

Trajetórias no mercado de trabalho: perfis socioocupacionais de indivíduos e casais na Grande São Paulo

Página

<i>Capítulo 1: Considerações Iniciais</i>	p. 10
<i>Capítulo 2: Os indivíduos no mercado de trabalho e na família</i>	p. 15
2.1 - O aumento da participação econômica feminina no Brasil	p. 15
2.2 - O crescimento do nível de atividade econômica das mulheres casadas	p. 17
2.3 - O impacto das mudanças econômicas da década de 90 sobre os diferentes trabalhadores por posição na família e outras características	p. 20
2.4 - As relações entre características de esposa e esposo	p. 26
2.5 - A instabilidade no mercado de trabalho e a abordagem da transiência	p. 30
<i>Capítulo 3: Estratégia metodológica</i>	p. 36
3.1 - Marco de referência e recolocação dos objetivos	p. 36
3.2 - Operacionalização e base de dados	p. 38
3.3 - O método	p. 47
<i>Capítulo 4: Os perfis individuais</i>	p. 50
4.1 - Aplicação do modelo de graus de pertencimento	p. 50
4.2 - Identificação e análise dos perfis socioocupacionais individuais	p. 54
4.3 - Os perfis de mulheres e homens por grupos de idade, escolaridade e rendimentos	p. 63
4.4 - Síntese e notas conclusivas	p. 71
<i>Capítulo 5: Os casamentos</i>	p. 75
5.1 - Os perfis individuais por posição na família	p. 75
5.2 - A combinação dos perfis individuais pelos casamentos	p. 80

Sumário

(conclusão)

Trajetórias no mercado de trabalho: perfis socioocupacionais de indivíduos e casais na Grande São Paulo

Página

5.3 - A tipologia dos casais	p. 85
5.3.1 - Aplicação do modelo de graus de pertencimento	p. 85
5.3.2 - Identificação e análise dos perfis socioocupacionais dos casais	p. 92
5.3.3 - Os perfis por grupos de idade, escolaridade, condição de atividade e rendimentos	p. 100
5.4 - Síntese e notas conclusivas	p. 110
<i>Capítulo 6: Considerações finais</i>	p. 117
<i>Referências bibliográficas</i>	p. 132
<i>Anexos</i>	p. 140

Lista de Quadros

QUADRO I – Números possíveis de episódios identificados por categoria ocupacional da Pesquisa de Mobilidade da PED-RMSP de abr-dez/2001	p. 41
QUADRO II – Descrição dos Perfis Extremos segundo maiores probabilidades de respostas às variáveis	p. 52
QUADRO III – Critério de classificação das trajetórias nos perfis puros e mistos.	p. 56
QUADRO IV – Descrição dos Perfis Extremos da tipologia de casais segundo maiores probabilidades de respostas às variáveis	p. 88
QUADRO V – Critério de classificação nos perfis puros e mistos	p. 95
QUADRO VI – Perfis puros e mistos de casais, segundo denominações iniciais e finais, e respectivos pesos (com os nomes dos perfis puros em <i>itálico</i> e negrito).	p. 100

Lista de Tabelas

TABELA 1: Distribuição absoluta e relativa de pessoas por sexo e total segundo situação ocupacional da questão classificatória da Pesquisa de Mobilidade - RMSP - abr-dez/2001	p. 42
TABELA 2: Taxas de participação e de desemprego total por sexo e total - RMSP - abr-dez/2001	p. 43
TABELA 3: Distribuição relativa dos ocupados segundo posição na ocupação por sexo e total - RMSP - abr-dez/2001 (em %)	p. 45
TABELA 4: Distribuição relativa das trajetórias equivalentes aos Perfis Extremos 1 (g_1), 2 (g_2) e 3 (g_3) por sexo e total (em %)	p. 55
TABELA 5: Distribuição relativa das trajetórias entre os perfis puros e mistos por sexo e total (em %)	p. 57
TABELA 6: Distribuição das famílias segundo tipo de núcleo e sexo do chefe - RMSP - abr-dez/2001 (em %)	p. 75
TABELA 7: Distribuição por perfil (em %) de maiores de 18 anos na posição de chefes masculinos com e sem cônjuges, chefes femininos sem cônjuges e cônjuges femininos - RMSP - abr-dez/2001	p. 76
TABELA 8: Combinação dos perfis individuais de "chefe" e respectivo "cônjuge" - RMSP - abr-dez/2001	p. 81
TABELA 9: Distribuição (absoluta e relativa) dos casais com pertencimento integral a um dos três perfis extremos, com e sem ponderação da amostra	p. 94
TABELA 10: Distribuição relativa dos casais entre os tipos puros e mistos (em %)	p. 96

Lista de Gráficos

(continua)

GRÁFICO 1: Taxas de participação (em %) por posição na família e sexo (e idade, para filhos) - RMSP – 1999 e 2000	p. 17
GRÁFICO 2: Tempos médios (em anos) na ocupação atual de ocupados, na ocupação anterior de ocupados e inativos e na ocupação pré-anterior de ocupados, inativos e desempregados segundo posição - RMSP - abr-dez/2001	p. 43
GRÁFICO 3: Tempos médios (em anos) na ocupação atual de mulheres e homens por posição - RMSP - abr-dez/2001	p. 44
GRÁFICO 4: Composição dos perfis por sexo e número de indivíduos por perfil	p. 58
GRÁFICO 5: Composição dos perfis segundo posição na ocupação	p. 60
GRÁFICO 6: Composição das categorias de posição na ocupação por perfis	p. 62
GRÁFICO 7: Distribuição dos indivíduos por cor entre os perfis	p. 63
GRÁFICO 8: Distribuição das mulheres por faixa etária entre os perfis	p. 64
GRÁFICO 9: Distribuição dos homens por faixa etária entre os perfis	p. 64
GRÁFICO 10: Distribuição das mulheres por faixa etária entre os perfis (incluindo inativas e desempregadas sem experiência)	p. 66
GRÁFICO 11: Distribuição dos homens por faixa etária entre os perfis (incluindo inativos e desempregados sem experiência)	p. 66
GRÁFICO 12: Médias de anos de estudos completos de mulheres e homens por perfil	p. 67
GRÁFICO 13: Médias de anos de estudos completos de mulheres e homens com menos de 30 anos de idade por perfil	p. 68
GRÁFICO 14: Médias de anos de estudos completos de mulheres e homens com 40 anos e mais de idade por perfil	p. 68
GRÁFICO 15: Rendimentos médios do trabalho de ocupados por sexo segundo perfil e da amostra (em R\$ de 2001)	p. 69
GRÁFICO 16: Diferenças entre rendimentos do trabalho (por mês e por hora) dos homens ocupados em relação aos das mulheres ocupadas por perfil – em %	p. 70
GRÁFICO 17: Distribuição etária (em %) de indivíduos por posições na família selecionadas - RMSP - abr-dez/2001	p. 77

Lista de Gráficos

(continuação)

GRÁFICO 18: Composição por perfis de indivíduos de 18 anos ou mais segundo posições na família selecionadas - RMSP - abr-dez/2001	p. 77
GRÁFICO 19: Distribuição de chefes femininas sem cônjuges e cônjuges femininas por quartos de renda familiar <i>per capita</i> - RMSP - abr-dez/2001	p. 80
GRÁFICO 20: Distribuição etária dos “chefes” das combinações “chefe e cônjuge inativos”, “chefe seguro e cônjuge inativo” e “chefe instável e cônjuge inativo” - RMSP - abr-dez/2001	p. 83
GRÁFICO 21: Distribuição etária dos “cônjuges” das combinações “chefe e cônjuge inativos”, “chefe seguro e cônjuge inativo” e “chefe instável e cônjuge inativo” - RMSP - abr-dez/2001	p. 83
GRÁFICO 22: Distribuição (em %) das combinações “chefe e cônjuge inativos”, “chefe seguro e cônjuge inativo” e “chefe instável e cônjuge inativo” pelos quartos de renda familiar <i>per capita</i> - RMSP - abr-dez/2001	p. 84
GRÁFICO 23: Distribuição etária dos chefes da amostra e dos perfis puros	p. 100
GRÁFICO 24: Distribuição etária dos cônjuges da amostra e dos perfis puros	p. 101
GRÁFICO 25: Coeficientes de correlação R de Pearson entre idades simples e médias de idade de chefe e cônjuge por perfil	p. 101
GRÁFICO 26: Composição dos chefes (segundo grupos etários) por perfis de casais	p. 102
GRÁFICO 27: Distribuição de todos os casais e dos casais com menores de sete anos na família pelos perfis	p. 103
GRÁFICO 28: Coeficientes de correlação R de Pearson entre anos de estudo completos e médias de anos de estudos completos de chefe e cônjuge por perfil	p. 104
GRÁFICO 29: Idade média do chefe e coeficiente de correlação entre anos de estudo de chefe e cônjuge por perfil (ordenado pelo coeficiente)	p. 105
GRÁFICO 30: Médias de anos de estudo completos de chefes com 40 anos ou mais e de chefes com menos de 40 anos por perfil de casais	p. 105
GRÁFICO 31: Médias de anos de estudo completos de cônjuges com 40 anos ou mais e de cônjuges com menos de 40 anos por perfil de casais	p. 106
GRÁFICO 32: Situação ocupacional corrente dos cônjuges por perfil	p. 107

Lista de Gráficos

(conclusão)

GRÁFICO 33: Situação ocupacional corrente dos chefes por perfil	p. 108
GRÁFICO 34: Rendimentos totais médios do chefe, do cônjuge e <i>per capita</i> da família por perfil (em R\$ de 2001)	p. 108
GRÁFICO 35: Proporções relativas entre os rendimentos do chefe, do cônjuge e familiar <i>per capita</i> , com base nos rendimentos do “Duplo Seguro”	p. 109
GRÁFICO 36: Idade média do chefe e rendimento familiar <i>per capita</i> relativo ao do “Duplo Seguro” por perfil (ordenado pela idade do chefe)	p. 110

Resumo

A heterogeneidade é uma característica marcante da sociedade e do mercado de trabalho no Brasil. O mercado de trabalho brasileiro também distingue-se por sua alta instabilidade, ou seja, pela curta duração média das ocupações. Ademais, de modo semelhante ao que ocorre em outros países, as mulheres têm elevado sua taxa de participação na força de trabalho. No Brasil, pelo menos desde meados da década de 1970, esse processo tem sido acelerado pelo crescimento vigoroso da proporção das mulheres casadas no mercado de trabalho. A maior atividade econômica feminina vem ocorrendo sem que tenham sido superadas as diferenças desfavoráveis, em comparação com os homens, quanto a remuneração, condições de trabalho e tipos de ocupação. Por outro lado, a presença crescente da esposa no mercado de trabalho significa que estão sendo alterados seus papéis dentro da família e na sociedade.

O objetivo desta tese é, primeiro, investigar as diferenças entre mulheres e homens no mercado de trabalho, considerando a heterogeneidade e a instabilidade desse mercado, para o que se torna essencial incorporar à análise aspectos da experiência mais longitudinal dos indivíduos e a relação entre experiência ocupacional pregressa, atributos pessoais e o desempenho corrente no mercado de trabalho. E, em seguida, a tese visa investigar as combinações vigentes entre as características, ocupacionais e não, do “chefe da família” com as do seu respectivo “cônjuge”, como forma de se buscar aferir o resultado dessas combinações para o bem-estar familiar.

A base de dados utilizada é a Pesquisa de Mobilidade Ocupacional aliada à Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana de São Paulo – RMSP – de abril-dezembro de 2001. Para se analisarem as trajetórias ocupacionais individuais e as uniões conjugais existentes na RMSP, foram obtidas tipologias por meio do *Grade of Membership* – GoM –, método que trata a heterogeneidade de modo mais adequado.

A tipologia individual resultou em três tipos principais (“Trajetórias Precárias”, “Instáveis” e “Seguras”), que abarcam cerca de 70% das mulheres e 80% dos homens no mercado de trabalho da RMSP. As mulheres estão mais sob influência das trajetórias “Precárias” do que os homens. A tipologia de casais revelou a grande heterogeneidade dos casamentos. Às três categorias principais (“Casais Vulneráveis”, “Duplo Instáveis” e “Estabilizados”) corresponde apenas metade das uniões da RMSP. Idade, escolaridade e estratégias econômicas dos esposos, em especial quanto à participação da cônjuge no mercado de trabalho, constituem fatores determinantes para distinguir os casais.

Abstract

The Brazilian society and its labor market are strongly characterized by heterogeneity. The Brazilian labor market also distinguishes itself by its high instability, that is, by the very short mean occupational spell. Besides, as well as in other countries, in Brazil women have been increasing their labor force participation rate. Since at least the middle seventies, this process has been accelerated by the vigorous increase in the proportion of married women who are active in the labor market. The higher female economic activity develops despite the fact that the disadvantages that women face, comparing to men, have not been suppressed in what relates to earnings, working conditions, kinds of jobs. On the other hand, the higher participation of married women means that their roles in the family and in society have been altering.

The goal of this PhD Dissertation is, first, to investigate the differences between women and men in the labor market, considering its heterogeneity and instability. In order to do that, the study should incorporate aspects of the longitudinal individual working-related experience and the relation between past occupational experience, current occupational performance and personal attributes. The second goal is to analyze the combinations of the two members of the couples' attributes, working-related ones and others, in order to try to assess their impact on the family well-being.

The data-base was the *Pesquisa de Mobilidade Ocupacional* (Occupational Mobility Survey), carried out from April to December 2001, plus the *Pesquisa de Emprego e Desemprego* (Employment and Unemployment Survey), which focus on São Paulo's Metropolitan Area - SPMA. To examine, first, the individuals' occupational trajectories and, then, the conjugal unions in SPMA, two typologies were created using the Grade of Membership (GoM). This method deals with heterogeneity in a more appropriate way.

The typology of individuals resulted in three main profiles ("Precarious", "Unstable" and "Secure Trajectories"), which comprise around 70% of the women and 80% of the men in SPMA's labor market. Women are more subjected to the influence of Precarious Trajectories than men are. The couples' typology revealed the great heterogeneity of the conjugal unions. Only half of the couples in SPMA belongs to one of the three main types ("Vulnerable", "Double Unstable" and "Stabilized Couples"). The spouses' age, education, and economic strategies, especially towards the wife's work, are the determinant factors that discriminate the couples.

Trajetórias no mercado de trabalho:

perfis socioocupacionais de indivíduos e casais da Grande São Paulo

Capítulo 1

Considerações iniciais

O mercado de trabalho brasileiro é caracterizado por sua ampla heterogeneidade, sendo marcado, na perspectiva da força de trabalho, por diversidade expressiva de formas de inserção ocupacional e de condições de trabalho e remuneração. Ademais, o tempo médio de permanência nas ocupações tende a ser curto. A “instabilidade estrutural” e a heterogeneidade do mercado de trabalho brasileiro, que afetam os trabalhadores de um e outro sexo, fazem com que os indicadores derivados de dados referentes a um momento específico no tempo sejam limitados para permitir uma análise mais abrangente de sua complexa configuração¹. No entanto, são ainda relativamente raros os estudos sobre *transições* no mercado de trabalho brasileiro, o que deriva, pelo menos em parte, da limitação de fontes de dados longitudinais e retrospectivos, principalmente de pesquisas que cubram um intervalo de tempo maior. Devido à escassez de dados longitudinais no Brasil, pouco se sabe sobre os diferenciais de transições de mulheres e homens no mercado de trabalho.

Outra característica do mercado de trabalho brasileiro, esta compartilhada com diversos países, diz respeito ao processo de elevação do nível de atividade econômica feminina ao longo do tempo. O aumento da participação das mulheres na força de trabalho, suas formas de inserção mais típicas e diferenças frente à participação e à inserção masculinas, no Brasil e em diversos outros países, são temas que já contam com grande número de estudos e análises².

A presente investigação tem por ponto de partida o entendimento de que a *heterogeneidade* e a *instabilidade* são características distintivas do mercado de trabalho brasileiro, que, além disso, tem sido marcado pelo *ritmo acelerado de incremento da atividade econômica feminina*. Pelo menos desde final da década de 1970, o processo de

¹ CLARK, SUMMERS (1979) e CLOGG, ELIASON, WAHL (1990) constataram a insuficiência dos dados de período para a correta apreensão das questões referentes ao mercado de trabalho dos EUA, também considerado como estruturalmente instável e heterogêneo.

² Para o caso brasileiro, ver, por exemplo, ROCHA (2000) e DIEESE (2001). Para os EUA, ver BIANCHI, SPAIN (1986), GOLDIN (1990).

crescimento da participação feminina no Brasil, decorre, fundamentalmente, do aumento da atividade das *esposas*. A expansão da proporção de mulheres no mercado de trabalho, particularmente das casadas, está associada a mudanças na *composição* dos arranjos familiares (em especial, redução do número de filhos e expansão da chefia feminina) e, principalmente, a transformações na *organização* dos arranjos, isto é, no papel das mulheres dentro das famílias e na sociedade (MEDEIROS, OSÓRIO, 2001).

Outra referência importante deste estudo é que, apesar de não isenta de conflitos e disputas, a família é uma unidade de redistribuição de recursos de variados tipos entre seus membros e, associado a isso, é uma unidade de tomada de decisões quanto a consumo e a oferta de trabalho. O foco exclusivo no indivíduo, em análises sobre o mercado de trabalho, desconhece o caráter redistributivo e o de unidade de tomada de decisões condicionadas e interdependentes da família. Num período em que cresce muito o desemprego masculino e aumenta a ocupação feminina, como a década de 90, o desempenho das mulheres no mercado de trabalho, isto é, suas trajetórias e rendimentos, pode estar tendo um papel compensador ou redutor do impacto da conjuntura desfavorável sobre o nível de bem-estar das famílias.

Assim, não obstante todas as mudanças quanto ao papel da mulher no trabalho e na família e todos os estudos sobre atividade econômica feminina, o entendimento acerca das inter-relações entre participação no mercado de trabalho e na família, especialmente numa perspectiva temporal, ainda se ressentem do conhecimento restrito ou inexistente sobre quais são as trajetórias típicas das mulheres e de homens no mercado de trabalho, como tais trajetórias se associam a sua posição na família e como é a relação entre as trajetórias ocupacionais de “esposa” e “esposo”.

“Trajetória no mercado de trabalho”, neste estudo, é entendida como a combinação dos sucessivos estados ocupacionais (e respectivas condições) com as transições entre os estados que um indivíduo perfaz no mercado de trabalho ao longo do tempo. Em outras palavras, o termo “trajetória” pretende englobar e realçar os dois aspectos da participação no mercado de trabalho: a “inserção”, que, numa perspectiva mais estática, remete à localização num ponto onde alguém está; e a “transição”, que se refere ao movimento entre pontos e, portanto, a uma abordagem mais dinâmica.

São dois os principais objetivos que orientam este trabalho: primeiro, descrever, de modo sintético e comparativo, as trajetórias de mulheres e homens no mercado de trabalho e, segundo, investigar a associação entre as trajetórias dos membros do núcleo familiar

(“chefe da família” e “cônjuge”). Para alcançar esses objetivos, são desenvolvidas tipologias socioocupacionais.

Qualquer processo de construção de tipologia tem, fundamentalmente, dois objetivos interrelacionados: identificar (a partir dos próprios dados) ou separar (mediante critérios externos) elementos com características semelhantes no interior de um universo diversificado, organizando, assim, a heterogeneidade (KAGEYAMA, 1999); e sintetizar, por meio de tal organização, aspectos que se julgam importantes na análise do tema em foco. Tipologias procuram identificar regularidades em contextos complexos e ter valor heurístico (HIRATA, 2002, p. 245). Ou seja, os principais objetivos de construção de uma tipologia são *organizar* e *sintetizar* uma realidade heterogênea, visando possibilitar a apreensão de sua complexidade. Os tipos (ou perfis) constituem indicadores sintéticos de uma dada realidade.

Neste estudo, as tipologias são obtidas mediante a utilização do *Grade of Membership* – GoM (ou Grau de Pertencimento), método sustentado na teoria dos conjuntos nebulosos. A escolha do processo de construção da tipologia fundamenta-se, por um lado, na heterogeneidade de trajetórias existentes no mercado de trabalho (considerando os tempos nos estados, as mudanças de estados, as ocupações, as posição nas ocupações, os setores de atividade, o rendimento, o nível educacional, o sexo etc.) e, por outro lado, no princípio de que a trajetória de cada indivíduo no mercado de trabalho pode não corresponder total e exclusivamente a um determinado perfil. Entende-se que as trajetórias individuais não são organizadas em conjuntos completamente discriminados (conjuntos discretos), sendo, antes, caracterizadas por compor conjuntos nebulosos (*fuzzy sets*), em que, ao invés de cada trajetória ser exatamente pertencente a um tipo, existe a possibilidade de certa trajetória ter *graus de pertencimento* a diferentes tipos. A heterogeneidade dos elementos que se pretende classificar é tratada de maneira mais adequada por métodos baseados na lógica dos conjuntos nebulosos, como o GoM.

É analisado o mercado de trabalho da Região Metropolitana de São Paulo – RMSP. A fonte de dados resulta da combinação da Pesquisa de Emprego e Desemprego com a Pesquisa de Mobilidade Ocupacional, esta com quesitos retrospectivos. As duas pesquisas foram a campo entre abril e dezembro de 2001.

Pode se dizer que as principais contribuições deste trabalho são de duas ordens. Quanto à abordagem metodológica, a tipologia proposta constitui uma inovação no que diz respeito ao que se busca classificar (isto é, o objeto), às características consideradas (as respostas às variáveis) e ao processo empregado (o método). Os procedimentos

investigativos usualmente identificam, primeiro, tipos ocupacionais e, em seguida, relacionam esses tipos aos indivíduos que tendem a apresentar as correspondentes características ocupacionais. De modo distinto, o presente estudo desenvolve perfis *socioocupacionais*, que agregam em si, concomitantemente, como a denominação sugere, características individuais e laborais, o que a diferencia de quaisquer outras tipologias ocupacionais, tanto da literatura nacional afim quanto da internacional. A obtenção dos tipos de trajetórias leva em conta, além das variáveis “tempo” nas situações ocupacionais e “fluxos” entre elas, várias outras características dos indivíduos e dos postos de trabalho por eles ocupados. Ou seja, acredita-se que haja uma relação entre desempenho no mercado de trabalho (presente e passado) e características individuais, o que é captado pela tipologia criada. Dessa maneira, os perfis obtidos já associam características referentes mais diretamente à experiência ocupacional e aos atributos pessoais, fazendo com que determinados tipos de inserções e transições ocupacionais sejam relacionados a indivíduos com determinados atributos. Assim, são identificados *simultaneamente* tipos de trajetórias e os grupos de indivíduos a eles associados.

Quanto aos resultados do estudo, acredita-se que os perfis e a noção de “trajetória” sejam, por si sós, categorias analíticas relevantes para compreensão do mercado de trabalho brasileiro, assim como a consideração da relação entre as diferentes posições na família e a atividade econômica. Por fim, a investigação das diferentes combinações entre perfis socioocupacionais dos esposos e a tipologia de casais avançam sobre uma área pouco explorada em estudos nacionais e, até mesmo, internacionais. Entender a relação entre atributos e trajetórias dos membros das uniões pode lançar luz sobre o nível de bem estar e a menor ou maior vulnerabilidade das famílias frente à realidade do mercado de trabalho e suas flutuações.

Além destas “Considerações Iniciais”, o estudo está organizado da seguinte forma: o próximo capítulo descreve questões levantadas por outras investigações sobre temas afins ao desta (tais como o aumento da atividade econômica feminina, as diferenças econômicas por posição na família, as relações entre atributos dos casais, a instabilidade e a heterogeneidade do mercado de trabalho brasileiro e tipologias de trajetórias ocupacionais); o terceiro capítulo traz a estratégia metodológica, abordando o marco de referência, a base de dados, o método e sua operacionalização; no capítulo seguinte, são desenvolvidos, apresentados e discutidos os perfis socioocupacionais individuais; no quinto capítulo, os perfis socioocupacionais dos dois membros dos casais são analisados, primeiro, mediante cruzamentos dos perfis individuais, desenvolvidos no capítulo anterior,

referentes ao chefe e respectivo cônjuge e, segundo, por meio de uma tipologia dos núcleos familiares compostos; e o último capítulo, enfim, apresenta as reflexões finais, algumas indicações para investigações subseqüentes e sugestões de políticas públicas, construídas com base nos resultados do estudo. Ao final, vêm as Referências Bibliográficas e os Anexos. Ainda acompanha este estudo um CD-ROM com as bases de dados (em SPSS) utilizadas para construir as duas tipologias (a individual e a de casais), os dois programas de controle usados na geração dos perfis e as planilhas e gráficos em Excel que, revelando o comportamento das variáveis em cada perfil das duas tipologias, possibilitaram a análise e identificação final dos tipos puros e mistos.

Capítulo 2

Os indivíduos no mercado de trabalho e na família

2.1 - O aumento da participação econômica feminina no Brasil

Uma das maiores mudanças socioeconômicas da segunda metade do século vinte diz respeito ao aumento da participação feminina no mercado de trabalho de muitos países do mundo. Diversas investigações e análises mostram que o papel das mulheres nas famílias e na sociedade está se transformando rapidamente e que esse processo tem desaguado num aumento do nível de atividade econômica das mulheres. Também no Brasil, ocorreu um movimento bem acelerado de aumento da inserção feminina na força de trabalho, pelo menos desde a década de 1950, em que pese o pequeno contingente de trabalhadoras no mercado antes de 1970 (WAJNMAN, RIOS-NETO, 2000). A cada sucessiva coorte de mulheres, maior tem sido o envolvimento delas com o mercado de trabalho, embora, mais recentemente, o processo de elevação da taxa de participação feminina tenha se desacelerado³ (WAJNMAN, RIOS-NETO, 2000, e SOARES, IZAKI, 2002).

Entre 1977 e 2001 no Brasil, a diferença entre as taxas de participação por sexo caiu de 41 para 26 pontos, o que mostra que, apesar do forte crescimento da participação econômica das mulheres, esta ainda é bem menor do que a masculina (SOARES, IZAKI, 2002). No Brasil, entre 1981 e 2002, aumentou de 35,0% para 46,9% a proporção de domicílios em que pelo menos uma mulher exercia atividade remunerada, enquanto caía, de 82,2% para 72,3%, a proporção de domicílios em que pelo menos um homem trabalhava. Essas mudanças estão associadas ao aumento da participação feminina na força de trabalho e à expansão de domicílios sem homens economicamente ativos⁴ (HOFFMANN, LEONE, 2004).

Além da mudança de nível, o padrão etário da atividade feminina também tem se alterado ao longo do tempo. Com o passar do tempo, a estrutura etária (*de período*) da participação feminina no Brasil foi conformando um platô nas idades entre 20 e 44 anos em torno dos 60% (WAJNMAN, RIOS-NETO, 2000, e SOARES, IZAKI, 2002). Já as

³ O menor ritmo de crescimento do nível de atividade feminina no período mais recente talvez decorra, pelo menos em parte, da crise do mercado de trabalho, podendo ter um caráter conjuntural.

⁴ O envelhecimento populacional, o aumento da longevidade e a expansão dos domicílios unipessoais também podem ter contribuído para essas mudanças.

curvas das taxas de atividade *de coortes* mostram um platô entre 20 e 30 anos de idade, que sucede um crescimento acelerado entre 10 e 20 anos e antecede novo crescimento depois dos 30 anos de idade, sugerindo que o padrão de atividade econômica feminina no Brasil não reflete um comportamento de ‘entrada-saída-reentrada’ na força de trabalho ditado pelas etapas do ciclo de vida reprodutivo, como casamento e nascimento e cuidado de filhos (WAJNMAN, RIOS-NETO, 2000, p. 71). Para coortes mais recentes, até mesmo o platô dos 20 aos 30 anos parece tender a se transformar em curva ascendente (ver GRÁF. 5 de SOARES, IZAKI, 2002, p. 9). Por outro lado, as mudanças do padrão e do nível da atividade econômica das coortes femininas ao longo das últimas três décadas no Brasil contrastam com a estabilidade de padrão e nível da atividade das coortes masculinas (WAJNMAN, RIOS-NETO, 2000, e SOARES, IZAKI, 2002).

Apesar do aumento da participação feminina, no Brasil e em outros países, as mulheres continuam enfrentando dificuldades para se inserir em condições semelhantes às dos homens. Pelo menos no Brasil, a taxa de desemprego feminina tende a ser sempre superior à masculina e os rendimentos, inferiores aos masculinos, principalmente nos estratos de renda domiciliar mais altos, embora o hiato salarial médio venha se reduzindo (LEME, WAJNMAN, 2000, HOFFMANN, LEONE, 2004)⁵. No Brasil, as mulheres, quando empregadas assalariadas, contam com menor prevalência de carteira assinada pelo empregador; e o emprego doméstico, caracterizado normalmente por baixos salários, alta instabilidade e ausência de carteira assinada, continua sendo uma fonte de emprego muito importante para as mulheres e quase negligenciável para os homens⁶. Apesar dos menores salários, a participação do rendimento do trabalho das mulheres na renda domiciliar cresceu de 15,7% para 23,8% entre 1981 e 2002 no Brasil (HOFFMANN, LEONE, 2004). Já na RMSP, a participação dos rendimentos de membros femininos na renda familiar aumentou de 34% em 1989 para 40% em 2000 (MONTALI, 2002, *apud* MONTALI, LOPES, 2002, p. 21).

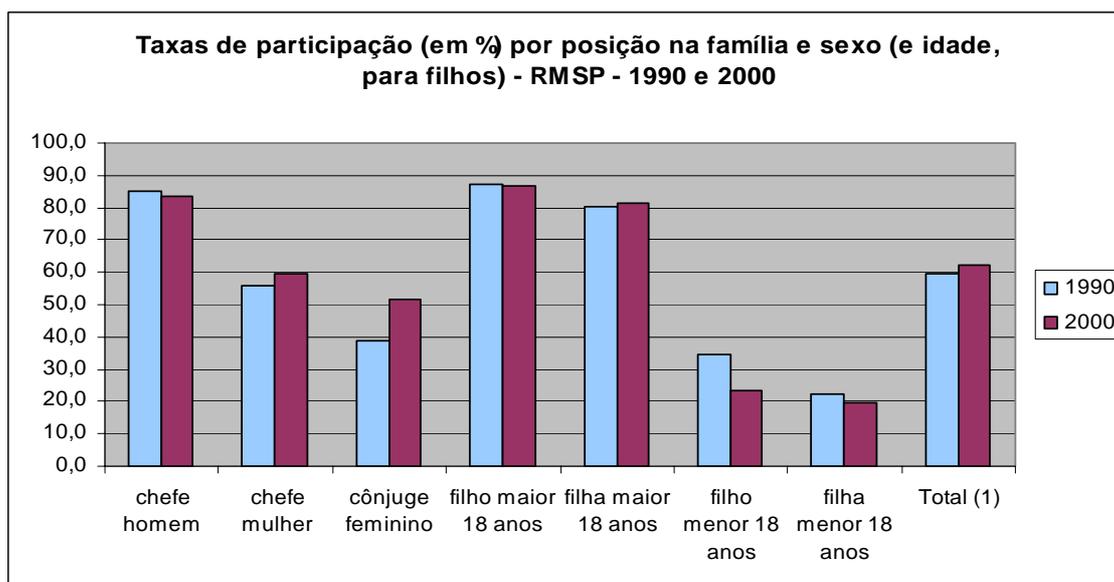
⁵ Também nos países desenvolvidos, as mulheres tendem a se concentrar em ocupações de menor qualidade, particularmente aquelas com jornada parcial, e a acumular menor tempo em cada emprego. Ver HAKIM (1996), para os casos da Grã Bretanha e EUA. Também nos EUA do final da década de 1970, o tempo de permanência na ocupação era menor para as mulheres do que para os homens (BIANCHI, SPAIN, 1986, p. 158). Um tanto quanto surpreendentemente, em 1995, as distribuições de mulheres e homens por “tempo de permanência no trabalho” tendiam a ser semelhantes no Brasil (BRUSCHINI, 2000, Tabela 21, p. 52).

⁶ Pelos dados da PNAD, em 1995, cerca de 22% das mulheres ocupadas em atividades não-agrícolas eram empregadas domésticas, em contraste com menos de 1% dos homens, e somente 18% delas possuíam carteira de trabalho assinada pelo empregador (WAJNMAN, PERPÉTUO, 1997, p. 126). Na RMSP, no período analisado, 18,7% das mulheres ocupadas eram domésticas e apenas 1/3 delas possuía carteira assinada pelo empregador (cálculos próprios a partir dos microdados da base utilizada neste estudo – SEADE, 2001).

2.2 - O crescimento do nível de atividade econômica das mulheres casadas

SOARES e IZAKI (2002), referindo-se ao período de 1977 a 2001, afirmam que “(...) a revolução da participação feminina foi a revolução das cônjuges. Foram essas mulheres, que representam 45% da população feminina em idade ativa, que saíram de casa para entrar no mercado de trabalho de modo expressivo.” (SOARES, IZAKI, 2002, p. 14-15.) O aumento “vertiginoso” (na expressão dos autores) da participação das esposas responde, isoladamente, por 70% do aumento do nível da atividade econômica feminina no Brasil de 1977 a 2001 (SOARES, IZAKI, 2002). Na RMSP, ao longo da década de 1990, o crescimento da População Economicamente Ativa – PEA (de 60,2% em 1990 para 62,5% em 2000, segundo a PED-RMSP) deve-se exclusivamente ao aumento da participação feminina (em especial das cônjuges), uma vez que a participação masculina diminuiu levemente (MONTALI, LOPES, 2002, p. 3, 4 e 7).

GRÁFICO 1:



FONTE: PED-RMSP – Convênio DIEESE-SEADE *apud* MONTALI (2005a, 2005b)

Obs: (1) O Total inclui outras categorias.

O efeito da elevação do nível de atividade das esposas sobrepujou o do crescimento dos domicílios chefiados por mulheres no período, fazendo com que não tenha sido a atividade das chefes a causa principal do crescimento da proporção de mulheres economicamente ativas, apesar da maior taxa de participação das chefes. Há algum tempo, vem ocorrendo uma tendência à convergência entre as taxas de participação das mulheres

com distintas posições na família (LEONE, 2000; MONTALI, 2002⁷; e IZAKI, SOARES, 2002). Na RMSP, a taxa de participação das cônjuges aumentou de 39,1%, em 1989, para 52,2%, em 2000, enquanto a das chefes passou de 55,8% para 59,7% e a das filhas maiores de 18 anos, de 80,6% para 81,5% no mesmo período (MONTALI, LOPES, 2002). O aumento da participação das cônjuges e chefes femininas na década de 1990 ocorre no momento em que o desemprego se agrava e, ao não recuar quando ele se abranda, vai estabelecendo patamares para a participação delas (MONTALI, LOPES, 2002). “Conclui-se que a mulher permanece e continua a ingressar no mercado de trabalho (...) [e que] Trata-se de uma ‘viagem sem volta’ (...)”. (LEONE, 2000, p. 92 e 94.) Ainda assim, apesar do processo acelerado de ampliação do nível de atividade das cônjuges, constata-se que, mesmo na RMSP, 47,8%⁸ delas permaneciam inativas em 2000, proporção ainda elevada.

Segundo vários estudos, o aumento da participação feminina está muito associado à elevação do nível educacional das mulheres (SCORZAFAVE, MENEZES-FILHO, 2001; SOARES, IZAKI, 2002; e OLIVEIRA, 2003) e, de fato, entre os *ocupados*, desde quando há informações, a escolaridade das mulheres tem sido superior à dos homens (LEME, WAJNMAN, 2000). Entretanto, a geração de postos de trabalho em serviços domésticos, setor de atividade que não requer muita qualificação, respondeu por cerca de 65% de toda a expansão da ocupação feminina entre 1990 e 1995 no Brasil, em que pesem eventuais distorções nesse valor impostas pelas mudanças na metodologia da PNAD (WAJNMAN, QUEIROZ, LIBERATO, 1998).

Por outro lado, a questão das relações entre trabalho da mulher e renda do seu cônjuge ou da família é um tema mais sujeito a diversas abordagens e, portanto, mais controverso. Análises que consideram apenas a renda do marido (ou da família) e a atividade (ou ocupação) econômica da esposa tendem a revelar uma relação na forma de “V” com traço direito mais longo e elevado. Isto é, para rendas nulas ou muito baixas do marido, a participação da cônjuge é elevada; para rendas médias-baixas, a participação atinge os menores valores; e para as maiores rendas do marido, a participação das cônjuges é a mais elevada⁹. No entanto, mediante a incorporação de controles que anulam o efeito de outras características (especialmente escolaridade e idade da esposa e número e idade

⁷ MONTALI (2002) ressalta, como exceção, as filhas menores de 18 anos, cuja taxa de participação, além de ser a mais baixa no início do período, caiu ainda mais desde então.

⁸ Valor equivalente ao complemento da taxa de participação das cônjuges na RMSP em 2000.

⁹ SCORZAFAVE e MENEZES-FILHO (2003) encontram uma estrutura um pouco diferente. No seu estudo (em que se simulam os salários de homens fora da PEA e desempregados – o que pode ter efeito sobre a estrutura encontrada), no ano de 1997, a taxa de participação das cônjuges é relativamente estável do 3º ao 9º décimos da renda do marido, maior no 10º, menor no 1º e mínima no 2º décimo.

dos filhos), encontra-se uma relação *inversa* entre renda do marido (ou da família) e participação (ou ocupação) da esposa, de modo que, quanto maior a renda do marido (ou da família), menor a participação (ou ocupação) da esposa (SEDLACEK, SANTOS, 1990; RAMOS, SOARES, 1994; LEONE, 2000; SOARES, IZAKI, 2002; SCORZAFAVE, MENEZES-FILHO, 2003; e ITABORAÍ, 2003). De 1982 para 1997, porém, teria se reduzido o chamado “efeito casamento”, isto é, o impacto “puro” da renda do marido sobre a atividade econômica da esposa (SCORZAFAVE, MENEZES-FILHO, 2003). Já uma análise do ingresso das esposas na força de trabalho como resposta à perda de emprego do marido (“efeito trabalhador adicional”) mostra que esse efeito, para o Brasil metropolitano, é positivo e mais expressivo do que o comumente identificado para os Estados Unidos (FERNANDES, FELÍCIO, 2002). De qualquer forma, fatores conjunturais, como flutuações econômicas, não são capazes de explicar o crescimento e a mudança de padrão de atividade econômica feminina de mais longo prazo (WAJNMAN, PERPÉTUO, 1997, p. 123), cujos principais determinantes, segundo análises das transformações estruturais da participação feminina, localizam-se nos processos sócio-culturais referentes a escolaridade, fecundidade, composição e organização da família, expectativas pessoais e sociais etc.

Como visto, diversas análises identificam o aumento da participação das cônjuges como principal motor da expansão da atividade econômica feminina. No entanto, quase sempre, o raciocínio explicativo parece conceber que “as mulheres casadas entram no mercado de trabalho” conforme a seqüência de eventos enunciada na expressão, isto é, primeiro, as mulheres se casam e, depois, ingressam no mercado de trabalho¹⁰. Muitas vezes, as análises relacionam essa transição a uma situação de crise na família. Uma explicação alternativa pode ter por base um efeito de coorte, semelhante e complementar ao efeito identificado por WAJNMAN e RIOS-NETO (2000). A causa da elevação da participação das cônjuges seria resultante da combinação de proporções maiores de mulheres economicamente ativas em cada sucessiva coorte, inclusive nas idades mais jovens, com a posterior permanência dessas mulheres no mercado de trabalho à medida em que vão se casando. Podem, obviamente, estar acontecendo ao mesmo tempo os dois tipos de fenômenos, isto é, a permanência como ativas de mulheres que se casam e a passagem (ou retorno) de mulheres casadas à atividade econômica (WAJNMAN, RIOS-NETO,

¹⁰Como, a título de exemplo, na sentença já citada: “(...) a revolução da participação feminina foi a revolução das cônjuges. Foram essas mulheres (...) que saíram de casa para entrar no mercado de trabalho de modo expressivo.” (SOARES, IZAKI, 2002, p. 14 e 15.) Ver também SEDLACEK, SANTOS (1990), JATOBA (1994), SCORZAFAVE, MENEZES-FILHO (2001) e MONTALI, LOPES (2002).

1998)¹¹. De qualquer modo, em ambas as situações, altera-se, na sociedade, na família e no mercado de trabalho, o papel das mulheres que são cônjuges.

2.3 - *O impacto das mudanças econômicas da década de 90 sobre os diferentes trabalhadores por posição na família e outras características*

Na década de 1990, o grande aumento do desemprego e das formas de inserção menos protegidas pela legislação e a queda dos rendimentos reais são os indicadores mais significativos da evolução negativa por que passou o mercado de trabalho no Brasil. Como as inserções ocupacionais dos membros das famílias são diferenciadas e como as transformações atingiram os setores econômicos de modo distinto, as intensas mudanças no mercado de trabalho da década de 1990 incidiram diferentemente sobre os trabalhadores, dependendo de suas características quanto a ocupação, experiência, qualificação, idade, sexo, etc., o que afetou as famílias diferenciadamente, segundo sua composição e características de seus componentes.

“Os atuais arranjos e rearranjos de inserção dos componentes da família no mercado de trabalho são definidos articuladamente pela dinâmica da economia e pela dinâmica das relações familiares e das relações de gênero e assumem especificidades nos diferentes tipos de família, afetados pela composição predominante da etapa do ciclo de vida familiar.” (...) “Os rearranjos possíveis de inserção no mercado de trabalho para os componentes da família são definidos por sua disponibilidade para o mercado de trabalho a partir de sua posição na família, relações de gênero e atribuições familiares, bem como pelos padrões vigentes de absorção da força de trabalho pelo mercado.” (MONTALI, 2003, pp. 14 e 22.)

A concepção de “família” ultrapassa em muito a relação com coabitação. Ou seja, o que se entende por “família” independe do local de moradia dos indivíduos. O grupo de pessoas residentes num mesmo domicílio denomina-se, com maior precisão, *arranjo domiciliar*, uma vez que “domicílio” refere-se basicamente à estrutura física da moradia. Porém, ainda que o que se entende como família vá além do grupo de co-residentes, a coabitação implica, pelo menos no Brasil, em interação e integração mais profundas dos membros da família. A residência num mesmo domicílio, por pessoas unidas por laços de família ou não, se traduz em distribuição de direitos e deveres e em compartilhamento de recursos de três tipos: bens, tempo/serviços e rendimentos. As pesquisas domiciliares

¹¹ A meu ver, existem indícios da predominância do efeito coorte, tais como a não redução da taxa de participação das cônjuges quando o desemprego arrefece, a grande discrepância entre as taxas de participação de “filhas” para “cônjuges” e o peso da escolaridade na diferença entre coortes e na associação com a inserção das mulheres no mercado de trabalho. No entanto, a investigação das hipóteses está além do escopo deste trabalho.

usualmente captam informações sobre as pessoas que coabitam, o que faz com que, no caso de parentes co-residentes, os dados refiram-se à “família domiciliar”. Pode-se supor que o compartilhamento dos recursos tende a ser maior entre pessoas de uma mesma família que coabitam do que entre familiares que residem em domicílios distintos e também do que entre não familiares que coabitam¹². A coabitação e a instituição de normas de convivência e de compartilhamento de recursos envolve uma divisão sexual e etária de trabalho no domicílio e fora dele. No estudo aqui proposto, pretende-se estudar as trajetórias ocupacionais segundo as posições na família dos membros que residem no mesmo domicílio, ou seja, de componentes dos “arranjos familiares domiciliares”, chamados sinteticamente de “arranjos familiares”¹³.

As mudanças nos arranjos familiares brasileiros vêm ocorrendo, pelo menos, desde meados do século XX, processo em que teve importância central a queda acelerada da fecundidade, a qual, por sua vez, é causa e consequência de transformações do papel da mulher (OLIVEIRA, BERQUÓ, 1990). Mas, a partir do final da década de 1970, a composição das famílias e os arranjos domiciliares no Brasil foram fortemente afetados por uma série de alterações institucionais, culturais e demográficas (legalização do divórcio em 1978, maior frequência de separações, mudanças de valores quanto à família, diminuição da proporção de “agregados” e de empregadas domésticas que moram no domicílio dos patrões, queda da taxa de fecundidade, envelhecimento populacional, queda da mortalidade e aumento da longevidade). As principais mudanças nos arranjos familiares e domiciliares brasileiros desde a segunda metade da década de 1970 são o aumento da proporção de pessoas unidas, a redução do tamanho dos arranjos, o aumento das famílias chefiadas por mulher sem cônjuge e com filhos, e expansão dos domicílios unifamiliares (ou seja, com pessoas de uma só família)¹⁴ (MEDEIROS, OSÓRIO, 2002).

¹² Por outro lado, também é comum que familiares não residentes no mesmo domicílio compartilhem de recursos ou prestem serviços uns para os outros. Entretanto, as pesquisas domiciliares não captam esse tipo de relação entre familiares, nem mesmo daqueles que moram em domicílios vizinhos (MEDEIROS, OSÓRIO, VARELLA, 2002, p. 25).

¹³ Mesmo quando o presente texto mencionar o termo “família”, estarão sendo referidos os membros da família que coabitam, ou seja, o “arranjo familiar”.

¹⁴ Conforme mostram as conclusões de OLIVEIRA e BERQUÓ (1990), desde 1950 já vinha ocorrendo grande parte dessas mudanças: redução do tamanho dos arranjos, aumento de famílias chefiadas por mulheres sóas, aumento de pessoas morando sozinhas. O aumento da proporção de domicílios unifamiliares, que acompanhou a redução de domicílios multifamiliares e da proporção de “não parentes” nos domicílios, mudanças observadas entre 1978 e 1998 no Brasil, não significou uma maior homogeneidade, uma vez que aumentaram as proporções de domicílios unipessoais e de domicílios com mais de um núcleo familiar, ainda que pertencentes à mesma família (tipicamente, a filha com neto coabitando com os pais dela). Portanto, teria ocorrido uma heterogeneização dentro dos domicílios unifamiliares, os quais adquiriram maior importância no período (MEDEIROS, OSÓRIO, 2001).

Uma das formas possíveis de classificação de domicílios e famílias toma por base o *núcleo* do arranjo, entendido como o chefe e seu eventual cônjuge, enquanto os membros nas outras posições constituem a *periferia* do arranjo¹⁵. Considerando-se os arranjos nucleares, aqueles chefiados por mulheres sem cônjuge passaram de 13,6% do total em 1977 para 20,9% em 1998, enquanto os arranjos nucleares compostos (isto é, com o casal) passaram de 83,0% para 75,5% no mesmo período e os simples masculino ficaram praticamente estabilizados, em torno de 3,5% (MEDEIROS, OSÓRIO, 2001, p. 24)¹⁶. Logo, a família nuclear “padrão” ainda é a do casal com filhos, apesar do relativo desgaste de sua importância no tempo.

“A emergência de arranjos domiciliares cujos núcleos são constituídos por mulheres sem cônjuge é observável, mas é relativamente limitada. O modelo dominante de composição de arranjos domiciliares no Brasil continua, em grande maioria, sendo aquele que se aproxima do estereótipo da ‘família nuclear’ e, portanto, as mudanças que se relacionam à mudança dos papéis das mulheres nas famílias provavelmente são mais bem observadas na organização dos arranjos domiciliares (divisão do trabalho, ‘status’ etc.) do que em sua composição.” (MEDEIROS, OSÓRIO, 2001, p. 33.)

Análises fundadas na perspectiva da “divisão sexual do trabalho” investigam as relações de mulheres e homens na família, nas empresas e na sociedade, colocando em relevo a imbricação das esferas produtiva e reprodutiva, isto é, do trabalho para o mercado e do trabalho para a família e o domicílio (HIRATA, 2002). Para essa linha interpretativa, “A divisão do trabalho entre mulheres e homens é parte integrante da divisão social do trabalho.” (HIRATA, 2002, p. 234.) e as relações assalariadas de produção só puderam se difundir e consolidar com a constituição do trabalho doméstico como conjunto específico de tarefas e atividades, que, além disso, foi atribuído prioritariamente às mulheres. “Contra essa idéia difundida de que as mulheres que não exercem atividade profissional ‘não trabalham’ ou ‘nada fazem’, podemos sustentar (...) que é apenas na responsabilidade simultânea, doméstica e assalariada, do trabalho que se pode ver nascer o valor.” (HIRATA, 2002, p. 266.) Conforme essa abordagem, as relações entre os sexos, categorias socialmente construídas, são desiguais, assimétricas e hierarquizadas e ocorre uma “*coextensividade*” entre as relações de classe e de sexo, que faz com que essas duas dimensões se sobreponham e impede que a investigação de uma possa prescindir da

¹⁵ Como ressaltam MEDEIROS e OSÓRIO (2002), os termos “núcleo” e “periferia” não têm conotação valorativa, nem correspondem a posições na hierarquia familiar ou domiciliar. A idéia é que o núcleo define a existência do arranjo e alterações na periferia não comprometem a existência dele.

¹⁶ Para o aumento da frequência de famílias chefiadas por mulheres sós, contribuem tanto mudanças socioculturais (como o aumento das separações e de filhos fora do casamento) quanto continuidades (como o diferencial de idades ao casar e a permanência de filhos com a mãe separada), além da sobremortalidade masculina e do excedente relativo de mulheres nas idades adultas e avançadas (OLIVEIRA, BERQUÓ, 1990).

outra¹⁷. A partir dos resultados de suas pesquisas no Brasil, França e Japão, HIRATA (2002) conclui que, ao longo do tempo, as “fronteiras” entre as ocupações femininas e masculinas estão antes se deslocando do que se desfazendo.

Em relação aos homens adultos, papéis, atribuições e expectativas, sociais e familiares, estão mais consolidados pela tradição, ainda que, mais recentemente, sofrendo tensionamentos de ordem social e econômica. Já em relação às mulheres, atribuições e expectativas familiares e sociais têm se modificado num processo complexo e não homogêneo. Embora as mulheres venham ingressando em ocupações até então tipicamente masculinas (BRUSCHINI, 2000), elas continuam enfrentando os efeitos da segregação ocupacional (OLIVEIRA, 1998) e

“(…) persiste no decorrer dos anos 90 a ‘sexualização’ das ocupações, ou seja, existem funções e setores de atividade que concentram diferencialmente homens e mulheres (BRUSCHINI, 1994) e que expressam a divisão sexual do trabalho que opera tanto na família como no mercado de trabalho através de conteúdos históricos e culturais.” (MONTALI, LOPES, 2002, p. 4.)

Com objetivos que guardam alguma semelhança com os desta proposta de estudo, ainda que sem abordar as *trajetórias ocupacionais*, MONTALI e LOPES (2002) analisaram a evolução das inserções das mulheres trabalhadoras, no mercado de trabalho da RMSP, segundo a posição na família, entre 1985 e 2000¹⁸. A partir de referência a um estudo anterior de Montali (MONTALI, 1998, *apud* MONTALI, LOPES, 2002, p. 23), são identificados três perfis distintos de inserção dos membros da família no mercado de trabalho na década de 1990 a partir dos dados da PED-RMSP: 1) o dos chefes de família masculinos e dos filhos e filhas maiores de 18 anos, caracterizado por taxas mais elevadas de participação e ocupação, maior proporção de assalariamento com carteira assinada e de ocupação na indústria; 2) o de chefes femininas e cônjuges femininas, caracterizado por taxas de participação e ocupação intermediárias, menores proporções de assalariamento e de com carteira, e maior concentração no setor de serviços; e 3) o de filhos e filhas menores de 18 anos, com baixas taxas de participação e ocupação, altos desemprego e assalariamento sem carteira.

As mudanças no padrão de absorção dos trabalhadores pelo mercado de trabalho afetam as chances de inserção e as trajetórias dos indivíduos, segundo suas características,

¹⁷ Vale dizer que Helena Hirata privilegia a investigação de *processos de trabalho*, isto é, o estudo das atividades concretas de mulheres e homens em espaços determinados do sistema produtivo. Assim, seu método de investigação é o estudo de casos, muitas vezes empreendendo comparações internacionais.

e atingem diferentemente as famílias, segundo sua composição, uma vez que não há substitutibilidade perfeita entre seus membros na força de trabalho (MONTALI, 2003, e LEONE, 2000). Dadas as inserções diferenciadas, as transformações econômicas na década de 1990 afetaram bastante distintamente a atividade econômica dos membros das famílias na RMSP. Enquanto a taxa de ocupação¹⁹ masculina cai durante a década, a taxa de ocupação feminina aumenta, o que está associado ao processo de reorganização pelo qual passou a estrutura produtiva da RMSP, que preservou as ocupações em que se concentra a inserção feminina (nos serviços, assalariamento sem carteira e trabalho autônomo), eliminou postos mais tipicamente masculinos (os industriais, de assalariados com carteira e de chefia) e dificultou a inserção dos jovens (MONTALI, LOPES, 2002)²⁰. Na década de 1990, ocorreram duas tendências gerais de mudanças do perfil ocupacional no interior dos arranjos familiares na Grande São Paulo, embora com especificidades entre tipos de família: aumento da importância das cônjuges entre os ocupados da família e redução da de chefes e filhos, no caso das famílias com núcleo composto (com exceção das de chefe e cônjuge com 50 anos e mais); e, no caso das famílias com chefia feminina, aumento no peso da chefe e redução do de filhos e parentes²¹ (MONTALI, 2003, p. 4).

Embora a reestruturação produtiva tenha favorecido a sustentação da ocupação feminina, esta continuou concentrada em postos de menor qualidade (BRUSCHINI, 2000). As posições na ocupação que, entre 1990 e 1995, mais geraram postos de trabalho para as mulheres trabalhadoras nas metrópoles brasileiras foram as de conta-própria no setor de comércio de mercadorias, as de domésticas e as de funcionárias públicas, sendo que as duas primeiras absorveram mais desempregadas e inativas, enquanto o serviço público absorveu aquelas que saíram de ocupações em outros setores (WAJNMAN, QUEIROZ, LIBERATO, 1998). A análise da estrutura ocupacional no Brasil de 1992 e 1995 revela que

“(...) o crescimento da participação relativa das mulheres nas posições sem carteira e conta-própria é uma combinação da expansão dos setores de atividade tipicamente

¹⁸ “Este artigo tem por objetivo mostrar, no atual contexto de expansão da atividade feminina no mercado de trabalho, que a inserção ocupacional das mulheres é diferenciada segundo a posição das mesmas na família, bem como é distinta a trajetória da inserção destas durante os anos 90.” (MONTALI, LOPES, 2002, p. 2.)

¹⁹ Ocupados (por sexo) em relação à População em Idade Ativa (por sexo).

²⁰ Dado o ritmo intenso de ingresso de mulheres na força de trabalho, o aumento da ocupação feminina não foi suficiente para evitar o crescimento do desemprego.

²¹ MONTALI (2003) cria uma tipologia de famílias baseada na estruturação da família em torno de núcleo composto (casal) ou simples (chefe sem cônjuge) e no momento do ciclo vital da família. As categorias que usa no estudo são: casal sem filhos; casal até 34 anos com filhos e parentes; casal de 35 a 49 anos com filhos e parentes; casal com 50 anos e mais com filhos e parentes; chefe feminina sem cônjuge; e total (que inclui, além dos anteriores, outros arranjos familiares).

informais com a generalização do processo de informalização em todos os setores de atividade.” (WAJNMAN, PERPÉTUO, 1997, p. 132.)

O aumento da participação feminina na RMSP durante os anos 90, então, parece estar associado a uma mudança relativa nas chances de inserção, a uma alteração na estruturação da família e, também, no papel da mulher na sociedade e na família, aumentando a disponibilidade e a necessidade do trabalho feminino para o mercado. Entre 1989 e 1999, os rendimentos dos ocupados da RMSP caíram 17,9%, e dos chefes e filhos, algo entre 22% e 23%, mas a queda dos rendimentos das cônjuges foi de apenas 4,2% (dados da PED-RMSP *apud* MONTALI, 2003, p. 8). Apesar do impacto da reestruturação econômica sobre as filhas maiores de 18 anos (componente feminino da família com maiores taxas de participação e de ocupação, mas que mais sofreu perdas na taxa de ocupação nos anos 90 depois das ‘filhas menores de 18 anos’), a participação na renda familiar dos rendimentos de membros femininos aumentou de 34% em 1989 para 40% em 2000, contribuindo para uma maior diluição na responsabilidade pela manutenção da família entre seus membros (MONTALI, LOPES, 2002, p. 21, e MONTALI, 2003, p. 21).

Investigação recente acerca da evolução da discriminação contra as mulheres no mercado de trabalho brasileiro entre 1992 e 2003 revela que o diferencial salarial entre homens e mulheres tem diminuído, mas que o ritmo de queda varia segundo a inserção na família. No caso dos “filhos” e “solteiros sem filhos”²², o diferencial de rendimento passou a ser favorável às mulheres no período, ainda que continuem persistindo efeitos decorrentes da discriminação (GOMES, WAJNMAN, 2005). Considerando os quatro grupos de inserção na família analisados, entre os “filhos” o efeito negativo “puro” da discriminação salarial para as mulheres é o menor e caiu muito no período, o que leva os autores a concluir que as mulheres são penalizadas especialmente quando estão em posições presumidas de responsabilidade por atividades domésticas e familiares.

Dessa maneira, diversos estudos, em especial LEONE (2000), MONTALI, LOPES (2002), MONTALI (2003) e GOMES, WAJNMAN (2005), explicitam a importância da inclusão do atributo “posição na família” para a análise da atividade econômica feminina.

2.4 - As relações entre características de esposa e esposo

²² Segundo a classificação utilizada no estudo citado, “solteiros sem filhos” correspondem aos “chefes de família” desacompanhados de cônjuges e de filhos.

Os estudos sobre a relação entre atributos do marido e características da esposa, no caso brasileiro, têm centrado seu interesse na inter-relação entre a renda do chefe (ou da família) e o trabalho da esposa²³. Implícita nessa abordagem, subsiste a concepção de que o comportamento da esposa decorre do desempenho do marido. Isso é ainda mais claro em estudos sobre o “efeito trabalhador adicional” quanto à cônjuge, que buscam apurar se a esposa ingressa no mercado de trabalho em resposta ao desemprego do marido²⁴. Nesse conjunto de abordagens, buscam-se, implícita ou explicitamente, uma relação causal e um sentido de determinação entre os desempenhos de esposo e esposa.

Numa perspectiva relativamente distinta (ainda que, em várias análises, as duas abordagens se combinem), tem sido desenvolvida uma série razoável de estudos, em especial nos EUA, sobre correlação de atributos entre os membros do núcleo familiar e de outros tipos de relações sociais. Convencionou-se chamar essa linha de pesquisas de *assortative mating* (“pareamento²⁵ ordenado”, em tradução aproximada), porque essas relações se estabelecem entre indivíduos com mais atributos em comum do que seria de se esperar se o processo fosse aleatório. Quanto aos membros do núcleo familiar, isto é, “esposo” e “esposa”, sabe-se que tende a ocorrer uma correlação entre os respectivos níveis educacionais, embora essa relação possa se alterar ao longo do tempo e entre regiões, sendo influenciada por outros fatores (MARE, 1991; LEWIS, OPPENHEIMER, 2000; e PARK, SMITS, 2002). Para o Brasil, ainda são raros os estudos de *assortative mating* e os poucos que se conhecem tratam da associação entre rendimentos dos esposos (BARROS, MENDONÇA, 1989, e SCORZAFAVE, MENEZES-FILHO, 2003). A relação entre as trajetórias no mercado de trabalho dos membros do casal ainda não foi objeto de análise.

O processo de formação de casais exerce um papel muito significativo na estruturação das sociedades e, como tal, tem sido estudado há muito tempo pelas ciências sociais (MARE, 1991). Os limites entre grupos de uma sociedade podem ser mais (ou menos) rígidos, conferindo um caráter mais (ou menos) resistente à mobilidade social. As evidências empíricas mostram que os indivíduos tendem a selecionar os diversos tipos de companheiros dentre pessoas que compartilhem com eles características sociodemográficas

²³ Ver, por exemplo, os já citados SEDLACEK, SANTOS (1990), RAMOS, SOARES (1994), SCORZAFAVE, MENEZES-FILHO (2003).

²⁴ Para o caso brasileiro, ver FERNANDES, FELÍCIO (2002). JATOBÁ (1994) analisa a oferta de trabalho dos membros da família em função de diminuição da renda da família e de desemprego do chefe.

²⁵ “Pareamento” entendido tanto no sentido de formação de um par (ou seja, um casal), quanto no de estabelecimento de vínculos entre pessoas com interesses semelhantes (“pares”).

ou individuais (por exemplo, etnia, religião, idade, nível educacional, renda, *status* social, aparência física etc.), tendência acentuada ainda mais na escolha do cônjuge (MARE, 1991). Nesse sentido, o processo de formação de casais, assim como o de outros tipos de relação social, não é aleatório e tende a refletir padrões ou normas sociais.

As investigações sobre os processos de *assortative mating* têm privilegiado, em particular, a análise dos atributos educacionais dos parceiros, uma vez que o nível educacional é um indicador importante do *status* socioeconômico e do capital cultural acumulado pelo indivíduo e a combinação, pelo casamento, de indivíduos com recursos semelhantes pode agravar a concentração de renda da sociedade (LEWIS, OPPENHEIMER, 2000). Os valores encontrados nas análises de correlação simples entre níveis educacionais dos cônjuges normalmente ficam acima de 0,5, perdendo apenas para “idade” como atributo de maior correlação positiva (LAM, 1988).

Segundo LAM (1988), os estudos de BECKER (1973, 1974 e 1981) fornecem bases importantes para a análise dos “mercados de casamentos” e do processo de formação de domicílios, sendo a previsão de Becker de *assortative mating* negativo entre os salários dos cônjuges das mais instigantes, mas que menos validação empírica tem recebido. Na interpretação de LAM (1988), o modelo de Becker, ao prever a produção e consumo de um único “bem domiciliar” pelos membros da família, leva à conclusão de que os ganhos do casamento resultam da especialização de cada um dos cônjuges entre trabalho doméstico e trabalho no mercado, o que induziria o *assortative mating* negativo entre os respectivos salários²⁶. LAM (1988) considera que, além dos ganhos de especialização, as “economias de consumo conjunto de bens” constituem um determinante crítico dos casamentos e do processo de formação de domicílios, o que é negligenciado no raciocínio de Becker. Sofisticando a análise, LAM (1988) baseia-se no pressuposto de que, para o consumo das famílias, os bens públicos são produzidos em casa a partir de bens de mercado e tempo/serviço de cada membro. A consideração do consumo de “bens públicos domiciliares” torna menos definido o sentido da vinculação entre os salários dos cônjuges. Se os cônjuges apresentam demanda semelhante pelo bem público domiciliar, o fato de ele ser consumido conjuntamente tende a favorecer o *assortative mating* positivo entre os salários dos cônjuges. Por outro lado, como esses bens são produzidos dentro do domicílio,

²⁶ A meu ver, o modelo torna-se ainda mais complexo com as possibilidades de, entre os mais ricos, contratação de empregado doméstico para realizar boa parte da produção do “bem domiciliar” e, entre os mais pobres, de maior compartilhamento de serviços (por exemplo, nos cuidados de crianças pequenas) pelos membros da família, não necessariamente co-residentes. Essas duas alternativas são comuns no contexto brasileiro.

os “ganhos decorrentes de especialização” (ou seja, a divisão doméstica de trabalho) tendem a incentivar o *assortative mating* negativo. O resultado líquido dessas duas tendências contrárias e, portanto, a ocorrência de *assortative mating* positivo ou negativo dependem de vários fatores²⁷. De qualquer forma, deve-se ressaltar que estudos empíricos de *assortative mating* se defrontam com possíveis endogeneidades, uma vez que os casais podem se formar como consequência de um processo de “especialização” anterior à união (LAM, 1988).

MARE (1991) aponta para uma transformação socioeconômica, que poderia explicar a correlação positiva entre escolaridade e perspectiva de carreira profissional dos cônjuges:

As women participate in the labor force at higher rates and for larger fractions of their lives, their economic value to potential male spouses becomes more salient than in the past (OPPENHEIMER, 1988). This suggests that men’s and women’s views of the marriage market are becoming increasingly symmetrical. Men may increasingly seek women with the best labor market prospects, and those men whose own labor market prospects are strong will fare best in the competition for these women. The result may be a higher correlation between educational attainments of husbands and wives. (MARE, 1991, p. 31.)

Os estudos mais recentes de *assortative mating* nos casamentos têm focado sua análise entre os recém-casados (MARE, 1991; LEWIS, OPPENHEIMER, 2000; e PARK, SMITS, 2002), uma vez que o conjunto de casamentos existentes num certo momento do tempo é afetado não só pelos diferentes (em maior ou menor grau) padrões de formação vigentes em diferentes momentos como também pelos processos de dissolução de casamentos, por separações, morte ou migração de um dos cônjuges.

No Brasil, os estudos que se conhecem investigam, essencialmente, a correlação entre os rendimentos dos esposos, com o objetivo principal de aquilatar a contribuição do trabalho da mulher para o agravamento ou para o alívio dos indicadores de desigualdade da distribuição de renda. BARROS, MENDONÇA (1989), com base em dados da década de 1980 para o Brasil metropolitano, estimam que a correlação entre as rendas dos esposos, embora positiva, é pequena²⁸. Essa fraca correlação positiva compensaria a maior

²⁷ O efeito líquido depende da elasticidade da demanda conjunta pelo bem público domiciliar, da elasticidade salarial cruzada da oferta de trabalho de ambos os cônjuges e do nível de consumo do bem público domiciliar (LAM, 1988, p. 481).

²⁸ Os autores encontram um coeficiente de correlação de 0,5 para os rendimentos dos esposos e, assim, seguindo a constatação de LAM (1988) anteriormente referida, não poderia ser considerada pequena (mesmo sendo suficientemente pequena para impedir um agravamento da desigualdade de renda das famílias nucleares). De qualquer forma, o tema da correlação de rendimentos entre esposos no Brasil demanda nova investigação, já que os dados utilizados por BARROS e MENDONÇA (1988) datam de 1985 e, desde então, a participação econômica das mulheres aumentou ainda mais, processo puxado pelas cônjuges. Ademais, a

desigualdade dos rendimentos do trabalho das esposas (frente à dos maridos), fazendo com que a combinação dos rendimentos de ambos não agravasse a distribuição de renda dos arranjos nucleares, apesar da contribuição não desprezível das esposas para a renda familiar (BARROS, MENDONÇA, 1989). Estudo mais recente constata que, no Brasil, se elevou a contribuição dos rendimentos das mulheres para a desigualdade da renda domiciliar total, uma vez que cresceu de modo mais acentuado a participação econômica das mulheres dos estratos intermediários de renda domiciliar (HOFFMANN, LEONE, 2004)²⁹. O estudo de HOFFMANN, LEONE (2004), no entanto, não toma em consideração e não analisa a posição da mulher no domicílio.

Ainda que o presente estudo não tenha o objetivo de analisar o processo de formação de casais, ele guarda importantes pontos em comum com a linha de pesquisa de *assortative mating*. Identificar as relações entre perfis socioocupacionais dos dois membros dos casais é justamente um dos objetivos da investigação aqui proposta. A caracterização do tipo de inserção de apenas um dos membros da família no mercado de trabalho é insuficiente para se analisar o bem-estar da família. Ou seja, constatar, por exemplo, o desemprego do chefe da família ou a ocupação precária da cônjuge não permite inferir conclusões mais seguras sobre a situação da família porque não considera o aspecto mais dinâmico de desempenho no mercado de trabalho nem o desempenho econômico de outros membros da família. Da combinação de trajetórias e características individuais nas uniões conjugais podem resultar maiores ou menores nível e fragilidade do bem-estar na família. Caso as trajetórias ocupacionais e os atributos dos dois membros de maior responsabilidade sobre a família, chefe e cônjuge, sejam virtuosos ou caso um deles, pelo menos, tenha uma trajetória mais virtuosa, a família irá dispor de maiores recursos que garantam a seus membros condições de enfrentar situações econômicas negativas. No entanto, se chefe e cônjuge compartilharem percursos e características adversos, a família contará com menor poder de resistência em conjunturas de dificuldades.

2.5 - A instabilidade no mercado de trabalho e a abordagem da *transiência*³⁰

mudança de objetivo da análise (do impacto da participação das cônjuges na desigualdade de renda para o grau de associação dos rendimentos dos cônjuges) levaria a uma reestruturação de toda a investigação, inclusive quanto às restrições impostas à sub-amostra utilizada pelos autores.

²⁹ Observe-se que nem BARROS, MENDONÇA (1988) nem HOFFMANN, LEONE (2004) pretendem estudar o processo de pareamento ou o grau de correlação entre características dos casais e famílias em si. Nesse sentido, não constituem estudos de *assortative mating* em termos estritos.

O mercado de trabalho brasileiro pode ser caracterizado como estruturalmente instável do ponto de vista dos trabalhadores. Isto é, grande parte dos ocupados permanece por pouco tempo em cada posto de trabalho. GONZAGA (1998, p. 128) calcula que, na média dos anos de 1988 a 1993, cerca de 50% dos empregados com carteira de trabalho assinada acumulavam menos de 2 anos no emprego corrente. WATANABE e BRANDÃO (1997) constataram que 54,1% dos ocupados que trocaram de emprego entre 1990 e 1996 na RMSP são sujeitos à “média instabilidade”, mas ressaltam o elevado percentual dos submetidos à “alta instabilidade” (33,9%) e o baixo percentual daqueles com “baixa instabilidade” (12,0%). A instabilidade ocupacional afeta trabalhadores de ambos os sexos em maior ou menor grau (BRUSCHINI, 2000)³¹.

Comparações entre países revelam que a duração média dos episódios de ocupação no Brasil são ainda menores do que em países com mercados de trabalho reconhecidamente instáveis, como os EUA. Considerando os indicadores de 12 países para diversos anos das décadas de 1980 e 1990, a porcentagem de trabalhadores na indústria com até dois anos de emprego no Brasil era a mais alta (47%) e nos EUA, a segunda maior (39%), enquanto que na Alemanha e na França atingia cerca de 22% e na Itália, o menor valor, 13% (NICKEL, 1995, *apud* GONZAGA 1998, p. 128). Ressalte-se que, no caso do Brasil, o dado refere-se apenas aos trabalhadores com carteira assinada, que costumam ser mais estáveis do que os sem carteira.

Essa característica do mercado de trabalho brasileiro acentua, ainda mais, a necessidade de estudos que tratem das transições ocupacionais, conforme proposto por CLARK e SUMMERS (1979) e CLOGG, ELIASON e WAHL (1990) para o caso dos EUA. Porém, a mobilidade ocupacional não tem sido tão freqüentemente estudada no Brasil quanto nos EUA. Uma das explicações para isso é a pequena disponibilidade de pesquisas longitudinais (por painéis ou questões retrospectivas), que levantem informações de indivíduos ao longo do tempo³².

³⁰ Os dicionários Aurélio e Houaiss trazem “transiente” (passageiro, transitório) mas não “transiência”, que seria “o estado ou a qualidade de ser transiente”.

³¹ Nos EUA do final da década de 1970, o tempo de permanência na ocupação era menor para as mulheres do que para os homens (BIANCHI, SPAIN, 1986, p. 158). Tanto na Inglaterra quanto nos EUA em período mais recente, as mulheres continuavam a acumular menor tempo em cada emprego (HAKIM, 1996). Um tanto quanto surpreendentemente, em 1995, as distribuições de mulheres e homens por “tempo de permanência no trabalho” tendiam a ser semelhantes no Brasil (BRUSCHINI, 2000, Tabela 21, p. 52).

³² A Pesquisa Mensal de Emprego – PME do IBGE, com seus painéis rotativos, tem fornecido importante base de informações para análises longitudinais. Porém, o intervalo de tempo coberto pelos painéis da PME é relativamente restrito. Outras fontes para estudos de evolução no tempo têm sido eventuais questionários complementares à PME ou à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, também do IBGE. Mais recentemente, a RAIS-MIGRA passou a fornecer dados para estudos de transições ocupacionais entre

Analisando o mercado de trabalho dos EUA do início da década de 1980, CLOGG, ELIASON e WAHL (1990) mostram que grande parte da força de trabalho daquele país seria caracterizado por sua "transitoriedade estrutural" e, a partir daí, propõem uma concepção e abordagem metodológica que privilegiam o aspecto dinâmico do funcionamento do mercado de trabalho.

“And we must recognize both the heterogeneity in labor-force behavior that actually exists and the dynamism in this behavior. Instability of employment, worker marginality of various kinds, and transience rather than persistence clearly emerge as central characteristics of the contemporary U.S. labor market when this is done. [...] Simple measures of current labor-force participation or unemployment are misleading because they mask the complexity (‘heterogeneity’) involved and because they imply a temporal persistence that is inconsistent with the evidence.” (CLOGG, ELIASON, WAHL, 1990, p. 1572).

O artigo propõe uma categorização dos trabalhadores baseada na sua experiência passada e relaciona *experiência* passada (em 12 meses) com *posição* corrente no mercado de trabalho. Os autores consideram inicialmente 16 categorias de "experiência", agregando-as, em seguida, em apenas três ("ativo estável", "ativo instável" e "inativo estável"), sem grandes perdas para a análise. “Inativos estáveis” seriam os indivíduos que não trabalharam e não procuraram emprego em nenhum dos doze meses; “ativos estáveis”, os que trabalharam o ano todo em jornada integral; e “ativos instáveis”, os indivíduos em todas as outras várias situações possíveis, isto é, os que não trabalharam e procuraram emprego por algum período, os que trabalharam em jornada parcial (tenham procurado outro emprego ou não), os que trabalharam em jornada integral mas não todo o ano etc. Para os 12 meses até março de 1982, os “ativos estáveis” correspondiam a 37,8% da População em Idade Ativa – PIA; os “ativos instáveis”, a 31,5%; e os “inativos estáveis”, a 30,6%. Ademais, das mulheres com experiência no mercado de trabalho, 43,8% eram estáveis e 56,2%, instáveis, e, dos homens ativos, 63,4% eram estáveis e 36,6%, instáveis.

Estudos sobre trajetórias no mercado de trabalho, no Brasil e no exterior, adotam a abordagem e as categorias sugeridas por CLOGG, ELIASON e WAHL (1990) ou compartilham perspectivas semelhantes às deles. ALON, DONAHOE e TIENDA (2000) analisam as experiências das mulheres no mercado de trabalho dos EUA, partindo do entendimento de que a instabilidade da inserção no mercado de trabalho ainda é uma característica marcante do trabalho feminino. Para as autoras, mesmo com o crescimento de seu envolvimento com as atividades econômicas, as mulheres mantiveram a maior responsabilidade pelas tarefas domésticas, e a vinculação delas ao mercado de trabalho,

empregos formalizados, com a censura do indivíduo indicando morte, desemprego, atividade informal ou

normalmente inferida a partir do tempo gasto na atividade econômica, continua, em média, mais tênue do que a dos homens. Para avaliar a experiência anterior aos 25 anos e seus possíveis impactos no período de “estabilização” da vida ativa, as autoras analisam os aspectos de *quantidade* acumulada de experiências ocupacionais, de *qualidade* (referida à intermitência ou continuidade, ou seja, ao número de transições entre ocupações de cada mulher) e de *timing* (sua relação com o estágio escolar – se concomitante ao ensino médio ou ao ensino superior ou posterior à escolarização). Em seguida, relacionam ‘experiência dos 25 aos 28 anos’ a ‘experiência dos 16 aos 24 anos’ em termos de ‘ocupação’ *versus* ‘não ocupação’ e constróem uma tipologia referente a graus de vinculação ao mercado de trabalho em cada um dos quatro anos entre 25 e 28 anos de idade (“vinculação muito alta”, “alta”, “média”, “baixa” e “muito baixa”). Para as mulheres de 25 anos dos EUA em 1991 (e 28 em 1994), as com “vinculação muito alta” seriam 25,3% do total; as com “vinculação alta”, 20,2%; com “vinculação moderada”, 14,8%; com “vinculação baixa”, 10,4%; e com “vinculação muito baixa”, 29,5% (ALON, DONAHOE, TIENDA, 2000, Tabelas 2 e 3 do Anexo).

Estudos desse tipo no Brasil ainda são escassos. Contudo, em análise do mercado de trabalho da Grande São Paulo, WATANABE e BRANDÃO (1997) propõem uma tipologia para avaliar o grau de instabilidade da inserção daqueles que, ocupados em 1996, haviam tido pelo menos uma outra ocupação na década de 1990. A partir dos dados de um questionário complementar à Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED, as autoras consideram a combinação dos episódios de duração da ocupação corrente e da anterior (‘até seis meses’ ou ‘de seis meses a dois anos’ ou ‘mais de dois anos’) para criar três classes de instabilidade ocupacional: “alta”, “média” ou “baixa instabilidade”. Infelizmente, os atributos de sexo, idade e posição na família não são investigados.

GUIMARÃES (2004), a partir de objetivos e método distintos, desenvolve uma tipologia de trajetórias ocupacionais da coorte de trabalhadores demitidos da indústria brasileira em 1989. Para a autora, as investigações longitudinais são imprescindíveis, uma vez que pesquisas transversais (*cross-section*) não são capazes de captar uma mudança estrutural fundamental ocorrida no mercado de trabalho nos anos 1990: a recorrência do desemprego. Enquanto nos “países capitalistas de desenvolvimento originário” a chamada “reestruturação produtiva” gerou o “desemprego de longa duração”, no Brasil induziu uma “tendência de longa duração à recorrência do desemprego” (GUIMARÃES, 2004, p. 327). Mediante aplicação da análise fatorial de correspondência aos dados dos indivíduos

inatividade (ver GUIMARÃES, 2004).

presentes nos registros da Rais-Migra, identifica três tipos de trajetórias: “de exclusão”, “de reconversão” e “de preservação”. A “trajetória de preservação” ocorre quando o trabalhador demitido da indústria consegue se reempregar, com vínculos formais, em outra indústria; a “de reconversão”, quando o demitido da indústria consegue novo emprego formal em outro setor econômico; e a “de exclusão”, a mais freqüente (com 41% dos casos), quando a base de dados não dispõe mais do número de registro do trabalhador, indicando ou condição de desempregado ou ocupação em atividades não registradas ou ingresso na inatividade econômica ou morte. Uma das conclusões do estudo é que o risco de ingressar na “trajetória de exclusão” é maior para mulheres do que para homens (48,5% dos casos contra 36,8%). Mas GUIMARÃES (2004) aponta limitações da base de dados por ela utilizada, que não capta informações sobre “cor” do trabalhador nem sobre a ocupação em postos de trabalho não registrados. A autora argumenta a favor de pesquisas retrospectivas que tentem rastrear todos os movimentos e inserções passadas dos indivíduos no mercado de trabalho e que possibilitem identificar o perfil daqueles trabalhadores que foram desligados do circuito dos empregos formalizados (ou que, completo eu, nunca chegaram a dele fazer parte).

GUIMARÃES, SILVA e FARBELOW (2004), mediante a combinação de análise fatorial com análise de *cluster* aplicada à mesma base de dados utilizada no presente estudo, identificam trajetórias ocupacionais típicas de ocupados, de desempregados e de inativos na RMSF entre 1994 e 2001. Os tipos de trajetórias daqueles que se encontravam ocupados em 2001 eram, em ordem decrescente de freqüência, as de “assalariados com carteira ou do setor público”, as de “assalariados sem carteira” e as “ignoradas”, as quais, segundo os autores, referem-se a transições tão erráticas e intensas que não configuram um padrão. Já entre aqueles que estavam desempregados em 2001, os tipos mais comuns de trajetórias eram as “ignoradas” e as de “desempregados/inativos”, o mesmo ocorrendo entre os inativos. O fato de o peso das trajetórias “ignoradas” entre os ocupados ser bem menor do que entre os desempregados e os inativos indica que o risco da recorrência de situações no mercado de trabalho é desigualmente distribuído entre os trabalhadores, aparentemente estando associado ao percurso anterior (GUIMARÃES *et al*, 2004, p. 7). Os autores também estudaram, por meio de análise de correspondência, a relação entre perfis de trajetórias e dos indivíduos ocupados e desempregados, segundo sexo e cor, impondo controles por nível educacional. Segundo os autores, os padrões de associação entre trajetórias e características individuais, controlando por escolaridade, sugerem fortes efeitos de preconceito e discriminação sexual e racial sobre os percursos ocupacionais.

Diferenças por sexo, cor e nível de escolaridade também foram identificadas em estudos de mobilidade ocupacional. Uma conclusão comum de diferentes estudos sobre mobilidade refere-se às menores chances de ascensão das mulheres na escala socioocupacional (ANDRADE, 2000; OLIVEIRA, MACHADO, 2000; e JANNUZZI, 2002). Também foi constatada uma diminuição significativa do ritmo de mobilidade ascendente no Brasil entre a década de 1980 e 1996, diminuição ainda mais expressiva para os indivíduos com, no mínimo, escolaridade fundamental completa (ANDRADE, 2000, e JANNUZZI, 2002). Na primeira metade da década de 1990, nas seis maiores metrópoles brasileiras, neutralizados os efeitos de idade e de escolaridade, os homens brancos apresentavam maiores probabilidades de ascender na hierarquia a partir das ocupações de nível médio, em comparação com homens negros, mulheres brancas e mulheres negras, sendo estas as que possuíam menores chances de ascensão. Além disso, a mobilidade ascendente se traduzia em ganhos salariais maiores para os homens do que para as mulheres (OLIVEIRA, MACHADO, 2000). Mesmo considerando apenas as mulheres, diferenças entre as transições foram constatadas. Estudo sobre a mobilidade feminina entre atividade e inatividade e entre ocupações, nas principais metrópoles brasileiras, mostra que a recessão do início da década de 1990 teve impactos diferenciados sobre as trajetórias ocupacionais, afetando mais as mais jovens e as assalariadas com e sem carteira assinada (OLIVEIRA, 2000).

As tipologias de trajetórias de CLOGG *et al* (1990), de ALON *et al* (2000) e de WATANABE e BRANDÃO (1997) visam captar, explícita ou implicitamente, a *instabilidade* da inserção do indivíduo no mercado de trabalho. Esses autores consideram, essencialmente, as variáveis referentes a *intervalo de tempo* (em determinado estado de atividade) e a *mudança de estado* para a construção das respectivas tipologias³³. Vale notar que as tipologias dos três grupos de autores foram definidas de modo apriorístico, isto é, de maneira independente dos dados, e com um relativamente alto grau de arbitrariedade (por exemplo, quanto às linhas de corte para distinguir maior e menor instabilidade). Já GUIMARÃES (2004) e GUIMARÃES *et al* (2004) partem dos próprios dados para construir suas tipologias. Ademais, ambos estudos chamam a atenção para a importância de se investigar o perfil dos indivíduos que vivenciam os tipos de trajetórias.

³³ CLOGG, ELIASON e WAHL (1990) incorporam também característica do posto ocupado pelo indivíduo em sua classificação, ao incluir os “trabalhadores voluntariamente em jornada parcial por todo o ano” entre os “ativos instáveis”.

No trabalho aqui proposto, a metodologia utilizada também parte dos próprios dados para obtenção dos perfis, os quais agregam características tanto ocupacionais quanto pessoais. Assim, a tipologia criada não distingue e organiza as trajetórias com base em critérios predeterminados (por exemplo, quanto a um prazo definido para classificar uma ocupação como estável ou como instável). Tampouco se propõe a captar apenas a *instabilidade da inserção* no mercado de trabalho. Os atributos individuais e familiares e as características dos percursos no mercado de trabalho serão considerados, concomitantemente, no processo de construção da tipologia, fazendo com que sejam extraídos, precisamente, perfis socioocupacionais dos indivíduos na força de trabalho. Depois de obtidos os perfis e classificados os indivíduos dentre os perfis, serão investigadas as combinações de trajetórias dos membros do casal, por intermédio tanto do cruzamento dos perfis individuais nos casais quanto da obtenção de uma tipologia específica dos casamentos.

Capítulo 3

Estratégia metodológica

3.1 - Marco de referência e recolocação dos objetivos

Em que pesem as transformações sociais e culturais pelas quais o Brasil vem passando e que vêm alterando o papel das mulheres na família e na sociedade, elas seguem sendo as principais responsáveis pela organização da vida doméstica. Assim, a inserção da mulher no mercado de trabalho, especialmente a das cônjuges e chefes, ainda guarda, muitas vezes, uma relação tensa com as tarefas domiciliares e o papel de mãe e, quando unida, de esposa. Se o nível e padrão da atividade econômica dos homens no Brasil parecem estar consolidados há bastante tempo, o mesmo não prevalece entre as mulheres. Ao contrário, as mulheres vêm alterando de maneira acentuada tanto o nível quanto o padrão de sua participação no mercado de trabalho.

Analisando as mulheres economicamente ativas segundo sua posição na família, constata-se que as “filhas” apresentam maior nível de participação, seguidas, em proporção bem menor, das “chefes” e das “cônjuges”, que, no entanto, foram as que mais ampliaram sua taxa de participação desde meados da década de 1970. Ainda hoje, porém, é significativa a proporção de cônjuges inativas.

O rápido crescimento da participação econômica das mulheres ocorreu num contexto em que as disparidades de suas condições de trabalho frente às dos homens de atributos semelhantes apenas lentamente vão se reduzindo. As mulheres ainda enfrentam taxas de desemprego maiores, remunerações menores e segregação em ocupações menos prestigiadas. O serviço doméstico, por exemplo, continua sendo um importante setor empregador de mulheres, mesmo em regiões urbanas e industrializadas.

A relevância e a necessidade de se investigarem as transições ocupacionais e sua associação a atributos individuais decorrem de algumas características marcantes do mercado de trabalho brasileiro, especialmente sua heterogeneidade (tanto entre as ocupações quanto na força de trabalho), a curta duração média dos episódios de ocupação e a persistência de efeitos de segregação e discriminação. Por continuarem a existir formas mais tipicamente femininas de inserção no mercado de trabalho (quanto a ocupações, setor de atividade, posição na ocupação, etc) e por resistirem atribuições e expectativas mais específicas quanto a gênero, idade e posição na família, é que se pode supor que as trajetórias, tanto quanto as inserções no mercado de trabalho, serão diferenciadas segundo

sexo, idade, escolaridade e posição na família. Em outras palavras, embora de forma um tanto quanto “nebulosa” (isto é, não determinística ou direta), acredita-se que características pessoais, para além das “produtivas” (como qualificação e experiência), guardem relação com o desempenho no mercado de trabalho. Ademais, as marcantes mudanças de padrão e nível de participação das coortes femininas ao longo do tempo, em contraste com a relativa estabilidade das masculinas, e a possível sobreposição de efeitos de discriminação de gênero e “raça/cor” levam a supor que as trajetórias femininas sejam mais heterogêneas do que as masculinas.

Neste estudo, a família que reside num mesmo domicílio é vista como um grupo orientado para distribuição de direitos e deveres, compartilhamento de recursos (bens, tempo/serviços e rendimentos) e implementação de estratégias de reprodução. Assim, espera-se que a combinação que se estabelece entre os desempenhos de seus membros no mercado de trabalho seja um determinante importante do bem-estar da família. Investigar a inserção (numa perspectiva pontual) ou mesmo a trajetória (numa perspectiva dinâmica) de somente um dos membros no mercado de trabalho é insuficiente para avaliar o bem-estar do grupo. Para uma apreensão mais completa, é necessário considerar o desempenho econômico do conjunto da família, em especial de seus dois maiores responsáveis (chefe e cônjuge), uma vez que trajetórias ocupacionais semelhantes de seus componentes tendem a reforçar, positiva ou negativamente, o bem-estar do grupo, enquanto trajetórias com sinais opostos (“virtuosas” combinadas a “nefastas”) tendem a se compensar.

Ainda que já existam estudos que associem “sexo” ou “posição na família” com “situação no mercado de trabalho” e “posição na ocupação”, desconhecem-se estudos que busquem identificar associações entre “sexo” ou “posição na família” e “trajetórias no mercado de trabalho”. De forma semelhante, são conhecidos estudos sobre a associação de atributos de marido e esposa, em particular entre as respectivas rendas e entre os respectivos níveis educacionais, mas não se conhece análise que tenha buscado relacionar as trajetórias ocupacionais dos dois membros do núcleo familiar.

O estudo aqui proposto tem por objetivo, primeiro, investigar as trajetórias das mulheres e dos homens no mercado de trabalho, comparando-as, e, segundo, identificar as relações entre trajetórias ocupacionais dos membros do núcleo do arranjo familiar, isto é, de “esposo” e “esposa”. Será construída uma tipologia de trajetórias ocupacionais individuais que leve em conta outras características (pessoais e ocupacionais) além da instabilidade da inserção no mercado de trabalho. De fato, será obtida, em última instância, uma tipologia socioocupacional. Já a relação entre os perfis dos cônjuges será analisada

por dois métodos distintos: pela combinação dos perfis individuais, conforme tipologia obtida na etapa anterior, e pela construção de uma tipologia de casamentos, que também considerará variáveis individuais e ocupacionais.

Enfim, a presente proposta de estudo tem por objetivos mais gerais analisar os desempenhos de mulheres e homens no mercado de trabalho, relacionando-os a suas posições no interior da família, e desvendar os tipos de combinação de trajetórias dos dois membros dos casais, combinação que pode apontar para maior ou menor grau de vulnerabilidade ou segurança das famílias frente às condições e às mudanças do mercado de trabalho. Apesar do foco no mercado de trabalho, esta proposta de estudo pode ajudar a compreender aspectos importantes das estratégias familiares e algumas das complexas inter-relações entre família e mercado de trabalho.

3.2 - Operacionalização e base de dados

Para consecução dos objetivos propostos, são necessárias informações referentes ao indivíduo e à sua família sobre atributos pessoais e sobre inserção e transições no mercado de trabalho. Os dados devem se referir a atributos individuais (como idade, sexo, posição na família e escolaridade) e a características do contexto familiar e da inserção ocupacional (especialmente quanto à instabilidade, à mobilidade e à situação corrente). O conjunto de informações resultante da conjugação da Pesquisa de Mobilidade Ocupacional com a Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana de São Paulo – PED-RMSP –, referente ao período de abril a dezembro de 2001, fornece a base de dados mais adequada.

A PED é uma pesquisa domiciliar contínua, realizada desde 1985 na RMSP por um convênio entre a Fundação SEADE e o DIEESE, dedicada à apuração da situação do mercado de trabalho da metrópole de São Paulo. Ao questionário regular da PED, adicionam-se esporadicamente questionários complementares, como ocorreu com a Pesquisa de Mobilidade Ocupacional, que foi contratada pelo Centro de Estudos da Metrópole (CEM) do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) e levada a campo entre abril e dezembro de 2001³⁴. O questionário regular da PED é aplicado a todos os indivíduos de cada domicílio que compõe sua amostra e, naquele período, os mesmos indivíduos também responderam ao questionário da Pesquisa de Mobilidade. Dessa forma,

³⁴ A realização da Pesquisa de Mobilidade Ocupacional foi financiada pela FAPESP e apoiada pela USP.

além de todas as informações sobre transições entre situações ocupacionais, obtidas do questionário de mobilidade, estão disponíveis diversas outras informações, que são usualmente captadas pelo questionário regular para os membros dos domicílios. Para os fins desta proposta, a base oferece, essencialmente, dois conjuntos de dados: um referente aos atributos individuais (inclusive os que vinculam o indivíduo à sua família) e outro referente às características ocupacionais, que incluem informações sobre a situação ocupacional corrente e sobre a experiência pregressa no mercado de trabalho.

A Pesquisa de Mobilidade está estruturada em questões retrospectivas sobre o comportamento das pessoas no mercado de trabalho. O questionário parte de um filtro inicial, que separa os indivíduos que responderiam as questões e os indivíduos que não o fariam. Não responderam os quesitos sobre mobilidade os indivíduos com menos de 16 anos exatos à época, os trabalhadores que estavam há mais de oito anos na mesma ocupação e as pessoas com classificação ocupacional corrente indefinida. Responderam o questionário os ocupados com menos de oito anos no posto corrente; os inativos; os desempregados há menos de oito anos com experiência anterior, os há mais de oito anos com experiência e os desempregados sem experiência anterior.

O questionário regular da PED traz dados sobre atributos pessoais e familiares, sobre características da ocupação para os que estavam ocupados no momento da pesquisa (“ocupados correntes”) e, para os “desempregados correntes”, sobre o tempo de desemprego e características da ocupação anterior daqueles com experiência anterior de trabalho. Já o questionário de mobilidade reporta, para os ocupados correntes com menos de oito anos na ocupação, características de até duas ocupações anteriores e, para os desempregados com experiência, características da ocupação que antecedeu a última, caso existente. As características apuradas das ocupações (correntes e passadas) dizem respeito a posição, setor de atividade, tempo de ocupação. Os dados de rendimento do trabalho e de tipo de empresa, contudo, só são captados para as ocupações correntes.

Enquanto o número e duração dos episódios de ocupação são informados diretamente pelo questionário regular ou pelo complementar, os intervalos entre um episódio de ocupação e o anterior são calculados a partir das informações sobre episódios de ocupação. Isto é, tanto o *número* quanto a *duração* dos interregnos entre os episódios de ocupação são levantados a partir da informação do tempo decorrido desde o término do episódio de ocupação anterior até o momento da entrevista³⁵. Decorre daí uma primeira

³⁵ Não há relação determinada entre números de episódios de ocupação e de não-ocupação. Por exemplo, o ocupado que relata três episódios de ocupação não necessariamente terá dois de não ocupação intermediando-

característica importante da pesquisa: ela informa, para cada indivíduo, episódios de “ocupação” e de “não-ocupação”. Ou seja, no caso de quem é ou já foi ocupado, a pesquisa não distingue entre desemprego e inatividade para os períodos em que a pessoa esteve sem ocupação econômica, embora sua situação corrente possa ser classificada como inativa ou ocupada ou desempregada.

A Pesquisa de Mobilidade é marcada, ainda, por uma segunda característica importante: variam muito, entre os indivíduos entrevistados, os *números* de episódios relatados (de “ocupação” e de “não-ocupação”) e os respectivos *intervalos de tempo* (de cada episódio e no total)³⁶. A pesquisa não determina nenhuma data fixa, para a qual todos os entrevistados indicariam sua situação ocupacional. Como a lógica que estrutura o questionário de mobilidade é retrospectiva, a ordem dos quesitos segue da ocupação (ou não-ocupação) corrente para as ocupações anteriores. Aos ocupados atuais³⁷ com menos de oito anos na ocupação, pergunta-se sobre ocupação anterior e sobre uma possível terceira ocupação (ainda mais pretérita) cujo término tenha se dado depois de 1º de janeiro de 1994. Aos desempregados e inativos com experiência anterior, pergunta-se sobre a ocupação anterior e, antecedendo-a, sobre outra possível ocupação que tenha se extinguido depois de 1º de janeiro de 1994. Assim, diante da forma de estruturação do questionário, os ocupados atuais podem relatar até três episódios de ocupação (“ocupação atual”, “ocupação anterior” e “ocupação pré-anterior”), enquanto os atuais desempregados e inativos podem relatar até duas ocupações (“ocupação anterior” e “ocupação pré-anterior”), sendo que a informação sobre “ocupação pré-anterior” depende de seu término ser posterior a 1º de janeiro de 1994. Os ocupados com mais de oito anos na ocupação atual respondem apenas quesitos referentes a ela.

As possibilidades de número e tipo de episódios informados pela Pesquisa de Mobilidade podem ser vistas no QUADRO I.

QUADRO I – Números possíveis de episódios identificados por categoria ocupacional da Pesquisa de Mobilidade da PED-RMSP de abr-dez/2001

Categoria do questionário	Número de	Episódios identificados
----------------------------------	------------------	--------------------------------

os. Os indivíduos podem transitar entre postos de trabalho sem passar por inatividade ou desemprego, assim como podem acumular duas ocupações simultâneas mas cujas durações não se sobrepõem exatamente. Essas situações mais específicas exigiram atenção especial na preparação da base de dados.

³⁶ O número total de episódios varia de um a cinco (conforme Quadro I a seguir) e o intervalo de tempo mais curto informado refere-se a pessoas com um dia de ocupação e o mais longo, a um homem com intervalo de tempo total relatado de 67 anos, contando os tempos de ocupação e de não-ocupação.

³⁷ Entenda-se, daqui por diante, estado (ou ocupação ou episódio) “atual” como aquele do momento de realização da pesquisa, isto é, como sinônimo de estado (ou ocupação ou episódio) “corrente”.

regular da PED ⁽¹⁾	episódios ⁽²⁾	
ocupados há oito anos ou mais	um	o intervalo atual (de ocupação)
inativos há oito anos ou mais	um	o intervalo atual (de desocupação)
ocupados há menos de oito anos	um	se não trabalhou antes, só o intervalo de ocupação atual
	três	se teve só uma ocupação anterior ou se estava na anterior desde jan/94, dois episódios de ocupação e um de desocupação
	cinco	se teve duas ocupações anteriores, sendo o término da pré-anterior posterior a jan/94, três episódios de ocupação e dois de desocupação
inativos há menos de oito anos	dois	se teve uma ocupação desde jan/94, um intervalo de ocupação e um de desocupação
	quatro	se teve duas ocupações desde jan/94, dois episódios de ocupação e dois de desocupação
desempregados há menos de oito anos com experiência anterior	dois	se teve uma ocupação desde jan/94, um intervalo de ocupação e um de desocupação
	quatro	se teve duas ocupações desde jan/94, dois episódios de ocupação e dois de desocupação
desempregados há mais de oito anos	dois	o intervalo atual (de desocupação) e o anterior (da última ocupação)
desempregados sem experiência anterior	nenhum ⁽³⁾	_____

- (1) – Para o momento da entrevista, o questionário regular da PED informa a posição corrente como desempregado, ocupado ou inativo. Já a Pesquisa de Mobilidade não diferencia, em períodos anteriores, entre inatividade ou desemprego (aqui descrita como “não-ocupação” ou “desocupação”).
- (2) – Episódios de ocupação e/ou episódios de não-ocupação.
- (3) – Para o “desempregado sem experiência anterior”, a pesquisa informa, como produto do questionário regular da PED, apenas o intervalo em *desemprego*, o que é conceitualmente diferente do intervalo de *não-ocupação* informado para as outras categorias ocupacionais.
- (4) – O número de episódios discriminados no Quadro acima pode sofrer ligeiras alterações caso determinado trabalhador tenha acumulado duas ocupações em períodos com alguma sobreposição ou caso tenha transitado entre ocupações sem ficar desempregado ou inativo.

A base de dados traz informações sobre 41 451 homens e 45 021 mulheres, num total de 86 472 indivíduos, distribuídos entre dez categorias utilizadas pela questão classificatória da Pesquisa de Mobilidade, que filtra aqueles que iriam responder ao questionário sobre experiência passada. Dessas informações iniciais, foram selecionados os

indivíduos que contavam com experiência corrente no mercado de trabalho. Com isso, foram eliminados os menores de 10 anos (14 441 pessoas) e os economicamente inativos com mais de 15 anos (13 188 mulheres e 5 166 homens). Além disso, as pessoas com 10 a 15 anos (8 985 no total) não responderam à Pesquisa de Mobilidade, uma vez que, mesmo se já compusessem a PEA (e, neste caso, respondessem ao questionário regular da PED) não teriam tido tempo de acumular experiência significativa no mercado de trabalho. Por fim, também foram excluídos os desempregados sem experiência (833 indivíduos), por não terem como informar aspectos da trajetória ocupacional, que constitui o foco de interesse da presente investigação. Ao final, este estudo conta com 43 128 indivíduos (sem ponderação), sendo 45,27% mulheres e 54,73% homens (TAB. 1)³⁸.

TABELA 1:

Distribuição absoluta e relativa de pessoas por sexo e total segundo situação ocupacional da questão classificatória da Pesquisa de Mobilidade - RMSP - abr-dez/2001

Situação ocupacional segundo questão classificatória	Sexo				total	
	feminino		masculino			
	nº	%	nº	%	nº	%
ocupado há 8 anos ou mais	3377	17,30	4935	20,91	8312	19,27
ocupado há menos de 8 anos	12589	64,49	15600	66,08	28189	65,36
desempregado há 8 anos ou mais	221	1,13	53	0,22	274	0,64
desempr menos de 8 ex-assalariado	2987	15,30	2383	10,09	5370	12,45
desempr menos de 8 ex-outros	348	1,78	635	2,69	983	2,28
Total	19522	100,00	23606	100,00	43128	100,00

Fonte: PED-RMSP / Convênio DIEESE-SEADE

Obs: Valores absolutos sem ponderação.

O maior grupo, para ambos os sexos, são os ocupados com menos de oito anos na ocupação atual. Mas, considerando-se o total de ocupados, somente cerca de 24% dos homens e 21% das mulheres acumulavam pelo menos oito anos na mesma ocupação, o que configura um primeiro indício da instabilidade nos postos de trabalho.

Na Metrópole de São Paulo, entre abril e dezembro de 2001, a taxa de participação feminina era menor e a de desemprego, maior em relação às masculinas (TAB. 2).

TABELA 2:

Taxas de participação e de desemprego total por sexo e total
- RMSP - abr-dez/2001

³⁸ A variável “peso” na Metodologia PED é, exclusivamente, um mecanismo de ponderação para ajuste de taxas e proporções, não constituindo fator de expansão da amostra. Os números absolutos (de ocupados, desempregados etc.) são obtidos a partir das taxas e das projeções da PIA. Os 43128 indivíduos que constituem a base amostral da presente investigação são considerados representativos para a RMSP no período em questão. Ponderada, a base fica com 40515 indivíduos, sendo 45,3% mulheres e 54,7% homens.

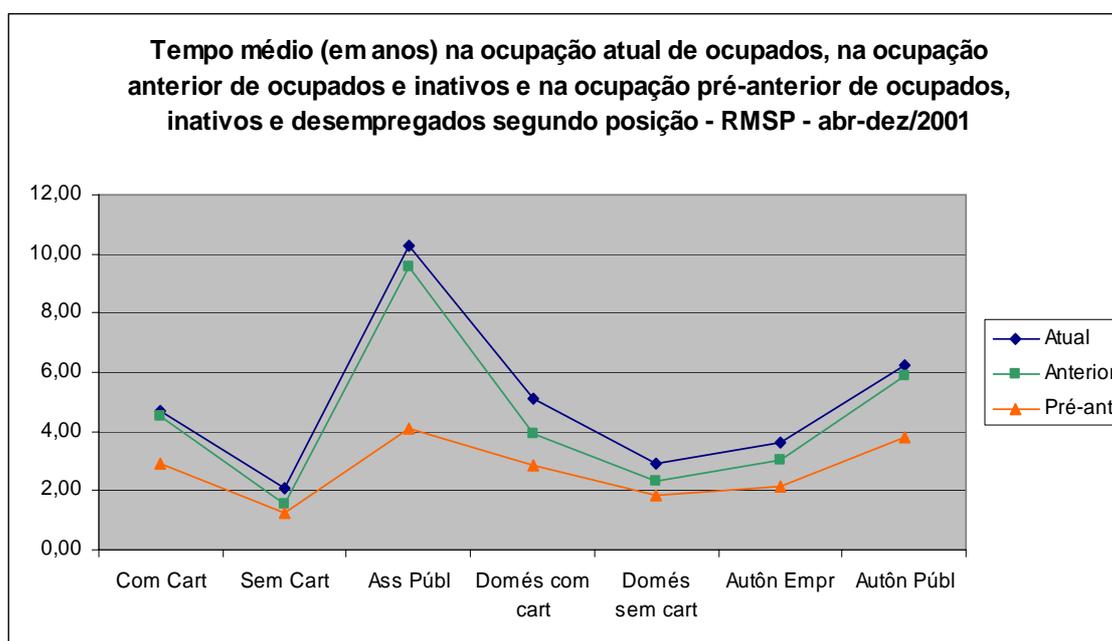
Taxas	Sexo		total
	fem	masc	
Taxa de participação	54,30	72,68	63,00
Taxa de desemprego total	21,01	14,91	17,68

Fonte: PED-RMSP / Convênio DIEESE-SEADE

Obs.: Taxas calculadas a partir de valores ponderados para pessoas com 10 anos ou mais.

Além da elevada parcela que acumulava no máximo oito anos na mesma ocupação, outro dado sobre instabilidade na ocupação fornecido pela pesquisa é o tempo de permanência na ocupação segundo a posição na ocupação³⁹.

GRÁFICO 2:



Fonte: Pesquisa de Mobilidade Ocupacional e Pesquisa de Emprego e Desemprego – RMSP / CEM-CEBRAP, FAPESP, USP, Convênio DIEESE-SEADE – Elaboração própria.

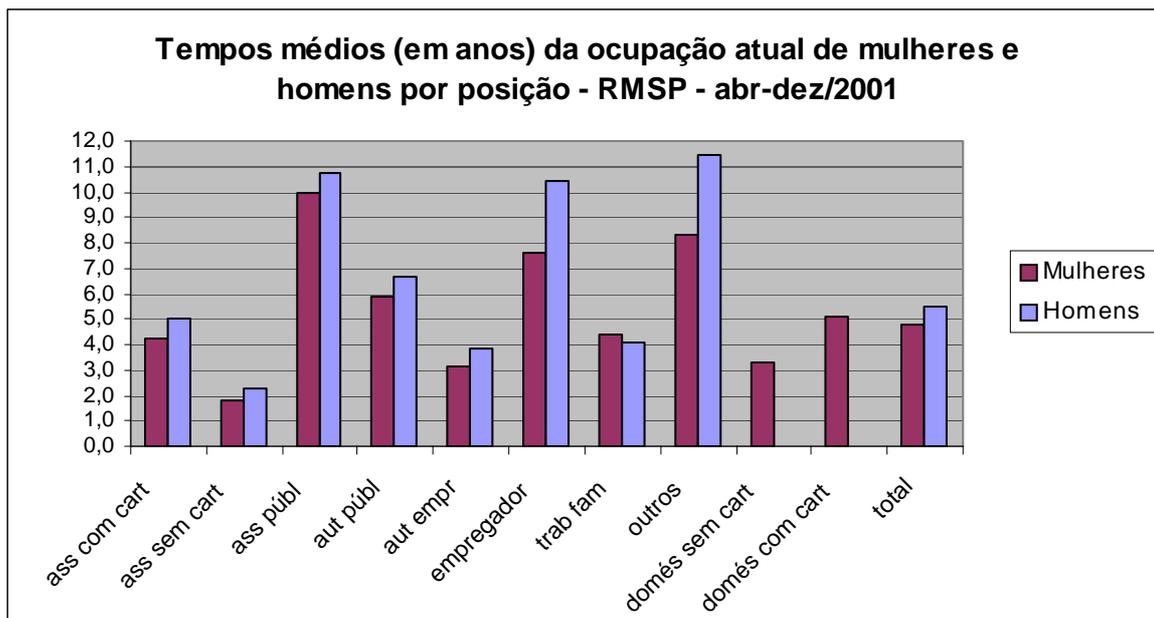
Pelos dados referentes à ocupação atual no GRÁF. 2, verifica-se que “assalariados do setor público” têm as mais longas durações médias de emprego ou ocupação, cerca de dez anos. Já os “assalariados sem carteira” têm a menor duração média, em torno de dois anos. De maneira geral, prevalecem os curtos intervalos médios de tempo na ocupação.

³⁹ Algumas posições, como empregadores e trabalhadores familiares, não aparecem nas três questões sobre posição na ocupação (atual, anterior e pré-anterior) e, por isso, foram excluídas. Também as alternativas da questão sobre a posição anterior dos atuais desempregados diferem das apresentadas no GRÁF. 2 e, por isso, não constam dele. Ao mesmo tempo em que apontam para a instabilidade na ocupação, esses dados, do ponto de vista metodológico, oferecem subsídio para avaliação, pelo menos em média, da consistência das informações prestadas pelos entrevistados, que, por serem retrospectivas, são muito sujeitas a erros de memória. Como as curvas não se cruzam, os tempos das ocupações correntes são superiores aos das progressas e é mantido um certo ordenamento entre os tempos das ocupações por posição, parece haver razoável consistência das informações.

Chama a atenção o fato de que os “domésticos com carteira” e “sem carteira” assinada não acumulam tempos médios na ocupação inferiores aos de seus congêneres assalariados⁴⁰.

Em relação apenas às ocupações correntes (ou seja, intervalos *abertos* de ocupação), as três posições nas ocupações mais duradouras são “outros” (que correspondem basicamente a profissionais universitários autônomos), “assalariados do setor público” e “empregador” (GRÁF. 3).

GRÁFICO 3:



Fonte: Pesquisa de Emprego e Desemprego – RMSP / Convênio DIEESE-SEADE – Elaboração própria.

As mulheres acumulam tempos médios inferiores aos dos homens nas mesmas posições, com a única exceção de “trabalhadores familiares”. Na média geral, os homens têm cerca de 5,5 anos na ocupação atual e as mulheres, 4,8 anos. Ainda que no total das posições a diferença não seja tão grande, ela é bem expressiva em duas das três posições em ocupações mais duradouras. Para fins de comparação, na Grã-Bretanha, em 1990, os homens ocupados acumulavam, em média, 9,9 anos na ocupação corrente e as mulheres, 6,4 (BURGESS, REES, 1994, *apud* HAKIM, 1996), indicando que a diferença entre os tempos médios de ocupação de mulheres e homens no Brasil é muito menor, mas os episódios de ocupação são, em média, bem mais breves.

⁴⁰ Na RMSP, no período em foco, os empregados domésticos sem carteira assinada respondem por pouco mais de dois terços do total de domésticos. Ressalte-se, porém, que a captação da informação sobre duração da ocupação pode ser problemática para as domésticas diaristas, da mesma forma que para os trabalhadores autônomos. Ou seja, essas categorias de trabalhadores podem trocar de clientes sistematicamente e passar por períodos de escassez ou inexistência de clientela, sem que fique caracterizada a interrupção do episódio de ocupação.

A análise da estrutura ocupacional da RMSP entre abril e dezembro de 2001 revela que, tanto para mulheres quanto para homens, a posição mais freqüente é a de “assalariado do setor privado com carteira assinada”, ainda que de maneira menos intensa para elas do que para eles (TAB. 3). No caso das mulheres, a segunda posição mais comum é a de empregada doméstica, categoria basicamente feminina. Ressalte-se a importância do emprego feminino no serviço doméstico e no setor público, cujos respectivos tempos médios de ocupação localizam-se nos extremos do espectro de duração (GRÁF.s 2 e 3).

TABELA 3:

Distribuição relativa dos ocupados segundo posição na ocupação por sexo e total - RMSP - abr-dez/2001 (em %)

Posição na ocupação	Sexo		total
	mulheres	homens	
Assalariado do setor privado com carteira	22,53	25,64	24,28
Assalariado do setor privado sem carteira	11,85	15,08	13,67
Assalariado do setor público	11,12	6,16	8,33
Assalariado não sabe	0,05	0,04	0,05
Autônomo para o público	10,86	14,00	12,63
Autônomo para empresa	6,49	9,60	8,23
Empregador	2,91	6,25	4,78
Doméstico mensalista	14,58	0,61	6,72
Doméstico diarista	4,07	0,01	1,78
Trabalhador familiar	1,79	0,77	1,22
Outros	1,13	1,20	1,17
Total	100,00	100,00	100,00

Fonte: PED-RMSP / Convênio DIEESE-SEADE

Obs.: Valores ponderados. Foram considerados apenas os “ocupados há oito anos ou mais” e os “ocupados com menos de oito anos” conforme questão classificatória.

Essas diferenças, entre homens e mulheres, de situação ocupacional (ocupado *versus* desempregado) e de inserção ocupacional (segundo a posição na ocupação e o tempo na ocupação corrente) deverão aparecer na tipologia socioocupacional.

A construção da tipologia, apoiada no marco referencial, deve incorporar, ao mesmo tempo, variáveis dos dois conjuntos de características (individuais e ocupacionais), de mulheres e homens economicamente ativos⁴¹.

São utilizadas as seguintes variáveis:

⁴¹ Dada a sobre-representatividade das mulheres entre as pessoas economicamente inativas e entre os desempregados, a consideração de inativos na construção das categorias poderia enviesar o resultado, fazendo com que as mulheres ficassem concentradas em perfis de inativas e desempregadas.

- faixa de idade e nível educacional (para captar atributos produtivos e eventuais efeitos de discriminação e segmentação do mercado de trabalho);
- sexo, cor/raça e condição de migração (para captar diferenças de inserção, muitas vezes decorrentes de segmentação ou de discriminação);
- posição na família, nível educacional do chefe da família, tamanho da família, presença de familiar desempregado, presença de crianças menores de sete anos na família, proporção de indivíduos ocupados na família e renda familiar *per capita*⁴² (para captar o contexto familiar e características da organização da família);
- situação ocupacional corrente, posições nas ocupações relatadas, respectivos setores de atividade, tipo de empresa da ocupação corrente e rendimento individual do trabalho corrente (para captar as diferenças de inserção no mercado de trabalho); e
- números de episódios de ocupação, números de episódios de não-ocupação e durações dos dois tipos de episódios (para captar a instabilidade ocupacional).

Observe-se que, dentre as características consideradas, encontram-se as variáveis “sexo” e “posição na família”. Portanto, se esses atributos forem discriminantes para os perfis obtidos, terá sido encontrada associação probabilística entre determinado perfil de trajetória e sexo ou posição na família do indivíduo.

Pelo menos cinco características importantes, por motivos diferentes, não serão consideradas para o desenho dos perfis: classificação de ocupações, região de residência na RMSP, horas trabalhadas, horas disponíveis para trabalho adicional e trabalho adicional. A ocorrência de deficiências na codificação das ocupações de atividades econômicas pregressas impede sua utilização. A não inclusão de dados sobre a região de moradia do indivíduo decorre do não acesso a uma classificação dos setores censitários da RMSP segundo critérios socioeconômicos. Quanto às variáveis horas trabalhadas, horas disponíveis para trabalho adicional e trabalho adicional, o motivo da não consideração decorre do fato de a pesquisa levantar tais informações apenas para os trabalhadores na

⁴² A PED coleta os seguintes tipos de rendimentos: rendimento do trabalho principal, do trabalho adicional, do trabalho ocasional, renda de aposentadoria ou pensão e valor de seguro-desemprego. Para que não se percam informações, considera-se como rendimento familiar “não declarado” (*missing*) quando pelo menos um dos membros da família, mesmo ocupado (com exceção de ‘trabalhador familiar’), não declarou rendimento do trabalho principal. Assim, não se descartam dados de rendimento familiar quando são “não declarados” outros tipos de rendimento de um dos membros da família.

ocupação atual (e, portanto, não cobrir as ocupações anteriores), o que poderia introduzir um viés não desprezível caso essas variáveis fossem utilizadas para obtenção da tipologia.

3.3 - O método

O método utilizado para a construção dos perfis de trajetórias é o *Grade of Membership* – GoM ou Grau de Pertencimento, que se baseia na teoria dos conjuntos nebulosos (*fuzzy sets*) (MANTON, WOODBURY, TOLLEY, 1994). O GoM estima simultaneamente as características prováveis dos perfis (a partir das probabilidades de cada resposta a cada variável pertencer a dado perfil) e o grau de “proximidade” de todos os elementos aos perfis. São identificados, dentre os elementos do conjunto, dois ou mais perfis bem definidos, chamados de “perfis extremos” (ou “perfis de referência”), aos quais são relacionados os demais elementos por “graus de pertencimento” a partir de seus atributos. Quando determinado elemento tem todas as características de um dado perfil extremo, seu grau de pertencimento a este é de 100%, e de 0% aos demais perfis extremos. Porém, há elementos que possuem características de diferentes perfis extremos, situação em que irão se aproximar mais de um perfil do que de outros ou em que terão posição equidistante entre perfis extremos identificados. O modelo estatístico que aplica a metodologia GoM identifica, a partir dos dados dos elementos, os perfis extremos com base em máxima verossimilhança e obtém, simultaneamente, os graus de pertencimento de cada elemento àqueles perfis. Para cada elemento do conjunto nebuloso, será determinado um escore de grau de pertencimento $g_{i\kappa}$, que indica o grau de pertencimento do elemento i ao perfil κ , isto é, a intensidade de sua “filiação” ao perfil extremo κ . Assim,

$$0 \leq g_{i\kappa} \leq 1 \text{ para cada } i \text{ e cada } \kappa; \text{ e}$$

$$\sum g_{i\kappa} = 1 \text{ para cada } i .$$

Além disso, a probabilidade de resposta l para a j -ésima questão pelo elemento com κ -ésimo perfil extremo é dada por $\lambda_{\kappa jl}$, com

$$0 \leq \lambda_{\kappa jl} \leq 1 \text{ para cada } \kappa, j \text{ e } l; \text{ e}$$

$$\sum \lambda_{\kappa jl} = 1 \text{ para cada } \kappa \text{ e } j .$$

A probabilidade de resposta l para a j -ésima questão pelo elemento i , condicionada ao seu escore de grau de pertencimento $g_{i\kappa}$, será dada por:

$$\Pr (Y_{ijl} = 1) = \sum g_{i\kappa} \lambda_{\kappa jl}$$

E a função de máxima verossimilhança é dada por:

$$L_{(Y)} = \prod_i \prod_j \prod_l (\sum_{k \in \mathcal{K}_{ijl}} g_{ik} \lambda_{kjl})$$

O método escolhido requer a definição do número de perfis extremos e a categorização das variáveis contínuas (neste caso, tempos, rendimentos e proporções). As variáveis contínuas foram agrupadas e ordenadas em intervalos segundo quartis, com os menores valores no primeiro quarto e os maiores, no último.

O método GoM é flexível o suficiente para permitir o teste de várias alternativas na obtenção dos perfis extremos, inclusive quanto ao número deles, e para auxiliar na escolha do mais adequado. O número de perfis a ser obtido ao final da investigação depende, em última instância, dos objetivos da análise e da capacidade, conhecimentos e decisão do pesquisador. As estimativas dos perfis extremos e dos graus de pertencimento serão tão mais robustas quanto, para determinado número de indivíduos, maior for o número de variáveis incorporadas no modelo. Dentro dos referenciais do marco teórico, a flexibilidade do método e a relativamente grande disponibilidade de informações acerca do indivíduo e de seu desempenho econômico possibilitaram, no processo de construção da tipologia e estimação dos graus de pertencimento, o desenvolvimento de vários exercícios até a obtenção do número de perfis adequado. A escolha desse número foi balizada, por um lado, pela identificação dos tipos que melhor discriminaram as trajetórias e ofereceram o maior potencial de análise e, por outro, pela imposição de um limite ao número de perfis, para que se evitasse a obtenção de um conjunto excessivamente amplo de tipos de trajetórias.

Definidos os respectivos modelos e encontrados os perfis, os tipos de trajetória são descritos e analisados. Na análise dos perfis individuais, no Capítulo 4, são privilegiadas a abordagem comparativa de trajetórias femininas *vis-à-vis* as masculinas e a investigação da relação dos tipos de trajetórias com grupos de idade, escolaridade e rendimentos. No Capítulo 5, inicialmente, são analisadas as trajetórias dos indivíduos conforme as respectivas posições na família e, em seguida, estudados os tipos de combinação de trajetórias de esposo e esposa de duas maneiras. Em primeiro lugar, são considerados os perfis individuais encontrados na etapa anterior e incluídos aqueles que não compuseram a base para construção da tipologia de trajetórias individuais (os inativos, os menores de 16 anos e os desempregados sem experiência) para, mediante uma matriz de cruzamento dos perfis correspondentes a “chefe” e “cônjuge”, identificar os tipos de combinação mais frequentes, que são, então, analisados. E em segundo lugar, desenvolve-se um outro

modelo, também por meio de aplicação do GoM, com o objetivo de se obterem perfis de casais.

Na tipologia de casais, consideram-se apenas os núcleos familiares compostos. A base de análise é composta tanto pelos chefes e cônjuges economicamente ativos (considerados na tipologia anterior) quanto pelos chefes e cônjuges economicamente inativos e desempregados sem experiência. As variáveis desse segundo modelo são essencialmente as mesmas do procedimento anterior, com recodificações de respostas a algumas variáveis, inclusão de outras sobre o contexto domiciliar e sobre condição de inatividade e substituição de ‘renda do trabalho’ por ‘renda individual total’, para que sejam levados em conta outros tipos de rendimento, em especial o de aposentadorias e pensões. Também nesta etapa, depois de obtida a tipologia, os perfis de casais são descritos e analisados.

Capítulo 4

Os perfis individuais

4.1 - Aplicação do modelo de graus de pertencimento

O modelo final escolhido para obtenção dos perfis e dos graus de pertencimento incorporou os dois conjuntos de características – as individuais e as ocupacionais –, de indivíduos economicamente ativos (exceto desempregados sem experiência) de ambos os sexos com 16 anos ou mais, determinando-se a identificação de três perfis extremos⁴³. As variáveis contínuas, que, neste caso, correspondem a tempos, rendimentos e proporções, foram categorizadas e ordenadas segundo quartis, com os menores valores no primeiro quarto e os maiores, no último. As variáveis referentes aos indivíduos utilizadas foram: sexo, grau de instrução, faixa de idade, cor, condição de migração, tamanho da família, escolaridade do chefe da família, posição na família, quartos de proporção de ocupados na família, ocorrência de familiar desempregado e presença de menores de sete anos na família. As variáveis referentes aos postos e transições foram: situação ocupacional corrente (questão classificatória do questionário de mobilidade), número de episódios de ocupação, número de episódios de não-ocupação, posição na ocupação corrente, posição na ocupação anterior, posição na ocupação pré-anterior, setor de atividade corrente, setor de atividade anterior, setor de atividade pré-anterior, quartos de proporção de tempo de ocupações sobre tempo total relatado, quartos de tempo total relatado, quartos de rendimento bruto do trabalho principal, tipo ou tamanho de empresa em que está ocupado e quartos de rendimento familiar *per capita*⁴⁴.

Pelo menos cinco características importantes, por motivos diferentes, não foram consideradas para o desenho dos perfis: ocupações, região de residência na RMSP, horas trabalhadas, horas disponíveis para trabalho adicional e trabalho adicional. A ocorrência de

⁴³ Para identificação do modelo mais adequado, foram processadas diversas tentativas de construção dos perfis e escores de pertencimento, com diferentes variáveis e categorizações de respostas. Dentre elas, ressaltam as com dois, três ou quatro perfis extremos, as que trataram mulheres e homens separadamente, as com perfis para ocupados e para desempregados e inativos, e as que colocaram as características mais puramente ocupacionais num primeiro nível e as individuais e familiares num segundo nível.

⁴⁴ A PED coleta os seguintes tipos de rendimentos: rendimento do trabalho principal, do trabalho adicional, do trabalho ocasional, renda de aposentadoria ou pensão e valor de seguro-desemprego. Para que não se perdessem informações, considerou-se como “não declarado” (*missing*) o rendimento familiar quando pelo menos um dos membros da família, mesmo ocupados (com exceção de ‘trabalhador familiar’), não tenha declarado rendimento do trabalho principal; assim, não se descartaram as informações de rendimento familiar quando eram “não declarados” os outros tipos de rendimento de um dos membros da família.

deficiências na codificação das ocupações de atividades econômicas progressas impediu sua utilização. Não se incluíram dados sobre região de moradia das famílias porque a classificação dos setores censitários da RMSP disponível não se mostrou compatível com os dados utilizados⁴⁵. Quanto às variáveis horas trabalhadas, horas disponíveis para trabalho adicional e trabalho adicional, o motivo da não consideração decorre do fato de a pesquisa levantar tais informações apenas para os trabalhadores na ocupação atual (e, portanto, não cobrir as ocupações anteriores), o que introduziria um viés não desprezível caso essas variáveis fossem utilizadas para obtenção da tipologia.

Dentre as características consideradas, encontram-se as variáveis “sexo” e “posição na família”. Portanto, se essas características forem discriminantes para os perfis extremos obtidos, terá sido encontrada associação entre determinado perfil socioocupacional e o sexo e posição na família do indivíduo.

A descrição dos perfis é indicada pela análise das probabilidades estimadas (*lambdas*), para cada um dos três perfis, de cada resposta a cada variável, tomando por referência a distribuição da frequência marginal das respostas. A identificação dos perfis considerou uma linha de corte de 1,2 para a relação entre as probabilidades e a frequência. Ou seja, sempre que o resultado da divisão de *lambda* pela frequência da mesma resposta fosse superior a 1,2, entendeu-se que o perfil onde isso ocorresse era caracterizado por apresentar uma probabilidade relativamente maior daquela resposta à variável⁴⁶.

Os resultados das probabilidades estimadas por resposta e perfil encontram-se na Tabela 1 do Anexo (TAB. 1-A)⁴⁷. A última coluna da tabela (“Lambdas / Freq”), que se subdivide em três colunas menores correspondentes a cada um dos perfis, traz células sombreadas a indicar características de cada um deles. Com base nas células sombreadas

⁴⁵ Agradeço ao Centro de Estudos da Metrópole, do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEM / CEBRAP – e à Prof^a. Dra. Nadya Araujo Guimarães a disponibilização do sistema de classificação dos setores censitários da RMSP criado por aquela instituição.

⁴⁶ Observe-se que a linha de corte de 1,2 visa apenas subsidiar a *descrição* dos perfis extremos, uma vez que os graus de pertencimento, apesar de dependerem dos perfis obtidos pelo programa, independem da *descrição* dos perfis. O estudo da distribuição das variáveis entre os indivíduos por perfis permite verificar se os perfis foram adequadamente descritos.

⁴⁷ O programa estatístico utilizado para rodar o GoM foi a versão 3.4, desenvolvida no Departamento de Epidemiologia e Saúde Pública da Universidade de Yale, dos EUA, por Burt Singer e Peter Charpentier e adaptada para plataforma Unix por Rafael Kelles Vieira Laje, engenheiro de sistemas da Sun Microsystems. Utilizou-se o método aleatório (“INLAMBDA RANDOM;”) para definição das probabilidades iniciais, de onde partem as iterações até o alcance da máxima verossimilhança. Não se verificou instabilidade dos resultados, que poderia ocorrer por não se partir de um conjunto predeterminado de probabilidades iniciais. A razão da robustez dos resultados provavelmente decorre do grande número de indivíduos e de variáveis incorporadas ao modelo. Ademais, o fato de um número relativamente elevado de trajetórias ocupacionais equivaler integralmente aos perfis extremos (como se mostra a seguir) deve ter favorecido a estabilidade do modelo. Os valores iniciais dos graus de pertencimento foram dados pelo método do sistema na ausência de definição alternativa (“INGAMMA DEFAULT;”).

que constam da TAB. 1-A, foram caracterizados e denominados os três perfis extremos. Deve-se ressaltar que a identificação dos perfis resulta de um balanço de probabilidades quanto às respostas a cada variável independentemente. Cada perfil extremo agrega as características relativamente mais prováveis de a eles pertencerem. Portanto, o indivíduo-tipo de um certo perfil extremo não apresenta necessariamente todas as características dominantes do perfil.

A caracterização dos três perfis extremos é apresentada no QUADRO II a seguir.

QUADRO II – Descrição dos Perfis Extremos segundo maiores probabilidades de respostas às variáveis

(continua)

Variáveis	Perfis		
	“Precárias”	“Instáveis”	“Seguras”
sexo	mulheres	sexo não discrimina	sexo não discrimina
inst2	pouca ou média escolaridade: sem escolaridade, fundamental incompleto ou médio incompleto	escolaridade média-alta: médio completo ou superior incompleto	escolaridade elevada: superior completo
fxet	adolescentes: 16 a 19 anos	jovens adultos: 20 a 29 anos	adultos mais velhos: 40 e mais
cor	pretos e pardos	"cor" não discrimina	"cor" não discrimina
migr10	imigrantes há 10 anos ou menos	imigrantes há 10 anos ou menos	"condição de migração" não discrimina
tfam	famílias grandes: 9 ou mais pessoas, 8, 7 ou 6 pessoas	tamanho de família não discrimina	tamanho de família não discrimina
instc	chefe da família sem escolaridade ou com fundamental incompleto	chefe da família com média escolaridade: médio incompleto	chefe da família com alta escolaridade: superior completo ou incompleto
psfam	posição na família: não parente, cônjuge ou outro parente	posição na família: filho	posição na família: chefe
sitocr	situação ocupacional: desempregados há menos de 8 anos ex-assalariados, desempregados há 8 anos ou mais ou desempregados há menos de 8 anos ex-outros	situação ocupacional: ocupados há menos de 8 anos	situação ocupacional: ocupados há 8 anos ou mais
epioc	2 episódios de ocupação relatados	3 ou 2 episódios de ocupação relatados	1 episódio de ocupação relatado
epids	2 ou 1 episódio de desocupação relatado	1 ou 2 episódios de desocupação relatados	nenhum episódio de desocupação relatado
pos1	posição na ocupação atual: empregado doméstico ou não se aplica (desempregado)	posição na ocupação atual: assalariado sem carteira ou com carteira assinada	posição na ocupação atual: outro (basicamente profissional universitário autônomo), assalariado público, empregador, trabalhador familiar ou autônomo

QUADRO II – Descrição dos Perfis Extremos segundo maiores probabilidades de respostas às variáveis

(conclusão)

Variáveis	Perfis		
	“Precárias”	“Instáveis”	“Seguras”
pdio	posição na ocupação anterior: empregado doméstico ou autônomo	posição na ocupação anterior: outro, assalariado ou autônomo	posição na ocupação anterior: não se aplica
pos3	posição na ocupação pré-anterior: empregado doméstico, assalariado sem carteira, sem declaração, autônomo ou assalariado público	posição na ocupação pré-anterior: assalariado com carteira, outro, assalariado público, autônomo, assalariado sem carteira ou sem declaração	posição na ocupação pré-anterior: não se aplica
ram2	setor de atividade atual: serviço doméstico ou não se aplica (desempregado)	setor de atividade atual: construção, indústria ou comércio	setor de atividade atual: serviços
rdio	setor de atividade anterior: serviços domésticos	setor de atividade anterior: outros, comércio, serviços, indústria ou construção	setor de atividade anterior: não se aplica
ram3	setor de atividade pré-anterior: todos (isto é, serviços domésticos, sem declaração, construção, serviços, outros, comércio ou indústria)	setor de atividade pré-anterior: outros, serviços, indústria, comércio, construção ou sem declaração	setor de atividade pré-anterior: não se aplica
qtott	baixa proporção de tempo de ocupação sobre tempo total relatado: 1º quarto	médias proporções de tempo de ocupação sobre tempo total relatado: 3º ou 2º quarto	alta proporção de tempo de ocupação sobre tempo total relatado: 4º quarto
qtt	baixo tempo total relatado: 1º quarto	médio-baixo tempo total relatado: 2º quarto	alto ou médio-alto tempo total relatado: 4º ou 3º quarto
qpof	baixa proporção de ocupados na família: 1º quarto	alta ou média-alta proporção de ocupados na família: 4º ou 3º quarto	alta proporção de ocupados na família: 4º quarto
qrbtpr	rendimento do trabalho não se aplica (desempregados) ou baixo rendimento do trabalho: 1º quarto	médios rendimentos do trabalho: 2º ou 3º quarto	alto rendimento do trabalho (4º quarto) ou sem declaração
tamemp	trabalha em casa alheia ou "tamanho/tipo da empresa" não se aplica (desempregado)	não sabe em que tipo / tamanho de empresa trabalha ou trabalha em empresas (com 3 empregados ou mais)	trabalha em instituição pública ou sozinho ou com familiares / sócios / até 2 empregados
tdsf	tem familiar desempregado	"familiar desempregado" não discrimina	"familiar desempregado" não discrimina
iccf	tem menor de 7 anos na família	"presença de menor de 7 anos na família" não discrimina	"presença de menor de 7 anos na família" não discrimina
qrfc	rendimento familiar <i>per capita</i> baixo: 1º quarto	rendimento familiar <i>per capita</i> médio (3º quarto ou 2º quarto)	rendimento familiar <i>per capita</i> alto (4º quarto) ou sem declaração

Obs.: Quando existe mais de uma resposta referente a uma variável para dado perfil, as respostas estão apresentadas em ordem decrescente de probabilidades.

4.2 - Identificação e análise dos perfis socioocupacionais individuais

Com base nas correspondentes características mais prováveis, foram identificados os perfis. O primeiro perfil extremo foi denominado “Perfil de Trajetórias Precárias”, uma vez que apresenta, com maiores probabilidades, as seguintes características: ser desempregado ou empregado doméstico; ter pouca instrução; e vir de família com diversos indicadores de vulnerabilidade (famílias grandes, com desempregados, pequena proporção de ocupados, baixos rendimentos familiares *per capita* e chefes com pouca escolaridade). Os números de episódios de ocupação e de não-ocupação e os intervalos de tempos (de ocupação e total) sugerem pouco tempo de permanência nas ocupações e vários e/ou longos episódios de não ocupação. Além dessas características que indicam as difíceis condições de sobrevivência e inserção no mercado de trabalho, outros atributos prováveis desse grupo são: serem muito jovens, negros, imigrantes recentes, mulheres e cônjuges.

Quanto ao segundo perfil, foi identificado como de “Trajetórias Instáveis”, já que diversas características a ele associadas sugerem instabilidade na ocupação, como a classificação entre os ocupados há menos de oito anos, o número de episódios de ocupação (2 ou 3) e o de não-ocupação (1 ou 2), a proporção de tempo de ocupação (nos dois quartos médios) e o tempo total relatado (médio-baixo). As posições na ocupação mais prováveis desse perfil são as de assalariados com ou sem carteira assinada, e os quartos de rendimentos do trabalho são os intermediários. É relativamente elevado o nível de instrução provável (médio completo ou superior incompleto). Os indivíduos têm boas probabilidades de serem “filhos” nas famílias e jovens adultos. Quanto à família, as probabilidades são de que a renda *per capita* seja média, as proporções de ocupados, relativamente altas, e que o chefe possua escolaridade média. “Sexo” não discrimina, apesar de a resposta “homens” quase alcançar a linha de corte de 1,2 (vide TAB. 1-A).

O terceiro perfil de referência foi identificado como de “Trajetórias Seguras” por revelar características que indicam condições mais seguras de vida e de ocupação econômica, o que se constata na tendência a acumular longo tempo na ocupação, na escolaridade elevada (assim como a do chefe de sua família), na elevada proporção de ocupados na família e nos altos rendimentos do trabalho e na família (ou na não declaração deles⁴⁸). Tendem a ser profissionais universitários autônomos, assalariados do setor

⁴⁸ Mediante uma análise sobre a não declaração de rendimentos do trabalho por posição na ocupação, constatou-se que as posições com proporções de não declaração *acima da média* da amostra, em ordem decrescente, são: “empregador”, “outros”, “assalariado não sabe”, “autônomo para público” e “autônomo

público, empregadores, trabalhadores familiares ou autônomos. Chama a atenção o fato de somente o setor de serviços ter sido associado probabilisticamente a esse perfil. Diversas características não o discriminam (como “sexo”, “cor” e “tamanho da família”, entre outras), mas seus indivíduos tendem a ser mais velhos e chefes da família.

A TAB. 4, a seguir, apresenta os percentuais das trajetórias individuais que possuem escore de pertencimento *integral* a um dos perfis extremos ($g_{\kappa} = 1$).

TABELA 4:
Distribuição relativa das trajetórias equivalentes aos
Perfis Extremos 1 (g_1), 2 (g_2) e 3 (g_3) por sexo e total (em %)

g_{κ}	Trajetoária	fem	masc	total
$g_1 = 1$	Precária	14,48	8,98	11,47
$g_2 = 1$	Instável	17,78	28,67	23,73
$g_3 = 1$	Segura	14,45	18,53	16,68
total $g_{\kappa} = 1$	---	46,71	56,18	51,89

Elaboração própria.

Obs.: Dados ponderados.

11,47% do total de indivíduos apresentam trajetórias com pertencimento integral ao Perfil de Trajetórias Precárias; 23,73% dos indivíduos detêm trajetórias ocupacionais totalmente equivalentes ao tipo Trajetórias Instáveis; e 16,68%, ao perfil de Trajetórias Seguras. O total de indivíduos com trajetórias equivalentes a qualquer um dos três perfis extremos corresponde a 51,89% do total, o que significa, obviamente, que 48,11% das trajetórias correspondem a tipos mistos, em maior ou em menor grau (isto é, $g_{i\kappa} < 1$, para o indivíduo i e todos os κ perfis). As mulheres distribuem sua participação entre os três perfis, enquanto os homens concentram-se particularmente nas “Instáveis”, o que faz com que as “Trajetórias Precárias” sejam bem mais importantes para as mulheres. Por outro lado, no perfil de “Trajetórias Seguras” encontra-se a menor diferença entre proporção de mulheres e de homens.

Em termos bem restritos, apenas indivíduos com grau de pertencimento *integral* a determinado perfil extremo ($g_{\kappa} = 1$) poderiam ser classificados como tipo puro. Sempre que o grau de pertencimento for inferior a um ($g_{\kappa} < 1$), as características do indivíduo o

para empresas”. Com exceção do empregado que desconhece seu vínculo empregatício (“assalariado não sabe”), essas categorias são, exatamente, aquelas que têm rendimentos mais instáveis ao longo do tempo. Ademais, “empregador” (com 37% de não declaração) e “outros” (com 32%) correspondem aos trabalhadores com maiores rendimentos em média. Surpreendentemente, as “domésticas diaristas”, que se movem na fronteira entre trabalho autônomo e assalariado, apresentam a *menor* proporção de não declaração.

colocam sob influência de algum outro perfil extremo, por ínfima que seja, o que, sob critérios estritos, impediria que fosse considerado como pertencente ao tipo puro.

A tipologia final das trajetórias, no entanto, pressupõe uma consideração mais matizada dos graus de pertencimento. Ou seja, a identificação dos tipos “puros” e “mistos” é alcançada mediante uma interpretação dos escores que vá além de “pertencimento integral a determinado perfil” ($g_k = 1$) ou não ($g_k < 1$). Considera-se como de perfil “puro” a trajetória em que predominam, de maneira ampla, as características de determinado perfil extremo. Já as trajetórias pertencentes aos perfis mistos compartilham características de perfis extremos diferentes. De acordo com o critério utilizado neste estudo, os perfis mistos têm predominância de características de um determinado perfil extremo, combinada com, secundariamente, um conjunto relevante de características de outro perfil extremo. Observe-se, assim, que, na nomenclatura adotada neste estudo, perfil (ou tipo) “puro” se contrapõe a perfil “misto”, e o conceito de “perfil puro” não se confunde com o de “perfil extremo”. Os indivíduos associados aos perfis extremos correspondem àqueles com grau de pertencimento *integral* a eles, enquanto que indivíduos associados aos perfis puros podem ter grau de pertencimento *não integral* ao perfil extremo dominante⁴⁹.

O QUADRO III a seguir traz os critérios utilizados no presente estudo para obtenção dos perfis puros e mistos.

QUADRO III – Critério de classificação das trajetórias nos perfis puros e mistos.

- 1) A trajetória do indivíduo i é considerada como pertencente ao perfil puro m quando tiver os seguintes graus de pertencimento g aos perfis extremos m , n e o :
 - a) $g_{im} \geq 0,75$; ou
 - b) $0,50 < g_{im} < 0,75$, desde que $g_{in} \leq 0,25$ e $g_{io} \leq 0,25$.
- 2) A trajetória do indivíduo i é considerada como pertencente ao perfil misto de m com n (em que predominam as características de m) aquela cujos graus de pertencimento aos perfis m e n são:
 - a) $0,50 < g_{im} \leq 0,75$, desde que $0,25 \leq g_{in} < 0,50$.
- 3) A trajetória mista sem domínio (ou amorfa) é aquela com os seguintes graus de pertencimento g :
 - a) $g_{im} < 0,50$ e $g_{in} < 0,50$ e $g_{io} < 0,50$; ou
 - b) $(g_{im} = 0,50$ e $g_{in} = 0,50)$ ou $(g_{im} = 0,50$ e $g_{io} = 0,50)$ ou $(g_{in} = 0,50$ e $g_{io} = 0,50)$.

⁴⁹ Em outros estudos que adotam a metodologia GoM, as expressões “perfis extremos” e “perfis puros” muitas vezes são intercambiáveis e utilizadas como sinônimas.

A TAB. 5 apresenta a distribuição, discriminada por sexo e total, das trajetórias entre os perfis puros – em negrito – e os perfis mistos, cuja denominação indica, em primeiro lugar, o perfil predominante e, em segundo, o secundário⁵⁰.

TABELA 5:
Distribuição relativa das trajetórias
entre os perfis puros e mistos por sexo e total (em %)

Perfis	fem	masc	total
misto sem predomínio	2,11	0,73	1,35
trajetória precária	22,25	12,36	16,85
misto precária e instável	5,41	0,73	2,85
misto precária e segura	2,38	0,20	1,19
misto instável e precária	4,27	0,96	2,46
trajetória instável	26,87	45,18	36,88
misto instável e segura	6,63	8,93	7,89
misto segura e precária	3,40	0,39	1,75
misto segura e instável	6,39	6,87	6,66
trajetória segura	20,29	23,64	22,12
Total	100,00	100,00	100,00

Elaboração própria.

Obs.: Dados ponderados.

Considerando-se apenas os três perfis puros, constata-se que cerca de 70% das trajetórias femininas e 80% das masculinas pertencem a um dos três perfis puros. Ou seja, os três perfis puros conseguem sintetizar as características de 70% a 80% das trajetórias socioocupacionais dos indivíduos na RMSP. Ademais, tanto para as mulheres quanto para os homens, o perfil mais freqüente é o de “Trajetórias Instáveis”, mas com uma concentração muito mais acentuada dos homens. No que se refere às “Trajetórias Seguras”, é relativamente pequena a diferença de participação de mulheres e homens. E, por fim, as mulheres estão bem mais presentes entre as “Trajetórias Precárias”.

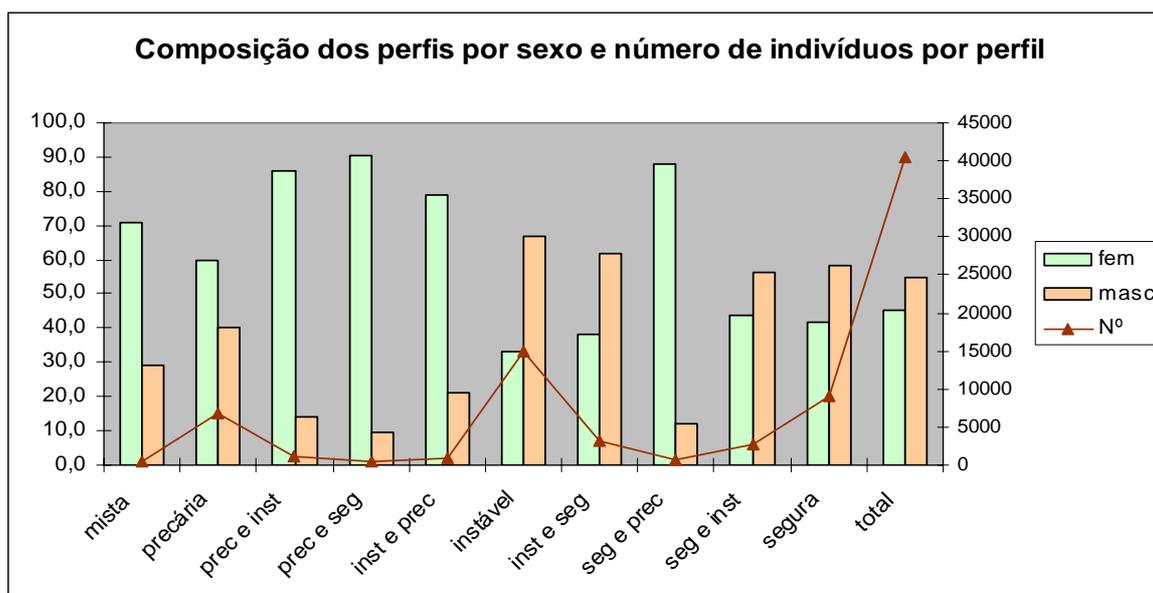
Os dados de todos os tipos de trajetórias por sexo oferecem duas conclusões importantes. Primeira, as “Trajetórias Precárias” (puras e mistas) têm importância muito maior entre as mulheres, indicando que elas são muito mais afetadas pelas condições sociolaborais desvantajosas. E, segunda, o conjunto das mulheres vivencia uma maior diversidade de trajetórias. Essa maior diversidade entre as mulheres, comparativamente aos homens, de formas de inserção e transições no mercado de trabalho provavelmente está associada com as mudanças do padrão de participação das coortes femininas ao longo do

⁵⁰ Por exemplo, na trajetória “Mista Precária e Instável”, predominam características do Perfil de “Trajetória Precária”, mas também ocorrem algumas características do Perfil “Instável”.

tempo (conforme apontado por WAJNMAN, 1995, e OLIVEIRA, RIOS-NETO, 2004), com suas transições mais frequentes entre situações e posições no mercado de trabalho e com a importância do emprego doméstico para as mulheres.

Os perfis com características de trajetórias precárias, como dominantes ou secundárias, são majoritariamente femininos (GRÁF. 4).

GRÁFICO 4:



Fonte: Elaboração própria.

Obs: Dados ponderados.

Nada menos do que 37,7% das mulheres na força de trabalho têm trajetórias com características das “Precárias”, em contraste com 14,6% dos homens (TAB. 5). Ou seja, mesmo muitas mulheres cujas trajetórias não são do tipo puro “Precária” carregam características marcantes desse perfil.

Outras investigações acerca das trajetórias no mercado de trabalho também encontram evoluções bem mais desfavoráveis entre as mulheres. CLOGG, ELIASON, WAHL (1990) concluem que, das mulheres com experiência no mercado de trabalho dos EUA em 1982, 43,8% eram estáveis e 56,2%, instáveis, e, dos homens, 63,4% eram estáveis e 36,6%, instáveis. GUIMARÃES (2004) aponta que o risco de ingressar na “trajetória de exclusão” é maior para mulheres demitidas da indústria do que para homens (48,5% dos casos contra 36,8%). Segundo GUIMARÃES *et al* (2004), tanto para os desempregados quanto para os ocupados, os padrões de associação entre os perfis de trajetórias e dos indivíduos foram de: homens brancos com trajetórias de ocupações com vínculos formais (assalariados com carteira e do setor público); homens negros com trajetórias de transições intensas; mulheres negras com trajetórias de emprego doméstico; e

mulheres brancas, ainda que na órbita da alta ou média escolaridade, sem associação clara com alguma trajetória, mas com alguma proximidade das de desemprego e/ou inatividade. Para os autores, pode-se inferir efeitos de preconceito e discriminação sexual e racial com base nos padrões de associação entre percursos ocupacionais e características individuais, que se mantêm mesmo depois de “neutralizado” o efeito da escolaridade:

“(…) homens e mulheres negros deslocam-se no mercado de trabalho por espaços precários e/ou estigmatizados socialmente.” (GUIMARÃES *et al*, 2004, p. 23)

“Podemos afirmar que as mulheres percorrem caminhos fortemente associados à precariedade, uma vez que as trajetórias tipicamente femininas são aquelas menos valorizadas pelo mercado de trabalho e/ou mais indesejáveis do ponto de vista social: as de domésticas e desempregadas.” (GUIMARÃES *et al*, 2004, p. 19)

Os resultados do presente estudo revelam que também o perfil misto sem predomínio é principalmente feminino. Vale notar que, em comparação com o conjunto da amostra, todos os perfis que concentram mais mulheres contam, também, com uma proporção maior de “pretos e pardos” e de imigrantes recentes (neste caso, com duas exceções dentre os dez perfis).

Conforme já afirmado, os perfis mistos apresentam características do tipo dominante e do secundário. A combinação de um dado perfil extremo (“Seguras” ou “Instáveis”) com o de “Precárias” na posição secundária tende a fazer com que, em relação ao perfil puro, aumente a proporção de mulheres, de empregados domésticos, de pessoas de “cor” preta e parda, de imigrantes recentes, de cônjuges, do tamanho da família e, ao mesmo tempo, diminua o nível de escolaridade, a proporção de tempo de ocupação e os rendimentos do trabalho e familiar *per capita*⁵¹.

Já a combinação com o perfil de “Trajetórias Instáveis” em plano secundário leva a uma expansão da concentração nas idades entre 20 e 29 anos e a um aumento da presença de ocupados com menos de oito anos, de posições mais instáveis (como autônomos, assalariados sem carteira e empregados domésticos), de menores rendimentos do trabalho e amplia os números de episódios de ocupação e de não-ocupação. Além disso, eleva a proporção de ocupados na família, o que parece compensar os menores rendimentos individuais e sustentar a renda familiar.

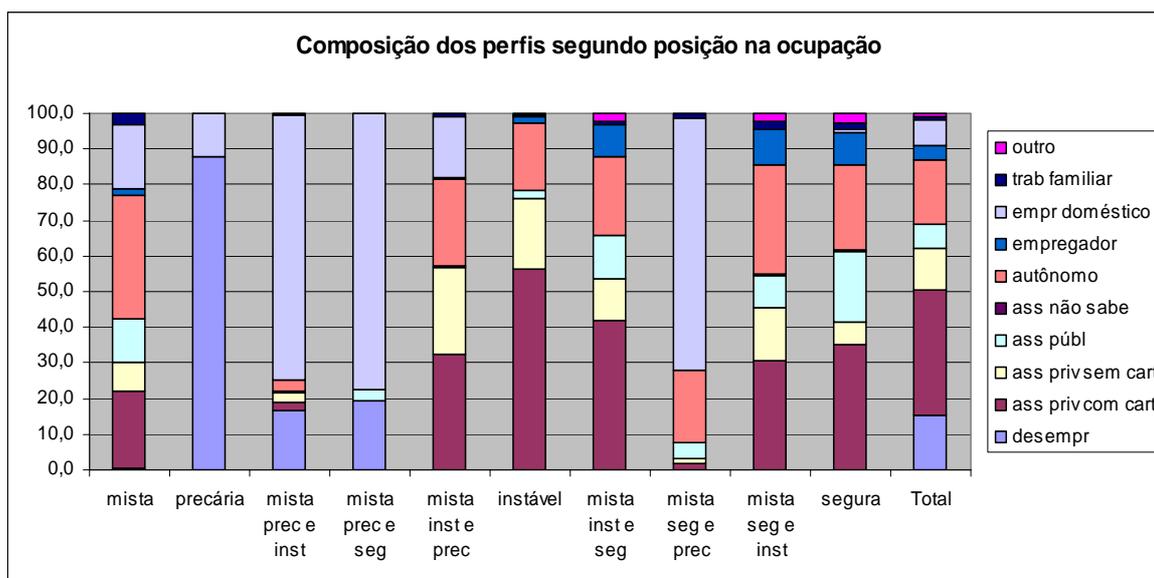
Por fim, a inclusão do perfil de “Seguras” como secundário conduz a uma elevação expressiva da faixa etária, da proporção de tempo de ocupação e do tempo relatado, ao

⁵¹ Por exemplo, no caso do perfil “Precária” como secundário, a comparação foi feita do perfil “Mista de Segura e Precária” com o perfil “Segura”, e do perfil “Mista de Instável e Precária” com o perfil “Instável”.

lado de uma expansão da proporção de ocupados na família e do rendimento familiar *per capita*, assim como de redução do número de episódios de desocupação.

Os perfis mistos de “Trajetórias Precárias e Instáveis”, “Precárias e Seguras” e “Seguras e Precárias”, além de serem majoritariamente femininos e pouco expressivos numericamente, referem-se em larga medida a empregados domésticos (GRAF. 5).

GRÁFICO 5:



Fonte: Elaboração própria.

Obs: Dados ponderados.

Embora sejam muitíssimo poucos os homens nos perfis de “Trajetórias Precárias e Instáveis” e de “Precárias e Seguras”, há diferenças tão significativas por sexo que as mulheres e os homens parecem pertencer a perfis distintos. Enquanto as mulheres são ocupadas há menos de oito anos (principalmente como domésticas), possuem pouca instrução e vêm de famílias de baixa renda, os homens são desempregados e contam com escolaridade e renda familiar elevadas, sendo que os homens das “Precárias e Seguras” são majoritariamente chefes de família e os das “Precárias e Instáveis”, filhos⁵².

A análise dos graus de pertencimento mostra que os homens desses dois perfis sofrem, relativamente às mulheres, maior influência do Perfil Extremo de “Trajetórias Precárias” (g_1), o que deve ser explicado pelo fato de eles serem preponderantemente desempregados. Já as mulheres desses dois perfis mistos, frente aos homens, têm uma concentração maior nos graus de pertencimento intermediários de g_2 (do Perfil Extremo de

⁵² Observe-se que *todos* os desempregados, independentemente de sexo e de grau de instrução, encontram-se distribuídos entre os perfis de “Trajetória Precária”, “Precária e Instável”, “Precária e Segura” e “Mista”. Além disso, um terço dos homens de “Trajetória Precária e Segura” são aposentados que permaneceram na força de trabalho ou a ela retornaram.

“Trajetória Instável”), no caso daquelas do Perfil Misto “Precárias e Instáveis”, e de g_3 (“Trajetória Segura”), no caso das do Perfil Misto “Precárias e Seguras”. (Vide GRÁF. 2-a-A, 2-b-A, 2-c-A, 3-a-A, 3-b-A e 3-c-A do Anexo.)

Considerando os indivíduos de ambos os sexos, a diferença entre os dois perfis mistos reside, particularmente, na faixa etária (com os de “Precárias e Seguras” mais velhos) e no tempo relatado (com os de “Precárias e Seguras” mais concentrados no quarto superior e os de “Precárias e Instáveis” no segundo quarto).

Já o perfil de “Seguras e Precárias” é mais homogêneo no que tange às características de mulheres e homens, apesar de elas serem preponderantemente domésticas e eles, autônomos e, secundariamente, também domésticos. São pessoas mais velhas, de pouquíssima instrução, baixos rendimentos do trabalho e da família, mas com relativa estabilidade no emprego (principalmente as mulheres). A análise dos graus de pertencimento por sexo mostra que as mulheres desse perfil estão relativamente mais sob influência dos perfis extremos de “Trajetórias Seguras” (g_3) e “Precárias” (g_1), o que sugere que a semelhança de características de mulheres e homens do perfil de “Seguras e Precárias” decorre, em parte pelo menos, de um efeito compensador entre as características dos dois perfis extremos opostos. (Vide GRÁF. 7-a-A, 7-b-A e 7-c-A do Anexo.)

Também o perfil misto de “Trajetórias Instáveis e Precárias” congregam mulheres e homens de características semelhantes. Os indivíduos desse perfil são ocupados há menos de oito anos, pouco escolarizados e com muita instabilidade na ocupação, tendendo a ser jovens, negros, com baixos rendimentos do trabalho e da família. Mediante a análise dos graus de pertencimento, constata-se que as mulheres desse perfil são mais influenciadas pelo Perfil Extremo das “Trajetórias Precárias” e os homens, pelo das “Instáveis”. (Vide GRÁF. 4-a-A, 4-b-A e 4-c-A do Anexo.)

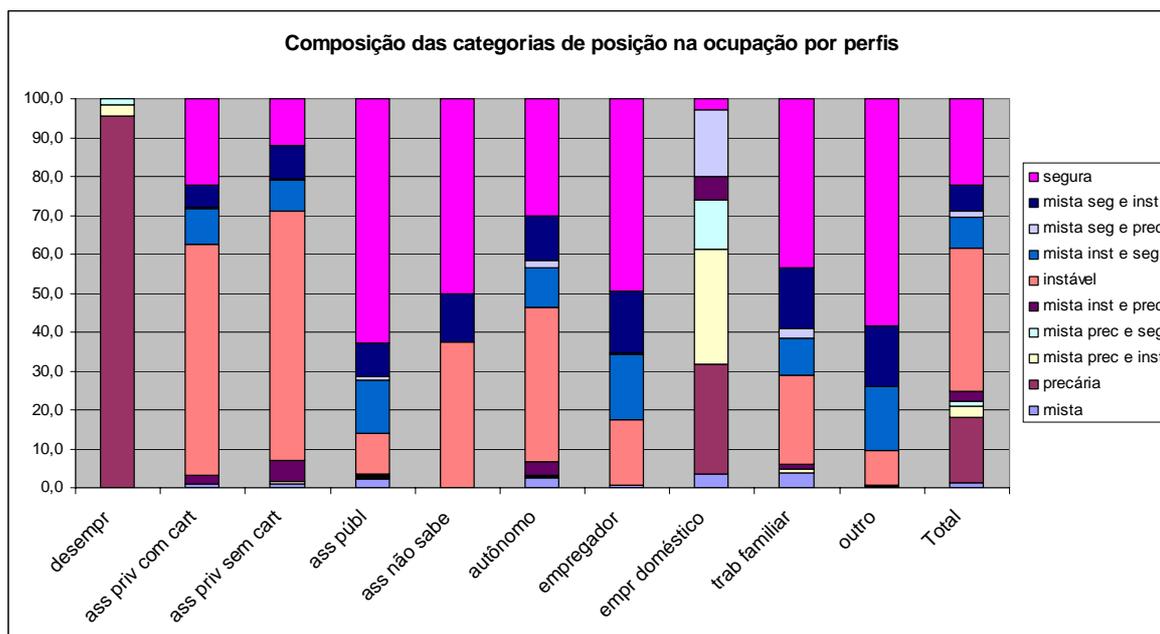
Os perfis de “Trajetórias Instáveis e Seguras” e “Seguras e Instáveis” apresentam características muito semelhantes entre si e dentre os indivíduos dos dois sexos pertencentes a cada um deles. Os indivíduos dos dois perfis são ocupados há menos de oito anos e tendem a possuir alta escolaridade, estabilidade na ocupação e rendimentos do trabalho e da família mais elevados. Aqueles com trajetórias do tipo “Seguras e Instáveis” têm uma maior estabilidade na ocupação (o que pode ser visto pelos números de episódios de ocupação e de desocupação e pela proporção de tempo de ocupação). No entanto, os indivíduos das “Seguras e Instáveis” estão mais empregados em ocupações menos identificadas com o Perfil Extremo de “Seguras” (como assalariados sem carteira e

autônomos), donde se supõe que as pessoas das “Instáveis e Seguras” estejam mais propensas a “ascender” até a categoria das “Seguras” do que as das “Seguras e Instáveis”.

Apesar de o perfil de “Trajetórias Mistas Sem Predomínio” ser, em última instância, um agregado residual, a análise por sexo das características dos indivíduos a ele pertencentes permite constatar que se trata, de fato, de um perfil. Seus componentes correspondem a ocupados há menos de oito anos (especialmente como autônomos e domésticos), tendendo a ser adultos um pouco mais velhos, de pouca instrução, famílias grandes e baixos rendimentos pessoais e familiares.

Uma análise de cada posição na ocupação segundo perfis revela que são as de “assalariado do setor público”, “outros” (majoritariamente, profissionais universitários autônomos) e “empregadores” aquelas que tendem a garantir ocupações mais estáveis e seguras (GRÁF. 6). As posições mais instáveis são as de “assalariado sem carteira assinada” e “assalariado com carteira”, enquanto as de “autônomo” e “trabalhador familiar” se colocam em posições intermediárias.

GRÁFICO 6:



Fonte: Elaboração própria.

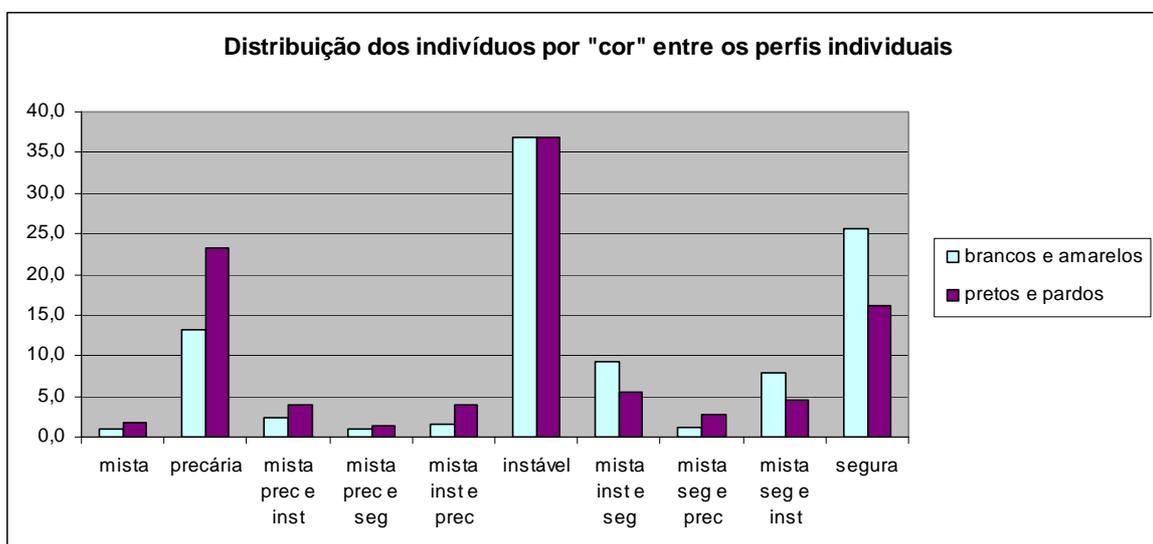
Obs: Dados ponderados.

A categoria de “empregados domésticos” sobressai por sua composição bem diversificada segundo perfis. Como a proporção de mulheres entre os domésticos supera os 95% e como o serviço doméstico responde por 18,6% da ocupação feminina na RMS, boa parte da maior diversidade dos perfis sociolaborais das mulheres em relação aos homens é

devida ao peso das domésticas⁵³. Apesar de quase 60% dos domésticos estarem classificados entre os de “Trajetória Precária” ou “Precária e Instável”, 17% deles estão entre os de “Segura e Precária”. Até mesmo entre os de “Trajetória Segura” encontram-se alguns empregados domésticos, mais precisamente 2,8% deles. O pertencimento dos empregados domésticos a perfis tão diferentes revela a grande heterogeneidade dessa categoria ocupacional, maior do que normalmente é associada a ela.

Por fim, a visualização da distribuição entre os perfis segundo a “cor” do indivíduo corrobora conclusões de outros estudos (como em GUIMARÃES *et al*, 2004). Ficam constatadas maiores concentrações dos indivíduos negros nos tipos “Precários” (como principal ou secundário) e dos indivíduos brancos ou amarelos nos “Seguros” (GRÁF. 7).

GRÁFICO 7:



Fonte: Elaboração própria.

Obs: Dados ponderados. Desconsiderou-se o único indivíduo que não tem “cor” declarada.

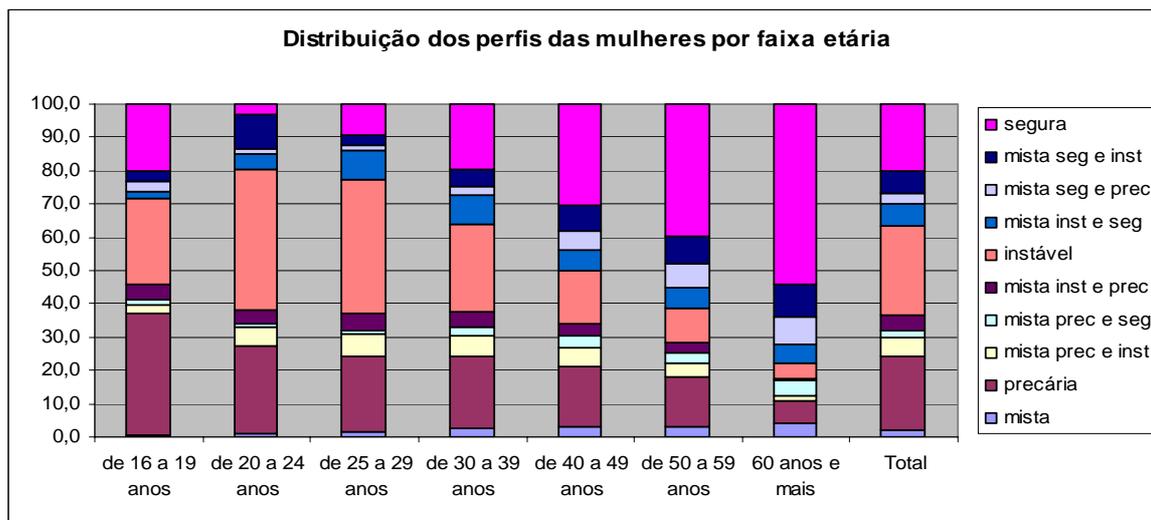
4.3 - Os perfis de mulheres e homens por grupos de idade, escolaridade e rendimentos

As distribuições por faixa etária dos perfis de mulheres e de homens economicamente ativos revelam semelhanças e diferenças (GRÁF.s 8 e 9). Tanto para mulheres quanto para homens, com exceção da faixa de 16 a 19 anos, o perfil de

⁵³ Para analisar um pouco mais a fundo o impacto do emprego doméstico sobre a maior heterogeneidade das trajetórias femininas, foi desenvolvida outra tipologia, similar a essa em foco, excluindo-se os domésticos. A aplicação do GoM sobre nova base resulta em classificação completamente diferente, em que certa trajetória individual que pertencia a um tipo mais virtuoso pode ser deslocada para outro, menos virtuoso (ou vice-versa). Apesar de as duas tipologias não serem comparáveis em termos estritos, podemos dizer que, na nova tipologia, as trajetórias das mulheres continuam mais concentradas entre as piores (por conta de seu maior desemprego), mas são apenas levemente mais heterogêneas do que as dos homens (GRÁF. 11-A, no Anexo).

“Trajetórias Seguras” aumenta sua importância na medida em que se eleva a idade dos grupos etários, o contrário ocorrendo para os de “Instáveis” e, em menor medida, de “Precárias”⁵⁴. Portanto, fica novamente comprovado que o perfil de “Trajetórias Seguras” é mais característico dos mais velhos e o das “Instáveis”, dos jovens, enquanto o das “Precárias” dilui-se mais entre as idades, especialmente nas mulheres, ainda que incida mais entre os jovens.

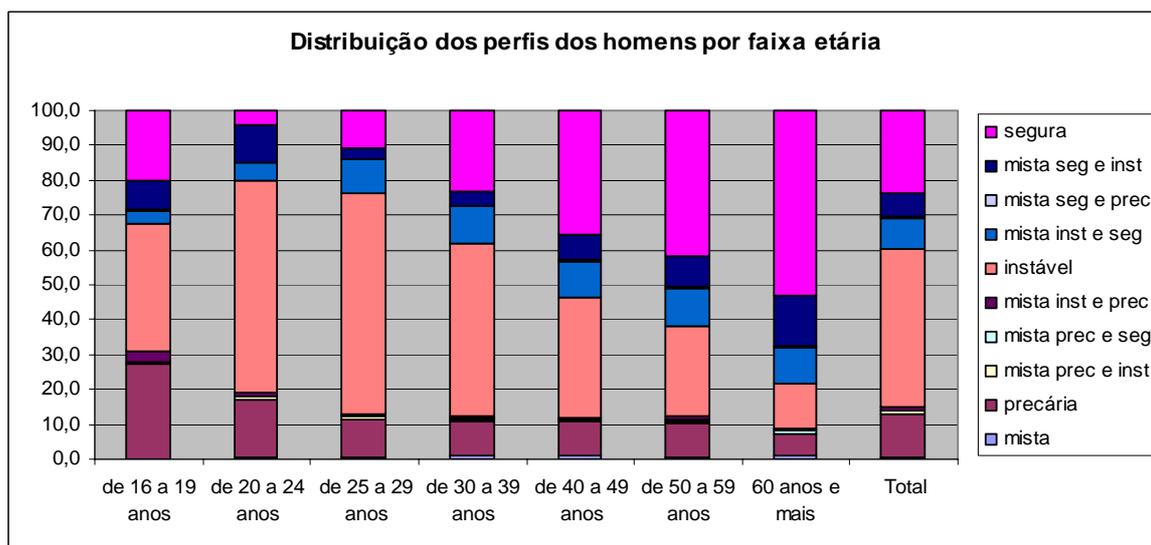
GRÁFICO 8:



Fonte: Elaboração própria.

Obs: Dados ponderados.

GRÁFICO 9:



Fonte: Elaboração própria.

Obs: Dados ponderados.

⁵⁴ A proporção relativamente expressiva de trabalhadores de 16 a 19 anos de ambos os sexos com “Trajetórias Seguras” pode ser imputada à ocorrência dos “trabalhadores de primeiro emprego”. São adolescentes que informaram um só episódio de ocupação e nenhum de desocupação e, conseqüentemente, contam com alta proporção de tempo de ocupação sobre tempo relatado, atributos desse perfil.

No caso das mulheres, ressaltam três características em contraposição às masculinas: primeira, a maior diversidade de perfis em todas as faixas de idade e que tende a se ampliar com a elevação dos limites etários; segunda, o maior peso da categoria “Precárias” até os 59 anos; e, terceira, o peso bem menor das “Instáveis” (GRÁFs. 8 e 9). Pode-se verificar que, ao longo da estrutura etária, apenas cinco tipos de trajetórias (“Precárias”, “Instáveis”, “Instáveis e Seguras”, “Seguras e Instáveis” e “Seguras”) dão conta de sintetizar as características sociolaborais masculinas, enquanto para as mulheres são necessários os dez tipos.

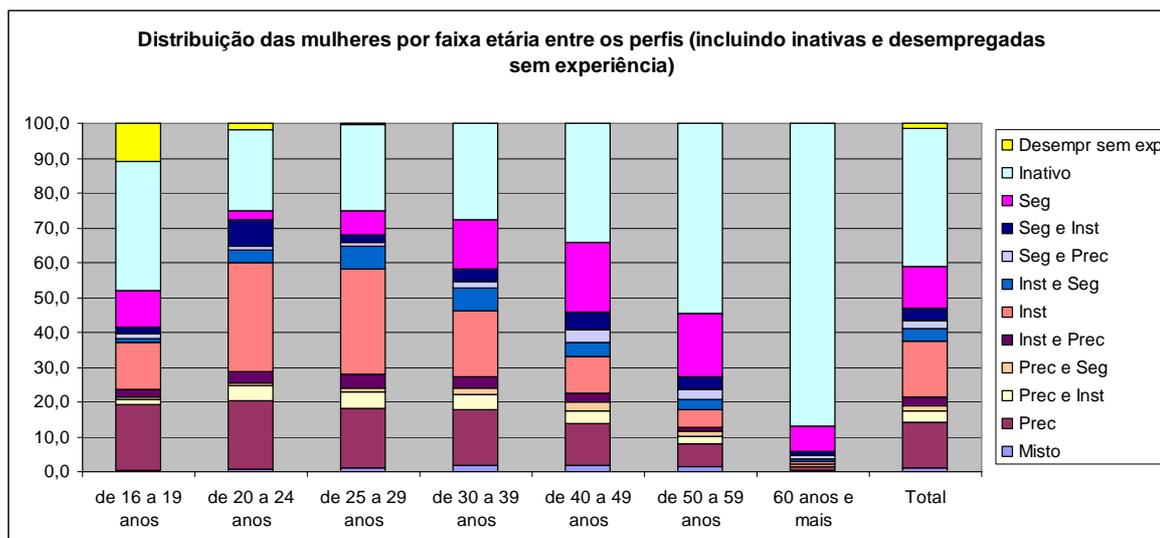
Em relação àqueles com “Trajetórias Seguras”, sobressai a grande coincidência das distribuições etárias por sexo, ainda que as composições por posição na ocupação sejam bem diferentes, com as mulheres tendo muito mais “assalariadas do setor público” e os homens, um pouco mais “assalariados com carteira”, “empregadores” e “autônomos”.

A alta incidência de “Instáveis” entre pessoas de 20 a 29 anos (e, no caso dos homens, até os 39 anos) sugere que esse perfil é típico de jovens adultos e/ou que a coorte dos trabalhadores que ingressaram no mercado de trabalho da RMSP a partir dos anos 90 têm suas carreiras marcadas pela fragilidade da economia desde então. Não é possível afirmar se essa instabilidade na ocupação decorre de fenômenos econômicos da região no período analisado ou se é característica do ciclo de vida⁵⁵. Todavia pode-se supor que ambos os fatores, isto é, os referentes a ciclo de vida e ao período, atuem de forma combinada para imprimir o caráter instável da ocupação dos jovens adultos.

Mesmo quando se incluem os “inativos” e os “desempregados sem experiência anterior” na análise, mantêm-se as considerações feitas acerca do padrão etário, com exceção do descrito para as “Trajetórias Seguras”, cujo peso começa a diminuir a partir do grupo de 50 a 59 anos (GRÁFs. 10 e 11).

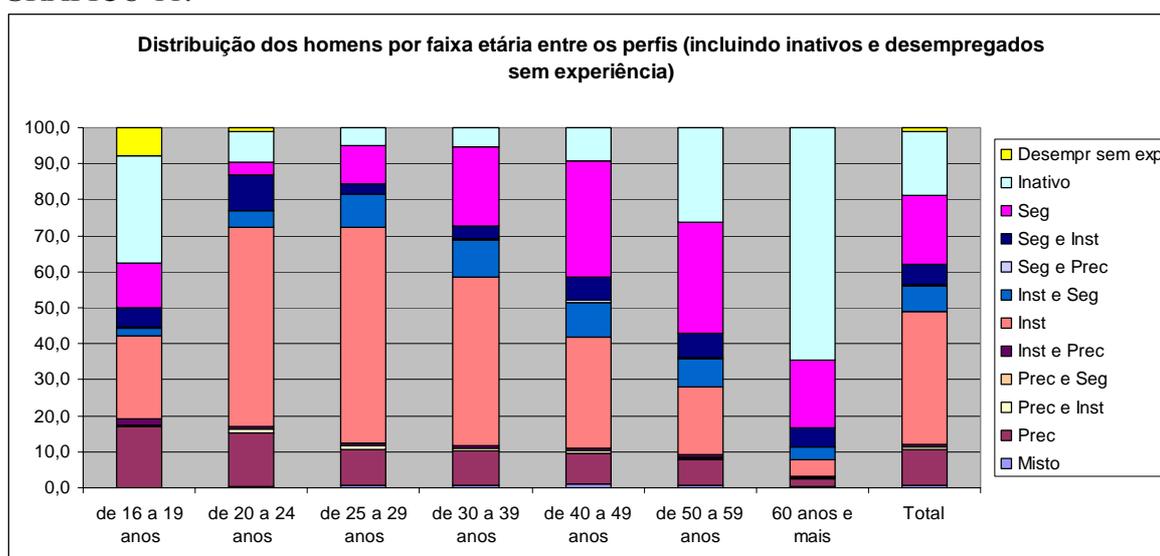
⁵⁵ No mercado de trabalho dos EUA, a instabilidade ocupacional dos jovens até 25 anos foi identificada como um fenômeno em boa medida relacionado ao ciclo de vida e denominado “*job shopping*” (ver, por exemplo, FREEMAN, 1979, e ALON e TIENDA, 2000).

GRÁFICO 10:



Fonte: Elaboração própria.
Obs: Dados ponderados.

GRÁFICO 11:

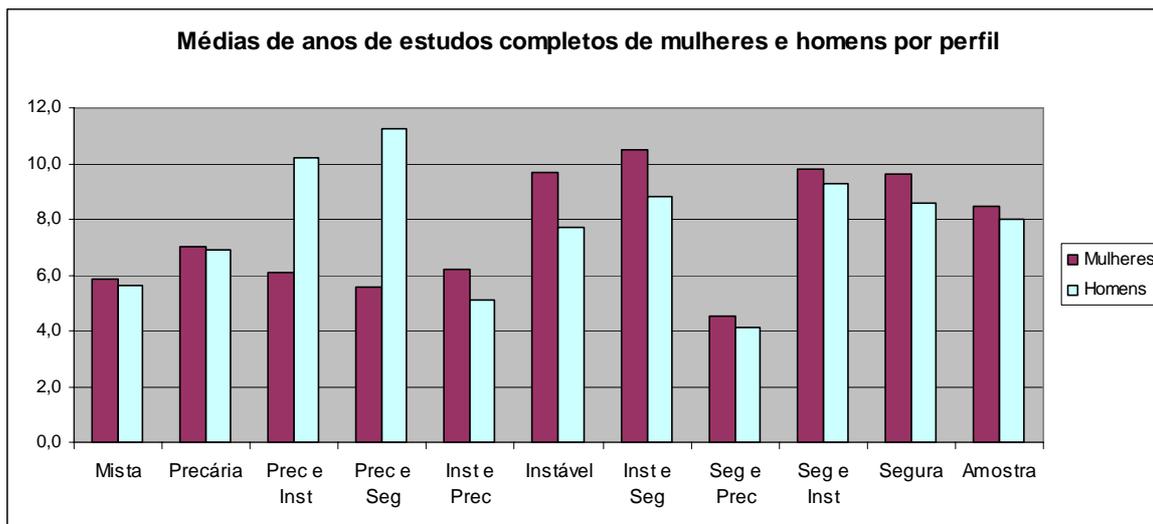


Fonte: Elaboração própria.
Obs: Dados ponderados.

Os desempregados sem experiência concentram-se basicamente no grupo etário mais novo, enquanto a inclusão dos indivíduos inativos obviamente modifica muito a composição por perfis das mulheres e dos grupos de 50 a 59 anos e, em especial, com 60 anos e mais. Neste último grupo, 87% das mulheres e 65% dos homens são “inativos”.

A análise das médias de anos completos de estudo por sexo dos perfis e de toda a amostra corrobora a constatação de que as mulheres no mercado de trabalho normalmente são mais escolarizadas do que os homens, conforme apontado por LEME e WAJNMAN (2000) para os ocupados (GRÁF. 12).

GRÁFICO 12:



Fonte: Elaboração própria.

Obs: Dados ponderados.

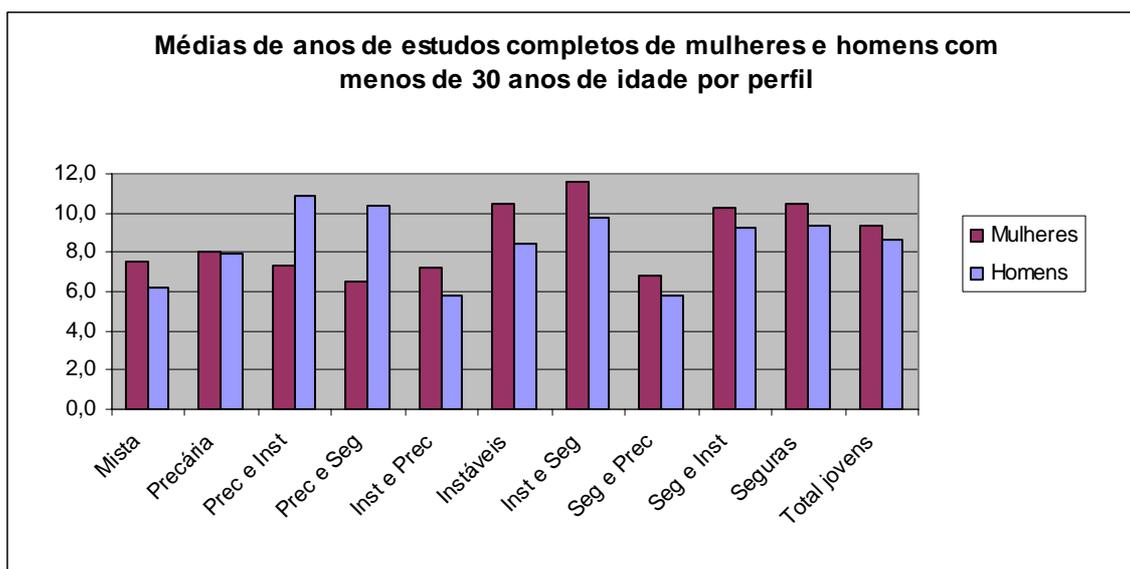
Em média, as mulheres alcançam maior escolaridade no total da amostra e em todos os perfis, com exceção dos de “Precárias e Instáveis” e “Precárias e Seguras” (que, como visto anteriormente, agregam poucos homens, quase todos desempregados, mas que tendem a ter escolaridade muito elevada). No entanto, a diferença de escolaridade entre mulheres e homens é bem pequena entre aqueles com “Trajetórias Precárias” e mais acentuada entre os de “Seguras” e, especialmente, “Instáveis”.

Aqueles que estão sob influência do perfil de “Precárias”, seja como predominante seja como secundário, tendem a “carregar” um grau de instrução mais baixo. Já os que estão agregados nos perfis de “Instáveis” e “Seguras” como predominantes tendem a apresentar escolaridade mais alta. Por outro lado, a maior segurança na ocupação não parece depender tanto dos anos de estudo alcançados, uma vez que, por exemplo, as mulheres dos perfis de “Instáveis e Seguras” possuem escolaridade mais alta e segurança ocupacional menor do que as das “Seguras”, assim como os indivíduos de “Trajetórias Seguras e Precárias” têm pouca escolaridade e alta estabilidade. Chama a atenção também o elevado grau de instrução obtido pelas mulheres do perfil de “Instáveis”. Em suma, ainda que, com controles de experiência e sexo, a escolaridade possa ser um indicador importante do nível de rendimento do trabalho, ela parece não constituir um preditor tão potente da estabilidade ocupacional. É possível que parte do ruído na relação entre escolaridade e estabilidade seja decorrência de um “efeito senioridade” (isto é, uma tendência de as pessoas, independentemente de sua instrução escolar, irem se acomodando

em suas ocupações ou empresas na medida em que envelhecem) combinado com os baixos graus de instrução que as coortes brasileiras mais velhas carregam.

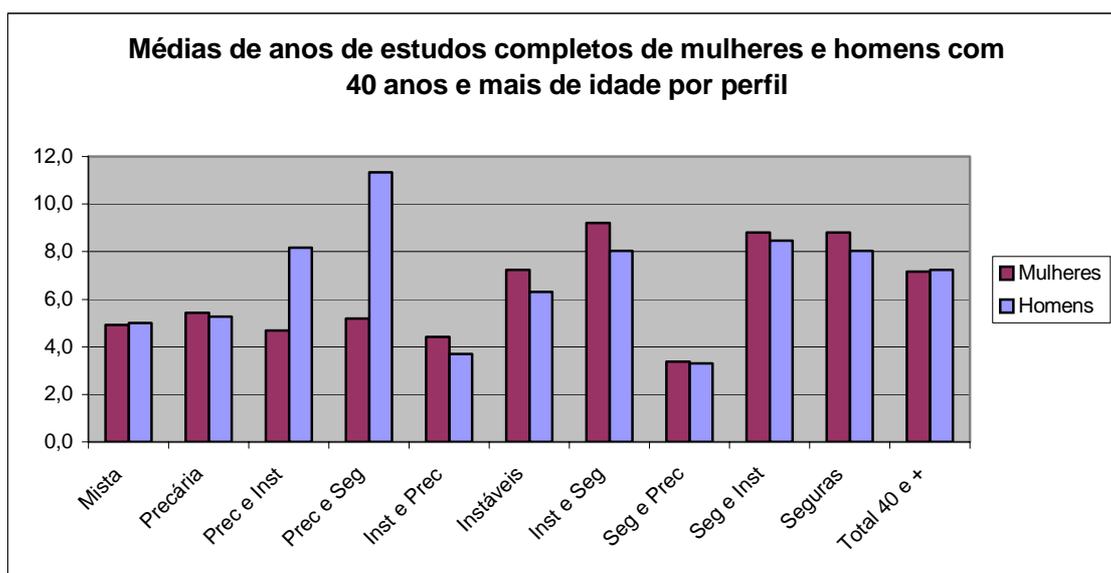
Como forma de tentar reduzir o ruído eventualmente introduzido pela componente etária na relação entre escolaridade e trajetória ocupacional, compararam-se as distribuições, referentes a dois grupos etários, de mulheres e homens por anos médios de estudo segundo os perfis: um, com os mais jovens – até 30 anos incompletos (GRÁF. 13) – e outro, com os mais velhos – com 40 anos e mais (GRÁF. 14).

GRÁFICO 13:



Fonte: Elaboração própria.
Obs: Dados ponderados.

GRÁFICO 14:

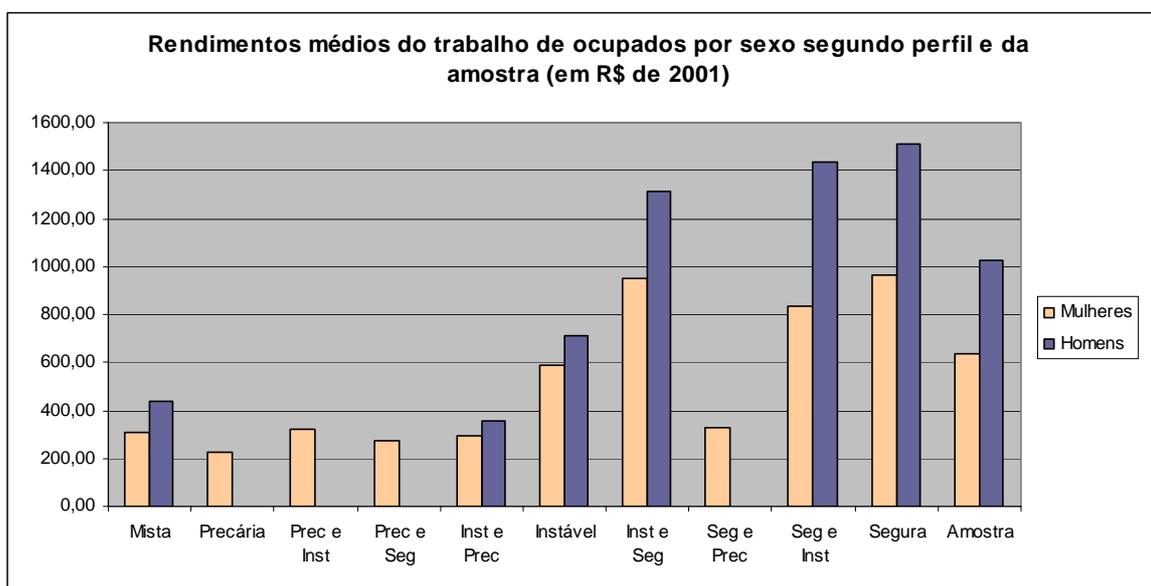


Fonte: Elaboração própria.
Obs: Dados ponderados.

Entre os mais velhos, parece haver uma relação mais estreita entre escolaridade e estabilidade na trajetória ocupacional (GRÁF. 14). Já entre os mais novos, além de o grau de instrução ser bem mais elevado e as diferenças entre as médias dos perfis, menores, a relação entre escolaridade e segurança na trajetória ocupacional não é tão clara (GRÁF. 13). De qualquer modo, não se pode menosprezar as expressivas diferenças entre mulheres e homens (de todas as idades) quanto aos anos médios de estudo. Nos perfis de “Instáveis” e “Seguras”, tanto puros quanto mistos, as mulheres parecem ser obrigadas a oferecer atributos educacionais maiores para alcançar os perfis ocupacionais semelhantes aos dos homens (GRÁF. 12).

Outra desvantagem das mulheres no mercado de trabalho diz respeito à remuneração. A grande incidência de não declaração de rendimentos entre os ocupados impõe séria dificuldade à análise da distribuição de rendimentos por sexo. Não obstante, como já exaustivamente apontado na literatura pertinente, também os dados de rendimento médio por perfil de trajetória mostram o diferencial de rendimentos em desfavor das mulheres (GRÁF. 15).

GRÁFICO 15:



Fonte: Elaboração própria.

Obs: Dados ponderados. O pequeno número de casos de homens ocupados em quatro dos perfis impediu a apresentação dos rendimentos médios do trabalho. Os valores não foram ajustados por duração de jornada.

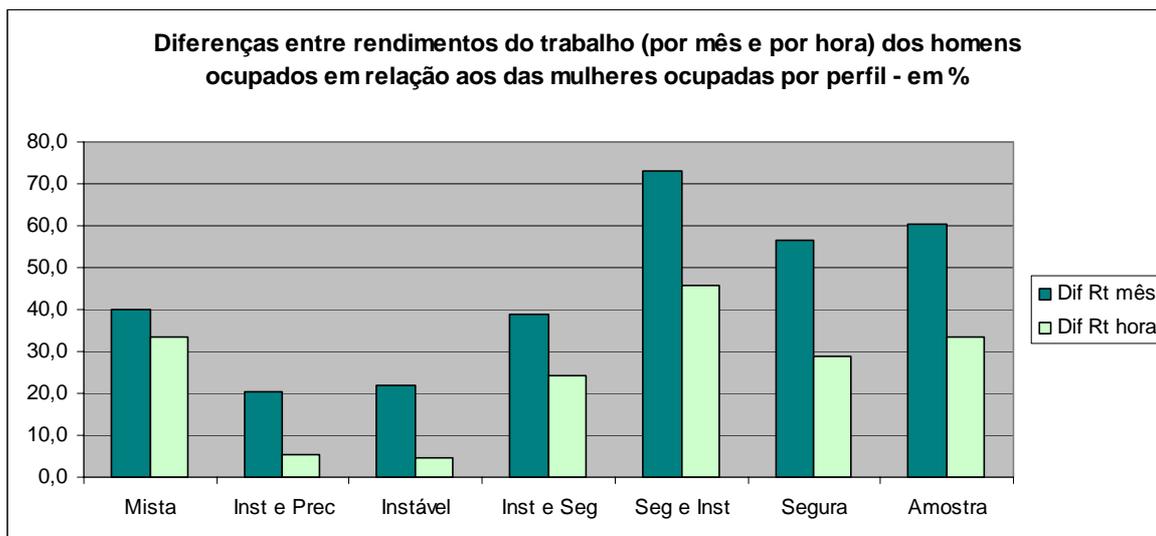
Ainda que, no GRÁF. 15, não se tenha operado ajuste por duração de jornada, pode se afirmar que, em todos os perfis, as mulheres ocupadas recebem rendimentos menores do que os homens, diferença que tende a aumentar quanto mais estável e segura é a trajetória

ocupacional. Os menores níveis de rendimento entre as mulheres ocorrem a despeito da maior escolarização delas em todos os perfis aqui analisados. Os dados também revelam os baixos níveis de renda do trabalho dos perfis de “Precárias”, seja como dominante ou secundário, que, como visto, são preponderantemente femininos.

Abstraindo as diferenças entre os gêneros e desconsiderando o perfil misto de “Trajetórias Seguras e Precárias”, verifica-se que os rendimentos médios tendem a aumentar na medida em que o foco de análise se desloca das “Trajetórias Precárias” para as “Seguras”, passando pelas “Instáveis”. Observe-se, por fim, que, considerando cada sexo individualmente, as discrepâncias de níveis de rendimento por perfil são bem maiores do que as de níveis educacionais.

As informações de rendimento dos ocupados ajustados pela duração da jornada confirmam que os rendimentos femininos são inferiores aos masculinos em todos os perfis para os quais há dados⁵⁶ (GRÁF. 16).

GRÁFICO 16:



Fonte: Elaboração própria.

Obs: Dados ponderados. Os perfis não apresentados correspondem àqueles em que a quantidade de homens ocupados é muito pequena. Os dados de “Amostra” incluem indivíduos de todos os perfis.

O ajuste por tamanho de jornada faz com que diminuam as diferenças entre os rendimentos por sexo, uma vez que as jornadas médias das mulheres são mais curtas do que as masculinas. Nas trajetórias “Instáveis” e “Instáveis e Precárias”, as diferenças de rendimento tornam-se muito pequenas depois que se implementa o ajuste pela jornada, mas, em toda a amostra, os homens ainda recebem um terço a mais por sua jornada-hora.

⁵⁶ Ressalta-se que os números de dados para remunerações mensal e horária diferem em função de não declarações de duração da jornada na semana anterior (945 faltantes no total de 29 416 casos).

4.4 - Síntese e notas conclusivas

Baseado na realidade da RMSP na virada do século, esta etapa do trabalho tinha por objetivo analisar a inserção de mulheres e homens no mercado de trabalho, mediante a construção de uma tipologia de trajetórias capaz de levar em conta dois aspectos fundamentais e inter-relacionados desse mercado: sua heterogeneidade e a curta duração média dos episódios de ocupação. Denominou-se por “trajetória ocupacional” o resultado da combinação de inserções e transições dos indivíduos no mercado de trabalho ao longo do tempo, desempenho associado a suas características individuais e sociais. Os fluxos entre os estados de ocupado e de desempregado e entre ocupações e o risco diferencial de ingresso em desemprego impõem a necessidade de serem incorporados aspectos dinâmicos na abordagem de mercados de trabalho do tipo do brasileiro. E a obtenção da tipologia visava exatamente *organizar* e *sintetizar* a heterogeneidade vigente no mercado de trabalho, possibilitando a identificação de indicadores sintéticos dessa realidade socioeconômica, isto é, os perfis de trajetórias socioocupacionais.

Em função da *inserção* desfavorável das mulheres no mercado de trabalho, relativamente aos homens com características semelhantes, algo já amplamente constatado em estudos sobre o tema, faziam-se necessárias uma abordagem da *dinâmica* e uma análise sobre em que medida as trajetórias femininas no mercado de trabalho diferenciam-se das masculinas. Toda a investigação foi, portanto, desenvolvida numa abordagem relacional e de dinâmica, em que os atributos e a situação e desempenho femininos no mercado de trabalho eram comparados aos masculinos.

Os perfis foram obtidos a partir da aplicação do método *Grade of Membership*, que se baseia na teoria dos conjuntos nebulosos (*fuzzy sets*). Por essa teoria, os elementos de um determinado universo podem ter pertencimento integral ou parcial a determinado perfil extremo, sendo que, quando sua pertinência a dado perfil é parcial, ele também possui algum grau de associação a outro perfil (ou a outros perfis). Esse método é mais adequado para tratar a heterogeneidade, uma vez que evita a dicotomia dos procedimentos classificatórios tradicionais (“*pertence*” *versus* “*não pertence*”) e possibilita uma distribuição mais matizada entre as categorias identificadas.

Além disso, no que diz respeito às variáveis utilizadas, construiu-se uma tipologia de “*inserção e transição*” ocupacionais que vai além da consideração apenas do *tempo de*

permanência em determinada ocupação e dos *fluxos* entre ocupações ou estados (“ocupado” e “desempregado”), incorporando características do indivíduo, dos postos por ele ocupados e de suas transições. Os perfis obtidos consideram, simultaneamente, os atributos individuais e as características das inserções e das transições no mercado de trabalho. Nesse sentido, os tipos encontrados “condensam” em si as características mais puramente laborais e os perfis individuais a elas associados. A fusão da Pesquisa de Mobilidade da PED-RMSP com a própria PED-RMSP regular de abril a dezembro de 2001 forneceu a amostra, que, no final do processo de depuração, constava de 43 128 indivíduos.

Foram identificados três perfis puros de trajetórias (“Precárias”, “Instáveis” e “Seguras”), seis tipos mistos, resultantes de combinações dos puros em que um deles predominava, e um tipo sem predomínio de características de qualquer perfil de referência. O perfil extremo de “Trajetórias Precárias” congrega características de alta vulnerabilidade socioeconômica, isto é, na família e no mercado de trabalho: condição de desempregado ou de empregado doméstico, pouca instrução, muitos e/ou longos episódios de não-ocupação, famílias grandes, com chefes de pouquíssima instrução, familiar desempregado, presença de criança menor de sete anos e renda familiar *per capita* entre as menores. Ser mulher, cônjuge, negro e imigrante recente também discriminam esse perfil.

Quanto ao perfil de “Trajetórias Instáveis”, distingue-o a grande instabilidade na ocupação, que é revelada pelo número e duração dos episódios de ocupação e de não-ocupação. Outras características mais prováveis do perfil são: serem adultos jovens (de 20 a 29 anos), com nível educacional entre o médio completo e o superior incompleto, assalariados do setor privado, com e sem carteira assinada, terem rendimentos do trabalho e *per capita* na família em níveis intermediários e estarem na posição de “filhos” na família. A variável “sexo” não distingue o perfil, apesar de os homens serem maioria.

“Sexo” tampouco discrimina o perfil de “Trajetórias Seguras”, cujas características mais prováveis indicam condições de vida e de trabalho relativamente mais garantidas: acúmulo de longos intervalos de tempo na ocupação, rendimentos (familiar *per capita* e do trabalho) mais elevados (ou não declarados) e grau de instrução superior. Tendem a ser adultos com mais de 40 anos, chefes de família, ocupados no setor de serviços, assalariado do setor público, empregador, autônomo ou profissional universitário autônomo.

Deve-se ressaltar que os três perfis puros englobam aproximadamente 70% das mulheres e 80% dos homens economicamente ativos da RMSP. Em outras palavras, as categorias “Trajetórias Precárias”, “Trajetórias Instáveis” e “Trajetórias Seguras” são

amplamente capazes de descrever a combinação dos padrões de “inserção-transição” com os atributos pessoais dos trabalhadores da metrópole de São Paulo.

A análise dos perfis e do pertencimento dos indivíduos a eles mostrou que as trajetórias mais comuns de mulheres e de homens são as do tipo “Instáveis”, que tendem a predominar entre os mais jovens de ambos os sexos. No entanto, o peso dessas trajetórias para os homens é muito maior do que para as mulheres.

Uma característica sociolaboral do conjunto das mulheres, em comparação com os homens, é sua distribuição por um maior leque de perfis, puros e mistos. Ou seja, a inserção feminina no mercado de trabalho é mais heterogênea do que a masculina. Grande parte dessa maior diversidade decorre das empregadas domésticas, que se espalham por vários perfis. Como “Serviço Doméstico” é um setor de atividade essencialmente feminino e absorve quase um quinto das mulheres ocupadas, se “os” empregados domésticos fossem desconsiderados da investigação, a distribuição feminina entre os perfis se tornaria mais concentrada e parecida com a masculina, embora continuasse um pouco mais diversificada.

O emprego doméstico e o maior desemprego entre as mulheres explicam porque pouco mais de um terço das trajetórias femininas se concentra nos perfis sob influência das “Precárias”, seja como perfil dominante seja como secundário, que são os que tendem a apresentar diversos indicadores de vulnerabilidade. As “Trajetórias Precárias” prevalecem um pouco mais nas idades mais jovens, mas seu peso, com exceção do grupo mais idoso, reduz-se apenas lentamente nos sucessivos intervalos etários, o que faz com que não haja uma associação inversa tão intensa entre “Trajetória Precária” e idade.

Por outro lado, as “Trajetórias Seguras” são quase tão importantes para as mulheres quanto para os homens. Nesse tipo puro, além de as respectivas estruturas etárias, mais envelhecidas, serem praticamente idênticas, existem diversas outras semelhanças entre mulheres e homens, como os números de episódios de ocupação e de não-ocupação, os tempos total e de ocupação relatados e os níveis de rendimentos familiares. Essas grandes semelhanças ocorrem apesar da diferença quanto às posições na ocupação, com as mulheres mais presentes como assalariadas públicas e os homens, como assalariados com carteira, empregadores e autônomos. Entretanto, mesmo no perfil com características individuais, familiares e profissionais mais favoráveis e apesar da maior escolarização das mulheres, o rendimento médio de seu trabalho é cerca de 36% inferior ao dos homens.

Aliás, confirmando outros estudos, as mulheres no mercado de trabalho são, em média, mais escolarizadas do que os homens. A diferença de grau de instrução é particularmente aguda entre aqueles indivíduos nos perfis das “Trajetórias Instáveis” e das

“Trajetórias Seguras”. Aparentemente, a conquista pelas mulheres de uma determinada “carreira profissional” exige delas atributos bem maiores do que os de seus pares masculinos, ao menos pelo que se pode apreender do dado de grau de instrução.

Assim, adicionalmente a desvantagens no mercado de trabalho quanto a discriminação, segmentação e menores remunerações já constatadas em outros estudos, as mulheres também tendem a ter trajetórias ocupacionais piores, apesar de seu grau de instrução médio mais elevado. Portanto, não apenas na perspectiva mais “instantânea” (conforme indicado por desemprego mais elevado, menores rendimentos, ocupações piores, entre outros indicadores, num determinado momento do tempo), mas também de um ponto de vista mais “dinâmico”, que considera transições e intervalos de tempo, a participação das mulheres no mercado de trabalho tende a apresentar maiores dificuldades do que a dos homens.

Por outro lado, mesmo analisando-se cada sexo separadamente, não há uma relação tão direta entre escolaridade e estabilidade ocupacional (entendida em sentido amplo, para além do simples acúmulo de tempo na ocupação corrente). Pelo menos parte do ruído na relação entre escolaridade e estabilidade parece ser provocada por uma tendência, entre os que permanecem ativos, de os ocupados, independentemente de seu grau educacional, irem se acomodando em suas ocupações ou empresas na medida em que envelhecem (“efeito senioridade”). Essa tendência, combinada com os desníveis educacionais entre as coortes brasileiras mais velhas e as mais novas, enfraquece a relação entre “escolaridade” e “estabilidade socioocupacional”. Portanto, as condições mais seguras de vida e trabalho também estão bastante associadas a efeitos de idade e coorte. Isso explica, por exemplo, a presença de domésticas entre os que contam com “Trajetórias Seguras”. Ou, sob outra perspectiva, os efeitos redutores da escolarização sobre a instabilidade ocupacional perderiam força ao serem consideradas as características de idade e coorte dos indivíduos.

A tipologia de trajetórias obtida e, acredita-se, a análise realizada a partir dela reforçam a importância de se investigarem as realidades no mercado de trabalho abordando sua heterogeneidade em perspectiva dinâmica e incorporando explícita e integralmente os atributos de “idade” e “sexo”, sob risco de se perderem de vista dimensões essenciais na névoa dos “valores médios homogeneizantes”.

Para compreender como essas diferenças socioocupacionais afetam o bem estar das famílias, o próximo passo é investigar as relações entre as trajetórias ocupacionais segundo a posição na família, em especial a do chefe e de seu eventual cônjuge.

Capítulo 5

Os casamentos

5.1 - Os perfis individuais por posição na família

Antes de se proceder à análise das combinações de perfis socioocupacionais referentes aos membros dos casais, investigou-se a composição, por perfis, de cada posição na família. De todo modo, é importante se investigar a composição dos núcleos do arranjo familiar segundo sua composição e sexo do chefe (TAB. 6). Em 2001, dois terços das famílias da RMSP tinham no seu núcleo a combinação de “chefe” com “cônjuge”, ou seja, possuíam núcleos compostos, com chefia quase completamente masculina. No terço com núcleo simples preponderava por larga margem a chefia feminina.

TABELA 6:
Distribuição das famílias segundo tipo de núcleo
e sexo do chefe - RMSP - abr-dez/2001 (em %)

Sexo do chefe	Núcleo		total
	composto	simples	
masculino	66,00	8,85	74,85
feminino	1,51	23,64	25,15
total	67,51	32,49	100,00

Elaboração própria.

Obs.: Dados ponderados.

Nota: Sem ponderação, os núcleos compostos são 17192 e os simples, 8216, enquanto as famílias chefiadas por mulheres (com e sem cônjuge) são 6366 e por homens (idem), 19042.

Na análise a seguir, que relaciona os perfis individuais à posição na família, foram incluídos os indivíduos inativos, os com situação ocupacional indefinida e os desempregados sem experiência anterior de trabalho, categorias não incorporadas na elaboração dos perfis socioocupacionais individuais. Além disso, foram considerados apenas os indivíduos de 18 anos ou mais, nas seguintes posições na família: “chefe masculino com cônjuge”, “chefe masculino sem cônjuge”, “chefe feminino sem cônjuge”, “cônjuge feminino”, “filho” e “filha”. A inclusão na análise apenas de pessoas com pelo menos 18 anos decorre da curta experiência laboral e da alta proporção de inativos entre os “filhos” com menos de 18 anos, o que fez com que, por motivos de comparabilidade, fossem investigados, neste momento, somente os “chefes” e “cônjuges” com 18 anos ou mais. O par de posições “chefe feminino com cônjuge” e “cônjuge masculino” não foi

analisado em função de sua baixa ocorrência e da pequena representatividade amostral (TAB. 6).

Considerando as famílias segundo o tipo de núcleo e o sexo do chefe, constata-se que o padrão de perfis do “chefe masculino sem cônjuge” é muito similar ao do “chefe masculino com cônjuge” e, por outro lado, a estrutura do “chefe feminino sem cônjuge” é muito parecida com a do “cônjuge feminino” (TAB. 7).

TABELA 7:

Distribuição por perfil (em %) de maiores de 18 anos na posição de chefes masculinos com e sem cônjuges, chefes femininos sem cônjuges e cônjuges femininos - RMSP - abr-dez/2001

Perfil	chefe masculino		chefe fem sem cônj	cônjuge feminino
	sem cônj	com cônj		
Misto	(*)	0,77	1,85	1,25
Precário	7,83	7,44	11,23	12,29
Precário e Instável	(*)	(*)	4,28	2,54
Precário e Seguro	(*)	(*)	(*)	1,65
Instável e Precário	(*)	0,68	2,59	2,38
Instável	34,27	35,11	13,57	11,38
Instável e Seguro	8,16	8,14	3,94	3,78
Seguro e Precário	(*)	(*)	2,58	1,92
Seguro e Instável	5,65	5,15	2,70	3,91
Seguro	19,08	24,23	14,46	12,14
Inativo	22,12	16,04	40,57	45,87
Outro ⁽¹⁾	(*)	1,56	(*)	0,90
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

Elaboração própria.

Obs: Dados ponderados.

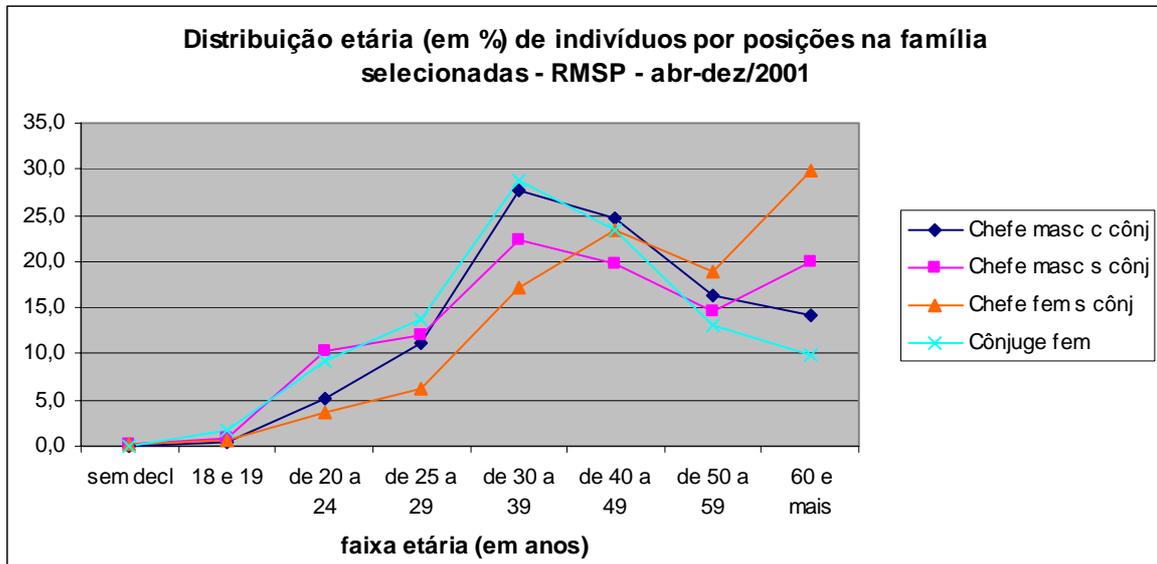
(*) - Valores não representativos.

(1) - A categoria "Outro" refere-se àqueles com situação ocupacional indefinida e desempregados sem experiência anterior de trabalho.

A semelhança entre as estruturas de perfis dos homens (chefes com e sem cônjuge), por um lado, e das mulheres (chefe e cônjuge), por outro, poderia indicar que “posição na família” não é tão determinante para as trajetórias ocupacionais quanto gênero o é. As maiores diferenças entre as respectivas estruturas localizam-se no grupo de “inativos” e no perfil de “Trajetórias Seguras”. A maior inatividade dos “chefes masculinos sem cônjuge”, em relação aos “com cônjuge”, se deve, pelo menos em parte, ao seu perfil etário mais envelhecido. Já entre as mulheres, apenas por conta do perfil etário, seria de se esperar que

a inatividade fosse maior entre as “chefes sem cônjuge” do que entre as “cônjuges”, o que não ocorre (GRÁF. 17).

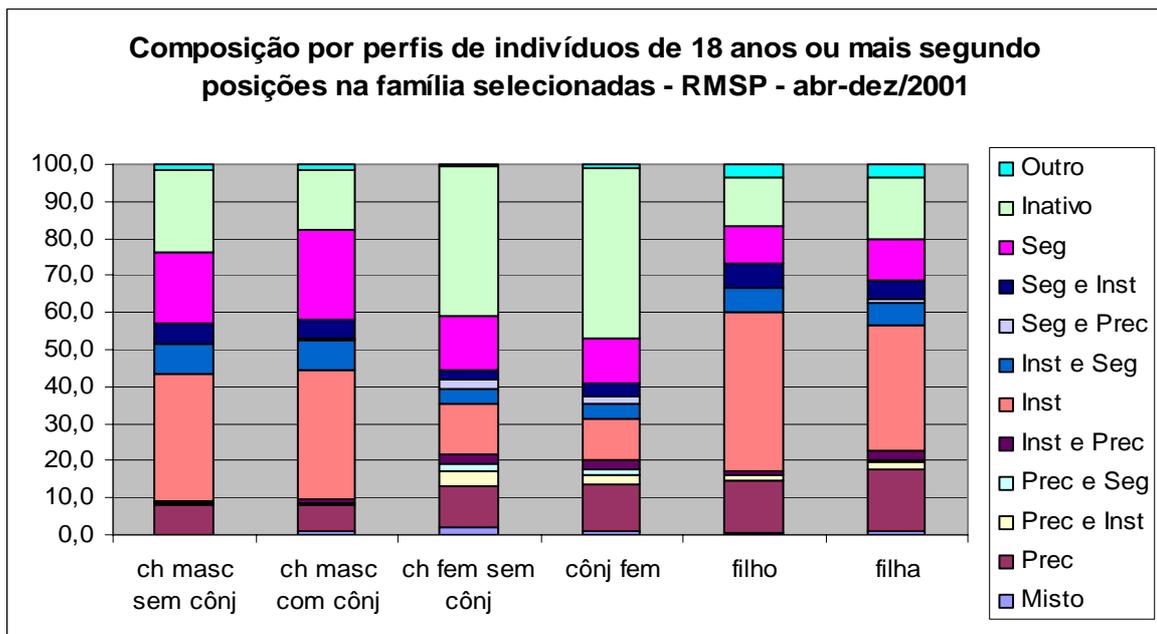
GRÁFICO 17:



Fonte: Elaboração própria.
Obs: Dados ponderados.

A comparação das estruturas de perfis dos “chefes masculinos” (com e sem cônjuge) com a das mulheres “chefe” e “cônjuge” revela distinções bem marcadas (TAB. 7 e GRÁF. 18).

GRÁFICO 18:



Fonte: Elaboração própria.
Obs: Dados ponderados.

Em torno de 45% das esposas ainda são inativas, a despeito do longo e acelerado processo de crescimento do nível de atividade econômica desse grupo desde meados da década de 1970. Mesmo entre as mulheres chefes sem cônjuge a inatividade é elevada.

Incorporando à análise a composição por perfis dos “filhos maiores de 18 anos” de ambos os sexos, fica claro que o padrão das características sociolaborais das “filhas” difere do das mulheres “chefes” e “cônjuges” (GRÁF. 18). Novamente a proporção das inativas gera a maior diferença entre os padrões. As “filhas” apresentam uma incidência muito menor de inatividade em relação às “chefes” e, principalmente, às “cônjuges”, compensada por uma parcela bem maior de mulheres com “Trajetórias Instáveis”.

Comparando as estruturas de “chefes” do sexo masculino, “filhos” e “filhas”, constata-se que as de “filhos” e “filhas” são bastante semelhantes entre si e diferentes das dos “chefes masculinos” (com e sem cônjuge). A proporção de homens “chefes” com “Trajetórias Seguras” é maior, enquanto as “Instáveis” e as “Precárias” são mais importantes para “filhos” e “filhas”. De todo modo, chama atenção a fração expressiva das “Instáveis” entre os homens “chefes”. Quanto aos “filhos” de ambos os sexos, sua taxa de atividade é tão alta quanto a dos “chefes” do sexo masculino ou até maior. Os “filhos” do sexo masculino são um pouco mais concentrados nas “Trajetórias Instáveis”, enquanto as frações das “Precárias” e da inatividade sobressaem um pouco mais entre as “filhas”⁵⁷. A estrutura típica dos “filhos” (de ambos os sexos) pode ser descrita como uma combinação de instabilidade e precariedade na inserção sociolaboral.

Portanto, encontram-se três grupos de desempenho socioeconômico na RMSF segundo a posição na família: primeiro, o de chefes do sexo masculino, com e sem cônjuges; segundo, o de chefes do sexo feminino e de esposas; e, terceiro, o de filhos de ambos os sexos com 18 anos ou mais⁵⁸.

Pode-se comparar essa categorização de desempenho socioeconômico com a desenvolvida por MONTALI (1998, *apud* MONTALI, LOPES, 2002, p. 23), apesar das diferenças de características estudadas, método aplicado e resultados. Baseada nas características de nível de atividade, taxa de desemprego e posição na ocupação (ou seja, em indicadores de pesquisas transversais), MONTALI (1998, *apud* MONTALI, LOPES, 2002) identificou três grupos de indivíduos por posição na família com inserções no

⁵⁷ Analisando-se as taxas específicas de atividade, constata-se que as mulheres tendem a ingressar um pouco mais tarde no mercado de trabalho.

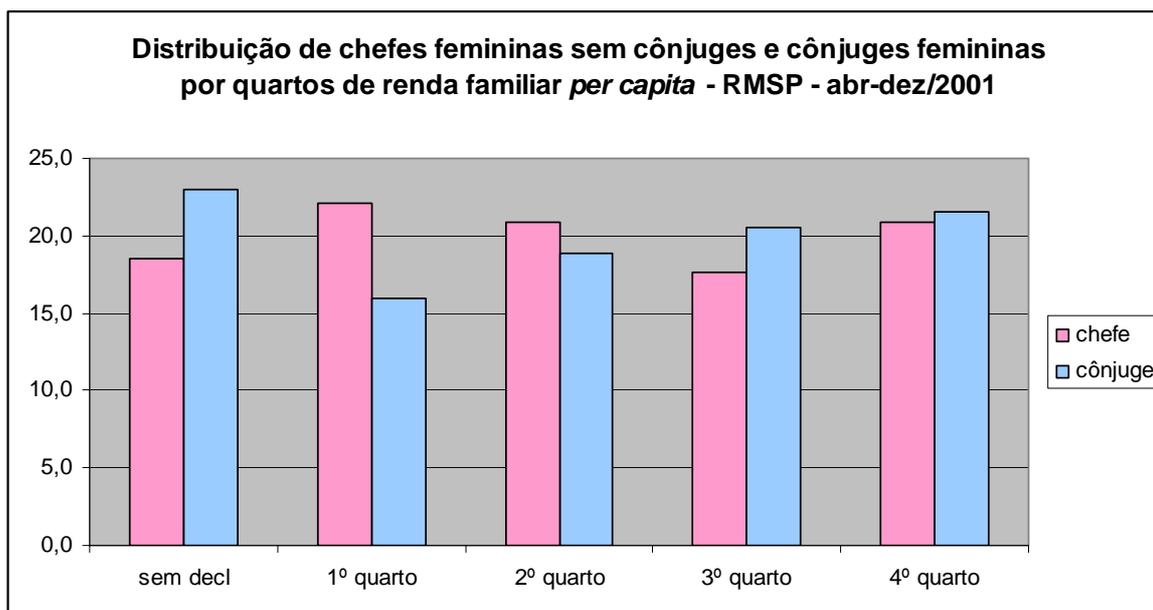
⁵⁸ Os chefes e cônjuges com menos de 18 anos são tão poucos que, se fossem considerados, as correspondentes composições por perfil não seriam alteradas. Por outro lado, os perfis sociolaborais de filhos maiores de 18 anos são muito diferentes daqueles dos filhos menores.

mercado de trabalho semelhantes: primeiro, de homens “chefes” e “filhos com 18 anos ou mais” de ambos os sexos; segundo, de mulheres “chefes” e “cônjuges”; e, terceiro, de “filhos menores de 18 anos” de ambos os sexos. A tipologia criada por MONTALI (1998) analisa basicamente a inserção econômica dos indivíduos, enquanto que a tipologia proposta neste estudo toma em consideração um leque bem maior de características, em particular as que se referem a aspectos dinâmicos de desempenho no mercado de trabalho. Como os “filhos menores de 18 anos” não foram incluídos no presente estudo, a maior diferença entre as duas tipologias diz respeito à agregação dos “chefes” do sexo masculino com os “filhos maiores” em um grupo ou à sua classificação em dois grupos distintos. É possível pensar que as histórias ocupacionais de “chefes” e de “filhos” tendem a se diferenciar, mesmo que os indicadores referentes a eles fornecidos por pesquisas transversais guardem semelhanças entre si. Ademais, o método de criação da tipologia aplicado neste estudo considera atributos individuais (como, por exemplo, idade e, até mesmo, posição na família) que são diferentes para “chefes” e “filhos”, o que tende a colocar uns e outros sob órbita de perfis distintos.

De todo modo, ainda que a partir de características e métodos diferentes, uma conclusão deste estudo corrobora a classificação desenvolvida por MONTALI (1998): as mulheres que são “chefes” e as que são “cônjuges” tendem a apresentar uma composição de perfis muito semelhante. Por conta de sua possivelmente maior responsabilidade pela sobrevivência da família, era de se esperar da mulher chefe de família sem cônjuge uma performance econômica mais estável e segura. Com base apenas na estrutura de perfis, poderia se pensar que o desempenho econômico da mulher do núcleo familiar é, em essência, o mesmo, tendo ela um esposo ou não.

O fato de a taxa de inatividade econômica entre as “chefes” do sexo feminino ser tão alta e quase tão elevada quanto entre as “cônjuges” aponta para condições de vida possivelmente mais difíceis nas famílias chefiadas por mulheres sem parceiro. Entretanto, essa inferência pode ser enganadora em alguma medida. A alta inatividade e o desempenho socioeconômico sofrível de mulheres “chefes” são compensados, pelo menos em parte, pelo seu tipo de inatividade e pelo tamanho de suas famílias. Na média, a “chefe” tem 50,3 anos de idade e sua família compõe-se de 2,8 membros, enquanto a “cônjuge” tem 39,9 anos e sua família, 3,8 membros. Ademais, cerca de 22% das “chefes” recebem benefícios previdenciários, contra menos de 4% das esposas. Ainda assim, as famílias chefiadas por mulher sem parceiro tendem a se concentrar um pouco mais entre as mais pobres, embora a não declaração de rendimentos possa distorcer essa conclusão (GRÁF. 19).

GRÁFICO 19:



Fonte: Elaboração própria.

Obs: Dados ponderados.

5.2 - A combinação dos perfis individuais pelos casamentos

A investigação acerca dos tipos de casamento pode ser empreendida, numa primeira análise, estudando-se os cruzamentos dos perfis individuais do “chefe” e do respectivo “cônjuge”, com base nos tipos socioocupacionais desenvolvidos na etapa anterior deste estudo. Além dos dez perfis obtidos, foram incluídas as categorias de “inativos”, de “desempregados sem experiência anterior de trabalho”, “situação ocupacional indefinida” e “idade entre 10 e 15 anos”, as quais não foram consideradas para construção dos perfis. Com exceção dos “inativos”, as demais categorias foram agregadas em “outros” por conta de sua pequena expressão numérica.

Com os dez perfis obtidos somados aos “inativos” e “outros”, a análise dos cruzamentos dos perfis nos casais utiliza uma matriz de tamanho 12 por 12, com 144 possibilidades de cruzamentos de tipos de “chefe” com tipos de “cônjuge” (TAB. 8).

TABELA 8:

Combinação dos perfis individuais de "chefe" e respectivo "cônjuge" - RMSP - abr-dez/2001

Cônjuges	Chefes												Total
	Misto	Prec	Prec e Inst	Prec e Seg	Inst e Prec	Inst	Inst e Seg	Seg e Prec	Seg e Inst	Seg	Inativo	Outro	
Misto	0,01	0,13	0,01	0,01	0,02	0,50	0,14	0,01	0,06	0,20	0,15	0,01	1,25
Prec	0,19	2,11	0,05	0,02	0,17	5,75	0,63	0,07	0,24	1,84	0,94	0,28	12,29
Prec e Inst	0,02	0,26	0,02	0,00	0,02	1,28	0,23	0,00	0,08	0,35	0,16	0,04	2,47
Prec e Seg	0,02	0,20	0,01	0,00	0,02	0,61	0,15	0,00	0,03	0,35	0,19	0,02	1,60
Inst e Prec	0,04	0,36	0,00	0,00	0,02	1,14	0,17	0,01	0,09	0,30	0,16	0,06	2,34
Inst	0,03	0,80	0,12	0,01	0,07	5,73	1,22	0,03	0,65	2,27	0,76	0,17	11,86
Inst e Seg	0,01	0,14	0,02	0,01	0,02	1,34	0,51	0,00	0,35	1,11	0,26	0,03	3,81
Seg e Prec	0,02	0,22	0,02	0,00	0,02	0,61	0,07	0,02	0,06	0,42	0,35	0,04	1,87
Seg e Inst	0,00	0,08	0,03	0,02	0,01	1,14	0,50	0,01	0,55	1,25	0,23	0,04	3,86
Seg	0,02	0,63	0,07	0,05	0,01	2,93	1,20	0,01	0,98	4,54	1,53	0,14	12,12
Inativo	0,42	2,48	0,10	0,12	0,34	13,30	3,13	0,21	2,03	11,31	11,42	0,65	45,51
Outro	0,02	0,12	0,01	0,00	0,02	0,39	0,09	0,01	0,02	0,14	0,14	0,08	1,03
Total	0,81	7,53	0,48	0,24	0,75	34,71	8,05	0,39	5,13	24,07	16,27	1,57	100,00

Elaboração própria.

Obs.: Dados ponderados. São 16100 casais, com ponderação, e 17192 casais, sem ponderação.

(1) - A categoria "Outros" refere-se à soma de indivíduos desempregados sem experiência anterior, com situação ocupacional indefinida e com idades entre 10 e 15 anos.

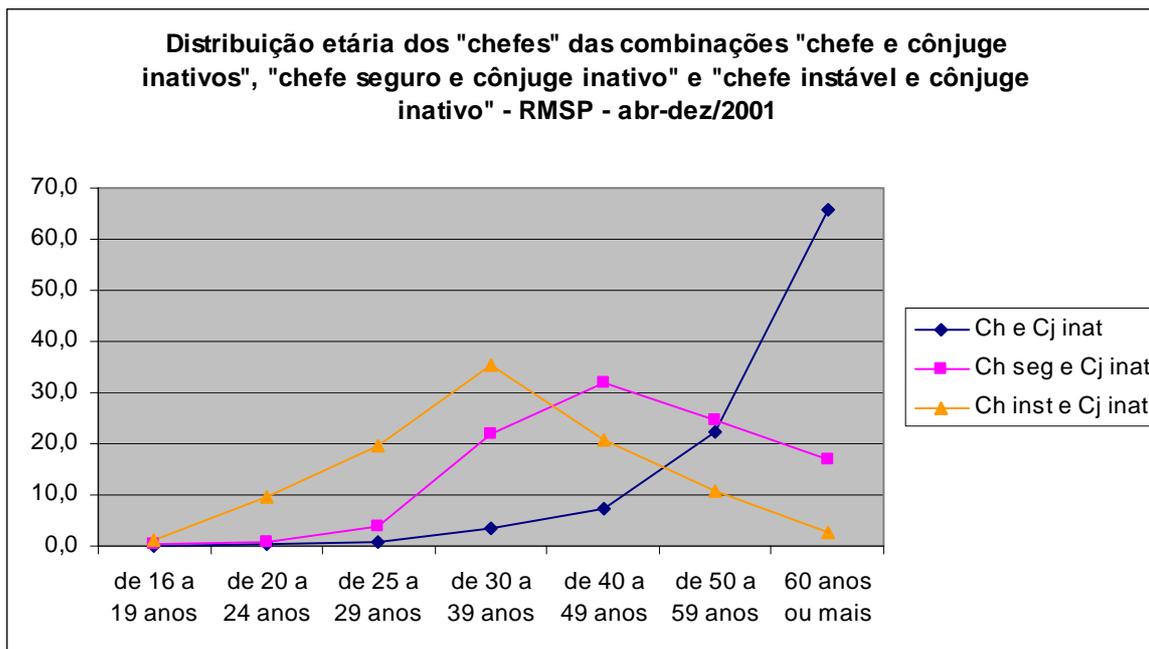
Uma matriz 12 por 12 sugere uma fragmentação grande de pareamentos de membros dos casais, a não ser que muitas células permaneçam vazias, ou seja, que diversas possibilidades de cruzamentos não sejam observadas na realidade. Os dados dos cruzamentos de perfis de “chefes” e “cônjuges” mostram uma fragmentação relativamente grande das combinações. Apenas 12 combinações (que se encontram sombreadas na TAB. 8) respondem, cada uma, por no mínimo 2% do total de casais, sendo o peso da mais freqüente de cerca de 13%.

Outra observação diz respeito à concentração das “cônjuges” no grupo dos “inativos”, que, como já visto, abrange 45% dessa posição na família. O peso dos “inativos” e a relativa fragmentação dos cônjuges entre os outros tipos fazem com que as três combinações mais freqüentes, com proporções semelhantes, contenham “cônjuges” inativos: chefes de “Trajetórias Instáveis” com cônjuges “Inativos” (com 13,3% do total de casais); chefes e cônjuges “Inativos” (com 11,4%); e chefes de “Trajetórias Seguras” com cônjuges “Inativos” (com 11,3%). Apesar da vasta possibilidade de combinações, somente esses três pares de tipos abarcam 36% de todos os casais na RMSP.

No entanto, os padrões de inatividade dos cônjuges nos três pares mais comuns são um pouco diferentes, mesmo a inatividade ocorrendo por aposentadoria ou responsabilidade pelos afazeres domésticos em cerca de 97% dos casos de cada uma das combinações. No par de “chefe e cônjuge inativos”, a inatividade do cônjuge por aposentadoria alcança 16,8% dos casos; no “chefe seguro e cônjuge inativo”, 6,1%; e, no “chefe instável e cônjuge inativo”, 1,8%.

Parte da diferença na inatividade do cônjuge está associada ao perfil etário diferenciado de “chefe” e “cônjuge” de cada combinação de tipos (GRÁFs. 20 e 21). O par “chefe e cônjuge inativos” possui uma distribuição etária muito específica e tende a apresentar idade bem avançada: 65,5% dos chefes e 53,4% dos cônjuges têm 60 anos ou mais. “Chefe seguro e cônjuge inativo” e “chefe instável e cônjuge inativo” apresentam distribuições etárias distintas também entre si, ainda que de forma não tão pronunciada quanto em relação à combinação “chefe e cônjuge inativos”. A combinação “chefe instável e cônjuge inativo” tende a prevalecer relativamente mais em idades mais jovens e a de “chefe seguro e cônjuge inativo”, em idades intermediárias.

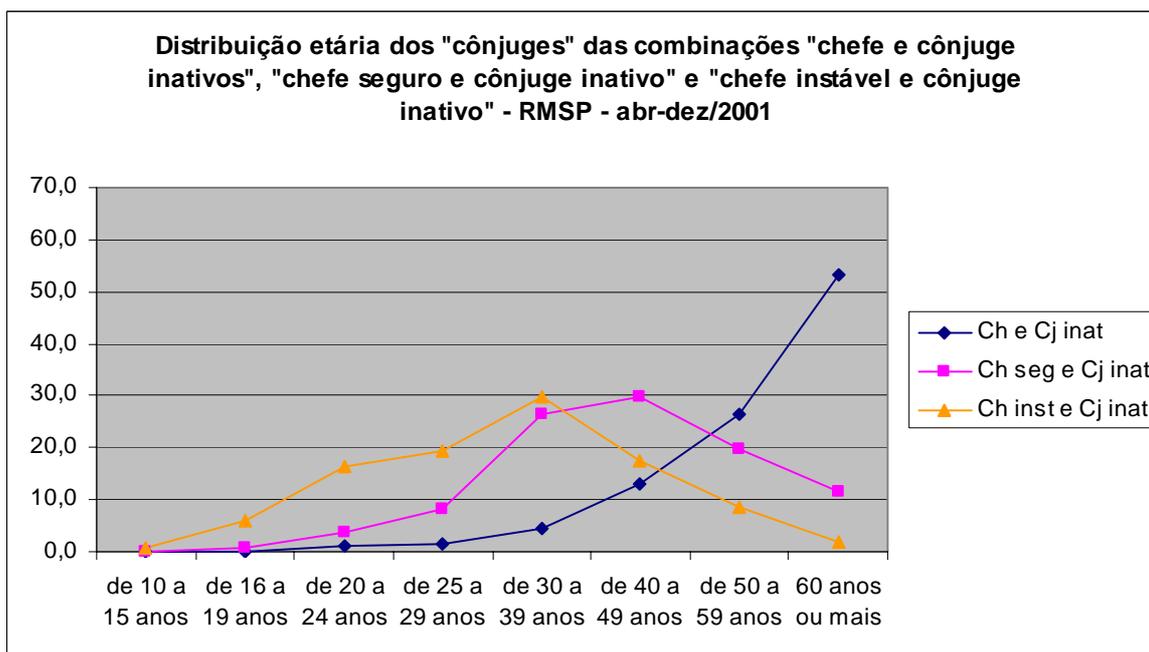
GRÁFICO 20:



Fonte: Elaboração própria.

Obs: Dados ponderados.

GRÁFICO 21:



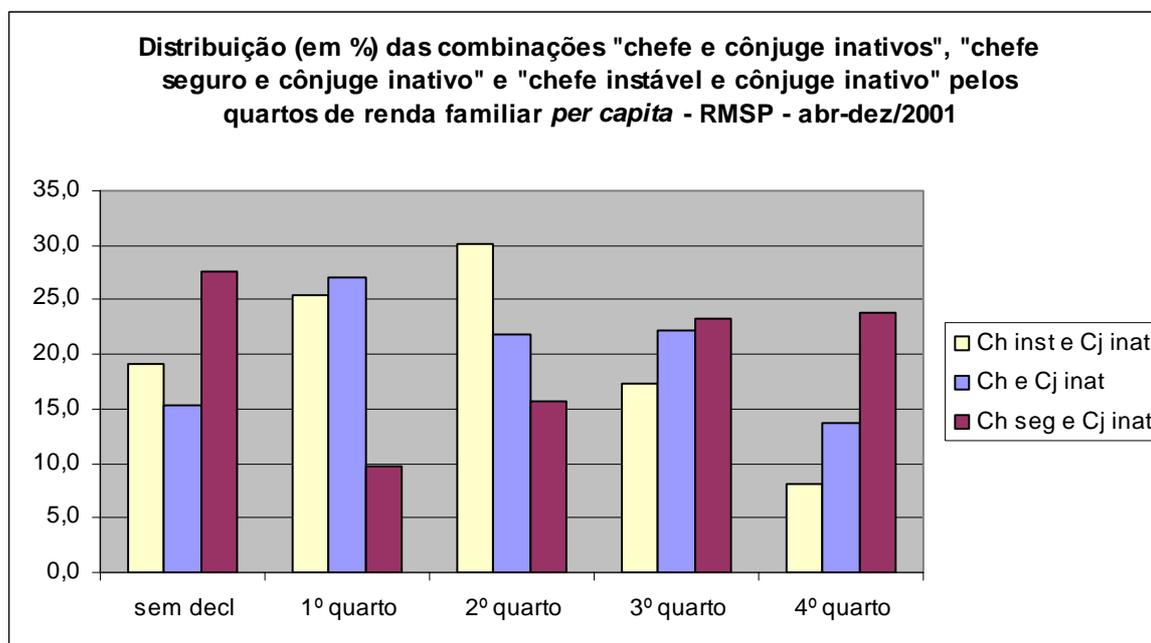
Fonte: Elaboração própria.

Obs: Dados ponderados.

Apesar de os GRÁF. 20 e 21 apresentarem, respectivamente, as estruturas etárias dos chefes e dos cônjuges sem relacionarem a idade de um à do outro, a semelhança entre as curvas de cada combinação sugere que as idades dos membros desses casais são semelhantes.

Em que pese a alta incidência de não declaração de renda familiar, pode-se afirmar que, quanto aos rendimentos, a combinação mais favorável tende a ser a de “chefe seguro e cônjuge inativo” e a menos favorável, “chefe instável e cônjuge inativo” (GRÁF. 22).

GRÁFICO 22:



Fonte: Elaboração própria.
Obs: Dados ponderados.

Depois dessas três combinações de perfis mais frequentes, seguem outras três, que também correspondem a proporções semelhantes entre si e que não dispõem de “cônjuges” inativos: “chefes instáveis e cônjuges precários” (5,75% dos casais), “chefes e cônjuges instáveis” (5,73%) e “chefes e cônjuges seguros” (4,54%). Assim, os seis pares mais comuns compõem-se de combinações apenas de “Inativos” e “tipos” puros (“Trajetórias Instáveis”, “Seguras”, “Precárias”) e englobam 52% de todos os casais da RMSP.

Ampliando-se um pouco mais o critério de relevância das combinações, constata-se que são 12 as que correspondem a, no mínimo, 2% dos casamentos, das quais dois pares trazem chefes com perfis mistos. Esses 12 pares (8,33% dos 144 possíveis) englobam 67% dos casamentos da RMSP em 2001.

Do ponto de vista do bem estar familiar, pode-se dizer que a melhor combinação dentre todas as possíveis tende a ser a de “chefes e cônjuges seguros” (a 5ª mais frequente) e uma parcela da de “chefes seguros e cônjuges inativos”. No outro extremo, as piores combinações de todas tendem a ser a de “chefe e cônjuge precários” e a de “chefe precário

e cônjuge inativo”⁵⁹. Essas duas combinações, que correspondem à *extrema precariedade* socioocupacional entre os casais, são a 11ª e a 9ª mais freqüentes, abrangendo pouco mais de 2% dos casais cada.

Apesar dessa relativa concentração de casais nas 12 combinações mais comuns e, conseqüentemente, de seu potencial explicativo, foi desenvolvida, como uma possibilidade alternativa para estudo das conjugações de características sociolaborais pelo casamento, uma tipologia específica, que classifica as famílias segundo características do chefe e respectivo cônjuge. A tipologia de casais utiliza a mesma base de dados, o mesmo método e um conjunto um tanto distinto de variáveis daqueles empregados no desenvolvimento da tipologia dos perfis socioocupacionais individuais. A nova tipologia e sua análise são apresentadas a seguir.

5.3 - A tipologia dos casais

5.3.1- Aplicação do modelo de graus de pertencimento

Nesta etapa, foi construída uma tipologia de casamentos. Ou seja, apenas famílias com núcleos compostos (chefe e cônjuge) compuseram a base para obtenção da classificação. O modelo final escolhido para obtenção dos perfis e dos graus de pertencimento dos casais aos perfis incorporou três conjuntos de características: da família, do chefe e do cônjuge. No que se refere ao chefe e ao cônjuge, foram considerados os atributos pessoais e indicadores ocupacionais tanto dos indivíduos economicamente ativos quanto dos inativos. Aqueles com situação ocupacional indefinida (100 chefes e 46 cônjuges) e os menores de 16 anos (1 chefe e 25 cônjuges), em conjunto com seus respectivos parceiros, foram excluídos da base devido a limitações nos seus dados.

⁵⁹ De fato, considerando-se as famílias no 1º quarto de renda familiar *per capita*, essas duas combinações são aquelas que, ao mesmo tempo, estão entre as quatro mais comuns entre as famílias mais pobres e reportam cerca de 77% de seus casais entre as famílias mais pobres. Ou seja, levando-se em conta o critério de proporção de famílias do 1º quarto de renda familiar *per capita* de cada combinação e combinações mais comuns entre as famílias mais pobres, “chefe e cônjuge precários” e a de “chefe precário e cônjuge inativo” constituem as combinações com maior incidência de pobreza e de contribuição para a pobreza. Já entre os mais ricos, a combinação “chefe e cônjuge seguros” é a segunda que mais contribui para o grupo de ricos, mas apenas 45% dos casais com esta classificação estão entre os mais ricos. “Chefe seguro e cônjuge inativo” é o grupo com maior peso entre as famílias mais ricas, mas, sendo um grupo volumoso, apenas 24% de seus casais estão entre os ricos.

Assim como no desenvolvimento da tipologia individual, também nesta etapa as variáveis contínuas (tempos, rendimentos e proporções) foram transformadas em categóricas por meio de quartis, com os menores valores no primeiro quarto e os maiores, no último. Foram cinco as variáveis utilizadas referentes às famílias, 21 as variáveis referentes ao chefe e 21 ao cônjuge, num total de 47 variáveis por casal. As variáveis da família são: número de famílias no domicílio, tamanho da família, presença de criança menor de sete anos na família, quartos de proporção de ocupados na família e quartos de renda familiar *per capita*. As variáveis do chefe e do cônjuge são as mesmas e correspondem a: sexo, faixa etária, nível educacional, “cor”, condição de migração, posição no domicílio⁶⁰, números de episódios de ocupação e de não ocupação relatados, situação ocupacional, posições na ocupação corrente, anterior e pré-anterior, setores de atividade da ocupação corrente, anterior e pré-anterior, tipo ou tamanho de empresa em que trabalha, ocorrência de parente (co-residente) desempregado, quartos de proporção de tempo de ocupação em relação ao tempo total relatado, quartos de tempo total relatado, tipo de inatividade e quartos de rendimento individual.

São necessárias algumas observações adicionais sobre as variáveis utilizadas nesta etapa. Em relação à tipologia individual desenvolvida e apresentada anteriormente, algumas variáveis foram introduzidas e outras tiveram suas respostas recodificadas. Foram incluídas as questões sobre tipo de inatividade, quartos de rendimento individual, posição no domicílio e número de famílias no domicílio. As respostas recodificadas dizem respeito às variáveis quartos de tempo relativo de ocupação, quartos de tempo total e quartos de proporção de ocupados na família. Essas modificações devem-se, principalmente, à consideração também de indivíduos inativos para construção da tipologia e, secundariamente, ao fato de se tratar, nesta etapa, de uma classificação de casais e não mais de indivíduos. Como é expressivo o contingente de inativos (em particular, das cônjuges inativas) e, dentre eles, aqueles sem experiência anterior de trabalho ou com experiência há mais de oito anos, que não relatam episódios e tempos de ocupação e de não ocupação, avaliou-se como necessário introduzir respostas “zero” para “quartos de tempo relativo de ocupação” e “quartos de tempo total”, à parte da categorização segundo quartis. Além disso, como os inativos não têm rendimento do trabalho, ao invés da variável “quartos de rendimento do trabalho”, empregou-se a variável “quartos de rendimento individual total”, de modo a abarcar outros tipos de rendimento (em especial, as

⁶⁰ Isto é, posição do chefe (ou do cônjuge) da *família* no *domicílio*. Em domicílios com apenas uma família, obviamente as posições na família e no domicílio coincidem.

aposentadorias), incluindo-se como possibilidade de resposta o rendimento individual inexistente (“renda zero”). Também se codificaram as famílias que não contavam com nenhum indivíduo economicamente ocupado como um grupo à parte da categorização por quartis. A adoção de respostas que distinguem os inativos entre si (como a questão de “tipo de inatividade” ou as respostas de “inativo sem experiência” ou “inativo com experiência” no quesito de “situação ocupacional”) visa possibilitar o estabelecimento de diferenças entre os casais que têm um ou ambos de seus membros inativos, dado o volume expressivo de indivíduos nessa categoria. Apesar de serem poucos os domicílios compartilhados por mais de uma família, constatou-se, por meio da análise de resultados de modelos diferentes, que as variáveis de “número de famílias no domicílio” e “posição do chefe (ou do cônjuge) no domicílio” discriminavam alguns tipos específicos de casais e, portanto, deveriam ser incorporadas. Por fim, vale lembrar que todas as variáveis categorizadas segundo quartis foram recalculadas de modo a serem ordenados os valores dos elementos em análise (famílias, chefes e cônjuges, conforme o caso). Assim, por exemplo, os “quartos de tempo total” do cônjuge utilizados na construção da tipologia de casais levam em conta apenas os tempos relatados pelos cônjuges (ativos ou inativos), diferentemente da tipologia anterior, quando a categorização ordenava os intervalos de todos os indivíduos (ativos), fossem eles chefes, cônjuges, filhos ou tivessem outra posição na família.

Depois de alguns testes com diferentes combinações de variáveis, codificação de respostas e número de perfis extremos, optou-se pelo modelo que identifica três perfis extremos.

Assim como no caso da tipologia de perfis individuais, procedeu-se à descrição dos perfis com base na relação entre as probabilidades estimadas (*lambdas*), para cada um dos três perfis, de cada resposta a cada variável, e a distribuição da frequência marginal das mesmas respostas, tomando por referência a linha de corte de 1,2. Ou seja, quando a divisão de *lambda* pela frequência da resposta à variável supera 1,2, entende-se que a característica indicada pela resposta tende probabilisticamente a distinguir o perfil.

Os resultados das probabilidades estimadas por resposta e perfil encontram-se na Tabela 2 do Anexo (TAB. 2-A)⁶¹. A última coluna da tabela (“Lambdas / Freq”), que se

⁶¹ Da mesma forma como na obtenção dos perfis individuais, o programa estatístico utilizado para rodar o GoM foi a versão 3.4, desenvolvida no Departamento de Epidemiologia e Saúde Pública da Universidade de Yale, dos EUA, por Burt Singer e Peter Charpentier e adaptada para plataforma Unix por Rafael Kelles Vieira Laje, engenheiro de sistemas da Sun Microsystems. Utilizou-se o método aleatório (“INLAMBDA RANDOM;”) para definição das probabilidades iniciais, de onde partem as iterações até o alcance da máxima verossimilhança. Não se verificou instabilidade dos resultados, que poderia ocorrer por não se partir de um

subdivide em três colunas menores correspondentes a cada um dos perfis, traz células sombreadas a indicar características de cada um deles. Com base nas células sombreadas que constam da TAB. 2-A, foram caracterizados e nomeados os três perfis extremos, conforme apresentado no QUADRO IV a seguir.

QUADRO IV – Descrição dos Perfis Extremos da tipologia de casais segundo maiores probabilidades de respostas às variáveis

(continua)

Variáveis	Casais Vulneráveis	Casais Duplo Instáveis	Casais Estabilizados
nfam	três ou duas famílias no domicílio	número de famílias não discrimina	número de famílias não discrimina
tfam	famílias grandes: 9 ou mais, 8, 7 ou 6 membros na família	famílias pequenas: 3 membros na família	famílias bem pequenas: 2 membros na família
iccf	há menor de 7 anos na família	há menor de 7 anos na família	não há menor de 7 anos na família
qpof2	baixa ou média-baixa proporção de ocupados na família (1º ou 2º quarto) ou sem ocupados na família	alta ou média-alta proporção de ocupados na família (4º ou 3º quarto)	média-alta proporção de ocupados na família (3º quarto)
qrfc3	baixa ou média-baixa renda familiar <i>per capita</i> (1º ou 2º quarto)	média renda familiar <i>per capita</i> (3º ou 2º quarto)	alta ou média-alta renda familiar <i>per capita</i> (4º ou 3º quarto) ou sem declaração
sexo.1	sexo do chefe não discrimina	chefe mulher	sexo do chefe não discrimina
fxet.1	chefes adolescentes ou jovens adultos (16 a 19, 20 a 24 ou 30 a 39 anos)	chefes adultos jovens (25 a 29, 20 a 24 ou 30 a 39 anos)	chefes mais velhos (60 anos ou mais ou 50 a 59 anos)
inst2.1	chefe com baixa escolaridade (analfabeto ou fundamental incompleto)	chefe com média ou média-alta escolaridade (médio incompleto, superior incompleto, médio completo ou fundamental completo)	chefe com alta escolaridade (superior completo ou incompleto)
cor.1	chefe de cor "preta ou parda"	"cor do chefe" não discrimina	chefe de cor "branca ou amarela"
migr10.1	imigrantes há menos de 10 anos	imigrantes há menos de 10 anos	condição de migração não discrimina
c030.1	chefe da família outro parente ou filho (no domicílio)	chefe da família filho (no domicílio)	"posição do chefe da família no domicílio" não discrimina
q451.1	tipo de inatividade do chefe: outro, vive de ajuda, vive de renda, em licença médica ou afazeres domésticos	chefe não é inativo	tipo de inatividade do chefe: aposentado

conjunto predeterminado de probabilidades iniciais. Os valores iniciais dos graus de pertencimento foram dados pelo método do sistema na ausência de definição alternativa ("INGAMMA DEFAULT;").

QUADRO IV – Descrição dos Perfis Extremos da tipologia de casais segundo maiores probabilidades de respostas às variáveis

(continuação)

Variáveis	Casais Vulneráveis	Casais Duplo Instáveis	Casais Estabilizados
epioc.1	chefe com dois episódios de ocupação relatados	chefe com três ou dois episódios de ocupação relatados	chefe com um ou nenhum episódio de ocupação relatado
epids.1	chefe com dois ou um episódio de desocupação relatado	chefe com dois episódios de desocupação relatados	chefe com nenhum episódio de desocupação relatado
sitocr.1	chefe desempregado há menos de oito anos ex-outros ou ex-assalariados ou inativo com experiência	chefe ocupado há menos de oito anos	chefe ocupado há oito anos ou mais ou inativo com experiência
pos1.1	sem "posição na ocupação atual" (desempregado ou inativo) ou assalariado sem carteira	posição na ocupação atual: empregado doméstico ou assalariado com carteira ou sem carteira	posição na ocupação atual: outro, assalariado público, empregador ou autônomo
pdio.1	posição na ocupação anterior do chefe: autônomo, assalariado ou outro	posição na ocupação anterior do chefe: empregado doméstico, outro, assalariado ou autônomo	"posição na ocupação anterior" do chefe não se aplica ou nunca trabalhou
pos3.1	posição na ocupação pré-anterior do chefe: sem declaração ou todas, com exceção de assalariado do setor público (autônomo, assalariado com carteira, sem carteira, outro ou doméstico)	posição na ocupação pré-anterior do chefe: todas (assalariado do setor público, outro, com carteira, doméstico, sem carteira ou autônomo) ou sem declaração	"posição na ocupação pré-anterior" do chefe não se aplica
ram2.1	"setor de atividade atual" do chefe não se aplica (desempregado ou inativo) ou construção	setor de atividade atual do chefe: serviços domésticos, indústria, comércio, serviços ou construção	setor de atividade atual do chefe: serviços
rdio.1	setor de atividade anterior do chefe: todos, com exceção do serviço doméstico (construção, indústria, outros, serviços ou comércio)	setor de atividade anterior do chefe: todos, com exceção de construção (serviços domésticos, serviços, comércio, indústria ou outros)	"setor de atividade anterior" do chefe não se aplica
ram3.1	setor de atividade pré-anterior do chefe: sem declaração ou todos (construção, outros, serviços, indústria, comércio ou serviços domésticos)	setor de atividade pré-anterior do chefe: todos, com exceção de construção: comércio, indústria, serviços, serviços domésticos ou outros	"setor de atividade pré-anterior" do chefe não se aplica

QUADRO IV – Descrição dos Perfis Extremos da tipologia de casais segundo maiores probabilidades de respostas às variáveis

(continuação)

Variáveis	Casais Vulneráveis	Casais Duplo Instáveis	Casais Estabilizados
tamemp.1	chefe sem tipo/tamanho de empresa (inativo ou desempregado) ou não sabe em que tipo ou tamanho de empresa trabalha	chefe trabalha em casa alheia ou em empresas com mais de 3 empregados ou não sabe em que tipo/tamanho de empresa trabalha ou com familiares/sócios/até 2 empregados	chefe trabalha em instituição pública ou sozinho ou com familiares/sócios/até 2 empregados
tdsf.1	chefe tem parente desempregado	"parente desempregado" do chefe não discrimina	"parente desempregado" do chefe não discrimina
qtotr.1	chefe com baixa ou médias proporções de tempo de ocupação sobre tempo total relatado: 1º, 2º ou 3º quarto	chefe com médias proporções de tempo de ocupação sobre tempo total relatado: 3º ou 2º quarto	chefe com alta proporção de tempo de ocupação sobre tempo total relatado (4º quarto) ou declaração do tempo não se aplica
qttr.1	chefe com baixo ou médio-baixo tempo total relatado: 1º ou 2º quarto	chefe com médio-baixo ou baixo tempo total relatado: 2º ou 1º quarto	chefe com alto ou médio-alto tempo total relatado: 4º ou 3º quarto
qrti.1	chefe sem rendimentos ou com rendimento individual baixo (1º quarto)	chefe com rendimento individual médio-baixo (2º quarto)	chefe com rendimentos individuais elevados (4º ou 3º quartos) ou sem declaração
sexo.2	sexo do cônjuge não discrimina	cônjuge homem	sexo do cônjuge não discrimina
fxet.2	cônjuges adolescentes ou jovens (de 16 a 19 ou 20 a 24 anos)	cônjuges jovens adultos (25 a 29, 20 a 24 ou 30 a 39 anos)	cônjuges adultos mais velhos (60 anos e mais, 50 a 59 anos ou 40 a 49)
inst2.2	cônjuge com baixa escolaridade (analfabeto ou fundamental incompleto)	cônjuge com média alta escolaridade (superior incompleto, médio completo ou incompleto)	cônjuge com alta escolaridade (superior completo)
cor.2	cônjuge de cor "preta ou parda"	cor do cônjuge não discrimina	cônjuge de cor "branca ou amarela"
migr10.2	cônjuge imigrante recente	cônjuge imigrante recente	cônjuge nativo ou imigrante antigo
c030.2	cônjuge outro parente (no domicílio)	cônjuge filho (no domicílio)	posição do cônjuge no domicílio não discrimina
q451.2	tipo de inatividade do cônjuge: vive de ajuda, licença médica ou afazeres domésticos	cônjuge não é inativo	tipo de inatividade do cônjuge: aposentado ou afazeres domésticos
epioc.2	cônjuge com nenhum ou um episódio de ocupação relatado	cônjuge com três ou dois episódios de ocupação relatados	cônjuge com um episódio de ocupação relatado
epids.2	cônjuge com um episódio de desocupação relatado	cônjuge com dois episódios de desocupação relatados	cônjuge com nenhum episódio de desocupação relatado

QUADRO IV – Descrição dos Perfis Extremos da tipologia de casais segundo maiores probabilidades de respostas às variáveis

(continuação)

Variáveis	Casais Vulneráveis	Casais Duplo Instáveis	Casais Estabilizados
sitocr.2	todas as categorias de inatividade e desemprego: cônjuge inativo sem experiência ou desempregado há menos de oito anos ex-outros ou sem experiência ou há oito anos ou mais ou há menos de oito anos ex-assalariados ou inativo com experiência	cônjuge ocupado há menos de oito anos	cônjuge ocupado há oito anos ou mais ou inativo com experiência
pos1.2	cônjuge sem "posição na ocupação atual" (desempregado ou inativo)	posição na ocupação atual: assalariado sem carteira, empregado doméstico, com carteira, autônomo, trabalhador familiar ou empregador	posição na ocupação atual do cônjuge: assalariado público, outro, empregador, trabalhador familiar ou sem "posição na ocupação atual" (desempregado ou inativo)
pdio.2	posição na ocupação anterior do cônjuge: nunca trabalhou, sem declaração ou empregado doméstico	posição na ocupação anterior: assalariado, outro, autônomo ou empregado doméstico	"posição na ocupação anterior" do cônjuge não se aplica
pos3.2	cônjuge sem declaração de "posição na ocupação pré-anterior" ou não se aplica	posição na ocupação pré-anterior: todas (assalariado do setor público, outro, autônomo, assalariado com carteira, doméstico ou sem carteira) ou sem declaração	"posição na ocupação pré-anterior" do cônjuge não se aplica
ram2.2	"setor de atividade atual" do cônjuge não se aplica (desempregado ou inativo)	setor de atividade atual do cônjuge: indústria, serviços domésticos, comércio, construção ou serviços	"setor de atividade atual" do cônjuge não se aplica (desempregado ou inativo)
rdio.2	setor de atividade anterior do cônjuge: serviços domésticos ou outros	setor de atividade anterior do cônjuge: comércio, serviços, indústria, construção, outros ou serviços domésticos	"setor de atividade anterior" do cônjuge não se aplica
ram3.2	"setor de atividade pré-anterior" do cônjuge sem declaração ou não se aplica	setor de atividade pré-anterior do cônjuge: comércio, indústria, serviços, serviços domésticos, construção, outros ou sem declaração	"setor de atividade pré-anterior" do cônjuge não se aplica

QUADRO IV – Descrição dos Perfis Extremos da tipologia de casais segundo maiores probabilidades de respostas às variáveis

(conclusão)

Variáveis	Casais Vulneráveis	Casais Duplo Instáveis	Casais Estabilizados
tamemp.2	cônjuge sem tipo/tamanho de empresa (inativo ou desempregado)	cônjuge não sabe em que tipo de empresa trabalha ou trabalha em casa alheia ou em empresas com mais de 3 empregados ou sozinho ou com familiares/sócios/até 2 empregados	cônjuge trabalha em instituição pública ou sem tipo/tamanho de empresa (inativo ou desempregado)
tdsf.2	cônjuge tem parente desempregado	"parente desempregado" de cônjuge não discrimina	"parente desempregado" de cônjuge não discrimina
qtotr.2	cônjuge com baixa proporção de tempo de ocupação sobre tempo total relatado (1º quarto) ou tempo de ocupação não se aplica	cônjuge com médias proporções de tempo de ocupação sobre tempo total relatado (3º ou 2º quarto)	cônjuge com alta proporção de tempo de ocupação sobre tempo total relatado (4º quarto) ou tempo de ocupação não se aplica
qtr.2	relato de tempo não se aplica ou cônjuge com baixo tempo total relatado: 1º quarto	cônjuge com médio-baixo ou baixo tempo total relatado: 2º ou 1º quarto	cônjuge com alto ou médio-alto tempo total relatado: 4º ou 3º quarto
qrti.2	cônjuge sem rendimento individual	cônjuge com todas as faixas de rendimento individual (2º, 3º, 1º ou 4º quarto) ou sem declaração	cônjuge com rendimento individual elevado (4º quarto) ou sem rendimento

Obs.: Quando existe mais de uma resposta referente a uma variável para dado perfil, as respostas estão apresentadas em ordem decrescente de probabilidades.

5.3.2- Identificação e análise dos perfis socioocupacionais dos casais

Com base nas respectivas características de maior probabilidade, os perfis foram identificados. O primeiro perfil de referência foi denominado “Perfil de Casais Vulneráveis”, uma vez que as probabilidades indicam as seguintes características: não ter ocupados na família ou ter baixa proporção de ocupados, baixa renda familiar *per capita*, baixíssima escolaridade de chefe e cônjuge, chefe desempregado, chefe sem rendimento ou com baixos rendimentos individuais, cônjuge sem rendimento, chefe com indicadores de alta instabilidade ocupacional (dois episódios de ocupação, dois episódios de não ocupação, baixa ou média proporção de tempo de ocupação e baixo ou médio tempo total relatado) e cônjuge inativo ou desempregado, com um ou nenhum episódio de ocupação e um episódio de desocupação e tempos (de ocupação e total) curtos ou com informação não requisitada. Além disso, tanto chefes quanto cônjuges tendem a ser negros, imigrantes há dez anos ou menos, adolescentes ou jovens adultos e a ter famílias grandes e crianças

menores de sete anos na família. A análise das características dos indivíduos com total pertencimento a esse perfil ($g_1 = 1$) indica que os chefes são ocupados há menos de oito anos (59%) ou desempregados (32%) ou inativos (9%) e os cônjuges, inativos (86%) ou desempregados (14%). A elevada concentração no grupo de baixa renda distingue as famílias desse perfil.

O segundo tipo foi identificado como “Perfil de Casais de Dupla Instabilidade”, ou “Casais Duplo Instáveis”⁶², uma vez que tanto o chefe quanto o cônjuge trabalham e trazem características de instabilidade ocupacional. Ambos tendem a ser ocupados há menos de oito anos e a relatar três ou dois episódios de ocupação, dois de não ocupação, médias proporções de tempo relativo de ocupação e médio-baixo ou baixo tempo total. Chefes e cônjuges têm maior probabilidade de serem assalariados com ou sem carteira ou domésticos ou, além disso, no caso do cônjuge, autônomos, empregadores ou trabalhadores familiares. Ambos também tendem a ser jovens adultos (com 20 a 39 anos) e acumular média-alta escolaridade (de médio incompleto a superior incompleto). A “cor” dos esposos não discrimina. Em termos de probabilidade, as famílias são pequenas (com três pessoas), possuem crianças menores de sete anos, têm média-alta ou alta proporção de ocupados e média renda *per capita*. Porém, o que mais diferencia este perfil é a elevadíssima concentração de cônjuge ocupado⁶³.

O terceiro perfil extremo distingue-se pela alta renda familiar, pelas idades mais avançadas de chefe e cônjuge e pelas condições de ambos de ocupados há oito anos ou mais ou de inativos com experiência e de escolaridade de nível superior e, por isso, foi denominado de “Perfil de Casais Estabilizados”. A análise da composição dos casais com pertencimento integral a esse perfil ($g_3 = 1$) indica que 64% dos chefes e 54% dos cônjuges têm 50 anos ou mais e que o chefe tende a ser estável na ocupação (ocupados há mais de oito anos, elevado tempo de ocupação relatado, muito tempo relatado) e o cônjuge, estável na inatividade (inativo com experiência, tempo de ocupação não aplica e longo tempo total relatado), embora também ocorram situações de chefes inativos com experiência e cônjuges ocupados há mais de oito anos. Quando não inativos, chefes e cônjuges têm alta chance de ser assalariado público, empregador, autônomo ou outro (basicamente profissional universitário autônomo). O rendimento do chefe tende a ser alto e o do

⁶² Como são longas as denominações concedidas a vários perfis, incluindo os mistos (analisados a seguir), optou-se por apresentar nomes alternativos mais curtos, ainda que colocando em risco o “bom português”.

⁶³ É importante salientar que, apesar de “chefe do sexo feminino” discriminar os “Duplo Instáveis”, as mulheres “chefiam” apenas 3,34% dos casais desse perfil, em comparação com 1,59% dos “Estabilizados”, 0,42% dos “Vulneráveis” e 2,18% da amostra.

cônjuge, inexistente ou, quando trabalha, alto também. Os dois tendem a ser de cor branca ou amarela. A probabilidade maior é que as famílias sejam pequenas, sem crianças menores e com média-alta proporção de ocupados. As idades avançadas do chefe e do cônjuge e a renda elevada são as características mais marcantes desse perfil.

A TAB. 9, a seguir, apresenta o número e os percentuais de casais que possuem escore de pertencimento *integral* a um dos perfis extremos ($g_k = 1$), segundo dados com e sem ponderação da amostra.

TABELA 9:

Distribuição (absoluta e relativa) dos casais com pertencimento integral a um dos três perfis extremos, com e sem ponderação da amostra

Perfis dos Casais	Com peso		Sem peso	
	Nº	%	Nº	%
Vulneráveis	805	5,13	807	4,81
Duplo Instáveis	1522	9,70	1617	9,64
Estabilizados	1170	7,46	1286	7,66
Total $g_i = 1$	3498	22,28	3710	22,11
Total	15698	100,00	16778	100,00

Elaboração própria.

Considerando a amostra ponderada, 5,13% dos casais pertencem ao “Perfil de Casais Vulneráveis”, 9,70% ao “de Duplo Instáveis” e 7,46% ao “de Estabilizados”. O total de casais com escore de pertencimento integral a qualquer um dos três perfis extremos corresponde a 22% do total e, logo, 78% dos casais vinculam-se a tipos mistos em algum grau (isto é, $g_{ik} < 1$, para o indivíduo i e todos os k perfis). Assim, o volume de tipos mistos de casais é bem mais significativo do que o da tipologia individual anteriormente obtida, uma vez que apenas 48% das trajetórias individuais correspondiam a tipos mistos, em maior ou em menor grau. Esse é outro indicador de que o grau de heterogeneidade dos casais, segundo as características sociolaborais, é maior do que aquela dos indivíduos. A grande heterogeneidade dos casais já havia sido demonstrada na análise da combinação dos perfis individuais pelo casamento.

Como para os perfis individuais, apenas elementos (neste caso, casais) com grau de pertencimento *integral* a determinado perfil extremo ($g_k = 1$) podem, a rigor, ser classificados como tipo puro. Sempre que o elemento não possuir grau de pertencimento integral a nenhum perfil ($g_k < 1$, para todos os k perfis), suas características o colocam sob

influência, maior ou menor, de mais de um perfil extremo, o que, sob critérios estritos, o impede de ser considerado como pertencente ao tipo puro. A tipologia final, no entanto, prevê uma consideração menos estrita dos graus de pertencimento e procede-se à identificação dos tipos “puros” e “mistos” com base numa interpretação dos escores que vai além de “pertencimento integral a determinado perfil” ($g_k = 1$) ou não ($g_k < 1$).

Considera-se como de perfil “puro” o casal em que predominam, de maneira ampla, as características de determinado perfil extremo, enquanto os casais associados aos perfis mistos compartilham características de perfis extremos diferentes. Conforme o critério utilizado neste estudo, os perfis mistos têm predominância de características de um determinado perfil extremo, combinada com um conjunto relevante, porém secundário, de características de outro perfil extremo.

Os critérios utilizados para obtenção dos perfis puros e mistos de casais são os mesmos dos perfis individuais e estão apresentados no QUADRO V.

QUADRO V – Critério de classificação nos perfis puros e mistos.

- 1) O casal i é considerado como pertencente ao perfil puro m quando tiver os seguintes graus de pertencimento g aos perfis extremos m , n e o :
 - a) $g_{im} \geq 0,75$; ou
 - b) $0,50 < g_{im} < 0,75$, desde que $g_{in} \leq 0,25$ e $g_{io} \leq 0,25$.
- 2) O casal i é considerado como pertencente ao perfil misto de m com n (em que predominam as características de m) aquele cujos graus de pertencimento aos perfis m e n são:
 - a) $0,50 < g_{im} \leq 0,75$, desde que $0,25 \leq g_{in} < 0,50$.
- 3) O casal i do tipo misto sem predomínio é aquele com os seguintes graus de pertencimento g :
 - a) $g_{im} < 0,50$ e $g_{in} < 0,50$ e $g_{io} < 0,50$; ou
 - b) $(g_{im} = 0,50$ e $g_{in} = 0,50)$ ou $(g_{im} = 0,50$ e $g_{io} = 0,50)$ ou $(g_{in} = 0,50$ e $g_{io} = 0,50)$.

A TAB. 10 apresenta a distribuição dos casais entre os perfis puros – em negrito – e os perfis mistos, cuja denominação indica, em primeiro lugar, o perfil predominante e, depois, o secundário.

TABELA 10:
Distribuição relativa dos casais
entre os tipos puros e mistos (em %)

Perfis	Percentual
misto sem predomínio	4,87
Vulneráveis	14,10
vulneráveis e duplo instáveis	6,65
vulneráveis e estabilizados	6,90
duplo instáveis e vulneráveis	7,40
Duplo Instáveis	18,40
duplo instáveis e estabilizados	8,68
estabilizados e vulneráveis	8,51
estabilizados e duplo instáveis	6,84
Estabilizados	17,65
Total	100,00

Elaboração própria.

Obs.: Dados ponderados

Os dados da TAB. 10 revelam uma diluição entre os tipos, confirmando que o conjunto dos casais da RMSP em 2001 é muito heterogêneo. Os três tipos puros concentram somente cerca de 50% dos casais, percentual bem inferior aos 75% dos indivíduos que os perfis puros da tipologia individual agregavam.

Os percentuais dos perfis puros mostram um relativo equilíbrio de sua importância. Mesmo considerando-se a soma dos percentuais referentes aos perfis puros e aos mistos em que predominam, ou seja, levando-se em conta os “Vulneráveis” puro e mistos (27,7%), os “Duplo Instáveis” puro e mistos (34,5%) e os “Estabilizados” puro e mistos (33,0%), constata-se que se mantém relativo equilíbrio.

A análise dos perfis mistos indica que a combinação de um dado perfil extremo (“Estabilizados” ou “Duplo Instáveis”) com o de “Vulneráveis” na posição secundária tende a fazer com que, em relação ao perfil puro, diminua muito a proporção de ocupados na família e a renda familiar *per capita*. Tanto a renda individual do chefe quanto a do cônjuge diminuem, sendo que a proporção de renda zero do cônjuge cresce muito. Para chefes e cônjuges, aumentam a proporção de inativos, a proporção dos que têm parentes co-residentes desempregados e de negros. Também para ambos, o grau de escolaridade tende a baixar. Para o chefe, encurtam o tempo relativo de ocupação e o tempo total e aumentam os episódios de não ocupação.

Por sua vez, o que marca a combinação com o perfil de “Duplo Instáveis” no plano secundário de um perfil misto é o aumento da proporção de cônjuges economicamente

ativos, mudança que ocorre também com os chefes, mas de maneira menos intensa. Ademais, tanto para o chefe quanto para o cônjuge, expandem-se o número dos episódios de ocupação e a escolarização de nível médio e reduz-se a idade média. Aumenta, ainda, a proporção de ocupados na família.

Por fim, a conjugação com o perfil de “Estabilizados” como secundário dos tipos mistos conduz a uma elevação expressiva da faixa etária e da escolarização de nível superior de chefe e cônjuge e do rendimento familiar *per capita*. Diminuem as ocorrências de criança menor de sete anos na família e de chefe e cônjuge negros ou imigrantes recentes. O chefe torna-se mais estável na ocupação, reduzindo os episódios de ocupação e de não ocupação relatados e alongando o tempo relativo de ocupação e o tempo total informado. O rendimento individual do chefe também cresce.

O perfil misto de “Casais Vulneráveis e Duplo Instáveis” é muito parecido com o puro de “Casais Vulneráveis”, com a diferença de que os cônjuges do tipo misto tendem a ser mais economicamente ativos. A proporção de cônjuges inativos cai de 79,5% entre os “Vulneráveis” para 44,3% entre os “Vulneráveis e Duplo Instáveis”. Apesar dessa tendência de maior atividade dos cônjuges e da maior proporção de ocupados na família, a renda familiar dos “Vulneráveis e Duplo Instáveis” se mantém semelhante à dos “Vulneráveis”, uma vez que é maior o desemprego do chefe do tipo misto e a renda individual do cônjuge é pequena. Tanto o chefe quanto o cônjuge dos “Casais Vulneráveis e Duplo Instáveis” são um pouco mais jovens e um pouco mais escolarizados. Assim, esse tipo misto parece corresponder a um caso de vulnerabilidade enfrentada por uma estratégia familiar de ingresso dos dois membros do casal no mercado de trabalho e, portanto, pode ser denominado de perfil de “Casais de Dupla Vulnerabilidade” ou “Duplo Vulneráveis”.

Já o tipo misto “Casais Duplo Instáveis e Vulneráveis”, relativamente ao puro “Duplo Instáveis”, apresenta proporções maiores de inatividade e desemprego de chefes e, em especial, de cônjuges, o que reduz a proporção de ocupados na família e eleva a incidência de renda zero dos membros do casais, diminuindo a renda familiar. Os esposos do tipo misto são um pouco mais jovens e um pouco menos escolarizados do que os do tipo puro. Ainda assim, comparando os tipos mistos “Duplo Instáveis e Vulneráveis” e “Vulneráveis e Duplo Instáveis”, constata-se que as condições do “Duplo Instáveis e Vulneráveis” são menos frágeis do que os outros, já que possuem renda familiar, escolaridade e proporção de ocupados na família mais elevadas e família menor. Por isso, o tipo misto “Duplo Instáveis e Vulneráveis” pode ser identificado como perfil de “Casais de Dupla Alta Instabilidade” ou “Duplo Altamente Instáveis”.

Os casais do perfil “Vulneráveis e Estabilizados” dispõem de uma situação um pouco menos precária do que os do perfil puro de “Vulneráveis”. A proporção de ocupados na família, a renda familiar *per capita* e a renda do chefe são maiores e o tamanho da família e a presença de crianças de até sete anos, menores. Tanto os chefes quanto os cônjuges são mais velhos e inativos com maior frequência.

Já os chefes e cônjuges do tipo “Estabilizados e Vulneráveis” sobressaem, frente aos “Estabilizados”, por sua composição etária ainda mais velha, pela baixa escolaridade e alta incidência de inatividade (92,7% dos cônjuges e 45,1% dos chefes). Como a renda do chefe, a do cônjuge e a proporção de ocupados são bem menores e o tamanho da família é similar, a renda familiar do tipo misto é menor do que a dos casais do tipo puro.

A comparação dos tipos mistos “Vulneráveis e Estabilizados” e “Estabilizados e Vulneráveis” mostra que a diferença entre eles localiza-se basicamente entre os chefes e nas características das famílias, já que os cônjuges de ambos são muito parecidos, inclusive na altíssima taxa de inatividade (cerca de 93%) e na sua distribuição entre inativos com experiência (70% e 68%) e sem experiência (23% e 25%). Mesmo entre os chefes, a proporção de inativos é muito semelhante (40% e 45%). O que mais distingue um perfil do outro é a maior fragilidade da condição dos casais do tipo “Vulneráveis e Estabilizados”, o que transparece, principalmente, na maior insegurança ocupacional dos chefes e na menor renda familiar. A inserção ocupacional dos chefes desse perfil é mais precária, uma vez que, entre eles, é maior a ocorrência de autônomos e assalariados sem carteira e menor a de empregadores, além de serem menores o tempo relativo de ocupação, o tempo total e os rendimentos⁶⁴. A proporção de ocupados há oito anos ou mais entre os “Estabilizados e Vulneráveis” é bem maior. Chefes e cônjuges dos “Estabilizados e Vulneráveis” são mais velhos, com alta concentração no grupo etário superior. Portanto, denomina-se o tipo “Vulneráveis e Estabilizados” como perfil de “Casais Idosos em Alto Risco” e o “Estabilizados e Vulneráveis”, como perfil de “Casais Idosos de Média Segurança”.

Os casais do tipo “Estabilizados e Duplo Instáveis” distinguem-se daqueles do tipo “Estabilizados” pelo nível mais elevado de participação no mercado de trabalho, com baixo desemprego, especialmente no caso dos cônjuges. A proporção de ativos alcança 82,6% entre os cônjuges do tipo misto contra 34,6% no tipo puro e, entre os chefes, atinge, respectivamente, 93,3% e 74,5%. Essa característica está relacionada ao fato de os casais do perfil “Estabilizados e Duplo Instáveis” serem, em média, bem mais jovens e mais

⁶⁴ A comparação das distribuições segundo posição na ocupação dos dois tipos é facilitada porque neste caso as proporções de “inativos e desempregados” são muito parecidas.

escolarizados, os cônjuges em especial. Ainda que a proporção de ocupados na família seja maior entre os casais do tipo “Estabilizados e Duplo Instáveis”, isso não se reflete, com a mesma intensidade, na maior renda familiar *per capita* porque a família tende a ser maior. Levando em conta a concentração da renda familiar nos quartos superiores e o fato de o cônjuge também ser economicamente ativo, o perfil “Estabilizados e Duplo Instáveis” pode ser identificado como “Casais de Dupla Segurança” ou “Casais Duplo Seguros”.

A comparação dos casais do perfil “Duplo Instáveis e Estabilizados” com os do “Duplo Instáveis” revela uma maior estabilidade ocupacional dos membros do tipo misto. Assim, analisando o tipo misto relativamente ao tipo puro, constata-se que, tanto para o chefe quanto para o cônjuge, aumentam a parcela dos ocupados há oito anos ou mais, o tempo relativo de ocupação e o tempo total relatado e diminuem a parcela dos ocupados há menos de oito anos e os números de episódios de ocupação e de não ocupação. Aumenta a importância das posições de autônomos, empregadores e assalariados do setor público e diminui a de assalariados com e sem carteira assinada e domésticos. Além disso, elevam-se os rendimentos individuais, os níveis educacionais e as idades de chefes e cônjuges.

As características dos casais dos perfis “Estabilizados e Duplo Instáveis” e “Duplo Instáveis e Estabilizados” são muito semelhantes. A principal diferença entre eles reside na maior estabilidade ocupacional dos “Estabilizados e Duplo Instáveis”, em especial dos chefes, o que se constata pelos maiores tempos de ocupações e tempo total e pelos menores números de episódios de ocupação e não ocupação. Ademais, chefes e cônjuges dos “Estabilizados e Duplo Instáveis” são mais velhos e um pouco mais escolarizados, têm maior proporção de ocupados há oito anos ou mais e de inativos com experiência e menor proporção de ocupados há menos de oito anos e contam com maiores rendimentos *per capita*, a despeito do número maior de pessoas na família e da menor proporção de familiares ocupados. Por tudo isso, o tipo misto “Duplo Instáveis e Estabilizados” pode ser nomeado como “Casais de Dupla Segurança Parcial” ou “Duplo Parcialmente Seguros”.

O tipo misto sem predomínio consiste, de fato, em um agregado de casais sem consistentes marcas distintivas em relação aos perfis puros. Ou seja, não há uma característica, ou conjunto delas, que distinga claramente os casais desse grupo em relação aos dos perfis puros. Suas características tendem a acompanhar de perto as características de toda a amostra. Por exemplo, é quase completa a coincidência da distribuição entre os quartos de renda familiar *per capita* e da composição educacional de chefes e cônjuges do perfil misto em relação àquelas da amostra. Diante da ausência de atributos distintivos desse perfil, ele segue sendo identificado como “Misto sem Predomínio”.

O QUADRO VI a seguir traz a identificação dos perfis, segundo as denominações originais e as propostas depois da análise, com as respectivas frações percentuais. Observe-se que, em todos os perfis cuja denominação traz a palavra “duplo”, os cônjuges tendem a fazer parte do mercado de trabalho, seja como ocupado ou como desempregado.

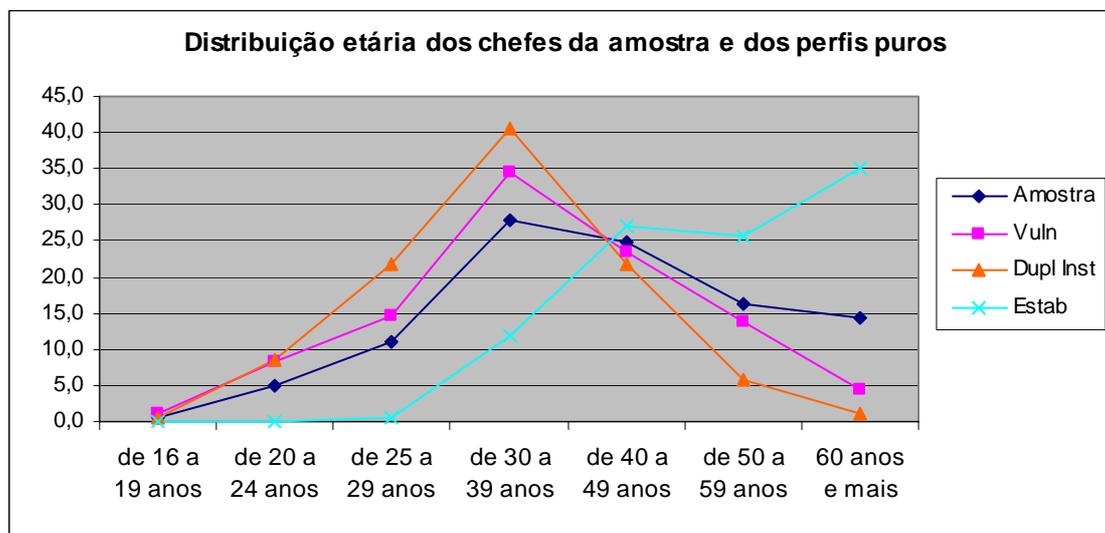
QUADRO VI – Perfis puros e mistos de casais, segundo denominações iniciais e finais, e respectivos pesos (com os nomes dos perfis puros em itálico e negrito).

Denominação original	Denominação final	Percentual
misto sem predomínio	misto sem predomínio	4,87%
<i>Vulneráveis</i>	<i>Vulneráveis</i>	14,10%
vulneráveis e duplo instáveis	duplo vulneráveis	6,65%
vulneráveis e estabilizados	idosos em alto risco	6,90%
duplo instáveis e vulneráveis	duplo altamente instáveis	7,40%
<i>Duplo instáveis</i>	<i>Duplo instáveis</i>	18,40%
duplo instáveis e estabilizados	duplo parcialmente seguros	8,68%
estabilizados e vulneráveis	idosos de média segurança	8,51%
estabilizados e duplo instáveis	duplo seguros	6,84%
<i>Estabilizados</i>	<i>Estabilizados</i>	17,65%

5.3.3 - Os perfis por grupos de idade, escolaridade, condição de atividade e rendimentos

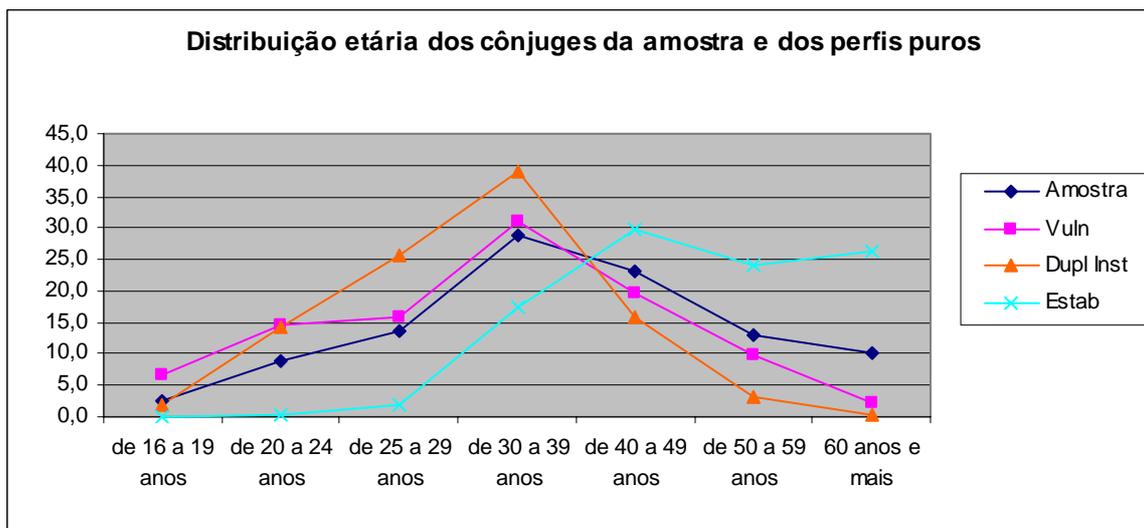
As distribuições etárias de chefes e cônjuges dos perfis puros mostram que, assim como na amostra toda, a faixa etária de 30 a 39 anos é a que mais concentra membros dos casais dos perfis “Vulneráveis” e “Duplo Instáveis” (GRÁF.s 23 e 24).

GRÁFICO 23:



Fonte: Elaboração própria.
Obs: Dados ponderados.

GRÁFICO 24:



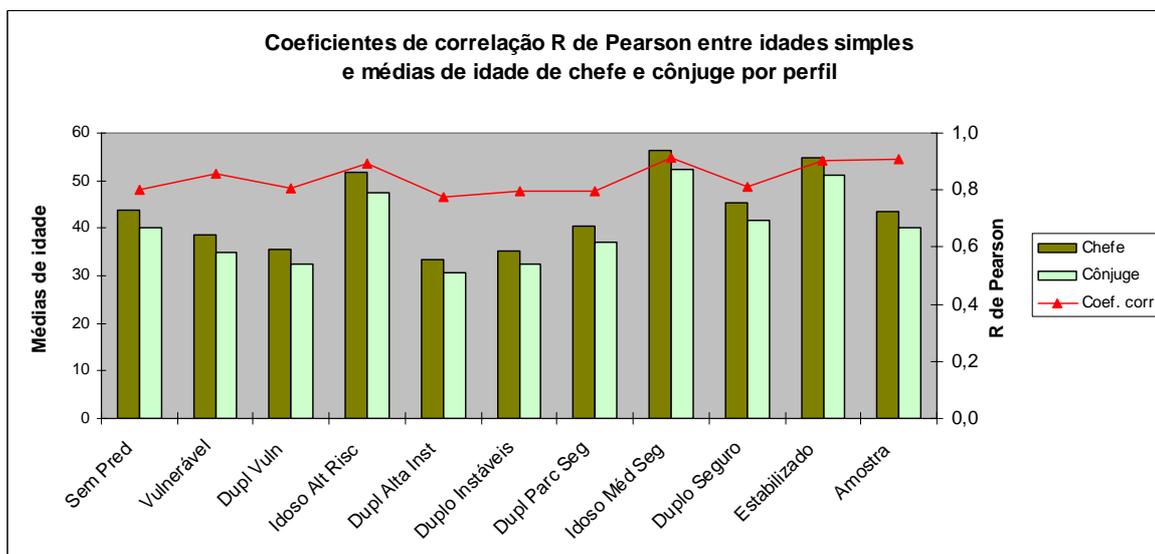
Fonte: Elaboração própria.

Obs: Dados ponderados.

Estrutura bem diferente apresenta o perfil “Estabilizados”, que tem maior concentração no grupo etário superior, no caso dos chefes, e na faixa de 40 a 49 anos, no caso dos cônjuges. Embora as estruturas dos “Vulneráveis” e “Duplo Instáveis” sejam, em certa medida, semelhantes, pode-se perceber que, na média, os chefes e os cônjuges dos “Duplo Instáveis” são mais jovens.

A comparação das curvas etárias de chefe e cônjuge do mesmo perfil mostra que as composições por idade de cada perfil são bastante semelhantes. Um dos motivos para essa semelhança é a proximidade das médias de idades dos esposos (GRÁF. 25).

GRÁFICO 25:



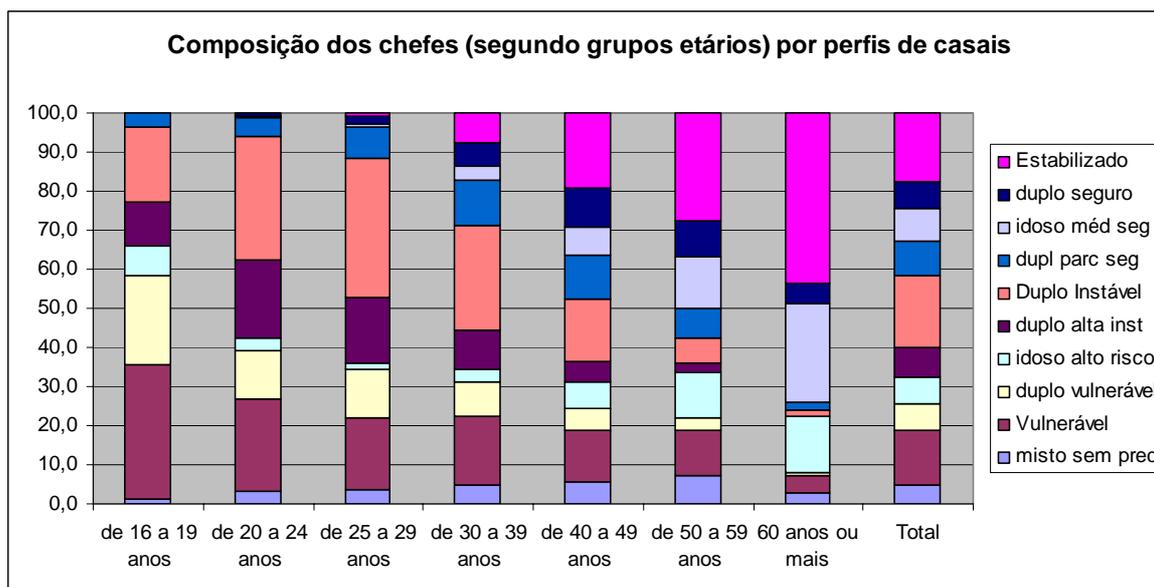
Fonte: Elaboração própria.

Obs: Dados ponderados.

Os coeficientes de correlação entre as idades simples de chefe e cônjuge de cada perfil fluem entre 0,77 (nos “Casais de Dupla Alta Instabilidade”) e 0,91 (“Idosos de Média Segurança”), valores que indicam alta correlação entre as idades dos esposos⁶⁵. Considerando as médias de idades de chefes e cônjuges, as diferenças de idade oscilam, dependendo do perfil do casal, entre 2,6 anos (caso dos “Duplo Instáveis”) e 4,2 anos (“Idosos em Alto Risco”). Como descrito anteriormente, os esposos do perfil “Estabilizados” (puro e mistos) tendem a ser mais velhos, enquanto os “Duplo Instáveis” tendem a ser mais jovens e os dos “Vulneráveis”, a ficar em posições intermediárias.

A composição dos grupos etários dos chefes por perfis reforça que o tipo “Estabilizados” tende a ser atributo de chefes mais velhos, enquanto o de “Duplo Instáveis” tende a se concentrar em idades do início da vida adulta (20 a 29 anos) e o de “Vulneráveis” distribui-se mais entre as idades, ainda que com uma concentração no final da adolescência (GRÁF. 26)⁶⁶.

GRÁFICO 26:



Fonte: Elaboração própria.
Obs: Dados ponderados.

Observe-se que nas idades de maior atividade econômica, dos 30 aos 59 anos, os chefes distribuem-se por todos os dez perfis e, no grupo etário “40 a 49 anos”, a estrutura por perfis é muito semelhante à da amostra. Nas idades de 16 a 29 anos, os perfis

⁶⁵ Tabela com os valores e medidas dos coeficientes de correlação de idade e gráficos com as distribuições etárias de chefes e cônjuges por perfil encontram-se no anexo (TAB. 3-A e GRÁF. 13-a-A a GRÁF. 13-k-A).

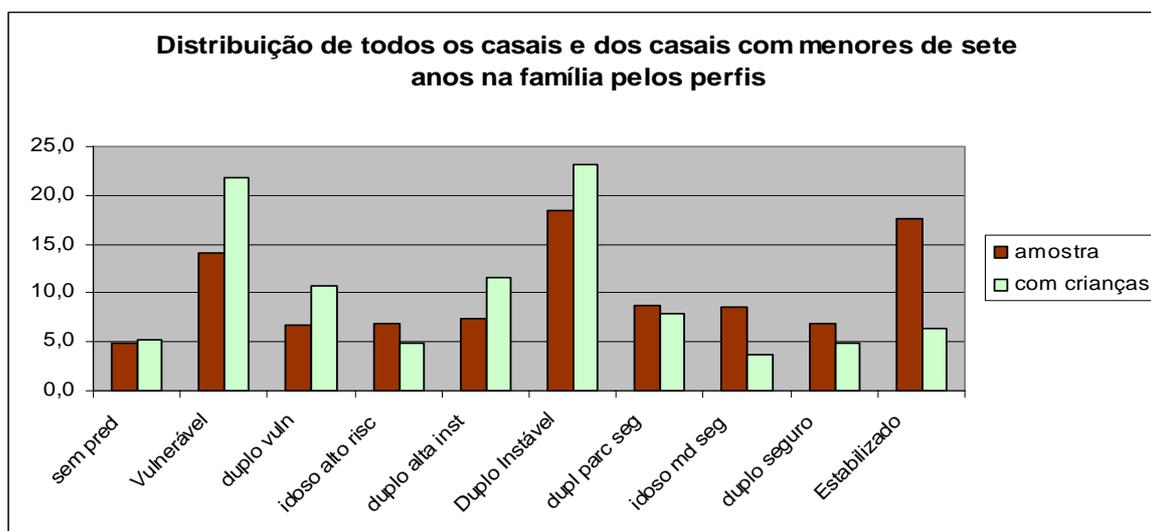
⁶⁶ Optou-se por mostrar apenas o gráfico dos chefes porque, dada a proximidade de idades, o gráfico dos cônjuges é muito semelhante. O correspondente gráfico dos cônjuges é apresentado no anexo (GRÁF. 12-A).

“Vulneráveis” e “Duplo Instáveis”, puros e com as combinações dos dois entre si, compreendem mais de 80% dos chefes⁶⁷. Já no grupo mais idoso, de 60 anos ou mais, os perfis típicos de pessoas mais velhas (“Estabilizados”, “Idosos em Alto Risco” e “Idosos de Média Segurança”) congregam também mais de 80% dos chefes⁶⁸.

Esse padrão de distribuição dos chefes, segmentados por faixas etárias, pelos perfis puros de casais relembra o padrão de composição dos perfis individuais, em que as “Trajetórias Seguras” prevaleciam mais fortemente nos grupos etários avançados, as “Instáveis”, entre os jovens e as “Precárias”, entre os adolescentes, mas com presença marcante em todos os grupos. Não se deve perder de vista, porém, que, na tipologia de casais, é mais diluída a distribuição dos chefes pelos perfis puros e mistos (e, também, dos cônjuges, dada a semelhança de idade). Ou seja, no presente caso, além de os perfis mistos de casais serem responsáveis por sintetizar maior volume de experiências do que os individuais, sua importância em determinadas faixas etárias é fundamental, como, por exemplo, o “Duplo Altamente Instável” nos grupos de 20 a 29 anos e o “Idoso de Média Segurança” no mais velho.

Esses perfis etários, em que os casais “Vulneráveis” e “Duplo Instáveis” tendem a ser mais novos e os “Estabilizados”, mais velhos, estão relacionados com a distribuição das crianças menores de sete anos entre as famílias com núcleo composto (GRÁF. 27).

GRÁFICO 27:



Fonte: Elaboração própria.

Obs: Dados ponderados.

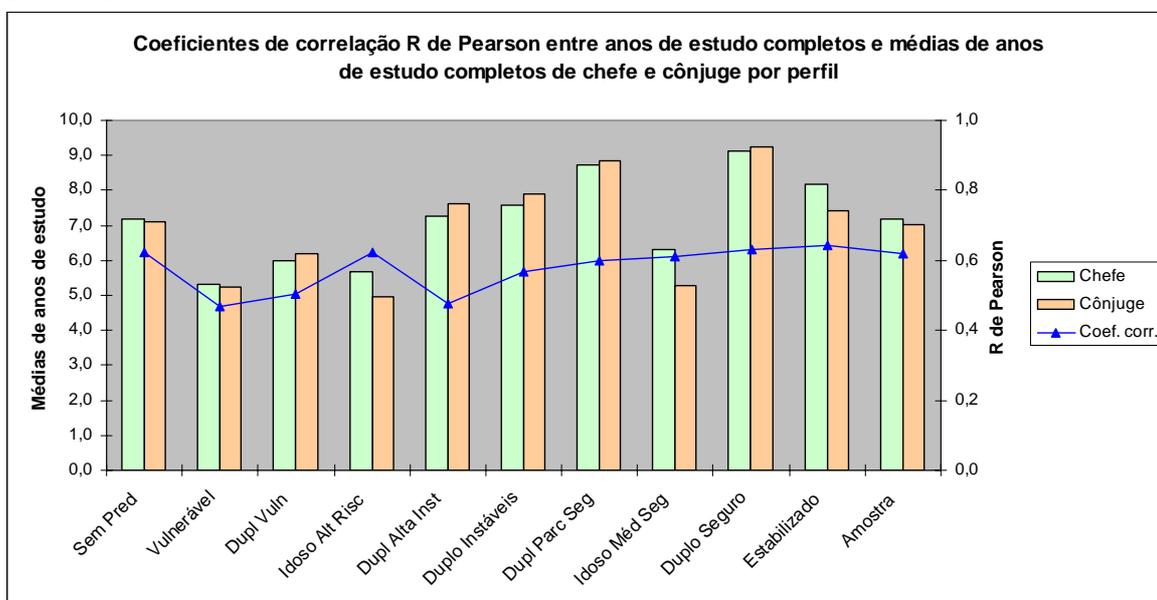
⁶⁷ A incidência razoável de “Idosos em Alto Risco” entre os chefes de 16 a 19 anos decorre, por um lado, do pequeno número deles e, por outro, de características socioocupacionais desses adolescentes semelhantes aos dos mais velhos daquele perfil (baixas escolaridade e renda, cônjuge inativo etc.).

⁶⁸ Outros estudos (como BARROS *et al*, 1999) identificaram menor incidência de pobreza e, nesse sentido, condições de vida mais seguras entre os indivíduos mais velhos no Brasil comparativamente aos mais novos.

Considerando-se as famílias com chefe e cônjuge, fica constatada, portanto, a maior concentração de crianças pequenas naquelas com características socioocupacionais mais frágeis ou instáveis.

Os perfis com médias mais altas de anos de estudo completos são os “Duplo Seguros” e “Duplo Parcialmente Seguros” (GRÁF. 28). Já os “Vulneráveis”, puro e mistos, tendem a ter as piores marcas. Apesar de as médias de anos completos de estudo por perfis sugerirem que, em geral, chefes e cônjuges de cada tipo tenderiam a alcançar níveis escolares similares, os coeficientes de correlação mostram que a associação entre os anos completos de estudo dos esposos não é tão intensa. Os coeficientes de correlação variam entre 0,47 (nos “Casais Vulneráveis”) e 0,64 (nos “Estabilizados”)⁶⁹.

GRÁFICO 28:



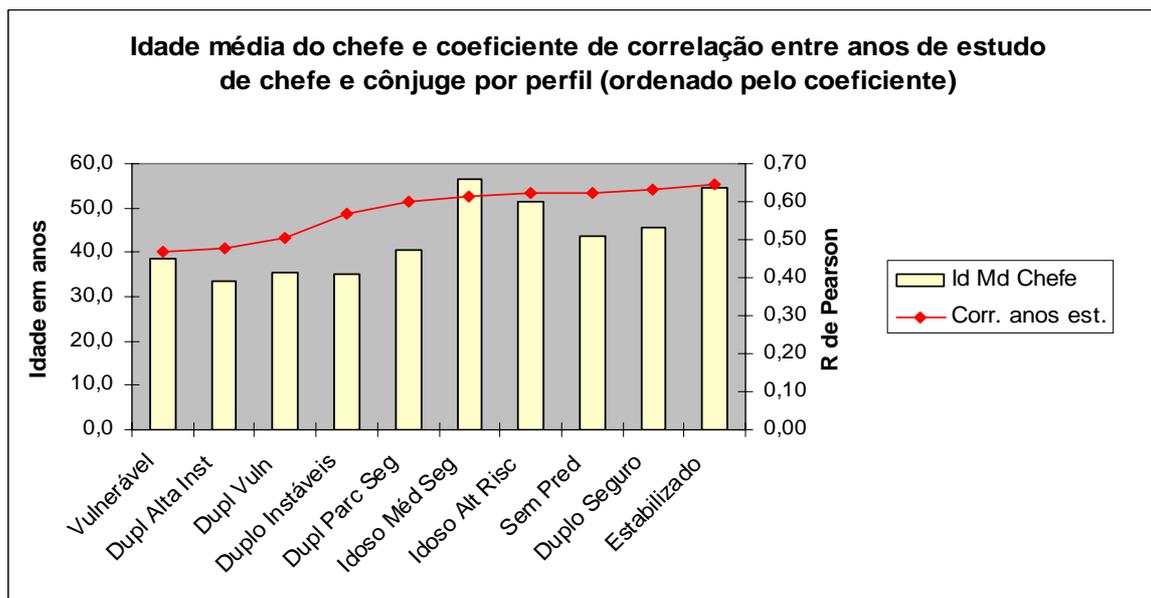
Fonte: Elaboração própria.

Obs: Dados ponderados.

É interessante observar que a correlação entre anos de estudo de chefe e cônjuge revela uma certa tendência de ser menor para os mais jovens e maior para os casais mais envelhecidos (GRÁF. 29).

⁶⁹ O Anexo traz a tabela com os coeficientes de correlação de anos de estudo completos de chefes e cônjuges (TAB. 4-A). Os coeficientes de correlação de *nível educacional* se assemelham aos coeficientes de *anos de estudo* (TAB. 5-A, no Anexo). Vale lembrar que, conforme LAM (1988), os indicadores de correlação entre níveis educacionais dos cônjuges, normalmente constatados nas pesquisas, ficam acima de 0,5, atrás somente de “idade” como atributo de maior correlação positiva.

GRÁFICO 29:

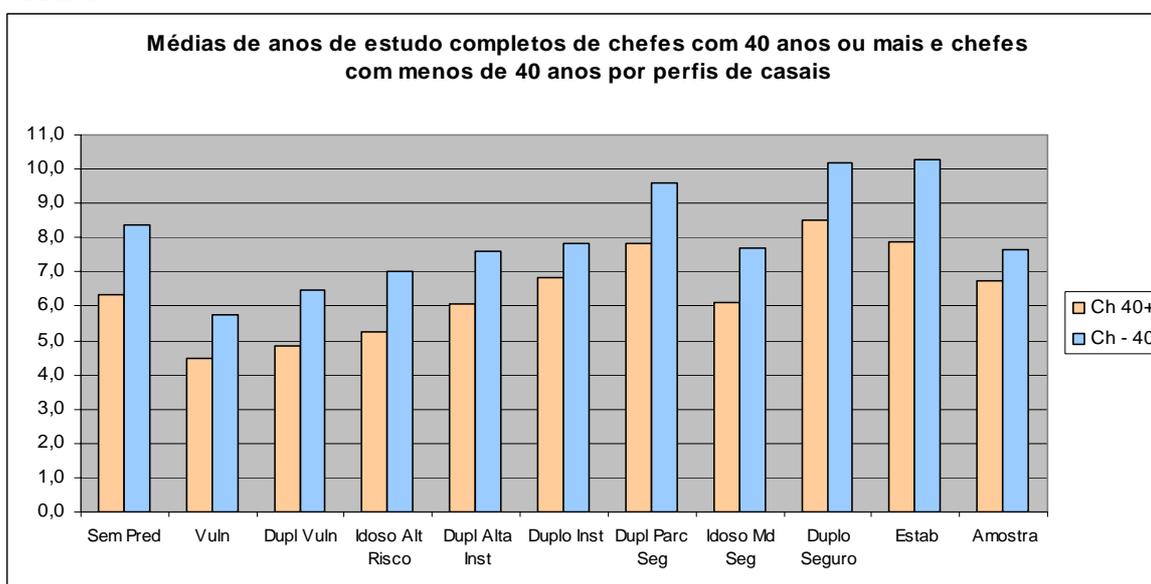


Fonte: Elaboração própria.

Obs: Dados ponderados.

Definindo dois grupos de chefes por idade, “chefes com 40 anos ou mais” e “chefes com menos de 40 anos” e analisando as médias de anos de estudo completos segundo os perfis, constata-se, primeiro, que os mais jovens são mais escolarizados (GRÁF. 30)⁷⁰.

GRÁFICO 30:



Fonte: Elaboração própria.

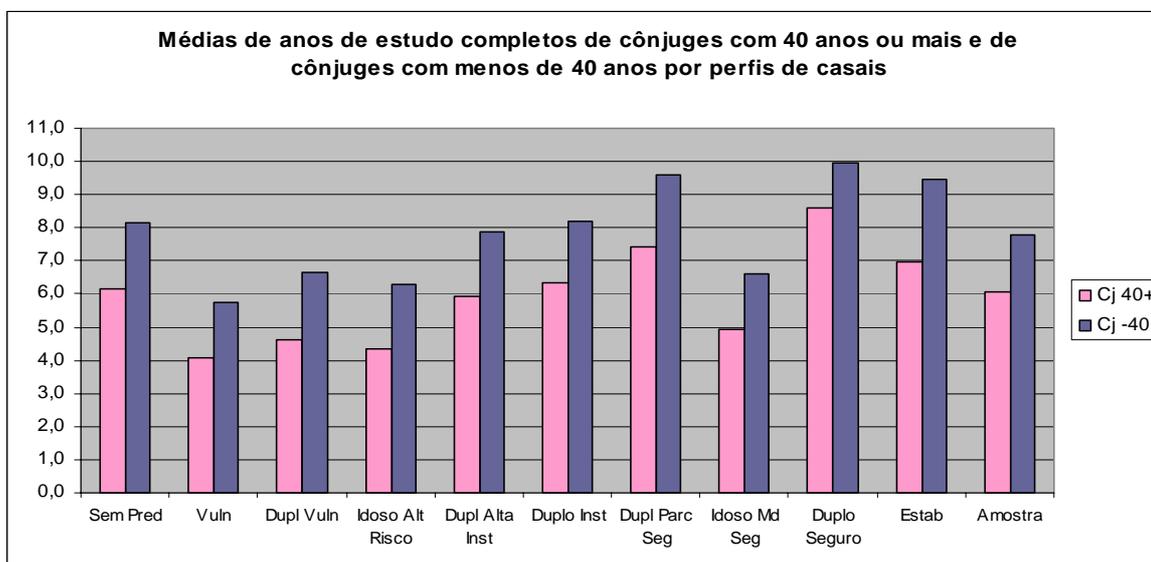
Obs: Dados ponderados.

⁷⁰ O corte de idade para se investigar a relação entre perfis individuais e escolaridade segundo sexo na etapa anterior estabeleceu dois grupos de indivíduos: “até 30 anos” e “40 anos ou mais”. Na presente etapa, os cortes de idade diferem porque são relativamente poucos os chefes e cônjuges com menos de 30 anos.

O perfil “Estabilizados” é aquele em que ocorre a maior diferença entre as médias de anos de estudo dos dois grupos de idade considerados, diferença superior a dois anos. Para os chefes com menos de 40 anos, os anos médios de estudo completos aumentam de modo gradual e constante do perfil “Vulnerável” até o “Estabilizado”, com exceção do perfil “Idosos de Média Segurança”, cuja média é algo inferior à dos chefes do “Duplo Instável”. Já para os chefes com 40 anos ou mais, a escolaridade média do “Estabilizado” é menor do que a do “Duplo Seguro” e próxima à do “Duplo Parcialmente Seguros”.

A mesma análise para os cônjuges mostra que a relação entre escolaridade e estabilidade ocupacional e familiar persiste intensa, mas um pouco menos do que para os chefes (GRÁF. 31). Como ocorre com os chefes, entre os cônjuges, os mais novos alcançam escolaridade significativamente mais alta do que os mais velhos, sendo que a maior diferença nas médias de anos de estudo completos localiza-se também no perfil “Estabilizados”. A diferença de escolaridade dos cônjuges mais novos frente aos mais velhos é bem maior do que entre os chefes, o suficiente para fazer com sua média passe a ser levemente superior à dos chefes.

GRÁFICO 31:



Fonte: Elaboração própria.

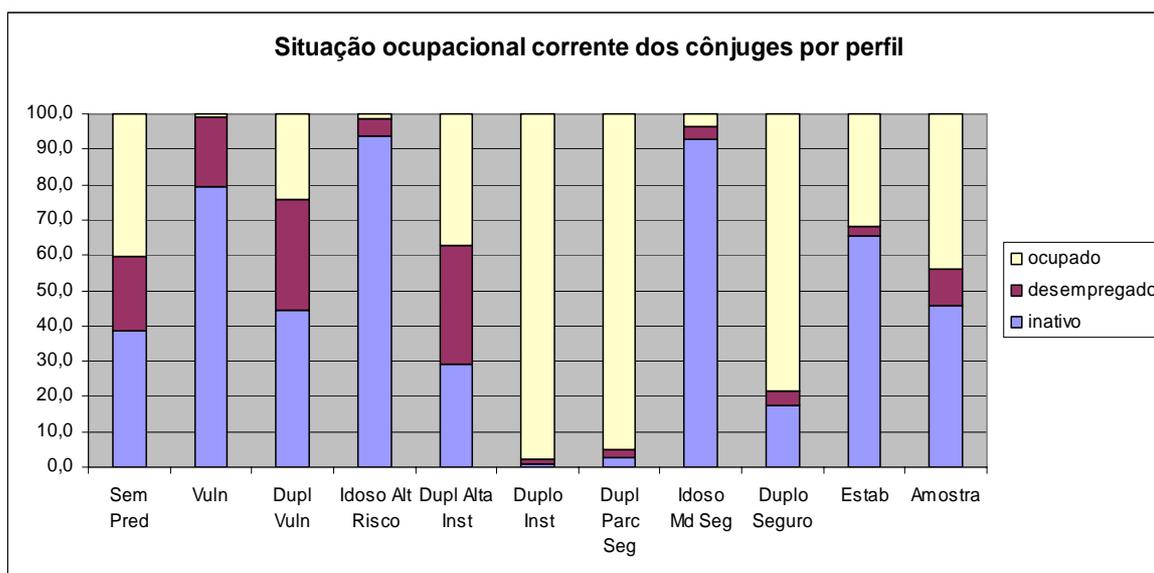
Obs: Dados ponderados.

Os cônjuges do perfil “Idosos de Média Segurança” carregam, na média, uma escolaridade bem baixa, pouco superior à de cônjuges do “Idosos em Alto Risco”. Assim como entre os chefes mais velhos, os cônjuges do perfil “Estabilizado”, independentemente do corte de idade, apresentam escolaridade média inferior aos do “Duplo Seguro”. Os cônjuges do “Duplo Vulnerável” também acumulam escolaridade

levemente mais alta do que a do “Idosos em Alto Risco”. O comportamento algo inusitado das médias de anos de estudo dos cônjuges dos perfis mistos com “Duplo Instável” como secundário provavelmente decorre do fato de essa combinação refletir um nível mais alto de atividade econômica dos cônjuges, o que está associado a uma escolarização mais alta.

A análise da condição de atividade e de inatividade revela que, no perfil de “Casais Estabilizados”, do total de cônjuges, quase todos do sexo feminino, 65% são inativos (GRÁF. 32), mas, destes, apenas 15%, aposentados. Já o perfil de “Dupla Instabilidade”, característico de indivíduos com idades entre 25 e 39 anos, distingue-se exatamente pela presença de cônjuges ocupados no mercado de trabalho. E os cônjuges “Vulneráveis” carregam alta proporção de inativos e, em grau bem menor, de desempregados. Depois dos “Idosos em Alto Risco” e “Idosos de Média Segurança”, os “Vulneráveis” são aqueles cujos cônjuges têm maior nível de inatividade, apesar do perfil etário muito mais jovem.

GRÁFICO 32:

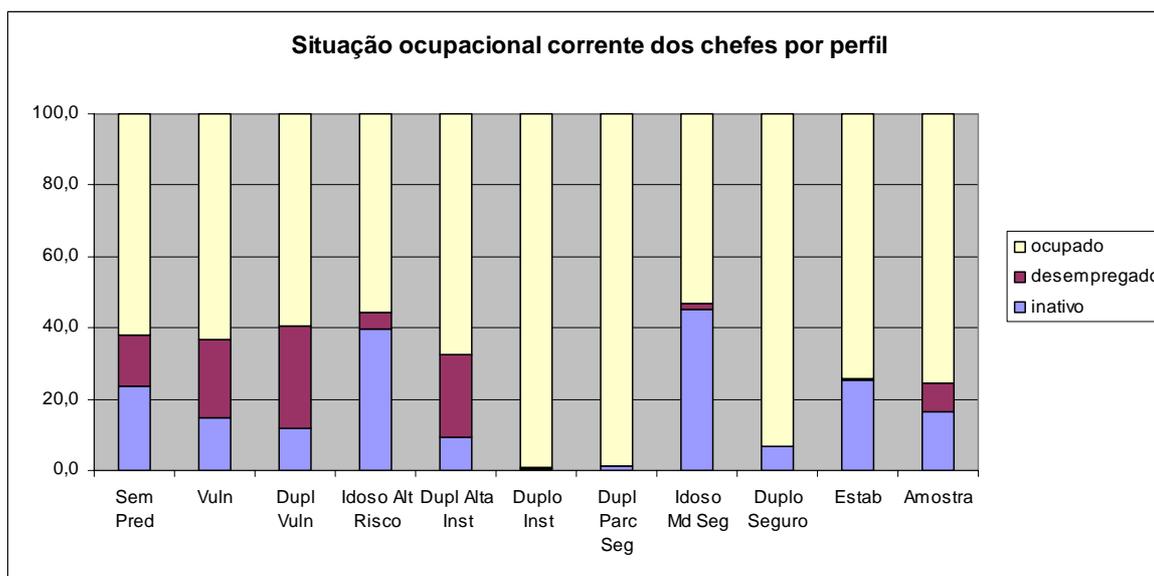


Fonte: Elaboração própria.

Obs: Dados ponderados.

Quanto aos chefes, independente do perfil a que pertençam, a inserção no mercado de trabalho, como ocupado ou como desempregado, é muito mais intensa (GRÁF. 33). A inatividade é mais alta entre os “Idosos de Média Segurança” e “Idosos em Alto Risco”, atingindo valores em torno de 45% e 40% do total de chefes do respectivo perfil.

GRÁFICO 33:



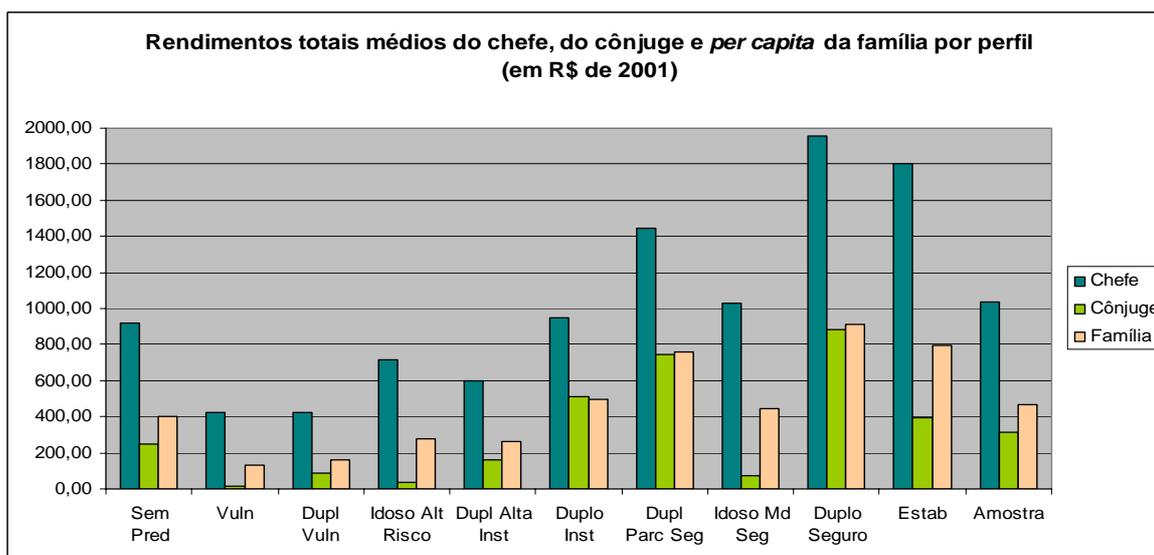
Fonte: Elaboração própria.

Obs: Dados ponderados.

Os perfis “Duplo Instáveis” e “Duplo Seguros Parciais” distinguem-se pela elevadíssima taxa de ocupação de seus chefes, enquanto os “Duplo Vulneráveis”, “Duplo Altamente Instáveis” e “Vulneráveis”, em comparação com os outros perfis, são marcados pela grande incidência de chefes desempregados.

Assim como ocorre com a escolaridade, também os rendimentos individuais totais dos chefes tendem, com algumas exceções, a aumentar quando se reduz a precariedade ocupacional e familiar e se expandem a estabilidade e a segurança (GRÁF. 34).

GRÁFICO 34:



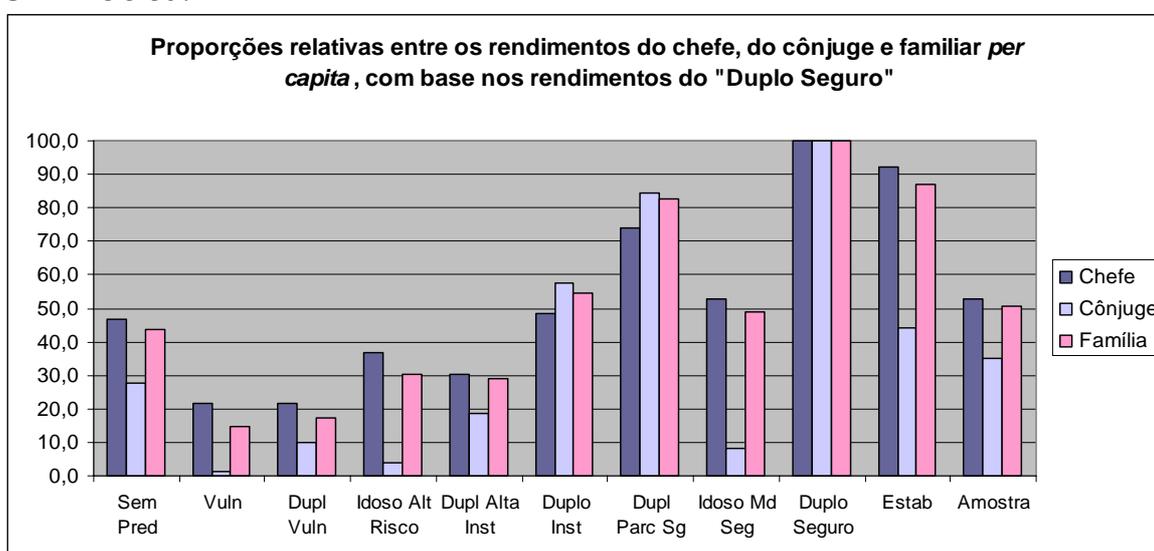
Fonte: Elaboração própria.

Obs: Dados ponderados.

Dessa maneira, os rendimentos dos chefes crescem no sentido do perfil “Vulnerável” para o “Estabilizado”, com as exceções dos perfis mistos “Idosos de Média Segurança”, “Idosos em Alto Risco” e do próprio “Estabilizado”, cujo chefe tende a ter rendimento um pouco menor do que o do “Duplo Seguro”.

A renda familiar *per capita* tem o mesmo comportamento, isto é, cresce paulatinamente no sentido do “Vulnerável” para o “Estabilizado”, com as mesmas exceções (“Idosos em Alto Risco”, “Idosos de Média Segurança” e “Estabilizado”). As diferenças percentuais entre os valores médios da renda familiar por perfil são um pouco maiores do que as diferenças entre os rendimentos médios dos chefes (GRÁF. 35).

GRÁFICO 35:



Fonte: Elaboração própria.

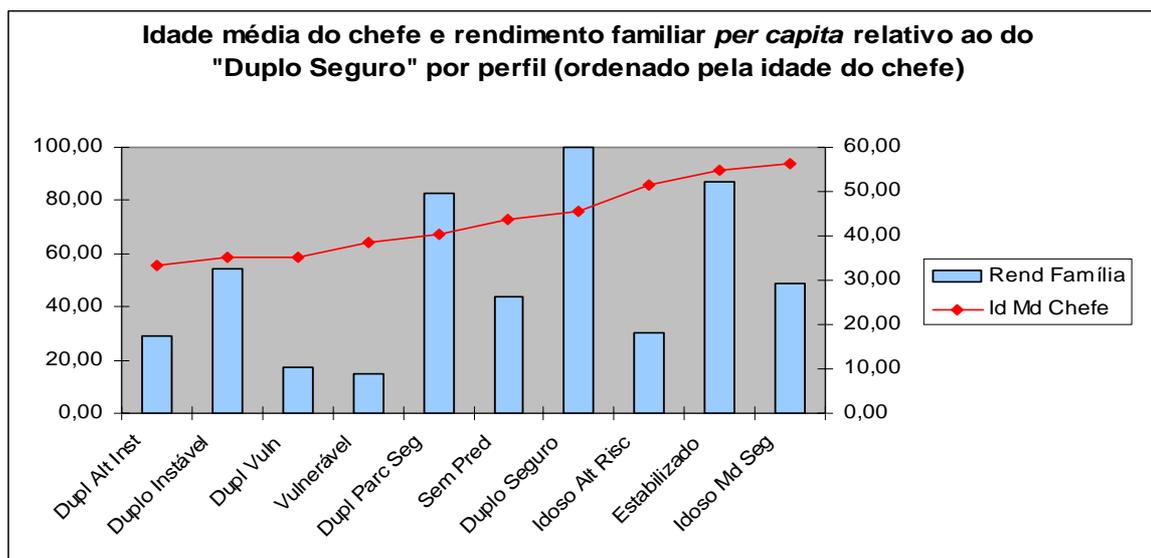
Obs: Dados ponderados.

As maiores diferenças relativas dos rendimentos familiares médios são explicadas pelas ainda maiores diferenças nos rendimentos médios dos cônjuges, isto é, pelo fato de os rendimentos dos cônjuges, em alguns perfis, serem ínfimos; pelos efeitos impostos pelo tamanho da família; e pela eventual contribuição das rendas de outros membros da família não analisadas aqui. Nos perfis “Vulneráveis”, puro e mistos, quer como preponderante ou secundário, em termos comparativos o rendimento médio do cônjuge é quase desprezível (ainda que provavelmente muito importante para essas famílias), com exceção do “Duplo Altamente Instável”. Os altos índices de desemprego e inatividade dos cônjuges desses tipos explicam os baixos valores, uma vez que, nessas situações, o cônjuge não tem renda e contribui para compressão da renda média de seu perfil. Nos perfis “Duplo Instáveis”, puro e mistos, os cônjuges tendem a ter uma atividade remunerada e, por isso, seus rendimentos

apresentam médias relativamente elevadas. Nos perfis de “Estabilizado” puro e mistos, como principal ou secundário, na média, os chefes recebem altos rendimentos e os cônjuges, baixos, a não ser quando a combinação com o perfil “Duplo Instável” faz com que os cônjuges sejam ocupados economicamente. Em certa medida, é surpreendente como o rendimento médio dos cônjuges do perfil puro “Estabilizado” é pequeno, ficando próximo ao valor da amostra, mesmo com níveis educacionais tão altos. Entretanto, o baixo rendimento do cônjuge do “Estabilizado” é compensado pelo alto rendimento do chefe e pelo tamanho restrito de suas famílias, resultando em renda familiar *per capita* média só inferior à do “Duplo Seguro”, que é onde se encontram os maiores rendimentos médios do chefe, do cônjuge e *per capita* da família.

Três dos quatro perfis com chefes mais jovens, em termos médios, estão entre aqueles cujas famílias obtêm menores rendimentos médios por cabeça (“Duplo Altamente Instáveis”, “Duplo Vulneráveis” e “Vulneráveis”) e somente os casais dos “Duplo Instáveis” contam com chefes jovens e rendimento familiar razoável (GRÁF. 36).

GRÁFICO 36:



Fonte: Elaboração própria.
Obs: Dados ponderados.

5.4 - Síntese e notas conclusivas

As famílias em que o núcleo é composto de chefe e cônjuge, com chefe do sexo masculino, representam dois terços das famílias da RMSP, segundo dados de 2001. Ou seja, o padrão tradicional de casal ainda é amplamente predominante na região. Os núcleos

compostos com chefia feminina são irrisórios e, dos 32,5% de famílias com núcleo simples (isto é, com chefe sem cônjuge), em torno de 73% a chefia é feminina.

A análise das composições de cada categoria de posição na família por perfis individuais revelou três grupos com estruturas de atributos socioocupacionais semelhantes na RMSP: primeiro, o de “chefes” do sexo masculino, com ou sem cônjuge, cuja peculiaridade, apesar de as “Trajetórias Instáveis” serem as mais freqüentes, é o peso das “Seguras”, maior para esse grupo do que para os outros; segundo, o das “chefes sem cônjuge” e das “cônjuges” (do sexo feminino), com alta inatividade; e, por último, o dos “filhos”, dos dois sexos, com 18 anos ou mais, com grande incidência das “Instáveis”.

Quando se consideram apenas os membros do núcleo familiar, a semelhança da estrutura de “homem chefe com cônjuge” com a de “homem chefe sem cônjuge”, por um lado, e, por outro, a semelhança do padrão de “mulher chefe sem cônjuge” com o de “mulher cônjuge” indicam que a variável “sexo” tem maior peso na determinação das experiências sociolaborais do que a variável “posição na família”. Além disso, da semelhança dos padrões da “chefe” e da “cônjuge” pode ser inferido que as características socioocupacionais das mulheres do núcleo familiar não diferem, tendo elas esposo ou não. As “filhas”, por sua vez, apresentam características socioocupacionais bastante semelhantes às dos “filhos”. Portanto, quando o indivíduo está em posição de assumir suas respectivas responsabilidades familiares, conforme ditadas pelas expectativas sociais, a divisão sexual do trabalho e a provável discriminação no mercado de trabalho impõem efeitos mais claros sobre a experiência laboral individual, em prejuízo das mulheres.

Pode se dizer que é muito surpreendente a semelhança de estruturas de perfis de mulheres chefes e cônjuges, caracterizadas pela alta inatividade econômica. No entanto, deve ser feita ressalva na afirmação de que, independente de ter esposo ou não, o desempenho socioeconômico das mulheres integrantes do núcleo familiar é similar. 22% das chefes recebiam benefícios previdenciários, em contraste com apenas 4% das esposas. O sofrível desempenho socioocupacional da “chefe sem cônjuge” é parcialmente compensado pelo maior acesso aos benefícios previdenciários, pelo menor tamanho de suas famílias e, eventualmente, pelo trabalho de seus filhos, fator não investigado neste estudo. Ainda assim, essas famílias tendem, de fato, a se encontrar um pouco mais entre aquelas de menor rendimento familiar *per capita*, pelo menos até onde os dados permitem fazer inferências devido à grande incidência de não declaração.

Partindo para a investigação dos perfis dos casais, a análise das combinações de perfis individuais promovidas pelas uniões revela, antes de tudo, a grande diversidade de

combinações efetivas, isto é, combinações não apenas “possíveis” na perspectiva teórica, mas que ocorrem de fato. Das 144 combinações possíveis de chefe e cônjuge, só 10 não se efetivaram e não mais do que 12 contêm no mínimo 2% dos casais da RMSP, agregando 67% do total das uniões.

Em função da alta taxa de inatividade entre as cônjuges, os três pares de perfis mais representativos possuem cônjuges na posição de inativos: chefes com “Trajetórias Instáveis” e cônjuges inativos (com 13,3% dos casais); chefes e cônjuges inativos (com 11,4%); e chefe com “Trajetórias Seguras” e cônjuges inativos (com 11,3%). 36% dos casais da RMSP são classificados em um desses três pares. O par “chefe e cônjuge inativos” tem estruturas etárias, referentes ao chefe e ao cônjuge, bem envelhecidas, enquanto as estruturas etárias dos “chefes instáveis e cônjuges inativos” são mais jovens e as dos “chefes seguros e cônjuges inativos”, um pouco mais maduras, com um perfil mais concentrado em idades adultas.

As três combinações de casais mais comuns na RMSP revelam a persistência da vigência de um padrão em que os “cônjuges” (basicamente mulheres) são inativos do ponto de vista econômico, sendo que poucos deles alcançam a aposentadoria. Os “cônjuges” dessas combinações são, essencialmente, indivíduos que não têm vida profissional corrente ou pregressa, pelo menos a que seria, do ponto de vista formal, necessária e suficiente para lhes garantir o acesso à aposentadoria.

Àquelas três combinações de perfis mais frequentes, sucedem outras três, cujos “cônjuges” não são inativos: “chefes instáveis e cônjuges precários”, “chefes e cônjuges instáveis” e “chefes e cônjuges seguros”. Os seis pares mais comuns agregam cerca de metade de todos os casais da RMSP e compõem-se de combinações apenas dos perfis puros (“Trajetórias Instáveis”, “Seguras”, “Precárias”) e “Inativos”. Por conseguinte, os três tipos puros de trajetórias, que, como visto antes, são amplamente capazes de sintetizar a experiência sociolaboral da força de trabalho paulistana, cobrindo 75% dela, têm também o poder de, aliados à categoria dos “inativos”, sintetizar metade das combinações de perfis dos casais da RMSP, que constitui realidade bastante heterogênea. Apesar da insuficiência para dar conta de *todas* as combinações promovidas pelas uniões conjugais, as categorias de “Trajetórias Precárias”, “Instáveis”, “Seguras” e “Inativos” provam-se poderosas para apreensão da realidade da sociedade e do mercado de trabalho regionais.

Em seguida, foi desenvolvida uma tipologia de casais, com base nos mesmos método e banco de dados empregados na implementação da tipologia de indivíduos, com introdução de algumas variáveis e recodificação de outras. O procedimento adotado

demandou três perfis de referência e utilizou características da família e atributos pessoais e ocupacionais do chefe e do cônjuge, tanto os economicamente ativos quanto os inativos.

Os perfis extremos identificados foram: “Casais Vulneráveis”, “Casais de Dupla Instabilidade” e “Casais Estabilizados”. No “Perfil de Casais Vulneráveis”, sobressaem, como muito prováveis, diversas características de vulnerabilidade social: baixa renda familiar *per capita*, nenhum ou poucos ocupados na família, baixíssima escolaridade de chefe e cônjuge, chefe desempregado, cônjuge inativo ou desempregado, chefe sem rendimento ou com baixos rendimentos individuais, cônjuge sem rendimento e chefe com indicadores de alta instabilidade ocupacional. Além disso, chefes e cônjuges têm grandes probabilidades de portar outras características em geral associadas a grupos vulneráveis: “cor” negra, imigrantes recentes, famílias grandes e presença de crianças menores de sete anos na família. Chefe e cônjuge desse perfil tendem a ser muito jovens ou jovens adultos.

O segundo tipo foi identificado como “Perfil de Casais de Dupla Instabilidade” porque tanto o chefe quanto o cônjuge são ocupados, porém com intensa transiência ocupacional. A virtual totalidade de cônjuges ocupados é o que mais diferencia esse perfil. Entretanto, várias características muito prováveis de chefes e cônjuges apontam para alta instabilidade ocupacional, como serem ocupados há menos de oito anos e informarem muitos episódios de ocupação e de não ocupação e curto intervalo de tempo total. Chefes e cônjuges tendem a estar ocupados como assalariados com ou sem carteira, domésticos ou autônomos, a serem jovens adultos e a alcançarem média-alta escolaridade. O mais provável é que as famílias sejam pequenas, que possuam crianças menores e que obtenham renda *per capita* de valores médios.

Por fim, o “Perfil de Casais Estabilizados” caracteriza-se, principalmente, pelas idades mais avançadas de chefe e cônjuge e pela alta renda familiar. Outras características importantes com alta probabilidade são a escolaridade de nível superior dos esposos. Os chefes tendem a ser estáveis na ocupação e os cônjuges, estáveis na inatividade, embora também ocorram situações de chefes aposentados e cônjuges ocupados há mais de oito anos. Quando não inativos, chefes e cônjuges têm grande chance de ser assalariado público, empregador, autônomo ou profissional universitário autônomo e de contar com altos rendimentos. “Cor” branca ou amarela, natural ou imigrante de longa data, famílias pequenas e sem criança menor de sete anos são outras características prováveis do perfil.

Os dados da distribuição entre os tipos confirmam a elevada heterogeneidade do conjunto dos casais da RMSP em 2001, conforme já indicava o cruzamento dos perfis individuais pelo casamento. Há uma significativa diluição dos casais entre os tipos puros e

mistos. Os “Vulneráveis” agregam 14,1% dos casais, os “Duplo Instáveis”, 18,4% e os “Estabilizados”, 17,7%. Assim, os três tipos puros revelam um relativo equilíbrio de suas proporções e concentram apenas metade dos casais, enquanto os perfis puros da tipologia individual abrangiam 75% dos indivíduos. Além disso, abstraindo o misto sem predomínio, que é um grupo residual, o perfil menos representativo, caso dos “Vulneráveis e Duplo Instáveis”, ainda contém um percentual expressivo, 6,7% dos casais.

Com base nas características que mais os diferenciam, os perfis mistos foram identificados e nomeados (constando, entre parênteses, as respectivas combinação dos perfis de referência e proporção dos casais da RMSP em 2001): “Casais de Dupla Vulnerabilidade” (misto do “Vulnerável” com o “Duplo Instável”, com 6,7% dos casais); “Idosos em Alto Risco” (“Vulnerável e Estabilizado”, com 6,9%); “Dupla Alta Instabilidade” (“Duplo Instável e Vulnerável”, com 7,4%); “Dupla Segurança Parcial” (“Duplo Instável e Estabilizado” com 8,7%); “Idosos de Média Segurança” (“Estabilizado e Vulnerável”, com 8,5%); “Casais de Dupla Segurança” (“Estabilizado e Duplo Instável”, com 6,8%); e, por fim, o tipo “Misto sem Predomínio” (com 4,9% dos casais da RMSP em 2001). O tipo “Sem Predomínio” não recebeu denominação alternativa porque não se identificou um conjunto de características que o discriminasse dos perfis puros e suas características correspondem, muitas vezes, àquelas da amostra. Nos perfis que possuem a palavra “duplo” em sua denominação, os “cônjuges” (ou, mais apropriadamente, *as* cônjuges) tendem a fazer parte do mercado de trabalho.

Chefe e cônjuge, de cada perfil e da amostra, tendem a ter idades próximas, conforme apontado pelo coeficiente de correlação. E, considerando-se as idades médias dos esposos por perfil, os casais dos tipos “Idosos de Média Segurança”, “Estabilizados” e “Idosos em Alto Risco”, nessa ordem, são os mais velhos. Em seguida, vêm os casais de “Dupla Segurança” e, depois, os de “Dupla Segurança Parcial” e os “Vulneráveis”. E, por fim, com idades médias mais jovens e similares, os de “Dupla Vulnerabilidade”, “Dupla Instabilidade” e “Dupla Alta Instabilidade”. Os cônjuges dos perfis de casais mais envelhecidos são, em geral, economicamente inativos, e aqueles dos mais novos, ativos, enquanto que aos perfis de idade intermediária correspondem cônjuges tanto ativos quanto inativos. Essa associação parece refletir não só fenômenos de ciclo de vida (com inatividade na idade avançada e participação na força de trabalho em idades jovens e adultas), mas também padrões histórico-culturais, pelos quais, no passado, as cônjuges trabalhavam apenas eventualmente e, no presente, o hábito do trabalho fora do próprio domicílio torna-se mais disseminado entre as cônjuges. Chama atenção a elevada

inatividade dos cônjuges (79,5%) do perfil de “Casais Vulneráveis”, que apresenta o menor rendimento familiar *per capita* médio.

A estrutura por perfis dos chefes segundo idade reforça que o perfil de “Casais Estabilizados” tende a ganhar importância com a elevação dos grupos etários e o de “Duplo Instáveis”, no início da vida adulta (20 a 29 anos), enquanto os “Vulneráveis” diluem-se mais entre os grupos, com maior peso entre 16 e 19 anos. Nas idades de auge da atividade econômica, dos 30 aos 59 anos, os chefes distribuem-se por todos os dez perfis. Esses padrões etários fazem com que as crianças menores de sete anos de idade estejam relativamente mais concentradas entre nas famílias dos casais dos perfis sob influência dos tipos “Vulneráveis” e “Duplo Instáveis”, isto é, nas de condição mais frágeis ou instáveis.

Quanto à escolarização, chefes e cônjuges dos “Casais Duplo Seguros” e “Duplo Parcialmente Seguros” exibem as médias mais altas de anos de estudo completos. Já os “Vulneráveis” têm as piores marcas. A segmentação dos chefes e cônjuges em dois grupos de idade, “com menos de 40 anos” e “com 40 anos ou mais”, revela que os mais novos são, em média, bem mais escolarizados do que os mais velhos. O comportamento das médias de anos de estudo por perfil para os dois grupos etários considerados demonstra também que, para os mais jovens, é um pouco mais estreita a relação entre nível educacional e segurança ocupacional e familiar, conforme apontada pelos perfis. As diferenças expressivas de escolaridade a favor das coortes mais jovens reforçam a importância de se levar em conta a relação entre coorte e nível educacional em análises do mercado de trabalho.

De forma similar ao que ocorre com a média de anos de estudo, os rendimentos totais médios dos chefes por perfil tendem, com algumas exceções, a aumentar quando se eleva a segurança ocupacional e familiar. Ou seja, as médias de rendimentos dos chefes crescem no sentido do perfil “Vulnerável” para o “Estabilizado”, com as exceções dos tipos “Idoso de Média Segurança”, “Idoso em Alto Risco” e do próprio “Estabilizado”. O mesmo ocorre com a renda familiar *per capita*, inclusive com as mesmas exceções, mas as flutuações da renda familiar são um pouco mais acentuadas, em função dos impactos do rendimento do cônjuge (e, eventualmente, de outro membro da família) e o tamanho do arranjo familiar.

A análise dos perfis, puros e mistos, segundo faixas de idade e de escolaridade revela a importância dos atributos de idade e de escolarização para a configuração da tipologia de casais. Idade e escolaridade, por um lado, parecem exercer papel significativo na formação dos casais, uma vez que os membros do núcleo familiar, independente de a qual perfil pertencem, tendem a ter idades próximas e, ainda que em grau bem menor, nível

educacional similar. Ademais, conforme apontado por diversos estudos, o desempenho no mercado de trabalho está associado, de maneira estreita, à qualificação profissional e à experiência de trabalho acumuladas pelo indivíduo, características relacionadas, respectivamente, à sua escolarização e à sua idade (embora não redutíveis a elas).

O terceiro atributo determinante na obtenção da tipologia dos casais corresponde à condição de atividade dos chefes e, em especial, das cônjuges, isto é, se a cônjuge é economicamente ativa ou não e, quando o é, se está ocupada ou desempregada e quais as características de seu exercício profissional (maiores ou menores estabilidade na ocupação, remuneração, em que posição etc.). Todas essas características referentes à condição de atividade da cônjuge, que se relacionam à sua idade e à sua escolaridade, constituem fatores decisivos na classificação dos casais segundo seus atributos socioeconômicos. O mesmo vale, com poder de discriminação bem menor, para os chefes.

Pode-se afirmar, em síntese, que a tipologia socioocupacional de casais desenvolvida nesta etapa do estudo expressa as histórias ocupacionais de chefes e cônjuges das uniões existentes e que tais histórias recebem grande influência dos níveis educacionais e das trajetórias laborais do casal, das estratégias e configurações familiares, além daquelas impostas por processos econômicos e sociais mais amplos.

Capítulo 6

Considerações finais

O presente estudo investigou, primeiro, numa perspectiva comparativa, os padrões de inserção e transição de mulheres e homens no mercado de trabalho e, em seguida, a combinação de características sociais e econômicas estabelecida pela união dos dois membros dos núcleos familiares compostos. A região analisada foi a metrópole de São Paulo, com base nos dados resultantes da conjugação da Pesquisa de Emprego e Desemprego com a Pesquisa de Mobilidade, aplicada entre abril e dezembro de 2001.

Em função das realidades muito heterogêneas do mercado de trabalho e das uniões conjugais existentes, a estratégia de investigação empregada consistiu, na primeira etapa, em desenvolver uma tipologia individual de “trajetórias socioocupacionais” e, na segunda, em analisar as combinações dos perfis individuais pelos casamentos e, em seguida, construir uma tipologia de casais. “Trajetória socioocupacional” é entendida como o resultado da experiência sociolaboral do indivíduo, ou seja, é vista como a combinação de seus atributos (produtivos ou não) e suas inserções e transições entre estados e ocupações no mercado de trabalho ao longo do tempo.

Para desenvolvimento das duas tipologias, utilizou-se o método *Grade of Membership – GoM* –, que é mais adequado para tratar realidades heterogêneas, por evitar a dicotomia dos procedimentos classificatórios tradicionais, em que determinado elemento ou pertence ou não pertence, integralmente, a certo conjunto. O GoM baseia-se na teoria dos conjuntos nebulosos (*fuzzy sets*), para a qual um elemento de determinado universo pode ter pertencimento integral ou parcial a certo perfil de referência e, quando o elemento tem pertinência parcial a dado perfil, também possui algum grau de associação a outro perfil (ou a outros perfis). Dessa maneira, o método empregado possibilita uma distribuição mais graduada dos elementos entre as categorias identificadas, lidando melhor com a heterogeneidade. O desenvolvimento das duas tipologias, a de indivíduos e a de casais, visa exatamente *organizar* e *sintetizar* a heterogeneidade existente no mercado de trabalho e na sociedade, criando indicadores sintéticos dessas realidades, de modo a facilitar a compreensão da configuração desse universo multifacetado.

A tipologia de trajetórias socioocupacionais parte do entendimento de que, além da heterogeneidade, outra característica definidora do mercado de trabalho brasileiro é a instabilidade ocupacional, ou seja, a curta duração média dos episódios de ocupação,

característica que demanda uma abordagem da *dinâmica* do mercado de trabalho. Um terceiro aspecto fundamental desse mercado manifesta-se no nível crescente de atividade econômica das mulheres, especialmente das casadas, a despeito da persistência das condições desfavoráveis para a inserção feminina frente às condições dos homens com atributos semelhantes. Portanto, o principal objetivo da primeira parte do estudo era, mediante uma abordagem da dinâmica do mercado de trabalho, investigar em que medida prevalecem diferenças entre as trajetórias dos indivíduos que compõem a força de trabalho considerando seu “sexo” (ou “gênero”), ou seja, em que medida as trajetórias femininas no mercado de trabalho diferenciam-se das masculinas.

Para análise das trajetórias socioocupacionais, construiu-se uma tipologia de “inserção e transição” no mercado de trabalho que considera, simultaneamente, características do indivíduo, dos postos por ele ocupados e das transições, entre estados e ocupações, por ele vivenciadas. Dessa maneira, os perfis obtidos para os indivíduos economicamente ativos sintetizam em si, ao mesmo tempo, as marcas dos percursos laborais e as características individuais a eles associados. Foram identificados três perfis puros (“Trajetórias Precárias”, “Instáveis” e “Seguras”) e sete perfis mistos, que combinam, em graus diversos, características dos tipos puros⁷¹. As características prováveis do perfil de “Trajetórias Precárias” indicam elevada vulnerabilidade familiar e ocupacional; o perfil de “Trajetórias Instáveis” é marcado, principalmente, pela grande instabilidade ocupacional; e características que possibilitam condições de vida e de trabalho relativamente mais garantidas definem o pertencimento dos indivíduos às “Trajetórias Seguras”. As “Trajetórias Instáveis” constituem o tipo de trajetória mais freqüente para indivíduos de ambos os sexos, principalmente para os homens, e incidem mais entre os jovens adultos. Nas “Seguras”, que contam com estruturas etárias mais envelhecidas, mulheres e homens estão quase homogeneamente representados. E, por fim, as “Precárias” são mais importantes para as mulheres do que para os homens. Os perfis puros abrangem cerca de 70% das mulheres e 80% dos homens economicamente ativos da RMSP e, portanto, pode-se afirmar que as categorias “Trajetórias Precárias”, “Trajetórias Instáveis” e “Trajetórias Seguras” oferecem elevado poder de descrever e sintetizar os

⁷¹ A análise dos perfis individuais mistos não revelou características sociolaborais que permitissem sua identificação por denominação alternativa àquela resultante da junção do nome do perfil principal com o do perfil secundário. Ou seja, os tipos mistos mantiveram denominações como “Precária e Instável”, “Instável e Segura” etc. Isso ocorreu especialmente porque, em alguns perfis mistos, há diferenças muito significativas entre mulheres e homens, sendo as características das mulheres mais semelhantes às de um perfil dos dois que compõem o tipo misto e as dos homens, às do outro perfil.

padrões de “inserção-transição” aliados aos atributos sociais e individuais dos trabalhadores daquela metrópole.

Duas características sociolaborais muito relevantes do conjunto das mulheres, em comparação com os homens, dizem respeito à sua distribuição por um maior leque de perfis, puros e mistos, e à maior concentração naqueles sob influência das “Precárias”, perfis que tendem a apresentar diversos indicadores de vulnerabilidade. Essas duas características estão relacionadas ao peso do emprego doméstico para a ocupação feminina e à maior incidência do desemprego entre as mulheres. As empregadas domésticas se espalham por vários perfis, puros e mistos, e, dessa maneira, o emprego doméstico é, ele mesmo, muito heterogêneo, condição em geral não reconhecida em outros estudos. Se as empregadas domésticas fossem desconsideradas do desenvolvimento da tipologia, a distribuição feminina entre os perfis se tornaria mais concentrada e parecida com a masculina, embora seguisse sendo um pouco mais diversificada e precarizada.

O *trabalho* doméstico (não exclusivamente aquele realizado por empregadas domésticas) permanece como tema relevante de pesquisa no Brasil, seja na perspectiva da investigação acerca das mulheres que por meio dele viabilizam a própria sobrevivência, seja buscando-se decifrar as formas de equacionamento das necessidades de trabalho para o domicílio e para a família. Em função dos constrangimentos das relações de gênero vigentes, que ainda responsabilizam as mulheres pela maior parte das tarefas domésticas e familiares, e em decorrência do caráter restrito ou restritivo dos mecanismos de apoio à organização da vida familiar no Brasil, a atividade das empregadas domésticas possibilita o ingresso e/ou permanência das mulheres casadas no mercado de trabalho, mas, muitas vezes, ao preço de “carreiras” profissionais bem mais atribuladas e obstaculizadas.

Ratificando o constatado em outros estudos, as mulheres na força de trabalho tendem a alcançar nível educacional superior aos homens. A diferença é particularmente aguda entre os indivíduos dos perfis de “Trajetórias Instáveis” e de “Trajetórias Seguras”. As exigências, impostas às mulheres, em relação aos atributos necessários para alcançar determinada posição no mercado de trabalho parecem ser bem mais rígidas do que as colocadas a seus pares masculinos, pelo menos do que se depreende do revelado pelo nível educacional. Além de serem obrigadas a enfrentar os obstáculos da discriminação, segmentação e menores remunerações, conforme já identificado em outros estudos, mesmo dispondo de escolarização média mais alta, as mulheres também tendem a percorrer trajetórias ocupacionais menos virtuosas. Portanto, as dificuldades das mulheres no

mercado de trabalho não se resumem a problemas em um dado período, mas a questões mais estruturais, recorrentes e com implicações mais dinâmicas.

Considerando trabalhadores de ambos os sexos, não foi verificada uma relação direta entre nível educacional e segurança ocupacional. Entre os que permanecem ativos, parece haver uma tendência de os ocupados, independentemente de seu grau educacional, irem se acomodando em seus postos de trabalho na medida em que envelhecem, o que se identificou como “efeito senioridade”. É possível que esse efeito, aliado ao desnível de escolarização média entre as coortes mais velhas e as mais novas, interfira na relação entre escolaridade, de um lado, e estabilidade e segurança ocupacionais, de outro. Os possíveis efeitos redutores da escolarização sobre a instabilidade ocupacional perdem força, caso não sejam consideradas as características de idade e coorte dos indivíduos, fazendo com que as condições mais seguras de vida e trabalho pareçam mais afeitas à influência de coorte e idade e menos aos atributos educacionais.

Para melhor entender como as diferenças de “inserção-transição” no mercado de trabalho afetam o bem estar das famílias, investigaram-se, primeiro, as trajetórias ocupacionais dos indivíduos segundo sua posição na família e, depois, as relações entre as trajetórias do chefe da família e de seu cônjuge.

A estruturação mais comum das famílias na metrópole paulistana ainda corresponde ao modelo tradicional, embora famílias chefiadas por mulheres sem cônjuges tenham peso expressivo. As famílias com núcleo composto de chefe do sexo masculino e cônjuge do sexo feminino abrangem dois terços do total de famílias e, daquelas com núcleo simples, pouco menos de 75% têm chefia feminina.

Investigaram-se os atributos socioocupacionais de indivíduos por posição na família e sexo mediante análise das respectivas composições de perfis individuais. Foram identificados três grupos com estruturas de atributos socioocupacionais semelhantes: o de “chefes” do sexo masculino, com ou sem cônjuge, em que ressalta, na comparação com os outros dois grupos, o peso das “Trajetórias Seguras”; o das “chefes sem cônjuge” e das “cônjuges”, que apresentam alta inatividade; e o dos “filhos” com 18 anos ou mais, dos dois sexos, para quem se destacam as “Trajetórias Instáveis”.

Os dados do cruzamento do tipo individual de cada chefe com o do respectivo cônjuge revelam, antes de tudo, a grande diversidade de combinações efetivas e uma fragmentação dos casais entre as 144 combinações possíveis. Somente 12 combinações contêm, pelo menos, 2% dos casais da RMSP, abrangendo, juntas, 67% dos casais.

Os três pares mais freqüentes compõem-se de, primeiro, chefes com “Trajetórias Instáveis” e cônjuges inativos; segundo, chefes e cônjuges inativos; e, terceiro, chefe com “Trajetórias Seguras” e cônjuges inativos. Por conta da alta taxa de inatividade entre as cônjuges, os três possuem cônjuges inativos. 36% dos casais da RMSP são classificados em um desses três pares. As estruturas etárias do chefe e do cônjuge do par “chefe e cônjuge inativos” mostram-se bem envelhecidas. Embora um pouco mais semelhantes entre si, as estruturas etárias dos “chefes instáveis e cônjuges inativos” são mais jovens e as dos “chefes seguros e cônjuges inativos”, mais concentradas em idades adultas.

Além dessas três combinações mais comuns, outras três contam com, no mínimo, 4% dos casais e não dispõem de cônjuges inativos: “chefes instáveis e cônjuges precários”, “chefes e cônjuges instáveis” e “chefes e cônjuges seguros”. Pouco mais da metade de todos os casais da metrópole de São Paulo classificavam-se entre as seis combinações mais freqüentes, que resultam do cruzamento de combinações de tipos puros (“Trajetórias Precárias”, “Instáveis”, “Seguras”) e “Inativos”. Fica demonstrada, então, a capacidade dessas quatro categorias de sintetizar a experiência sociolaboral da força de trabalho e os tipos de uniões conjugais da RMSP, já que 75% da população ativa pertencem a um dos três perfis individuais puros e suas combinações, em conjunto com “inativos”, abarcam metade das uniões daquela região em 2001.

Como forma alternativa de análise das combinações conjugais, desenvolveu-se uma tipologia de casais, com base em características da família e atributos pessoais e ocupacionais do chefe e respectivo cônjuge, tanto os economicamente ativos quanto os inativos. Foram identificados três perfis extremos: “Casais Vulneráveis”, “Casais de Dupla Instabilidade” e “Casais Estabilizados”. Os casais do perfil “Vulneráveis” distinguem-se por enfrentarem, com grandes probabilidades, diversos indicadores de vulnerabilidade social, tais como baixa renda familiar *per capita*, baixíssima escolaridade de chefe e cônjuge, chefe desempregado, cônjuge inativo ou desempregado, entre outras. Quanto aos casais do perfil de “Dupla Instabilidade”, sua marca distintiva em relação aos outros dois reside na quase plenitude de cônjuges e chefes ocupados, mas com instabilidade ocupacional. Já os casais do perfil de “Estabilizados” são caracterizados, principalmente, pelas probabilidades de chefes estáveis na ocupação e cônjuges estáveis na inatividade, embora também ocorram situações de chefes aposentados e cônjuges ocupados há mais de oito anos, ambos com idades e escolaridades mais avançadas e alta renda familiar.

Os perfis mistos foram identificados segundo as características que mais os diferenciam. Os perfis puros e mistos (e as respectivas parcelas do total de casais da

Grande São Paulo em 2001) são: “Vulneráveis” (com 14,1% dos casais), “Duplo Vulneráveis” (6,7%), “Idosos em Alto Risco” (6,9%), “Duplo Altamente Instáveis” (7,4%), “Duplo Instáveis” (18,4%), “Duplo Parcialmente Seguros” (8,7%), “Idosos de Média Segurança” (8,5%), “Duplo Seguros” (6,8%) e “Estabilizados” (17,7%), além do perfil misto sem predomínio (com 4,9% dos casais). Assim, constata-se uma diluição dos casais entre os tipos puros e mistos, o que reafirma a heterogeneidade dos casais na RMSP.

Idade, nível educacional e condição de atividade do cônjuge revelaram-se importantes atributos para configuração dos casais segundo os perfis, puros e mistos. Pelo que se depreende da análise das uniões existentes na RMSP em 2001, os esposos tendem a ter idades semelhantes, constatação que permite supor que esses fatores são muito importantes para a formação dos casais. Quanto à escolaridade, a correlação entre anos de estudo completos dos esposos não é tão alta, mas parece aumentar com a idade⁷². Adicionalmente, tanto idade quanto escolaridade também estão relacionadas com o desempenho dos indivíduos no mercado de trabalho. A idade tende a indicar a experiência profissional acumulada pelo indivíduo, seja na mesma empresa seja no mercado de trabalho, embora nem sempre idades mais avançadas estejam associadas a uma história ocupacional favorável. Ainda assim, pode-se supor a existência de um “efeito senioridade”, segundo o qual os trabalhadores tendem a ir se estabelecendo em suas ocupações ou empresas na medida em que envelhecem. A escolaridade, por sua vez, é vista, pelos empregadores, como uma indicação do nível de qualificação profissional e de outros atributos desejados (como facilidade para aprendizagem, disciplina, capacidade de concentração, autonomia, disposição para trabalho em equipe, entre outros). Por outro lado, idade e escolaridade não esgotam os princípios de estruturação da tipologia, uma vez que os perfis retratam também as diferentes histórias ocupacionais individuais e as opções e estratégias diferenciadas das famílias na organização e divisão do trabalho para o mercado e para o domicílio. Portanto, a tipologia socioocupacional de casais obtida neste estudo reflete os padrões de formação e sobrevivência das uniões conjugais e as experiências laborais de chefes e cônjuges, sobre as quais têm grande influência os níveis educacionais e as idades de um e de outro, aliadas às transformações econômicas de curto e longo prazos e às estratégias de organização familiar, permeadas por referências socioculturais e atribuições de papéis.

⁷² Caso se confirme que as uniões mais longevas carregam um grau de correlação maior entre os níveis educacionais dos parceiros, poderia ser investigado se esposos com níveis educacionais mais próximos tendem a ter uniões mais duradouras e/ou se, no passado, as uniões se davam entre indivíduos com maior semelhança de escolarização.

É importante ressaltar, porém, que este estudo não teve por objetivo buscar identificar relações de causalidade entre o processo de formação das uniões e as características socioocupacionais individuais de chefes e cônjuges. Foram analisados os “casamentos sobreviventes”, ou seja, os casamentos que sobreviveram às várias formas possíveis de término, como por morte de um dos parceiros ou por separação do casal. Em outras palavras, o que foi investigado não foi exatamente o padrão de *formação* de casais, mas sim o padrão ou, de modo mais preciso, os *padrões das uniões existentes* na Região Metropolitana de São Paulo em 2001. Obviamente, dentro desse amplo conjunto de uniões, existem as recém formadas e as longevas; indivíduos em primeira união e indivíduos em uniões de ordem superior; casais formados em São Paulo e casais de imigrantes etc. Isso faz com que o conjunto de núcleos familiares aqui estudados seja heterogêneo também por características não abordadas, muitas vezes por falta de informações na base de dados. Deve-se salientar que, em função do amplo espectro etário analisado, as uniões correntes provavelmente obedecem a processos muito diferenciados de formação de casais, seja na perspectiva social seja na perspectiva histórica⁷³. Isto é, pode-se supor que sejam diferentes histórica e socialmente os padrões em que se deu a formação do conjunto dos casais analisados. Como o Brasil é muito desigual na perspectiva social e passou por grandes mudanças sociais e culturais nas últimas décadas, pode-se pensar que no momento presente convivam “uniões sobreviventes” que são frutos de diferentes padrões históricos e sociais. No entanto, o tema do padrão (ou padrões) de formação de casais no Brasil, ao que se saiba, não tem sido objeto de estudos.

No presente estudo, os três perfis puros de casais refletem tipos de uniões identificadas segundo conjugação de critérios sociais e econômicos. O perfil de “Casais Estabilizados” tende a corresponder às uniões de pessoas mais velhas, com escolaridade e renda familiar mais elevadas, em que o chefe é ocupado ou aposentado e o cônjuge, inativo. Os casais do perfil de “Dupla Instabilidade” são caracterizados pela participação de cônjuges e de chefes no mercado de trabalho, essencialmente como ocupados, porém com experiência de instabilidade laboral, e idades prováveis entre 20 e 39 anos. Já os casais do perfil “Vulneráveis” não se concentram em certas faixas de idades, mas são portadores de diversos indicadores de vulnerabilidade social, entre os quais o baixo nível

⁷³ O casal da amostra em que, conjuntamente, chefe e cônjuge são mais velhos tem, respectivamente, 92 e 88 anos de idade. Supondo que eles tenham se casado aos 28 e 24 anos e estejam juntos desde então, o casamento teria ocorrido 64 anos antes da pesquisa, ou seja, em 1937. O casal em que os dois esposos são, conjuntamente, mais novos tem 17 e 16 anos. Assim, é possível que a amostra contenha uniões formadas num intervalo de tempo de cerca de 60 anos.

educacional de chefes e cônjuges e o desemprego ou inatividade do cônjuge, a despeito da baixa renda do chefe e da família. Os perfis mistos recombina essas e outras características dos perfis de referência.

O desenvolvimento dessa tipologia baseia-se em critérios e objetivos totalmente distintos da proposta por MONTALI (2003), que tinha por finalidade pensar a família sob a ótica do seu ciclo de vida e de sua estruturação. Conforme a autora, sua classificação refere-se a:

“Tipologia de família construída a partir da estruturação das famílias – se nucleadas por casal ou por chefe sem a presença de cônjuge – e das etapas do ciclo de vida familiar. São os seguintes os tipos de família utilizados: casais sem filhos, casais de até 34 anos com filhos residentes (etapa de constituição da família); casais de 35 a 49 anos com filhos residentes (etapa de consolidação da família); casais de 50 anos e mais com filhos residentes (etapa de envelhecimento da família); chefe feminino sem a presença de cônjuge (só, com filhos e/ou parentes); chefe masculino sem a presença de cônjuge (só, com filhos e/ou parentes).” (MONTALI, 2003, p. 134.)

Ainda que se possa contrapor, em termos de ciclo de vida das famílias, o perfil de “Casais Estabilizados” ao de “Dupla Instabilidade”, associando o primeiro a um estágio de envelhecimento e o segundo a um estágio de constituição e consolidação da família, o perfil de “Vulneráveis” escapa a essa lógica, já que seus casais não se concentram em faixas etárias determinadas e o princípio básico de identificação desse grupo é o da fragilidade da inserção ocupacional e das condições familiares. De todo modo, mesmo sabendo-se que os dados empregados no estudo referem-se, essencialmente, a um período determinado e, por consequência, não correspondem a informações de ciclo de vida e tomando-se o cuidado de evitar a concepção de que as famílias vão necessariamente “evoluir” de um perfil a outro enquanto envelhecem, pode-se buscar interpretar os perfis, puros e mistos, segundo a ótica de etapas do ciclo da família em combinação com as respectivas características socioeconômicas.

Assim, o perfil puro “Estabilizados” e os perfis mistos “Idosos de Média Segurança” e “Idosos em Alto Risco” correspondem à etapa de envelhecimento das famílias, sendo que o perfil puro agrega os casais em melhores condições socioeconômicas e o “Idosos em Alto Risco”, os casais em situação mais insegura. No outro extremo etário, isto é, nas idades entre 16 e 29 anos, etapa mais comum de início da vida ativa e de ingresso em primeira união, a grande maioria de chefes e cônjuges pertence aos perfis “Vulneráveis” e “Duplo Instáveis” e às suas combinações, isto é, aos perfis de “Casais Vulneráveis”, “de Dupla Vulnerabilidade”, “de Dupla Alta Instabilidade” e “de Dupla Instabilidade”, segundo a seqüência da maior para a menor fragilidade pessoal e familiar.

Dessa maneira, o início da vida conjugal e, conseqüentemente, do ciclo de vida familiar parece coincidir com a instabilidade ou com a precariedade da inserção ocupacional, estando a menor fragilidade *associada* a uma escolarização de nível mais elevado⁷⁴. Nas idades adultas, dos 30 aos 59 anos, coexistem todos os diversos perfis de casais. Possíveis explicações para essa diversidade de perfis nas idades adultas podem ser buscadas na vigência de diferentes padrões de formação de casais, na diversidade de experiência ocupacional individual e de estratégias familiares quanto à divisão de trabalho dentro e fora do domicílio e nos vários arranjos das relações de gênero.

A expansão da presença feminina no mercado de trabalho consiste numa das relativamente recentes mudanças sociais de maiores impactos nas famílias e na sociedade brasileira. Em certa medida, a tipologia construída parece captar essa mudança e sua temporalidade. Os cônjuges com 60 anos ou mais concentram-se nos perfis de “Estabilizados” (46,6%), “Idosos de Média Segurança” (28,6%) e “Idosos em Alto Risco” (13,8%). 87% dos cônjuges com 60 anos ou mais são inativos, mas somente 21,5% desses inativos são aposentados, enquanto que, dos chefes na mesma faixa etária, 36,8% são economicamente ativos e 90,6% dos inativos, aposentados. Esses dados refletem um padrão em que as cônjuges, quando adultas, não eram ocupadas no mercado de trabalho ou, melhor, não eram ocupadas de forma regular e regularizada, isto é, com continuidade e direitos correspondentes. Por outro lado, exatamente a ocupação dos cônjuges no mercado de trabalho constitui-se na marca distintiva do perfil de “Dupla Instabilidade”, que alcança maior expressão entre os indivíduos com 20 a 39 anos. Entretanto, os cônjuges dos perfis “Vulneráveis” são, em larga proporção, inativos ou desempregados. No perfil puro de “Vulneráveis”, os cônjuges carregam a maior taxa de inatividade, depois dos “Idosos em Alto Risco” e “Idosos de Média Segurança”, apesar de muito mais jovens.

Portanto, a decisão entre atividade e inatividade econômica do cônjuge parece refletir estratégias diferenciadas, que basicamente dependem, primeiro, das diferenças de expectativas sociais e familiares acerca dos papéis da mulher no interior das famílias e da sociedade e, segundo, de avaliações sobre a maior necessidade de seu trabalho nas tarefas do próprio domicílio ou no mercado e sobre sua chance de absorção como economicamente ocupada. Outro fator importante na efetivação do ingresso (ou reingresso) e permanência da mulher casada no mercado de trabalho, fator associado às expectativas e

⁷⁴ Evita-se afirmar que a maior (ou menor) vulnerabilidade *depende* ou *decorre* da menor (ou maior) escolarização alcançada. Essa hipótese exige análise específica e mais cuidadosa, já que envolve a necessidade de se investigar a relação entre contexto familiar de origem, frequência à escola, ingresso na força de trabalho, ingresso em união e histórico ocupacional.

à valoração do seu trabalho pelos dois cônjuges, diz respeito às relações de poder que entram em disputa no contexto conjugal. Apesar de sua relevância, esse fator não foi investigado neste estudo, demandando, por certo, tratamento mais adequado por meio de pesquisas qualitativas ou de estudos do uso do tempo.

As tipologias desenvolvidas são capazes de organizar e sintetizar um conjunto amplo de características e atributos de indivíduos e de casais, contribuindo para a compreensão da realidade multifacetada da maior metrópole brasileira. Além disso, as tipologias oferecem subsídios para a reflexão sobre as alternativas de políticas públicas, entendidas em sentido amplo, necessárias para fazer frente aos problemas sociais e econômicos identificados.

No que tange aos perfis socioocupacionais individuais, as condições de vida e de trabalho mais difíceis são enfrentadas pelos trabalhadores de “Trajetórias Precárias”. Do conjunto de indivíduos com perfis de “Precárias”, “Precárias e Instáveis” e “Precárias e Seguras”, 74,2% são desempregados e 24,3%, empregados domésticos. Esses indivíduos correspondem a 20,8% da PEA da RMSP com mais de 16 anos e experiência prévia ou corrente de trabalho, ou seja, compõem um contingente significativo. Também a instabilidade ocupacional pode ser considerada um sério problema econômico e social, uma vez que 47,2% dos indivíduos com mais de 16 anos e experiência de trabalho associam-se às “Trajetórias Instáveis” como tipo principal (pura e mistas).

Para enfrentar a precariedade e a instabilidade socioeconômicas no Brasil, urge consolidar um processo de crescimento com distribuição de renda e redução das desigualdades. Em ampla medida, a “heterogeneidade”, marca de nossa sociedade e mercado de trabalho, é expressão de desigualdades sociais. Para além da controvérsia entre crescimento *versus* redistribuição de renda como melhor forma de combater a pobreza disseminada no país, é prioritário fazer com que o conjunto das políticas econômicas e sociais esteja articulado em torno da promoção de um processo continuado de crescimento induzido pela desconcentração da renda⁷⁵. Em função da expansão contínua e ainda acelerada da População Economicamente Ativa, somente um crescimento econômico vigoroso e apoiado em setores mais demandantes de trabalhadores conseguirá impedir a elevação do desemprego e poderá absorver, ainda que de forma gradual, o atual volume expressivo de desempregados e de trabalhadores inseridos em ocupações que permitem

⁷⁵ BARROS, HENRIQUES, MENDONÇA (2000) alegam que o crescimento econômico reduzirá a pobreza apenas muito lentamente e que, por isso, deve-se priorizar as políticas redistributivas para diminuição da incidência da pobreza no Brasil.

apenas a obtenção de pequena renda. A experiência de crescimento econômico acompanhado de expansão do nível de emprego e da taxa de formalização no mercado de trabalho brasileiro nos anos mais recentes torna, no mínimo, discutível a crença de que todo e qualquer processo de crescimento necessariamente não é mais capaz de gerar empregos em ritmo significativo e qualidade adequada (RAMOS, 2003).

Além de constituir mecanismo de contenção do desemprego e de criação de ambiente politicamente mais favorável a mudanças no padrão de apropriação da renda, o crescimento econômico sustentado deverá estimular a formalização e a extensão do prazo dos vínculos trabalhistas, fazendo com que se reduza a instabilidade ocupacional. Não se pode descartar nem a implementação e fiscalização das normas e balizamentos institucionais já existentes nem a criação de novas medidas que favoreçam a ampliação da duração dos vínculos empregatícios. O revigoramento do instituto do Salário Mínimo e a persistência na recuperação de seu valor podem fortalecê-lo como “instrumento eficaz para proteger os trabalhadores que são os perdedores na barganha salarial” (SOARES, 2002, p. 12) e reduzir o incentivo à rotatividade de empregados como forma de controle de custos salariais por parte das empresas. O eventual efeito indutor de desemprego e de pressão sobre os preços resultante da elevação do poder de compra do Salário Mínimo poderá ser contrabalançado pelo crescimento econômico baseado em setores intensivos em força de trabalho e produtores de bens-salário. A minimização dos efeitos geradores de desemprego e inflação causados pela elevação do Mínimo potencializaria o impacto positivo na renda das famílias mais pobres e daquelas com aposentados com benefícios próximos do valor do piso⁷⁶. Não se pode negar, contudo, que a recuperação do Salário Mínimo deverá afetar a estrutura ocupacional, reduzindo a importância de algumas ocupações. Deverá encolher, por exemplo, o setor de serviços domésticos, que absorve quase 20% das mulheres ocupadas no país. Esse setor sobrevive de forma tão difundida, em boa medida, como resultado, por um lado, dos baixos salários praticados e, por outro, da ausência de alternativas ocupacionais para as empregadas domésticas. Para impedir a permanência em situação de desemprego das mulheres antes ocupadas nesses serviços, poderia ser promovido seu emprego em atividades de saúde e de educação, particularmente em creches e pré-escolas.

⁷⁶ Embora o foco de investigação deste estudo seja o mercado de trabalho metropolitano de São Paulo, não poderia deixar de ser mencionado o impacto social da efetivação do preceito constitucional que determinou a fixação do piso da aposentadoria dos trabalhadores rurais em um Salário Mínimo. Parece ser razoável consenso entre os analistas que a implementação desse preceito constitui uma das principais políticas de combate à pobreza no Brasil (ver BONELLI, GONZAGA, VEIGA, 2005, e DELGADO, DELGADO, 2001).

Ainda no âmbito das políticas mais gerais, é imprescindível que o Estado garanta, a todos, a possibilidade de acesso a ensino de boa qualidade, em todos os níveis⁷⁷. Nunca é demais ressaltar que a necessidade dessa garantia visa, antes de tudo, à formação de cidadãos aptos a usufruir os bens culturais e os direitos políticos e a contribuir para as produções sociais, culturais e econômicas. Por conseguinte, a finalidade última de uma educação pública de qualidade vai além da mera intenção de fornecer trabalhadores mais qualificados para o mercado de trabalho. Mesmo assim, não se descarta que trabalhadores mais escolarizados disponham de maiores recursos para aumentar sua chance de permanência na mesma empresa ou ocupação e para ampliar suas possibilidades de adaptação aos movimentos conjunturais e às mudanças estruturais da economia.

Na última década, os investimentos públicos nos níveis fundamental e médio de ensino redundaram em expansão da oferta da educação pública e da substantiva elevação do nível educacional das coortes jovens. A ampliação dos requisitos educacionais no mercado de trabalho também contribuiu para o prolongamento da permanência dos jovens na escola. Entretanto, há fortes indícios de graves deficiências na qualidade da educação pública básica (RIANI, GOLGHER, 2004). Daqui para frente, sem se interromper o processo de extensão da escolarização além do nível fundamental, deve-se investir na melhoria da qualidade da educação pública e integrar os ensinos técnico e universitário públicos numa estratégia de desenvolvimento socioeconômico nacional.

Os dados das trajetórias socioocupacionais mostram maior concentração de mulheres e de negros nos piores perfis. Dos indivíduos com Trajetórias Precárias como tipo principal (pura e mistas), 65,2% são mulheres (contra 45,3% da amostra); e 49,5%, negros (em contraste com 36,4% na amostra). No caso das mulheres, há indícios de que elas já adquirem atributos educacionais mais elevados para alcançar trajetórias semelhantes às de homens menos escolarizados. Políticas que visem anular ou, ao menos, reduzir práticas que discriminam mulheres e negros e os segregam em ocupações socialmente menos valorizadas devem ser implementadas. Especificamente no caso dos negros, políticas de melhoria do nível e da qualidade da sua escolarização deveriam ser combinadas com políticas mais estritamente antidiscriminatórias.

Quanto às trabalhadoras negras, chama a atenção o efeito decorrente da dupla discriminação, de sexo e de cor, sendo que, para elas, o emprego doméstico e outras

⁷⁷ Os serviços públicos de saúde não serão abordados porque a investigação não tratou desse tema. Porém, é óbvio que ter boa saúde é condição para o exercício pleno dos direitos e das atividades laborais e sociais e, portanto, o Estado deveria garantir fácil acesso a bons serviços preventivos e curativos.

formas vulneráveis de ocupação adquirem grande importância (DIEESE, 2005; OIT, 2005). A vigência de fato dos direitos previstos na lei para os empregados domésticos e a extensão a eles dos poucos direitos ainda não reconhecidos por lei (como, por exemplo, duração de jornada e salário-família) contribuiriam para amenizar a precariedade desse tipo de ocupação, ao mesmo tempo em que possibilitaria a sua valorização social.

Refletindo, agora, sobre as políticas voltadas mais especificamente para as famílias mais vulneráveis, ressalta a importância de se buscar fortalecer suas condições de vida e a situação ocupacional de seus membros. Chama a atenção o fato de, entre os casais “Vulneráveis”, a grande maioria dos cônjuges (quase 80%) ser inativa, mesmo com esses casais concentrando-se intensamente no quarto inferior da renda familiar *per capita*⁷⁸. Essa situação recorda a descrita no livro “Minha vida de menina”.

“Terça-feira, 24 de dezembro

Hoje estávamos todos sentados, moços e velhos, debaixo do pequizeiro, felizes da vida. A tarde estava belíssima, como só aqui na Boa Vista. Passou uma mulher pobre e estendendo a mão para nós disse: ‘Me favoreçam com uma esmola, pelo amor de Deus!’. Lucas, que estava no grupo, e não perdoa nada, perguntou à pobre: ‘Por que é que você, tão moça ainda, está pedindo esmola, em vez de trabalhar?’ Ela respondeu: ‘Eu trabalhar? Eu sou tão pobre!’.” (MORLEY, 1999, p. 327.)

Apesar de a situação retratada se passar em Diamantina, interior de Minas Gerais, em 1895, ela nos instiga a repensar as relações entre pobreza e trabalho. Costuma-se pensar na destituição de meios de sobrevivência como fator propulsor da busca de trabalho, que viria a proporcionar a obtenção de renda, com a conseqüente mitigação da pobreza. O que a mendicante do final do século XIX parece nos dizer é que, pelo menos nos níveis extremos, ao invés de impulsionadora do trabalho, a pobreza pode ser obstáculo a ele.

Os cônjuges dos casais “Vulneráveis”, por sua vez, parecem repetir nos dias de hoje: “Trabalhar? Eu? Eu sou tão pobre!”. Esses cônjuges, na verdade, são do sexo feminino – 99,6% deles são mulheres. Por que, então, essas cônjuges não têm trabalho (remunerado) nem estão à procura de um? Uma possibilidade é a concorrência que a atividade remunerada estabelece com as tarefas domésticas, em particular com o cuidado com os filhos. De fato, esse grupo, junto com os casais “Duplo Vulneráveis”, “Duplo Altamente Instáveis” e “Duplo Instáveis”, são os que mais concentram famílias com

⁷⁸ Não se desconhece a existência de uma certa circularidade na situação desses casais, decorrente do fato de o não recebimento de renda pelo cônjuge reduzir o rendimento familiar *per capita*. Porém, deve-se lembrar que o método GOM leva em consideração um conjunto mais amplo de características para construir os perfis e encontrar os escores de pertencimento dos elementos a eles. Portanto, apenas a baixa renda familiar não seria suficiente para fazer com que casais passassem a pertencer ao perfil.

crianças menores de sete anos de idade, que ainda não freqüentam a escola e demandam muita atenção da pessoa responsável, normalmente a mãe.

Outra tentativa de explicação para a inatividade dessas cônjuges pode ser a grande dificuldade de conquista de ocupação remunerada ou de uma remuneração que cubra os custos de ficar fora de casa e de deixar de fazer as tarefas domésticas. Corroborando essa possibilidade, há o fato de estarem desempregados virtualmente todos os 20% de cônjuges desse perfil que são economicamente ativos. A formação pessoal não adequada pode ser um dos motivos de não se conseguir uma ocupação compensadora. Os dados disponíveis nada informam sobre a formação mais geral, mas confirmam o nível educacional muito restrito dos casais “Vulneráveis”. A pouca escolarização certamente impõe obstáculos para obtenção de uma ocupação, ainda mais de uma ocupação com remuneração razoável. E, por fim, um desdobramento desta segunda possibilidade diz respeito às regiões de moradia e de possível trabalho. O custo dos transportes entre residência e local de trabalho, no que se refere tanto ao valor da tarifa quanto ao tempo de deslocamento, também pode contribuir para a alta inatividade das cônjuges dos casais “Vulneráveis”.

Portanto, a reflexão acerca das relações entre pobreza mais aguda e participação na força de trabalho sugere haver um patamar mínimo (ou um limiar) de condições familiares, que, somente depois de ultrapassado, torna possível que as mulheres muito pobres se disponibilizem para o mercado de trabalho⁷⁹.

Desse modo, considera-se que os principais tipos de casais priorizados para políticas mais específicas correspondem aos “Vulneráveis”, “Duplo Vulneráveis” e “Duplo Altamente Instáveis”, que, no total, abrangem 28% dos casais da Grande São Paulo. A fim de se facilitar o ingresso dos cônjuges desses casais no mercado de trabalho, deveria se investir em serviços públicos de creche e pré-escola nas suas regiões de residência, como forma de os liberar dos cuidados diurnos com os filhos. Outra medida facilitadora seria investir em serviços públicos (e/ou subsidiados) de transporte, que conectassem, com eficiência, a região de moradia aos principais pontos de exercício da atividade remunerada. Conjugados a essas políticas, deveriam ser instituídos ou expandidos, em número e valor, programas de transferência de renda, do tipo Bolsa Família ou Renda Mínima, como

⁷⁹ Conforme discutido no segundo capítulo, análises que investigam a renda do marido (ou da família), em geral segmentada por decis, e a atividade (ou ocupação) econômica da esposa, sem imposição de qualquer controle (de escolaridade, número e idade de filhos, por exemplo), tendem a encontrar uma relação na forma de “V” com traço direito mais longo e elevado. Apesar de a finalidade e a metodologia da presente investigação serem completamente outras, nos dois tipos de estudos, constata-se que, entre grupos mais pobres, o nível de atividade econômica do cônjuge é baixo.

instrumento para se aumentar, de modo direto, a renda familiar dos grupos mais vulneráveis⁸⁰. Além disso, em que pesem os obstáculos para a elevação do nível de instrução de indivíduos adultos e os possivelmente baixos impactos econômicos individuais, não devem ser descartados programas de complementação escolar e de formação profissional, até mesmo como meio de ampliação das possibilidades de melhor integração social desses indivíduos.

A análise da sociedade e do mercado de trabalho no Brasil revela a persistência de diversos tipos de heterogeneidade, que, muitas vezes, resultam de desigualdades sociais profundas, antigas e resistentes, com fortes tendências à reprodução no tempo. Para além dos impactos econômicos negativos acarretados por tais desigualdades, a iniquidade social que gera é motivo suficiente para que políticas redistributivas e igualitárias sejam socialmente construídas e para que seja enfrentado o desafio da viabilização política de sua implementação. O presente trabalho pretendeu fornecer elementos para que, do aparente caos da diversidade de trajetórias no mercado de trabalho e de famílias existentes, surgissem categorias que possibilitassem analisar essas realidades complexas e refletir sobre medidas de, pelo menos, redução das imensas desigualdades de condições de trabalho e de vida no Brasil.

⁸⁰ Alguns analistas ressaltam que o programa Bolsa Família, conforme implementado, ainda favorece um tipo específico de família (aquela constituída por mãe, com ou sem parceiro, e filhos menores de 15 anos) e as atribuições tradicionais da mulher no interior da família. Tais programas, para esses analistas, apóiam-se no caráter da família como centro privilegiado da reprodução social, com vistas a evitar o ingresso precoce dos filhos no mercado de trabalho e a alterar o destino das gerações futuras (ITABORAÍ, 2005). Outros analistas, apesar de constatar seus impactos significativos, em especial nas regiões mais pobres do país, chamam a atenção para o fato de o Bolsa Família ser um programa de governo e não um direito instituído por lei, ou seja, não uma conquista da cidadania (MARQUES, 2005). A análise do Programa Bolsa Família ou de outros projetos de renda mínima de cidadania está além do escopo do presente trabalho.

Referências bibliográficas

- ALON, Sigal, DONAHOE, Debra, TIENDA, Martha. **The effects of early work experience on young women's labor force attachment**. Princeton: Princeton University, Office of Population Research, 2000. 39 p. (Working Paper, 2000-4)
- ALON, Sigal, TIENDA, Martha. **Occupational careers of young women**. Princeton: Princeton University, Office of Population Research, 2000. 31 p. (Working Paper, 2000-5)
- ANDRADE, Flávia C. D. A evolução da mobilidade social em cinco regiões metropolitanas brasileiras, 1988 e 1996. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12, 2000, Caxambu, MG. **Anais**. Caxambu: ABEP, 2000. (Disponível em CD-ROM)
- ANDRADE, Cristiana V. de. **Domicílios mineiros oitocentistas: uma aplicação do método "Grade of Membership" (GoM)**. 2001. 94f.. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.
- BALTAR, Paulo Eduardo de A., DEDECCA, Cláudio S., KREIN, José Dari (Org.). **Salário Mínimo e desenvolvimento**. Campinas: Unicamp, 2005. 228 p.
- BARROS, Ricardo Paes de, MENDONÇA, Rosane S. Pinto de. **Família e distribuição de renda: o impacto da participação das esposas no mercado de trabalho**. [Rio de Janeiro]: IPEA, 1989. 38 p. (Texto para discussão, 164.)
- BARROS, Ricardo Paes de, HENRIQUES, Ricardo, MENDONÇA, Rosane S. Pinto. A estabilidade inaceitável: desigualdade e pobreza no Brasil. In: HENRIQUES, Ricardo (Org). **Desigualdade e pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. p. 21-47.
- BARROS, Ricardo Paes de, MENDONÇA, Rosane S. Pinto, SANTOS, Daniel. Incidência e natureza da pobreza entre idosos no Brasil. In: CAMARANO, Ana Amélia (Org). **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999. p. 221-244.
- BECKER, Gary S. A theory of marriage: part I. **Journal of Political Economy**, v.81, n.4, p.813-846, 1973. *apud* LAM, David. Marriage markets and assortative mating with household public goods: theoretical results and empirical implications. **The Journal of Human Resources**, v.23, n.4, p.462-487, Fall 1988.
- BECKER, Gary S. A theory of marriage: part II. **Journal of Political Economy**, v.82, n.2, p.S11-S26, 1974. *apud* LAM, David. Marriage markets and assortative mating with household public goods: theoretical results and empirical implications. **The Journal of Human Resources**, v.23, n.4, p.462-487, Fall 1988.
- BECKER, Gary S. A treatise on the family. Cambridge: Harvard University Press, 1981. *apud* LAM, David. Marriage markets and assortative mating with household public goods: theoretical results and empirical implications. **The Journal of Human Resources**, v.23, n.4, p.462-487, Fall 1988.

BIANCHI, Suzanne M., SPAIN, Daphne. **American women in transition**. New York: Russell Sage Foundation, 1986. 286 p. Cap. 5. Labor force participation and occupational composition. p.139-168.

BONELLI, Regis, GONZAGA, Gustavo, VEIGA, Alinne. Exclusão social e a dinâmica da pobreza no Brasil. In: GACITÚA-MARIÓ, Estanislao, WOOLCOCK, Michael (Org.). **Exclusão social e mobilidade no Brasil**. Brasília: IPEA: Banco Mundial, 2005. p.45-112.

BRUSCHINI, Cristina. O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. In: SEMINÁRIO NACIONAL: POLÍTICAS ECONÔMICAS, POBREZA E TRABALHO, 2, 1994, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPEA, 1994. (Série seminários, 7) *apud* MONTALI, Lília, LOPES, Giovana. **Relações familiares e trabalho feminino na Região Metropolitana de São Paulo na década de 90**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, 2002, Ouro Preto. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2002. (Disponível em CD-ROM)

BRUSCHINI, Cristina. Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? (Brasil, 1985/95). In: ROCHA, Maria Isabel Baltar da (Org). **Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios**. Campinas: ABEP; São Paulo: Ed. 34, 2000. p.13-58.

BURGESS, S., REES, H. Lifetime jobs and transient jobs: job tenure in Britain 1975-1991. Bristol: University of Bristol, Department of Economics, 1994. (Mimeogr) *apud* HAKIM, Catherine. Labour mobility and employment stability: rhetoric and reality on the sex differential in labour-market behaviour. **European Sociological Review**, Oxford, v.12, n.1, p.1-31, May.1996. p.7.

CAMARANO, Ana Amélia (Org). **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999. 382 p.

CERQUEIRA, Cezar Augusto. **Tipologia e características dos estabelecimentos escolares brasileiros**. 2004. 294p. Tese (Doutorado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

CLARK, Kim B., SUMMERS, Lawrence. Labor market dynamics and unemployment: a reconsideration. In: SUMMERS, Lawrence H. **Understanding unemployment**. Cambridge, Mass.: MIT, 1990. p.3-47.

CLOGG, Clifford C., ELIASON, Scott R., WAHL, Robert J. Labor-market experiences and labor-force outcomes. **American Journal of Sociology**, Chicago, v.95, n.6, p.1536-1576, May.1990.

DELGADO, E., DELGADO, G. Indicadores de impacto social da previdência rural pós 1991: análise comparativa sul-nordeste. In: DELGADO, G., CARDOSO JR., J.C. (Org). **Universalização de direitos sociais no Brasil: a experiência da previdência rural nos anos 90**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. *apud* BONELLI, Regis, VEIGA, Alinne. Pobreza, mobilidade e exclusão social no Brasil. In: GACITÚA-MARIÓ, Estanislao, WOOLCOCK, Michael (Org.). **Exclusão social e mobilidade no Brasil**. Brasília: IPEA: Banco Mundial, 2005. p.260.

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos. **A situação do trabalho no Brasil**. São Paulo: DIEESE, 2001. 354 p. Capítulo 4 – As mulheres no mercado de trabalho. p.103-126.

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos. **A mulher negra no mercado de trabalho**: inserção marcada pela dupla discriminação. São Paulo: DIEESE, 2005. 8 p. (Estudos e pesquisas; 14). Disponível em <http://www.dieese.org.br/esp/estpesq14112005_mulhernegra.pdf> Acesso em: 29 de novembro de 2005.

FERNANDES, Reynaldo, FELÍCIO, Fabiana de. O ingresso de esposas na força de trabalho como resposta ao desemprego dos maridos: uma avaliação para o Brasil metropolitano. In: CHAHAD, José Paulo Z., MENEZES-FILHO, Naércio A. de (Org.). **Mercado de trabalho no Brasil**: salário, emprego e desemprego numa era de grandes mudanças. São Paulo: LTr, 2002. p.79-96.

FREEMAN, Richard B. Why there is a youth labor market problem? Cambridge, Mass.: National Bureau of Economics Research, 1979. 32p. (Working Paper; 365.)

FUNDAÇÃO SEADE - Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados, DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **Pesquisa de emprego e desemprego na Região Metropolitana de São Paulo**: abril-dezembro de 2001. São Paulo: SEADE, 2002. (Disponível em CD-ROM.)

FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, CEM / CEBRAP - Centro de Estudos da Metrópole / Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, FUNDAÇÃO SEADE - Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados, DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, SERT-SP - Secretaria do Estado de Relações do Trabalho, USP - Universidade do Estado de São Paulo. **Pesquisa de mobilidade ocupacional**. São Paulo: SEADE, 2002. (Disponível em CD-ROM.)

GACITÚA-MARIÓ, Estanislao, WOOLCOCK, Michael (Org.). **Exclusão social e mobilidade no Brasil**. Brasília: IPEA: Banco Mundial, 2005. 306p.

GOLDIN, Claudia. **Understanding the gender gap**: an economic history of American women. New York, Oxford: Oxford University, 1990. 287p.

GOMES, Anderson, WAJNMAN, Simone. Diferenciais salariais segundo a posição de homens e mulheres nas famílias. 2005. 19p. (Trabalho apresentado no Seminário “As famílias e as políticas públicas no Brasil”, 21-22 de novembro de 2005, Belo Horizonte, ABEP) Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/FamPolPublicas/GomesWajnman.pdf>> Acesso em: 19 de novembro de 2005.

GONZAGA, Gustavo. Rotatividade e qualidade do emprego no Brasil. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v.18, n.1, p.120-140, jan/mar.1998.

GUIMARÃES, Nadya Araujo, SILVA, Paulo Henrique da, FARBELOW, Marcus Vinícius. Transições ocupacionais e recorrência do desemprego. São Paulo numa perspectiva comparada. (Mimeogr.) (Trabalho apresentado no Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 8, 2004, Coimbra.)

GUIMARÃES, Nadya Araujo. **Caminhos cruzados**: estratégias de empresas e trajetórias de trabalhadores. São Paulo: Editora 34, 2004. 408 p.

HAKIM, Catherine. Labour mobility and employment stability: rhetoric and reality on the sex differential in labour-market behaviour. **European Sociological Review**, Oxford, v.12, n.1, p.1-31, May.1996.

HENRIQUES, Ricardo (Org). **Desigualdade e pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. 740 p.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002. 335 p.

HOFFMANN, Rodolfo, LEONE, Eugênia T. Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade da renda domiciliar per capita no Brasil: 1981-2002. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v.14, n.2, p.35-58, maio/ago. 2004.

ITABORAÍ, Nathalie Reis. Trabalho feminino e mudanças na família no Brasil (1984 – 1996): explorando relações. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Campinas, v.20, n.2, p.157-176, jul./dez.2003.

ITABORAÍ, Nathalie Reis. A proteção social da família brasileira contemporânea: reflexões sobre a dimensão simbólica das políticas públicas. 2005. 18p. (Trabalho apresentado no Seminário “As famílias e as políticas públicas no Brasil”, 21-22 de novembro de 2005, Belo Horizonte, ABEP) Disponível em:
<<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/FamPolPublicas/NathalieItaborai.pdf>
> Acesso em: 19 de novembro de 2005.

JANNUZZI, Paulo de M. Mobilidade social no contexto de adversidade crescente do mercado de trabalho brasileiro dos anos 1990. **Economia e Sociedade**, Campinas, v.11, n.2, p.255-278, jul./dez. 2002.

JATOBÁ, Jorge. A família brasileira na força de trabalho: um estudo da oferta de trabalho:1978/88. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v.24, n.1, p.1-34, abr.1994.

KAGEYAMA, Angela. **Uma tipologia dos domicílios agrícolas no Brasil em 1995**. Campinas: Unicamp/Instituto de Economia, 1999. 52 p. (Texto para discussão; 70)

KON, Anita. **Perfil ocupacional do trabalhador brasileiro segundo o gênero**. 22p. (Mimeogr.) (Trabalho apresentado no Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 11, 1998, Caxambu, MG)

LAM, David. Marriage markets and assortative mating with household public goods: theoretical results and empirical implications. **The Journal of Human Resources**: v.23, n.4, p.462-487, Fall 1988.

LEME, Maria Carolina da S., WAJNMAN, Simone. Tendências de coorte nos diferenciais de rendimento por sexo. In: HENRIQUES, Ricardo (Org). **Desigualdade e pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. p.251-270.

LEONE, Eugenia T. Renda familiar e trabalho da mulher na Região Metropolitana de São Paulo nos anos 80 e 90. In: ROCHA, Maria Isabel Baltar da (Org). **Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios**. Campinas: ABEP; São Paulo: Ed. 34, 2000. p. 85-110.

LEWIS, Susan K., OPPENHEIMER, Valerie K. Educational assortative mating across marriage markets: non-Hispanic whites in the United States. **Demography**: v. 37, n.1, p.29-40, Feb.2000.

MANTON, Kenneth G., WOODBURY, Max. A., TOLLEY, H. Dennis. **Statistical applications using fuzzy sets**. New York: John Wiley & Sons, 1994. 312 p.

MARE, Robert D. Five decades of educational assortative mating. **American Sociological Review**: v.56, n.1, p.15-32, Feb 1991.

MARQUES, Rosa Maria. Salário mínimo, seguridade social e combate à pobreza. In: BALTAR, Paulo Eduardo de A., DEDECCA, Cláudio S., KREIN, José Dari (Org.). **Salário mínimo e desenvolvimento**. Campinas: Unicamp, 2005. p.107-120.

MEDEIROS, Marcelo, OSÓRIO, Rafael. **Arranjos domiciliares e arranjos nucleares no Brasil: classificação e evolução de 1977 a 1998**. Brasília: IPEA 2001. 43p. (Texto para discussão; 788)

MEDEIROS, Marcelo, OSÓRIO, Rafael. **Mudanças nas famílias brasileiras: a composição dos arranjos domiciliares entre 1978 e 1998**. Brasília: IPEA, 2002. 21p. (Texto para discussão; 886)

MEDEIROS, Marcelo, OSÓRIO, Rafael, VARELLA, Santiago. **O levantamento de informações sobre as famílias nas PNAD's de 1992 a 1999**. Brasília: IPEA, 2002. 27p. (Texto para discussão; 860)

MONTALI, Lilia. **Trabalho e família na Região Metropolitana de São Paulo na primeira metade dos anos 90: instabilidade e reestruturação produtiva**. Campinas: UNICAMP/NEPP, 1998. (Relatório Final apresentado ao CNPq.) *apud* MONTALI, Lilia, LOPES, Giovana. Relações familiares e trabalho feminino na Região Metropolitana de São Paulo na década de 90. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, 2002, Ouro Preto. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2002. 21p.(Disponível em CD-ROM)

MONTALI, Lilia, LOPES, Giovana. Relações familiares e trabalho feminino na Região Metropolitana de São Paulo na década de 90. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, 2002, Ouro Preto. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2002. (Disponível em CD-ROM)

MONTALI, Lilia. Relação família-trabalho: reestruturação produtiva e desemprego. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.17, n.2, p.123-135, abr./jun.2003.

MONTALI, Lilia. **Changements aux arrangements familiaux d'insertion sous la précarisation du travail et le chômage**. (Travail présenté au XXV International Conférence-IUSSP, Session 165. "Labor market changes and their demographic correlates". Tours, France., de 18 à 23.juillet 2005) Disponível em : <<http://iussp2005.princeton.edu/download.aspx?submissionId=51612>>

- MONTALI, Lilia. **Precarização do trabalho e desemprego**: os impactos nos rearranjos familiares de inserção e nas condições de subsistência - 1985 a 2000. Campinas: UNICAMP/NEPP/, 2005, v.1, p.66. (Relatório Final de Pesquisa do Projeto Família-Trabalho e Políticas Sociais, financiado pelo CNPq)
- MORLEY, Helena. **Minha vida de menina**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 336p.
- NICKELL, S. **Labour market dynamics in OECD countries**. Oxford : Oxford University, Institute of Economics and Statistics, 1995 (Mimeogr) *apud* GONZAGA, Gustavo. Rotatividade e qualidade do emprego no Brasil. **Revista de Economia Política**, v.18, n.1, p.120-140, jan./mar.1998, p.128.
- OLIVEIRA, Ana Maria Hermeto C. de. **Indicadores da segregação ocupacional por sexo no Brasil**. 28p. (Mimeogr) (Trabalho apresentado no Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 11, 1998, Caxambu, MG)
- OLIVEIRA, Ana Maria Hermeto C. de. **Acumulando informações e estudando mudanças ao longo do tempo**: análises longitudinais do mercado de trabalho brasileiro. 2002. 151f. Tese (Doutorado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.
- OLIVEIRA, Ana Maria Hermeto C. de, MACHADO, Ana Flávia. Mobilidade ocupacional e rendimentos no Brasil metropolitano: 1991-96. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v.30, n.1, p.117-156, abr.2000.
- OLIVEIRA, Ana Maria Hermeto C. de, RIOS-NETO, Eduardo Luiz G. Modelos idade-período-coorte aplicados à participação na força de trabalho: em busca de uma versão parcimoniosa. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Campinas, v. 21, n.1, p.21-47, jan./jun. 2004.
- OLIVEIRA, Elzira L. de. **Padrão de mobilidade de ciclo de vida feminino no mercado de trabalho**. 2000. 108f. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- OLIVEIRA, Maria Coleta, BERQUÓ, Elza S. A família no Brasil: análise demográfica e tendências recentes. In: **CIÊNCIAS sociais hoje**, São Paulo: ANPOCS, 1990.
- OPPENHEIMER, Valerie K. A theory of marriage timing: assortative mating under varying degrees of uncertainty. **American Journal of Sociology**, Chicago, v.94, n.3, p.563-591, Nov.1988.
- OIT. Organização Internacional do Trabalho. **Trabalho doméstico e igualdade de gênero e raça**: desafios para promover o trabalho decente no Brasil. Brasília: OIT, Escritório Brasil, 2005. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/esp/OITdomestico.pdf>> Acesso em: 29 de novembro de 2005.
- PARK, Hyunjoon, SMITS, Jeroens. **Educational assortative mating in South Korea**: trends 1940-1998. 28p. (Mimeogr.) (Paper prepared for the Rc28 Meeting, International Sociological Association, Oxford, 11-13 April, 2002)

RAMOS, Carlos Alberto. O emprego nos anos 1990: o regime macroeconômico importa? **Boletim de Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise**, Brasília, n.22, p.11-14, nov.2003.

RAMOS, Lauro, SOARES, Ana Lúcia. **Participação da mulher na força de trabalho e pobreza no Brasil**. Brasília: IPEA, 1994. 19 p. (Texto para discussão; 350)

RIANI, Juliana de L. Ruas, GOLGHER, André B. Indicadores educacionais confeccionados a partir de bases de dados do IBGE. In: RIOS-NETO, Eduardo Luiz G., RIANI, Juliana de L. Ruas (Org.). **Introdução à demografia da educação**. Campinas: ABEP, 2004. p.89-127.

RIOS-NETO, Eduardo Luiz G., RIANI, Juliana de L. Ruas (Org.). **Introdução à demografia da educação**. Campinas: ABEP, 2004. 212 p.

ROCHA, Maria Izabel B. da (Org.). **Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios**. Campinas: ABEP; São Paulo: Ed. 34, 2000. 384 p.

SAWYER, Diana O., FÍGOLI, Moema G. B., RODRIGUES, Roberto N., GARCIA, Ricardo A. Caracterização dos tipos de doadores de sangue em Belo Horizonte: heterogeneidade do homogêneo. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12, 2000, Caxambu, MG. **Brasil 500 anos: mudanças e continuidades**. Belo Horizonte: ABEP, 2000. (Disponível em CD-ROM)

SAWYER, Diana O., LEITE, Íuri da C., ALEXANDRINO, Ricardo A. Perfis de utilização de serviços de saúde no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.7, n.4, p.757-776, 2002

SCORZAFAVE, Luiz Guilherme, MENEZES-FILHO, Naércio A. A participação feminina no mercado de trabalho brasileiro: evolução e determinantes. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v.31, n.3, p.441-478, dez.2001.

SCORZAFAVE, Luiz Guilherme, MENEZES-FILHO, Naércio A. Casamento por interesse? Evolução da desigualdade entre as mulheres casadas de acordo com a renda dos seus maridos. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 31, 2003, Porto Seguro. **Anais**. [s.l.]: ANPEC, 2003. (Disponível em CD-ROM)

SEDLACEK, Guilherme L., BARROS, Ricardo P. de, VARANDAS, Simone. Uma análise da mobilidade no mercado de trabalho brasileiro: perspectivas de segmentação. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 16, 1988, Belo Horizonte. **Anais**. [s.l.]: ANPEC, 1988. v.4, p.117-137.

SEDLACEK, Guilherme L., SANTOS, Eleonora C. **Estratégias de geração de renda das famílias brasileiras: um estudo da participação da cônjuge no mercado de trabalho e de sua contribuição no processo de renda familiar**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 18, 1990, Brasília. **Anais**. [s.l.]: ANPEC, 1990, v.3, p.883-900.

SOARES, Sergei, IZAKI, Rejane S. **A participação feminina no mercado de trabalho**. Rio de Janeiro: IPEA, 2002. 23p. (Texto para discussão; 923)

SOARES, Y. Viés de gênero em consumo. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v.32, n.2, ago.2002. *apud* SOARES, Sergei e IZAKI, Rejane S. **A participação**

feminina no mercado de trabalho. Rio de Janeiro: IPEA, 2002. 23p. (Texto para discussão; 923.) p.3.

SOARES, Sergei S. D. **O impacto distributivo do salário mínimo:** a distribuição individual dos rendimentos do trabalho. Rio de Janeiro: IPEA, 2002, 52p. (Texto para discussão; 873)

WAJNMAN, Simone. **A ocupação na perspectiva de ciclo de vida:** uma aplicação no modelo de incrementos e decrementos ao caso brasileiro. 1995. 115f. Tese (Doutorado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.

WAJNMAN, Simone, PERPÉTUO, Ignez H. O. A redução do emprego formal e a participação feminina no mercado de trabalho brasileiro. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v.7, n.1, p.123-147, mai.1997.

WAJNMAN, Simone, QUEIROZ, Bernardo L., LIBERATO, Vania C. **O crescimento da atividade feminina nos anos noventa no Brasil.** 26p. (Mimeogr.) (Trabalho apresentado no Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 11, 1998, Caxambu, MG)

WAJNMAN, Simone, RIOS-NETO, Eduardo L. G. Quantas serão as mulheres: cenários para a atividade feminina. In: ROCHA, Maria Isabel Baltar da (Org). **Trabalho e gênero:** mudanças, permanências e desafios. Campinas: ABEP; São Paulo: Ed. 34, 2000. p.59-84.

WATANABE, Margareth I., BRANDÃO, Sandra M. C. Mobilidade ocupacional nos anos 90: uma análise da Região Metropolitana de São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 25, 1997, Recife. **Anais...** São Paulo: ANPEC, 1997. v.2, p.1219-1235.

Anexos

Lista de Tabelas do Anexo

TABELA 1-A: Frequências marginais, probabilidades estimadas e fatores descritores dos perfis extremos segundo as respostas às variáveis referentes aos indivíduos	p. 145
TABELA 2-A: Frequências marginais, probabilidades estimadas e fatores descritores dos perfis extremos segundo as respostas às variáveis referentes aos casais	p. 162
TABELA 3-A: Coeficientes de correlação (R de Pearson) de idades entre chefe e cônjuge por perfil de casais e respectivos desvios padrões assintóticos, testes T e significância aproximada	p. 170
TABELA 4-A: Coeficientes de correlação (R de Pearson) de anos de estudo completos entre chefe e cônjuge por perfil de casais e respectivos desvios padrões assintóticos, testes T e significância aproximada	p. 172
TABELA 5-A: Coeficientes de correlação (de Spearman) de nível educacional entre chefe e cônjuge por perfil de casais e respectivos desvios padrões assintóticos, testes T e significância aproximada	p. 173

Lista de Gráficos do Anexo

(continua)

GRÁFICO 1-a-A: Distribuição acumulada de centésimos de g1 de indivíduos de “Trajetórias Precárias” por sexo	p. 151
GRÁFICO 1-b-A: Distribuição acumulada de centésimos de g2 de indivíduos de “Trajetórias Precárias” por sexo	p. 151
GRÁFICO 1-c-A: Distribuição acumulada de centésimos de g3 de indivíduos de “Trajetórias Precárias” por sexo	p. 151
GRÁFICO 2-a-A: Distribuição acumulada de centésimos de g1 de indivíduos de “Trajetórias Precárias e Instáveis” por sexo	p. 152
GRÁFICO 2-b-A: Distribuição acumulada de centésimos de g2 de indivíduos de “Trajetórias Precárias e Instáveis” por sexo	p. 152
GRÁFICO 2-c-A: Distribuição acumulada de centésimos de g3 de indivíduos de “Trajetórias Precárias e Instáveis” por sexo	p. 152
GRÁFICO 3-a-A: Distribuição acumulada de centésimos de g1 de indivíduos de “Trajetórias Precárias e Seguras” por sexo	p. 153
GRÁFICO 3-b-A: Distribuição acumulada de centésimos de g2 de indivíduos de “Trajetórias Precárias e Seguras” por sexo	p. 153
GRÁFICO 3-c-A: Distribuição acumulada de centésimos de g3 de indivíduos de “Trajetórias Precárias e Seguras” por sexo	p. 153
GRÁFICO 4-a-A: Distribuição acumulada de centésimos de g1 de indivíduos de “Trajetórias Instáveis e Precárias” por sexo	p. 154
GRÁFICO 4-b-A: Distribuição acumulada de centésimos de g2 de indivíduos de “Trajetórias Instáveis e Precárias” por sexo	p. 154
GRÁFICO 4-c-A: Distribuição acumulada de centésimos de g3 de indivíduos de “Trajetórias Instáveis e Precárias” por sexo	p. 154
GRÁFICO 5-a-A: Distribuição acumulada de centésimos de g1 de indivíduos de “Trajetórias Instáveis” por sexo	p. 155
GRÁFICO 5-b-A: Distribuição acumulada de centésimos de g2 de indivíduos de “Trajetórias Instáveis” por sexo	p. 155
GRÁFICO 5-c-A: Distribuição acumulada de centésimos de g3 de indivíduos de “Trajetórias Instáveis” por sexo	p. 155
GRÁFICO 6-a-A: Distribuição acumulada de centésimos de g1 de indivíduos de “Trajetórias Instáveis e Seguras” por sexo	p. 156

Lista de Gráficos do Anexo

(continuação)

GRÁFICO 6-b-A: Distribuição acumulada de centésimos de g2 de indivíduos de “Trajetórias Instáveis e Seguras” por sexo	p. 156
GRÁFICO 6-c-A: Distribuição acumulada de centésimos de g3 de indivíduos de “Trajetórias Instáveis e Seguras” por sexo	p. 156
GRÁFICO 7-a-A: Distribuição acumulada de centésimos de g1 de indivíduos de “Trajetórias Seguras e Precárias” por sexo	p. 157
GRÁFICO 7-b-A: Distribuição acumulada de centésimos de g2 de indivíduos de “Trajetórias Seguras e Precárias” por sexo	p. 157
GRÁFICO 7-c-A: Distribuição acumulada de centésimos de g3 de indivíduos de “Trajetórias Seguras e Precárias” por sexo	p. 157
GRÁFICO 8-a-A: Distribuição acumulada de centésimos de g1 de indivíduos de “Trajetórias Seguras e Instáveis” por sexo	p. 158
GRÁFICO 8-b-A: Distribuição acumulada de centésimos de g2 de indivíduos de “Trajetórias Seguras e Instáveis” por sexo	p. 158
GRÁFICO 8-c-A: Distribuição acumulada de centésimos de g3 de indivíduos de “Trajetórias Seguras e Instáveis” por sexo	p. 158
GRÁFICO 9-a-A: Distribuição acumulada de centésimos de g1 de indivíduos de “Trajetórias Seguras” por sexo	p. 159
GRÁFICO 9-b-A: Distribuição acumulada de centésimos de g2 de indivíduos de “Trajetórias Seguras” por sexo	p. 159
GRÁFICO 9-c-A: Distribuição acumulada de centésimos de g3 de indivíduos de “Trajetórias Seguras” por sexo	p. 159
GRÁFICO 10-a-A: Distribuição acumulada de centésimos de g1 de indivíduos de “Trajetórias Sem Predomínio” por sexo	p. 160
GRÁFICO 10-b-A: Distribuição acumulada de centésimos de g2 de indivíduos de “Trajetórias Sem Predomínio” por sexo	p. 160
GRÁFICO 10-c-A: Distribuição acumulada de centésimos de g3 de indivíduos de “Trajetórias Sem Predomínio” por sexo	p. 160
GRÁFICO 11-A: Distribuição dos indivíduos ativos (sem domésticos e desempregados sem experiência) segundo sexo por perfis	p. 161
GRÁFICO 12-A: Composição dos cônjuges (segundo grupos etários) por perfis de casais	p. 171

Lista de Gráficos do Anexo

(conclusão)

GRÁFICO 13-a-A: Distribuição etária dos casais do perfil Vulnerável	p. 174
GRÁFICO 13-b-A: Distribuição etária dos casais do perfil Duplo Vulnerável	p. 174
GRÁFICO 13-c-A: Distribuição etária dos casais do perfil Idosos em Alto Risco	p. 174
GRÁFICO 13-d-A: Distribuição etária dos casais do perfil Duplo Altamente Instável	p. 174
GRÁFICO 13-e-A: Distribuição etária dos casais do perfil Duplo Instável	p. 175
GRÁFICO 13-f-A: Distribuição etária dos casais do perfil Duplo Parcialmente Seguro	p. 175
GRÁFICO 13-g-A: Distribuição etária dos casais do perfil Idosos de Média Segurança	p. 175
GRÁFICO 13-h-A: Distribuição etária dos casais do perfil Duplo Seguro	p. 175
GRÁFICO 13-i-A: Distribuição etária dos casais do perfil Estabilizado	p. 176
GRÁFICO 13-j-A: Distribuição etária dos casais do perfil Misto Sem Predomínio	p. 176
GRÁFICO 13-k-A: Distribuição etária dos casais da Amostra	p. 176

Anexo 1:

Tabela referente ao ponto “4.1 - Aplicação do modelo de graus de pertencimento”.

TABELA 1-A:

*(continua)***Frequências marginais, probabilidades estimadas e fatores descritores dos perfis extremos segundo as respostas às variáveis referentes aos indivíduos**

Variáveis	Respostas	Freq Marg		Lambdas			Lambdas / Freq		
		Abs.	Rel.	1	2	3	1	2	3
sexo (<i>sexo</i>)	masculino	23606	0,547	0,318	0,656	0,559	0,582	1,198	1,022
	feminino	19522	0,453	0,682	0,345	0,441	1,505	0,760	0,974
inst2 (<i>grau de instrução</i>)	sem decl	67	0,002	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
	analf / sem escolariz	1766	0,041	0,089	0,025	0,037	2,171	0,617	0,890
	fund incompl	14611	0,339	0,483	0,307	0,279	1,423	0,905	0,824
	fund compl	5493	0,127	0,139	0,137	0,106	1,094	1,080	0,835
	médio incompl	3564	0,083	0,108	0,089	0,056	1,300	1,076	0,676
	médio compl	10680	0,248	0,166	0,316	0,213	0,668	1,274	0,857
	superior incompl	2221	0,051	0,016	0,066	0,054	0,314	1,298	1,065
	superior compl	4726	0,110	0,000	0,060	0,255	0,000	0,541	2,319
fxet (<i>faixa etária</i>)	16 a 19 anos	3859	0,089	0,164	0,076	0,061	1,845	0,851	0,680
	20 a 24 anos	7213	0,167	0,192	0,269	0,000	1,151	1,609	0,000
	25 a 29 anos	6508	0,151	0,141	0,221	0,054	0,935	1,460	0,358
	30 a 39 anos	11217	0,260	0,250	0,271	0,247	0,960	1,040	0,952
	40 a 49 anos	8558	0,198	0,178	0,129	0,311	0,901	0,650	1,571
	50 a 59 anos	4125	0,096	0,070	0,036	0,212	0,724	0,375	2,205
	60 anos ou mais	1648	0,038	0,005	0,000	0,115	0,126	0,000	3,034
cor (<i>cor</i>)	sem decl	1	0,000	0,000	0,000	0,000			
	branca ou amarela	27744	0,643	0,454	0,651	0,760	0,705	1,012	1,182
	preta ou parda	15383	0,357	0,546	0,349	0,240	1,531	0,978	0,673
migr10 (<i>migração</i>)	natural ou imigr +10	35623	0,826	0,763	0,764	0,957	0,924	0,925	1,159
	imigr 10 anos ou -	7505	0,174	0,237	0,236	0,043	1,360	1,356	0,247
tfam (<i>tamanho da família</i>)	1 pessoa	2429	0,056	0,046	0,058	0,061	0,829	1,032	1,086
	2 pessoas	5888	0,137	0,107	0,143	0,148	0,782	1,043	1,077
	3 pessoas	10108	0,234	0,202	0,249	0,236	0,862	1,063	1,008
	4 pessoas	11765	0,273	0,228	0,271	0,308	0,834	0,991	1,127
	5 pessoas	7273	0,169	0,163	0,172	0,167	0,965	1,015	0,991
	6 pessoas	3101	0,072	0,099	0,070	0,056	1,379	0,972	0,772
	7 pessoas	1264	0,029	0,054	0,027	0,016	1,866	0,921	0,559
	8 pessoas	645	0,015	0,031	0,012	0,009	2,060	0,780	0,600
	9 pessoas ou +	655	0,015	0,070	0,000	0,000	4,653	0,000	0,000

TABELA 1-A:

(continuação)

Freqüências marginais, probabilidades estimadas e fatores descritores dos perfis extremos segundo as respostas às variáveis referentes aos indivíduos

Variáveis	Respostas	Freq Marg		Lambdas			Lambdas / Freq		
		Abs.	Rel.	1	2	3	1	2	3
instc	sem decl	151	0,004	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
<i>(grau de</i>	analf / sem escolariz	3530	0,082	0,157	0,070	0,054	1,912	0,851	0,652
<i>instrução</i>	fund incompl	19171	0,445	0,569	0,463	0,341	1,279	1,040	0,767
<i>do chefe</i>	fund compl	5513	0,128	0,127	0,142	0,108	0,994	1,109	0,847
<i>da família)</i>	médio incompl	1915	0,044	0,042	0,053	0,034	0,950	1,205	0,764
	médio compl	7232	0,168	0,101	0,184	0,190	0,604	1,093	1,132
	superior incompl	1258	0,029	0,004	0,033	0,042	0,128	1,121	1,441
	superior compl	4358	0,101	0,000	0,057	0,231	0,000	0,559	2,290
psfam	não parente	686	0,016	0,032	0,014	0,008	1,994	0,888	0,469
<i>(posição</i>	chefe	19269	0,447	0,266	0,447	0,571	0,594	0,999	1,278
<i>na família)</i>	cônjuge	9123	0,212	0,340	0,130	0,243	1,605	0,614	1,147
	filho	11531	0,267	0,277	0,345	0,147	1,036	1,292	0,549
	outro parente	2519	0,058	0,086	0,064	0,031	1,474	1,105	0,541
sitocr	ocup 8 anos ou +	8312	0,193	0,000	0,000	0,697	0,000	0,000	3,609
<i>(situação</i>	ocup - 8 anos	28189	0,654	0,113	1,000	0,303	0,173	1,529	0,464
<i>ocupacional)</i>	desem há 8 anos +	274	0,006	0,030	0,000	0,000	5,000	0,000	0,000
	des - 8 anos ex-ass	5370	0,125	0,747	0,000	0,000	5,972	0,000	0,000
	des - 8 anos ex-out	983	0,023	0,110	0,000	0,000	4,800	0,000	0,000
epioc	1 episódio	13885	0,322	0,290	0,000	1,000	0,902	0,000	3,106
<i>(episódios de</i>	2 episódios	18294	0,424	0,710	0,518	0,000	1,674	1,222	0,000
<i>ocupação)</i>	3 episódios	10949	0,254	0,000	0,482	0,000	0,000	1,896	0,000
epids	nenhum episódio	14887	0,345	0,000	0,000	1,000	0,000	0,000	2,899
<i>(episódios de</i>	1 episódio	18204	0,422	0,586	0,688	0,000	1,388	1,630	0,000
<i>desocupação)</i>	2 episódios	10037	0,233	0,414	0,312	0,000	1,778	1,339	0,000
pos1	não se aplica	6627	0,154	0,682	0,000	0,000	4,429	0,000	0,000
<i>(posição na</i>	ass com cart	15210	0,353	0,000	0,572	0,298	0,000	1,620	0,845
<i>ocupação</i>	ass sem cart	5007	0,116	0,000	0,224	0,042	0,000	1,928	0,365
<i>corrente)</i>	ass públ	3028	0,070	0,000	0,000	0,216	0,000	0,000	3,081
	ass não sabe	16	0,000	0,000	0,000	0,000			
	autônomo	7583	0,176	0,000	0,198	0,264	0,000	1,124	1,501
	empregador	1747	0,041	0,000	0,000	0,126	0,000	0,000	3,071
	empr doméstico	3037	0,070	0,318	0,000	0,000	4,541	0,000	0,000
	trabalhador familiar	446	0,010	0,000	0,007	0,023	0,000	0,680	2,260
	outro	427	0,010	0,000	0,000	0,031	0,000	0,000	3,110

TABELA 1-A:

(continuação)

Frequências marginais, probabilidades estimadas e fatores descritores dos perfis extremos segundo as respostas às variáveis referentes aos indivíduos

Variáveis	Respostas	Freq Marg		Lambdas			Lambdas / Freq		
		Abs.	Rel.	1	2	3	1	2	3
pdio (posição na ocupação anterior)	não se aplica	13517	0,313	0,000	0,000	1,000	0,000	0,000	3,195
	assalariado	22116	0,513	0,584	0,823	0,000	1,139	1,605	0,000
	autônomo	3913	0,091	0,112	0,143	0,000	1,229	1,569	0,000
	empr doméstico	2763	0,064	0,294	0,000	0,000	4,600	0,000	0,000
	outro	772	0,018	0,010	0,034	0,000	0,539	1,878	0,000
	sem decl	47	0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
pos3 (posição na ocupação pré-anterior)	sem decl	295	0,007	0,011	0,010	0,000	1,529	1,386	0,000
	ass com cart	7571	0,176	0,199	0,306	0,000	1,129	1,740	0,000
	ass sem cart	3594	0,083	0,129	0,122	0,000	1,554	1,466	0,000
	ass públ	321	0,007	0,009	0,012	0,000	1,329	1,657	0,000
	autônomo	1647	0,038	0,053	0,058	0,000	1,389	1,526	0,000
	empr doméstico	1377	0,032	0,148	0,000	0,000	4,619	0,000	0,000
	outro	295	0,007	0,006	0,012	0,000	0,800	1,729	0,000
	não se aplica	28028	0,650	0,446	0,481	1,000	0,686	0,740	1,538
ram2 (setor de atividade corrente)	sem decl	25	0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
	indústria	7382	0,171	0,000	0,246	0,182	0,000	1,438	1,064
	construção	972	0,023	0,000	0,038	0,016	0,000	1,630	0,683
	comércio	5815	0,135	0,000	0,190	0,148	0,000	1,407	1,097
	serviços	19099	0,443	0,000	0,527	0,654	0,000	1,189	1,477
	serviços domésticos	3037	0,070	0,318	0,000	0,000	4,541	0,000	0,000
	outros	171	0,004	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
	não se aplica	6627	0,154	0,682	0,000	0,000	4,429	0,000	0,000
rdio (setor de atividade anterior)	não se aplica	13517	0,313	0,000	0,000	1,000	0,000	0,000	3,195
	indústria	7065	0,164	0,191	0,262	0,000	1,165	1,599	0,000
	construção	1076	0,025	0,030	0,040	0,000	1,192	1,584	0,000
	comércio	5073	0,118	0,127	0,193	0,000	1,076	1,636	0,000
	serviços	13276	0,308	0,351	0,493	0,000	1,138	1,600	0,000
	serviços domésticos	2769	0,064	0,296	0,000	0,000	4,620	0,000	0,000
	outros	304	0,007	0,006	0,012	0,000	0,843	1,757	0,000
	sem decl	48	0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000

TABELA 1-A:

(continuação)

Frequências marginais, probabilidades estimadas e fatores descritores dos perfis extremos segundo as respostas às variáveis referentes aos indivíduos

Variáveis	Respostas	Freq Marg		Lambdas			Lambdas / Freq		
		Abs.	Rel.	1	2	3	1	2	3
ram3 (setor de atividade pré-anterior)	sem decl	301	0,007	0,011	0,010	0,000	1,514	1,443	0,000
	indústria	3666	0,085	0,107	0,137	0,000	1,261	1,606	0,000
	construção	592	0,014	0,018	0,021	0,000	1,300	1,507	0,000
	comércio	2627	0,061	0,077	0,097	0,000	1,266	1,585	0,000
	serviços	6351	0,147	0,190	0,241	0,000	1,290	1,640	0,000
	serviços domésticos	1377	0,032	0,148	0,000	0,000	4,622	0,000	0,000
	outros	186	0,004	0,005	0,007	0,000	1,275	1,700	0,000
não se aplica	28028	0,650	0,444	0,488	1,000	0,683	0,750	1,538	
qtoc (quartos de tempo ocupado sobre tempo total relatado')	sem decl	6	0,000	0,000	0,000	0,000			
	de 0,0100 a 0,5946	10775	0,250	0,671	0,243	0,000	2,686	0,971	0,000
	de 0,5949 a 0,8810	10720	0,249	0,275	0,431	0,000	1,105	1,731	0,000
	de 0,8812 a 0,9999	6740	0,156	0,054	0,326	0,000	0,343	2,090	0,000
	1,0000	14887	0,345	0,000	0,000	1,000	0,000	0,000	2,899
qtt (quartos de tempo total relatado)	sem decl	6	0,000	0,000	0,000	0,000			
	até 47 meses	10649	0,247	0,495	0,250	0,093	2,004	1,012	0,378
	de 47,2 a 89,1 meses	11004	0,255	0,287	0,421	0,000	1,125	1,651	0,000
	de 90 a 132 meses	10274	0,238	0,122	0,240	0,300	0,513	1,008	1,262
	mais de 132 meses	11195	0,260	0,096	0,089	0,606	0,370	0,344	2,332
qpof (quartos de proporção de ocupação na família)	até 0,30	12522	0,290	0,712	0,183	0,174	2,454	0,631	0,598
	de 0,33 a 0,45	11481	0,266	0,230	0,265	0,291	0,865	0,994	1,092
	de 0,50 a 0,67	7845	0,182	0,058	0,222	0,204	0,320	1,220	1,121
	mais de 0,71	11280	0,262	0,000	0,331	0,332	0,000	1,261	1,266
qrbtpr (quartos de rendimento bruto do trabalho principal)	sem decl	7085	0,164	0,000	0,186	0,236	0,000	1,134	1,437
	até \$300,00	7575	0,176	0,242	0,174	0,141	1,377	0,990	0,799
	de \$301,00 a \$499,00	6414	0,149	0,000	0,256	0,084	0,000	1,719	0,562
	de \$500,00 a \$944,00	8072	0,187	0,000	0,260	0,195	0,000	1,393	1,045
	mais de \$945,00	7355	0,171	0,000	0,123	0,345	0,000	0,720	2,015
não se aplica	6627	0,154	0,758	0,000	0,000	4,919	0,000	0,000	

TABELA 1-A:

(conclusão)

Frequências marginais, probabilidades estimadas e fatores descritores dos perfis extremos segundo as respostas às variáveis referentes aos indivíduos

Variáveis	Respostas	Freq Marg		Lambdas			Lambdas / Freq		
		Abs.	Rel.	1	2	3	1	2	3
tamemp (<i>tamanho / tipo da empresa</i>)	inativo / desemp	6627	0,154	0,682	0,000	0,000	4,429	0,000	0,000
	trab sozinho	4109	0,095	0,000	0,078	0,190	0,000	0,816	2,002
	c/ fam, soc ou até 2	3879	0,090	0,000	0,097	0,143	0,000	1,077	1,590
	com 3 a 9 empreg	4117	0,095	0,000	0,149	0,086	0,000	1,563	0,901
	com 10 a 49 empr	4584	0,106	0,000	0,177	0,080	0,000	1,669	0,751
	com 50 a 499 empr	4324	0,100	0,000	0,165	0,078	0,000	1,645	0,782
	c/ 500 ou mais empr	5206	0,121	0,000	0,166	0,141	0,000	1,369	1,165
	em casa alheia	3037	0,070	0,318	0,000	0,000	4,541	0,000	0,000
	em instituição públ	3039	0,070	0,000	0,000	0,221	0,000	0,000	3,154
não sabe	4206	0,098	0,000	0,170	0,062	0,000	1,737	0,628	
tdsf (<i>familiar desempregado</i>)	não tem	33065	0,767	0,640	0,788	0,820	0,834	1,027	1,068
	tem	10063	0,233	0,360	0,212	0,181	1,546	0,911	0,775
iccf (<i>menor de 7 anos na família</i>)	não tem	30176	0,700	0,589	0,684	0,794	0,841	0,977	1,135
	tem	12952	0,300	0,411	0,316	0,206	1,371	1,053	0,685
qrfc (<i>quartos de rendimento familiar per capita</i>)	sem decl	11667	0,271	0,136	0,302	0,352	0,500	1,114	1,298
	até \$146,50	7866	0,182	0,577	0,071	0,000	3,171	0,389	0,000
	de \$146,67 a \$283,33	8055	0,187	0,195	0,233	0,120	1,043	1,245	0,639
	de \$283,50 a \$529,00	7675	0,178	0,092	0,222	0,187	0,519	1,247	1,048
mais de \$530,00	7865	0,182	0,000	0,172	0,342	0,000	0,947	1,880	

Fonte: Elaboração própria.

Anexo 2:

Gráficos referentes ao ponto “4.2 - *Identificação e análise dos perfis socioocupacionais individuais*”.

Os gráficos a seguir (GRÁF. 1-a-A até GRÁF. 10-c-A) foram construídos da seguinte forma:

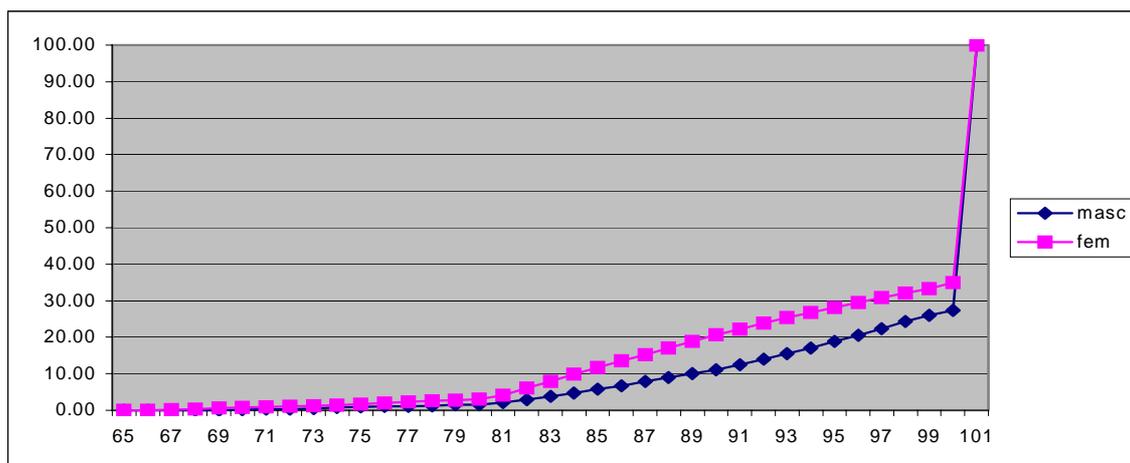
1. os graus de pertencimento g's (dos indivíduos dos dez tipos aos três perfis extremos) com valores entre zero (exclusive) e um (exclusive) foram distribuídos entre grupos dados por percentis; o valor do grau de pertencimento zero (de todos os tipos a qualquer eventual perfil extremo) foi mantido; e o valor de pertencimento integral (isto é, equivalente a um) foi transformado em 101;
2. foi realizada a distribuição de frequência, por sexo, dos centésimos de graus de pertencimento a cada um dos três perfis extremos para cada tipo; e
3. a distribuição de frequência absoluta foi transformada em relativa e, em seguida, acumulada, gerando os gráficos.

Foi necessário trabalhar com centésimos de g's por conta do tamanho da amostra e da grande quantidade de valores de g's.

A leitura dos gráficos é norteadada pelo fato de que, quanto mais a distribuição dos g's for concentrada em centésimos mais elevados, maior a influência do respectivo perfil extremo sobre mulheres e homens classificados no tipo em questão.

GRÁFICO 1-a-A:

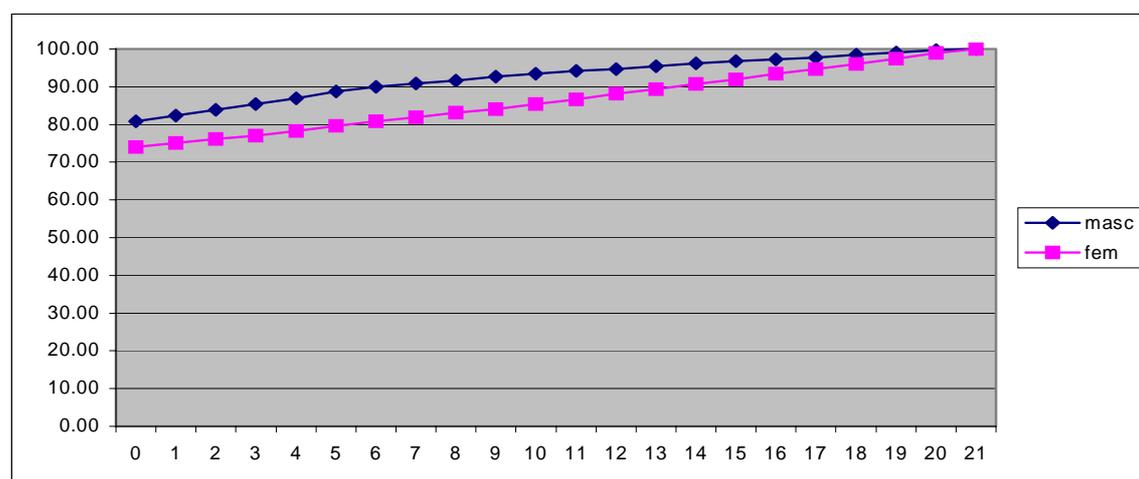
Distribuição acumulada de centésimos de g_1 de indivíduos de “Trajetórias Precárias” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 1-b-A:

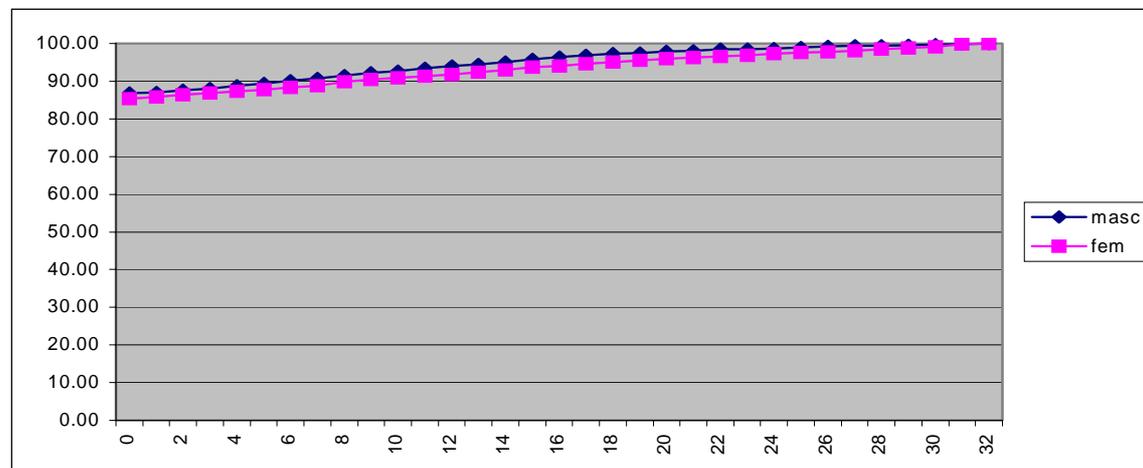
Distribuição acumulada de centésimos de g_2 de indivíduos de “Trajetórias Precárias” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 1-c-A:

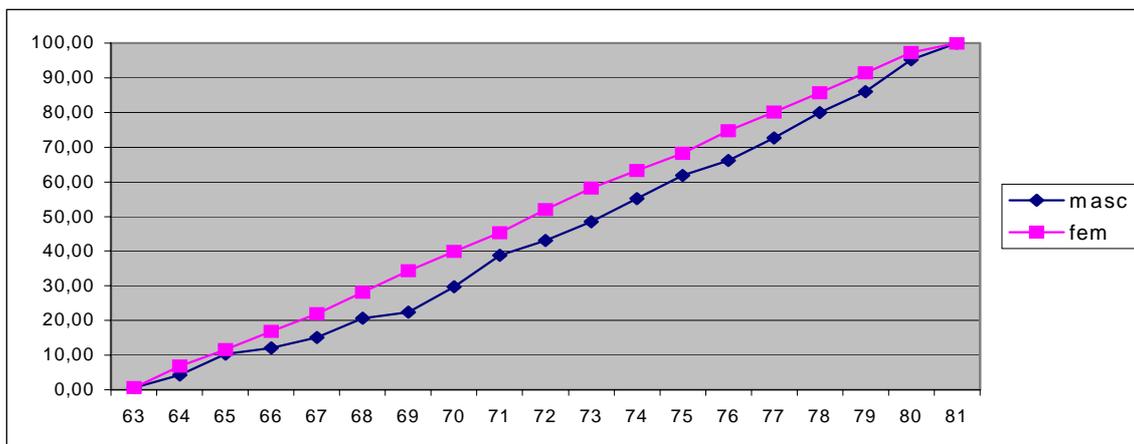
Distribuição acumulada de centésimos de g_3 de indivíduos de “Trajetórias Precárias” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 2-a-A:

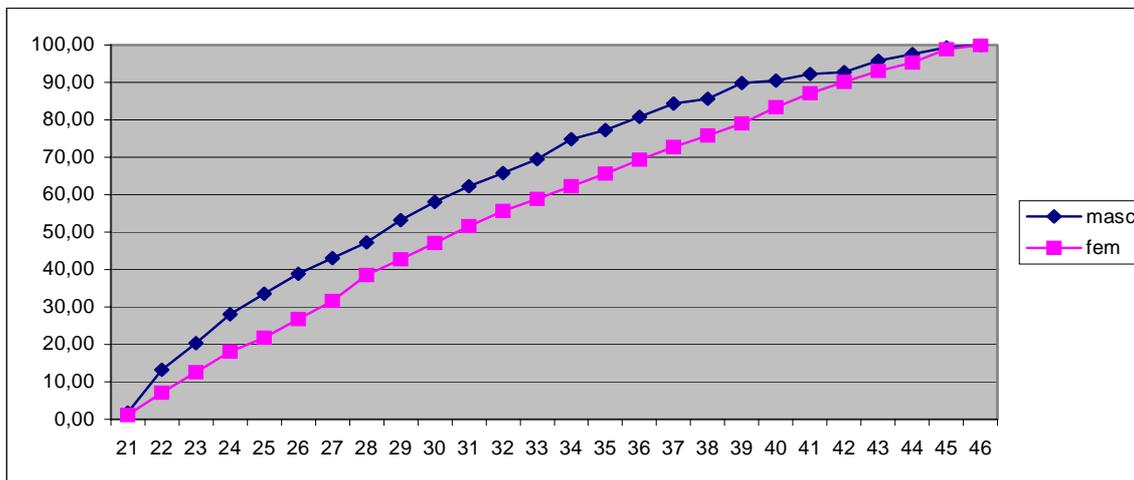
Distribuição acumulada de centésimos de g_1 de indivíduos de “Precárias e Instáveis” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 2-b-A:

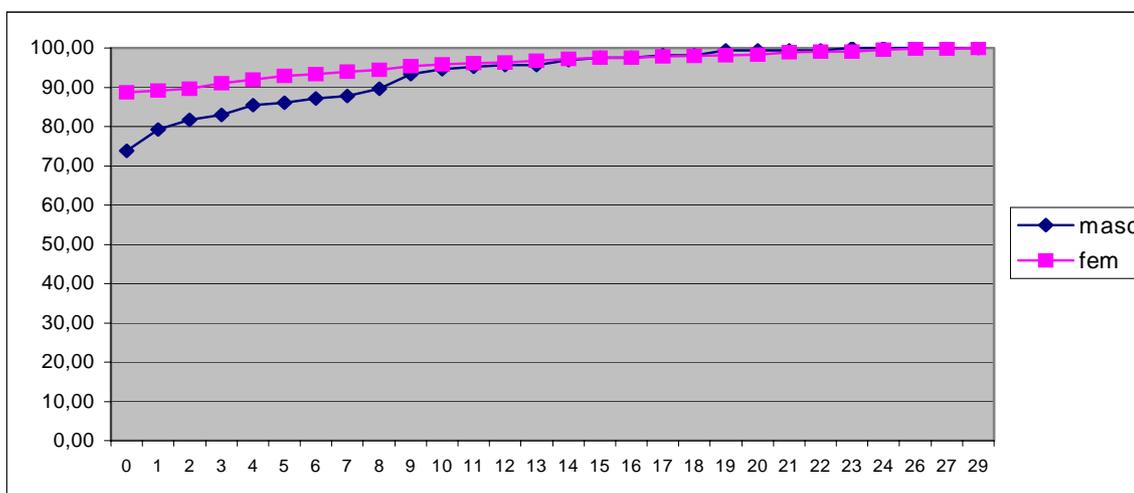
Distribuição acumulada de centésimos de g_2 de indivíduos de “Precárias e Instáveis” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 2-c-A:

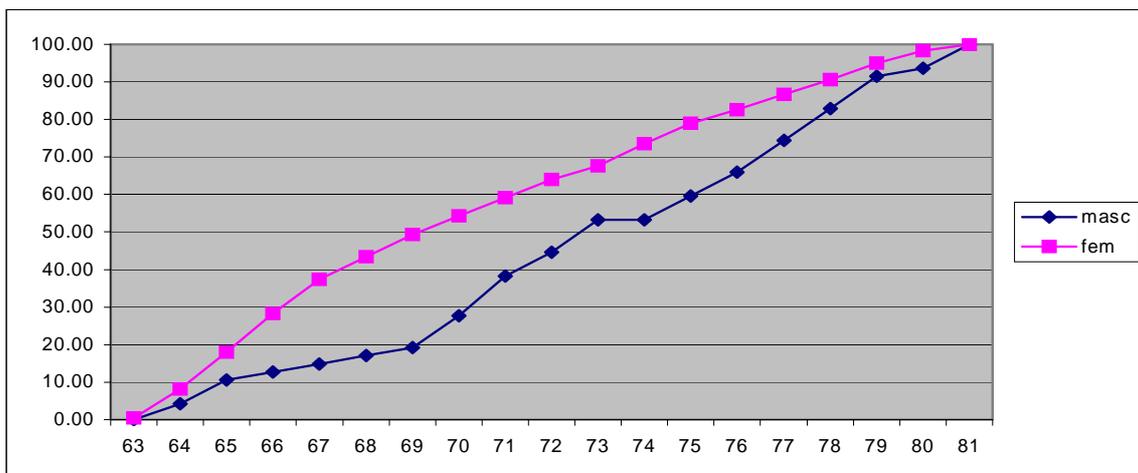
Distribuição acumulada de centésimos de g_3 de indivíduos de “Precárias e Instáveis” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 3-a-A:

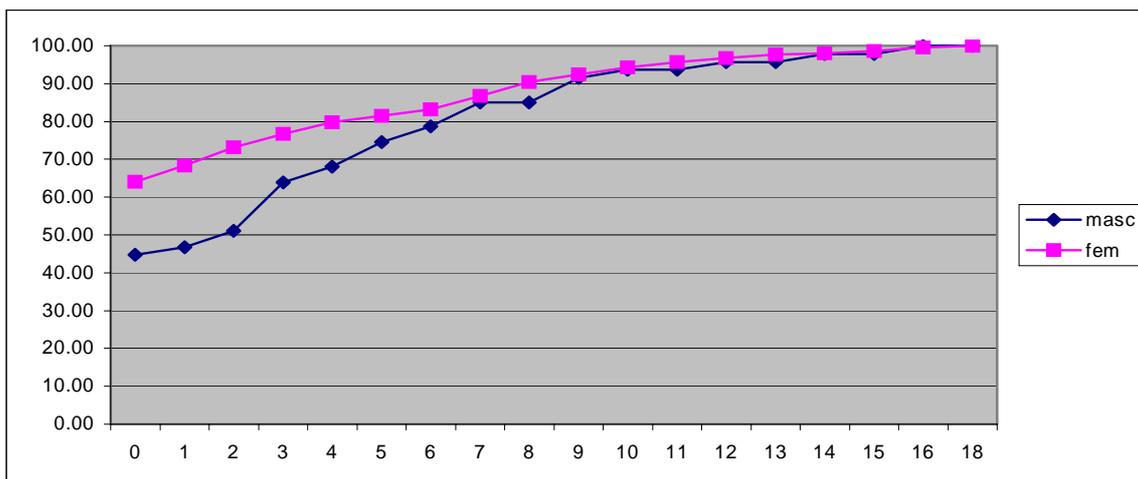
Distribuição acumulada de centésimos de g_1 de indivíduos de “Precárias e Seguras” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 3-b-A:

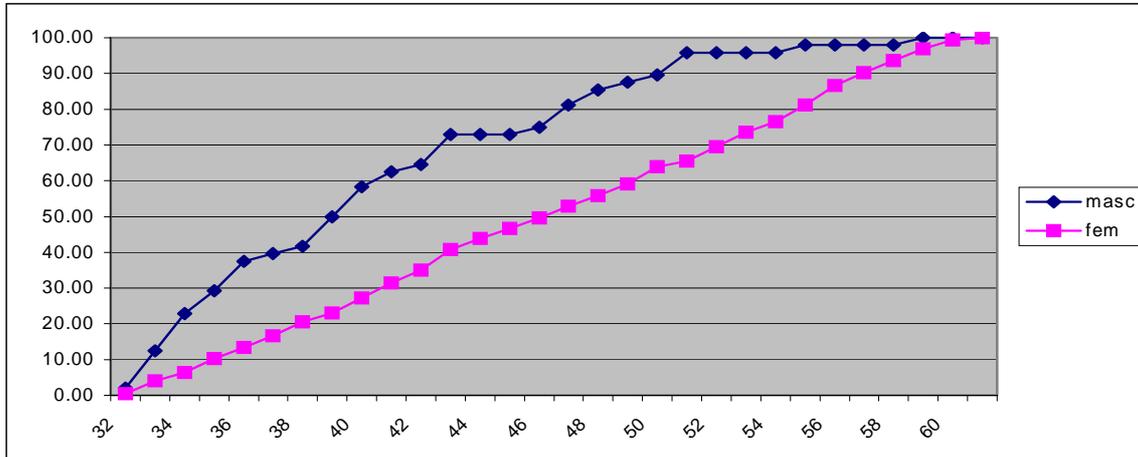
Distribuição acumulada de centésimos de g_2 de indivíduos de “Precárias e Seguras” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 3-c-A:

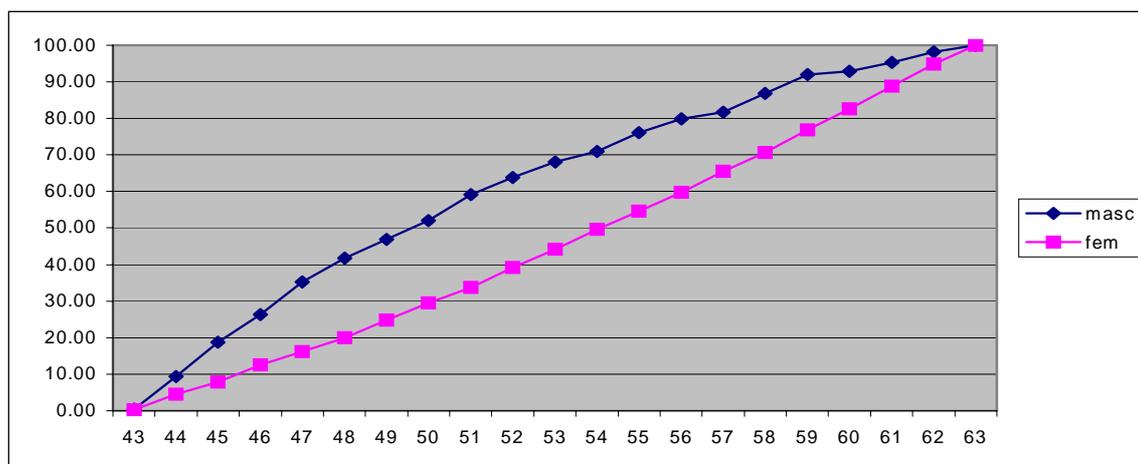
Distribuição acumulada de centésimos de g_3 de indivíduos de “Precárias e Seguras” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 4-a-A:

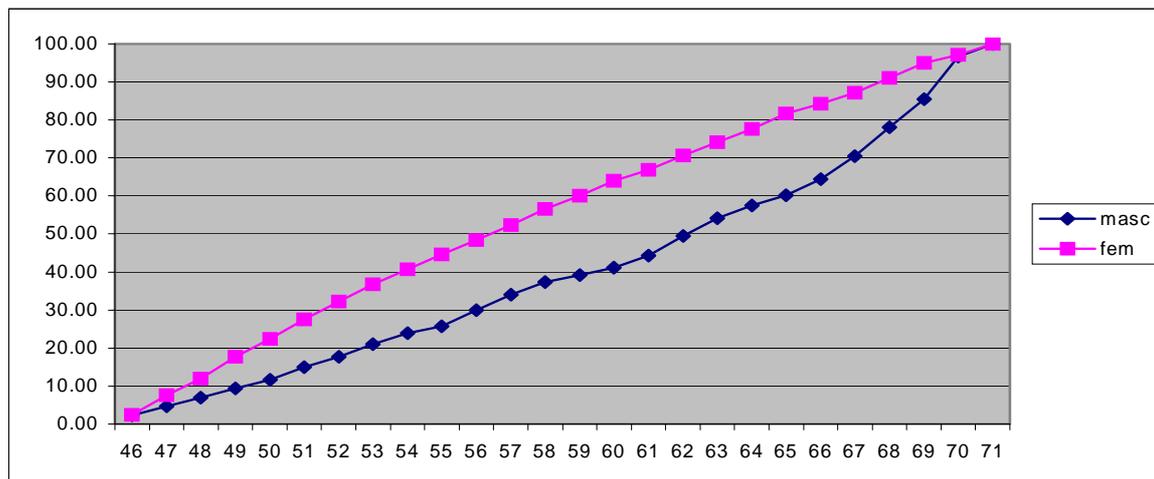
Distribuição acumulada de centésimos de g_1 de indivíduos de “Instáveis e Precárias” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 4-b-A:

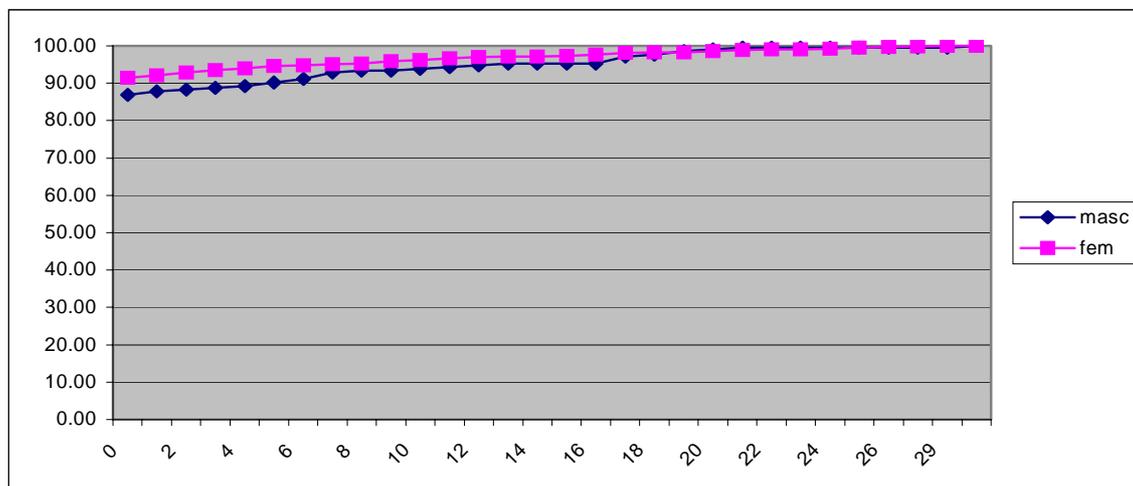
Distribuição acumulada de centésimos de g_2 de indivíduos de “Instáveis e Precárias” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 4-c-A:

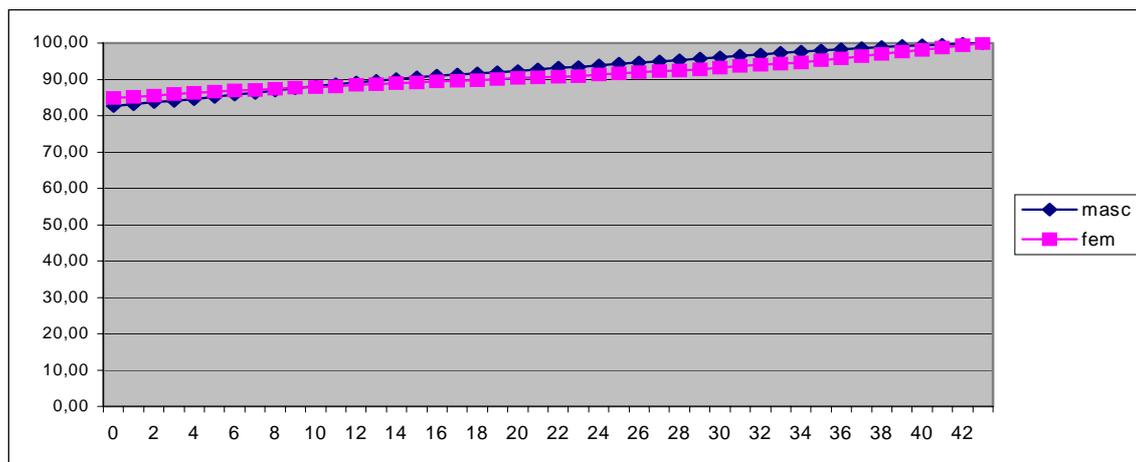
Distribuição acumulada de centésimos de g_3 de indivíduos de “Instáveis e Precárias” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 5-a-A:

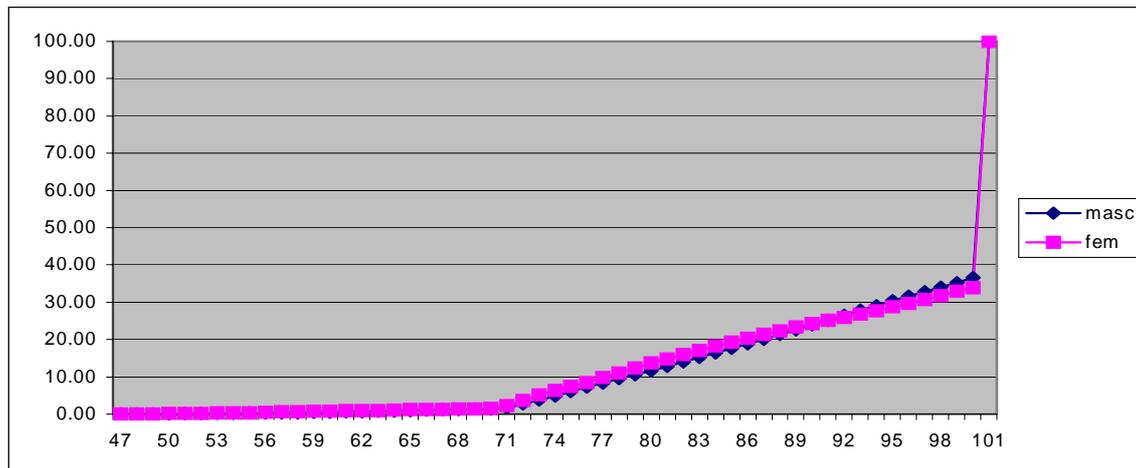
Distribuição acumulada de centésimos de g_1 de indivíduos de “Trajetórias Instáveis” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 5-b-A:

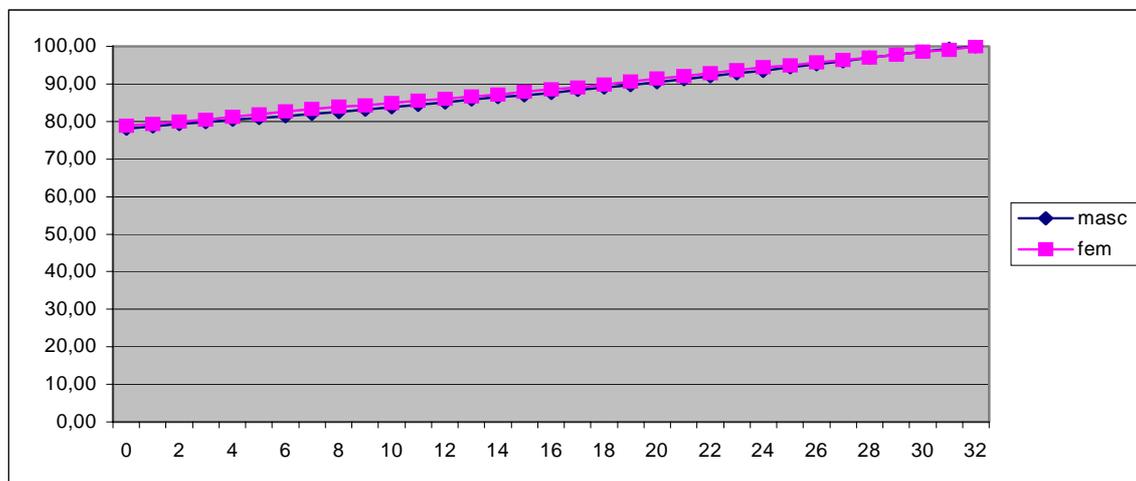
Distribuição acumulada de centésimos de g_2 de indivíduos de “Trajetórias Instáveis” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 5-c-A:

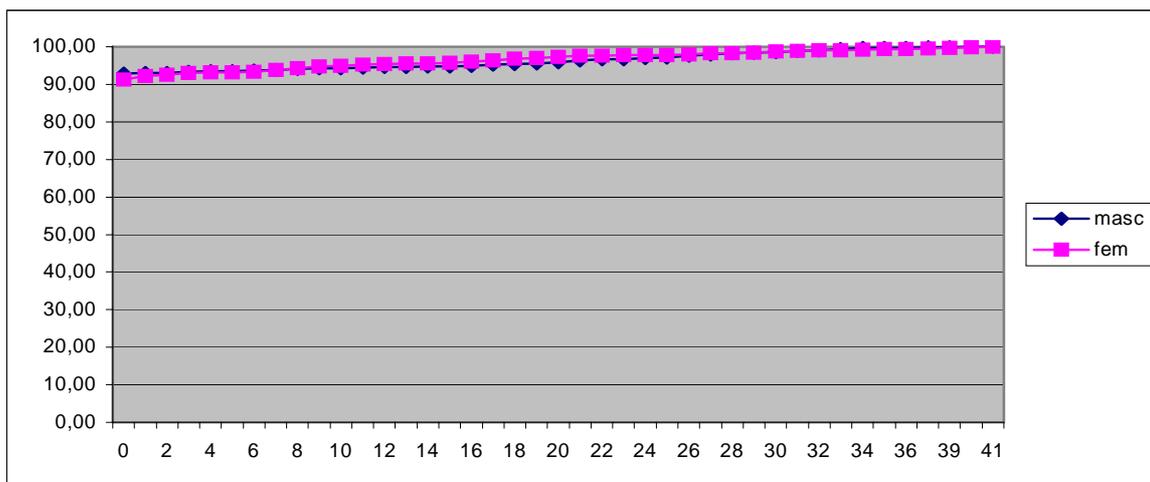
Distribuição acumulada de centésimos de g_3 de indivíduos de “Trajetórias Instáveis” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 6-a-A:

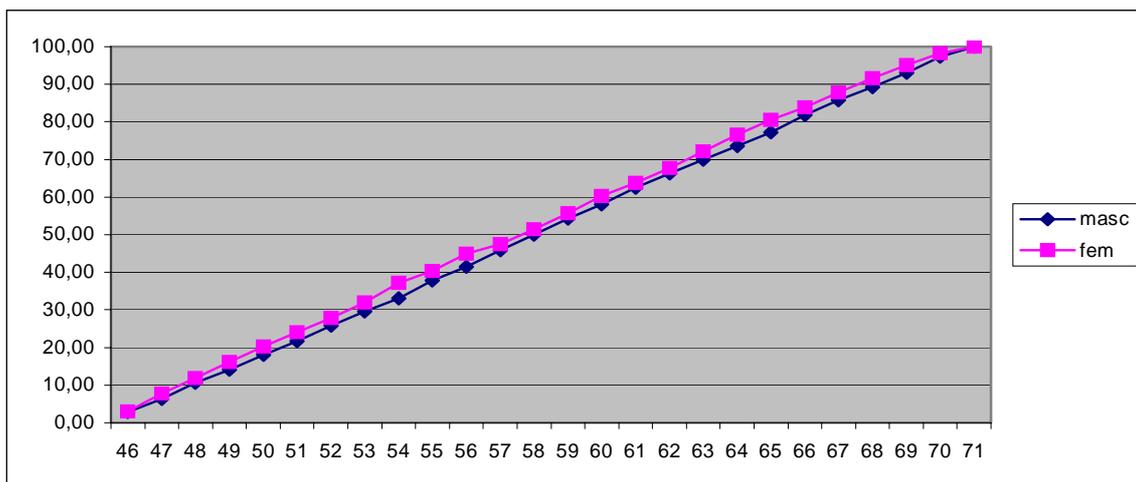
Distribuição acumulada de centésimos de g_1 de indivíduos de “Instáveis e Seguras” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 6-b-A:

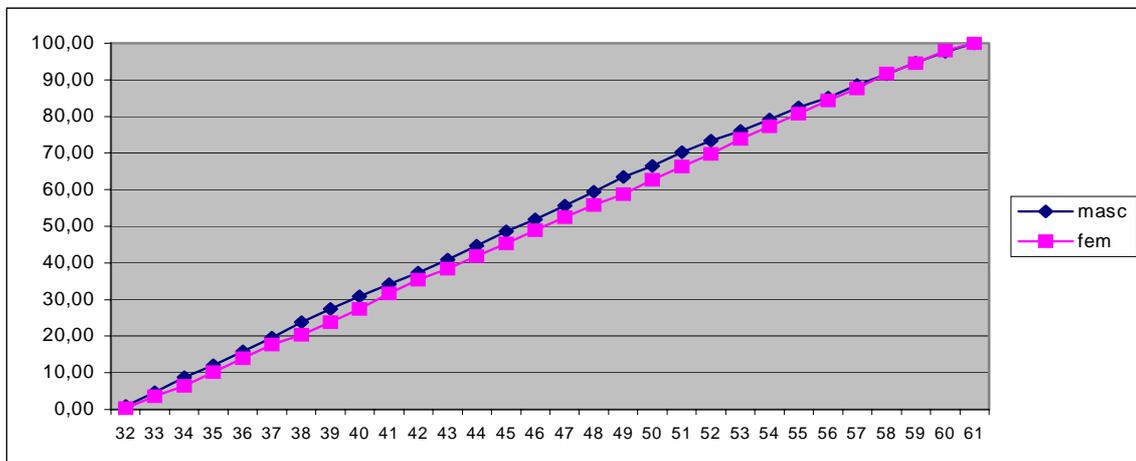
Distribuição acumulada de centésimos de g_2 de indivíduos de “Instáveis e Seguras” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 6-c-A:

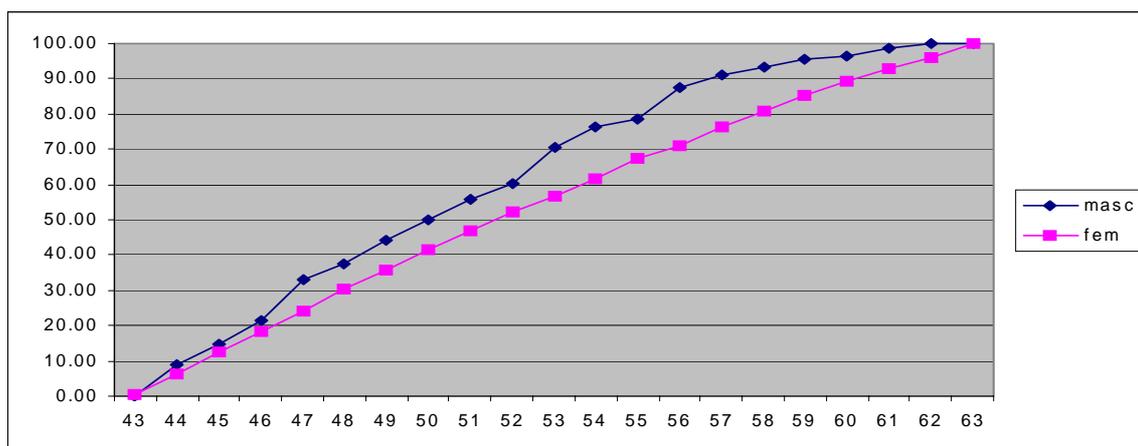
Distribuição acumulada de centésimos de g_3 de indivíduos de “Instáveis e Seguras” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 7-a-A:

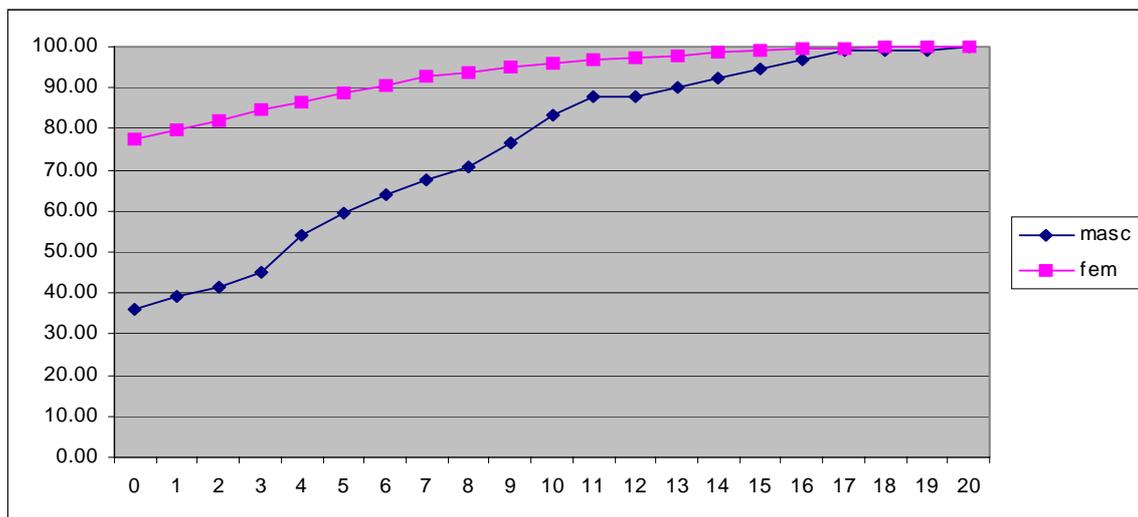
Distribuição acumulada de centésimos de g_1 de indivíduos de “Seguras e Precárias” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 7-b-A:

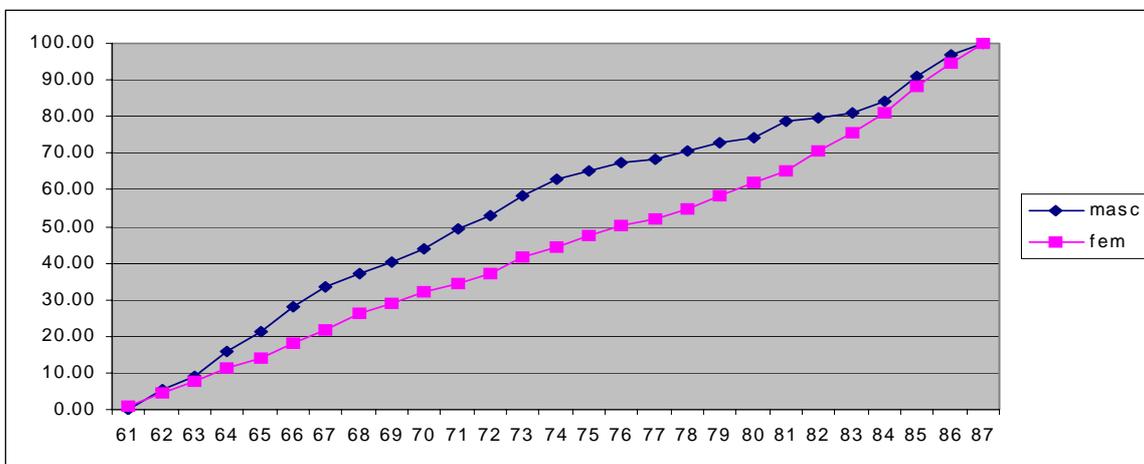
Distribuição acumulada de centésimos de g_2 de indivíduos de “Seguras e Precárias” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 7-c-A:

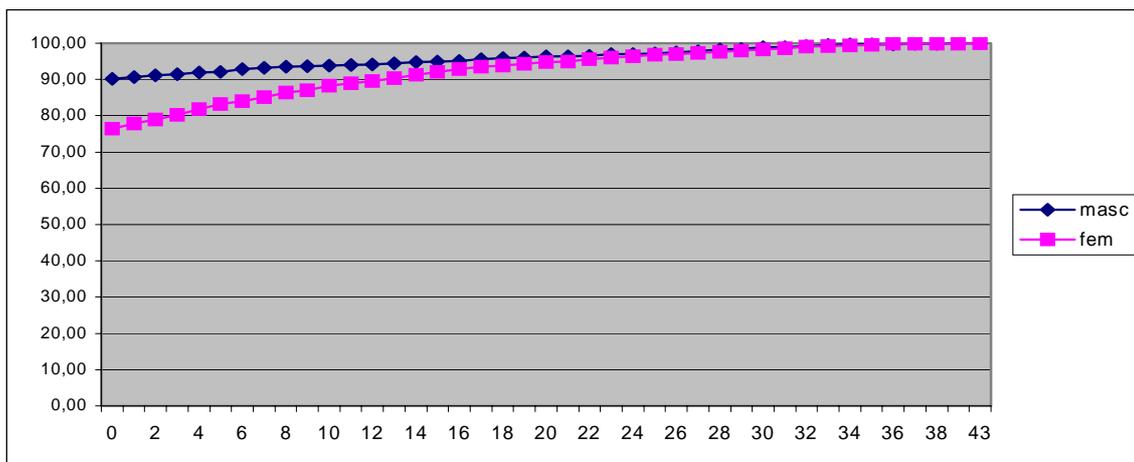
Distribuição acumulada de centésimos de g_3 de indivíduos de “Seguras e Precárias” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 8-a-A:

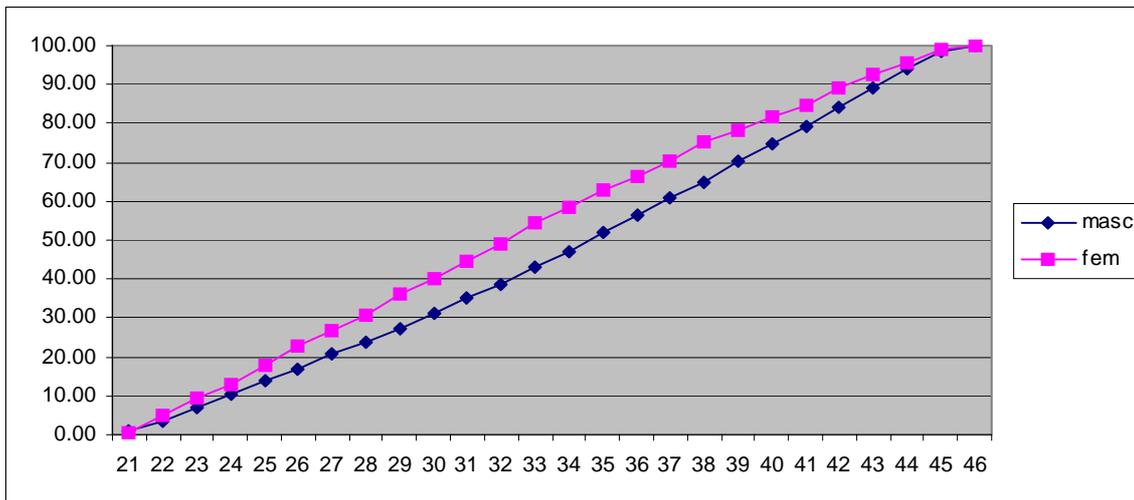
Distribuição acumulada de centésimos de g_1 de indivíduos de “Seguras e Instáveis” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 8-b-A:

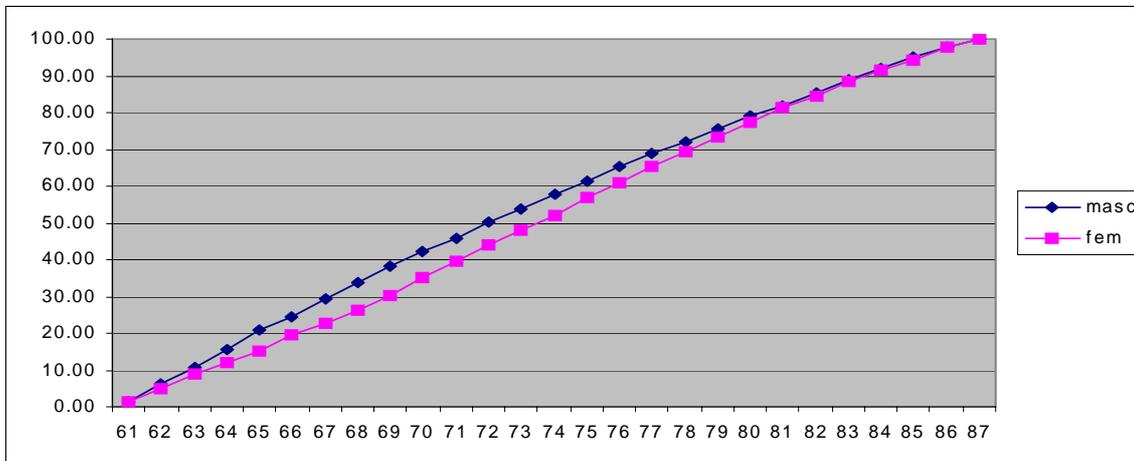
Distribuição acumulada de centésimos de g_2 de indivíduos de “Seguras e Instáveis” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 8-c-A:

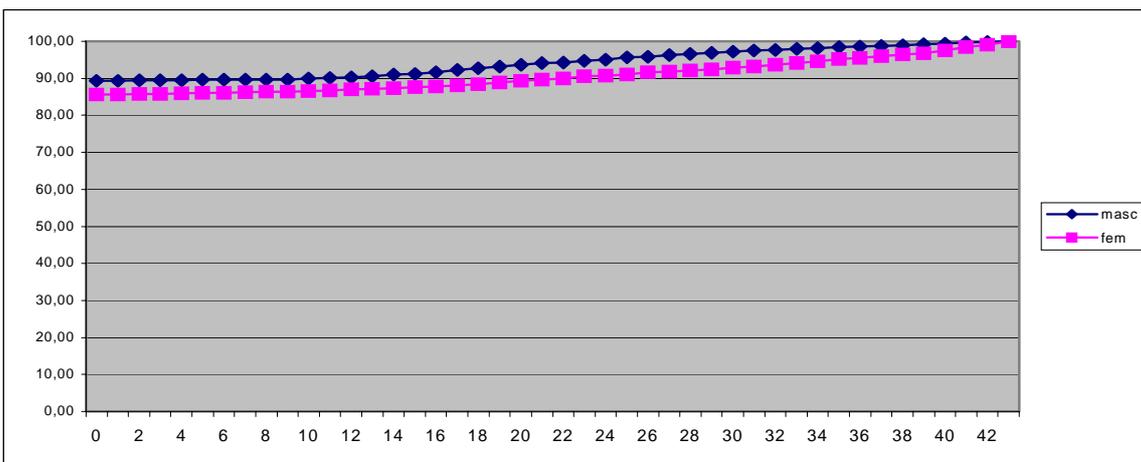
Distribuição acumulada de centésimos de g_3 de indivíduos de “Seguras e Instáveis” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 9-a-A:

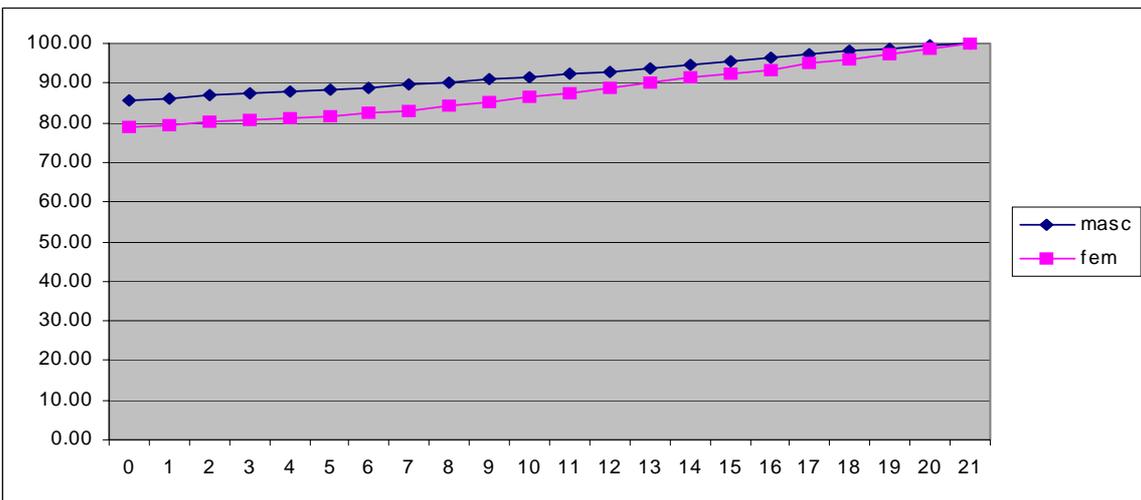
Distribuição acumulada de centésimos de g_1 de indivíduos de “Trajetórias Seguras” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 9-b-A:

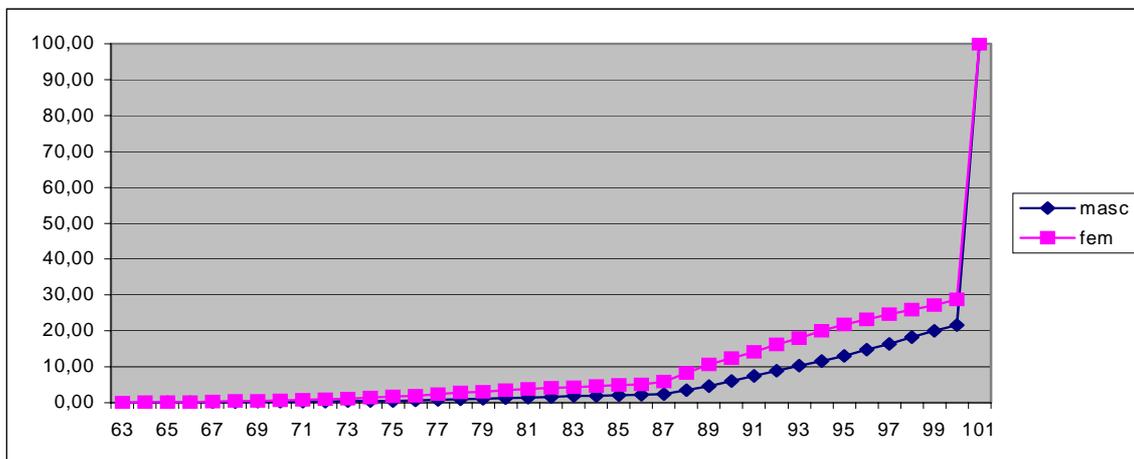
Distribuição acumulada de centésimos de g_2 de indivíduos de “Trajetórias Seguras” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 9-c-A:

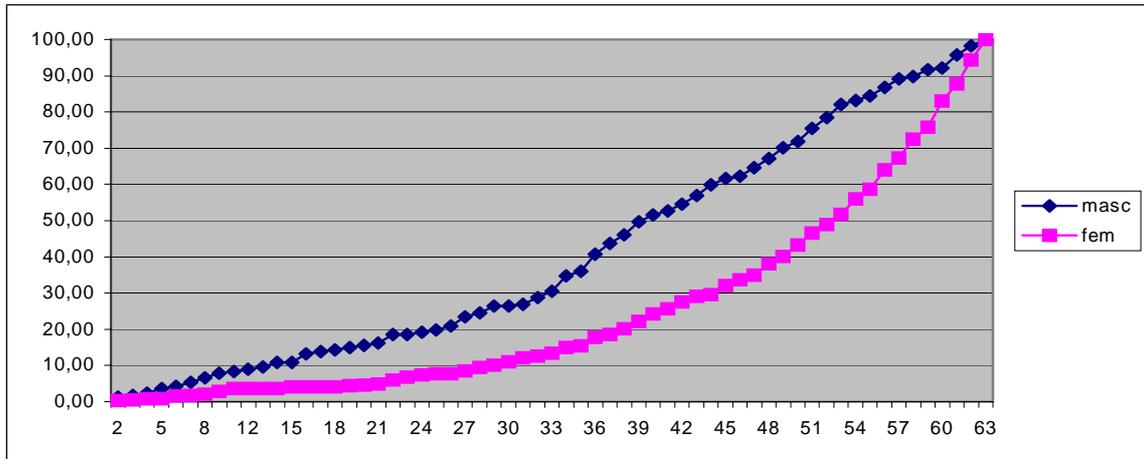
Distribuição acumulada de centésimos de g_3 de indivíduos de “Trajetórias Seguras” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 10-a-A:

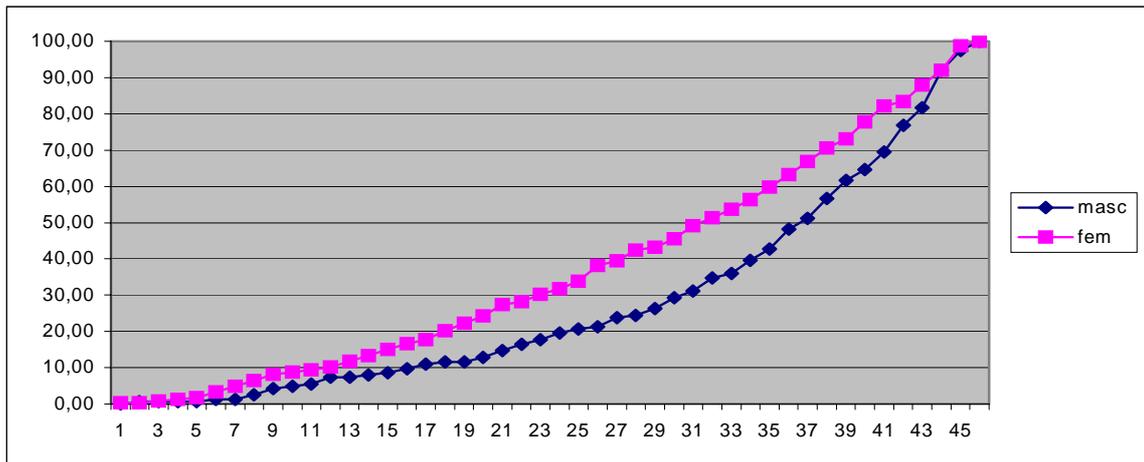
Distribuição acumulada de centésimos de g_1 de indivíduos de “Sem Predomínio” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 10-b-A:

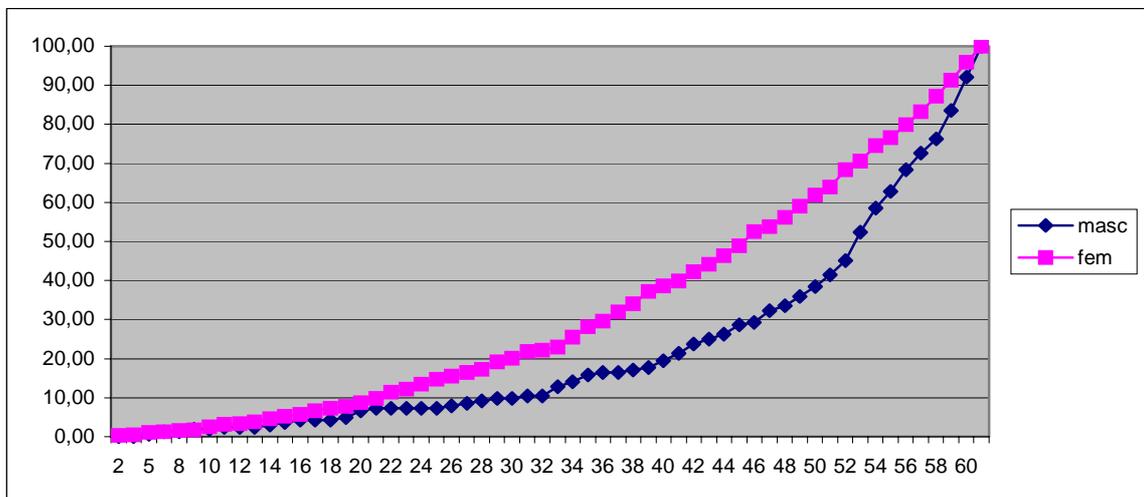
Distribuição acumulada de centésimos de g_2 de indivíduos de “Sem Predomínio” por sexo



FONTE: Elaboração própria.

GRÁFICO 10-c-A:

Distribuição acumulada de centésimos de g_3 de indivíduos de “Sem Predomínio” por sexo

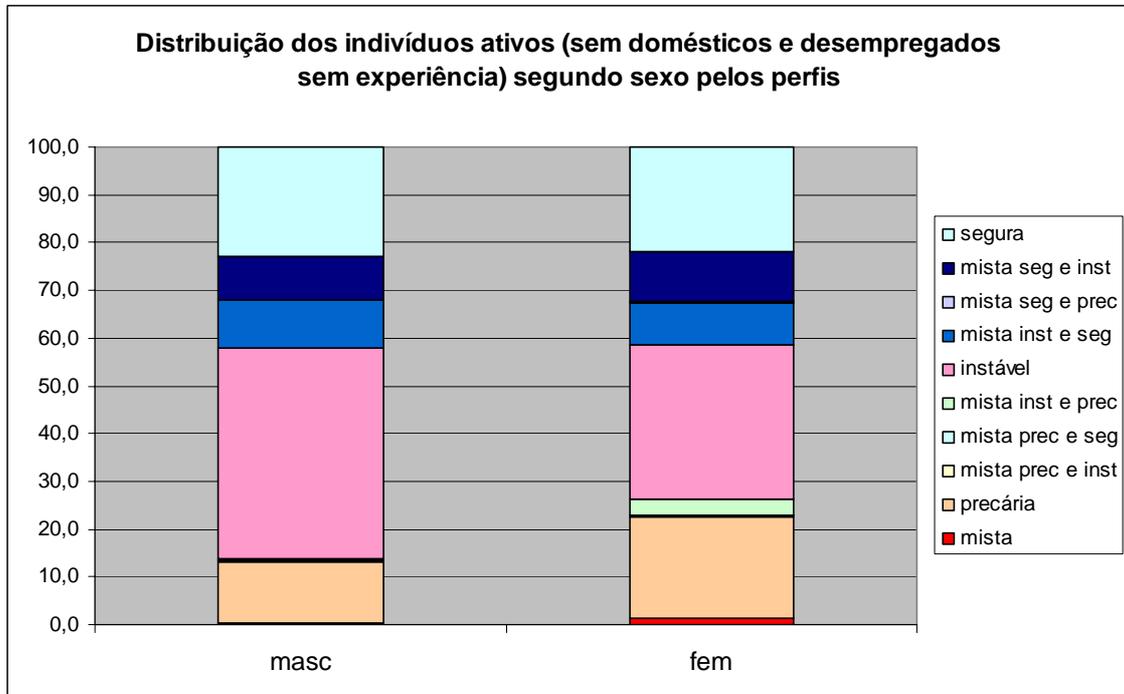


FONTE: Elaboração própria.

Anexo 3:

Gráfico referente ao ponto “4.2 - Identificação e análise dos perfis socioocupacionais individuais”.

GRÁFICO 11-A:



Fonte: Elaboração própria.

Obs: Dados ponderados.

Anexo 4:

Tabela referente ao ponto “5.3.1- Aplicação do modelo de graus de pertencimento”.

TABELA 2-A:

(continua)

Frequências marginais, probabilidades estimadas e fatores descritores dos perfis extremos segundo as respostas às variáveis referentes aos casais

Variáveis	Respostas	Freq Marg		Lambdas			Lambdas / Freq		
		Abs.	Rel.	1	2	3	1	2	3
nfam (número de famílias no domicílio)	1 família	16033	0,956	0,927	0,962	0,974	0,970	1,006	1,019
	2 famílias	713	0,042	0,067	0,038	0,026	1,593	0,912	0,624
	3 famílias	30	0,002	0,006	0,000	0,000	3,000	0,000	0,000
	4 famílias	3	0,000	0,000	0,000	0,000			
tfam (tamanho da família)	2 pessoas	2900	0,173	0,089	0,191	0,221	0,512	1,106	1,279
	3 pessoas	4555	0,271	0,241	0,349	0,224	0,888	1,287	0,827
	4 pessoas	5098	0,304	0,292	0,275	0,342	0,959	0,905	1,125
	5 pessoas	2649	0,158	0,189	0,124	0,167	1,195	0,784	1,055
	6 pessoas	959	0,057	0,097	0,043	0,039	1,693	0,749	0,681
	7 pessoas	336	0,020	0,047	0,012	0,005	2,345	0,620	0,240
	8 pessoas	154	0,009	0,021	0,006	0,003	2,367	0,622	0,278
	9 ou mais pessoas	128	0,008	0,026	0,000	0,000	3,213	0,000	0,000
iccf (menor de 7 anos na família)	não tem	10661	0,635	0,434	0,474	0,928	0,684	0,746	1,461
	tem	6118	0,365	0,566	0,526	0,072	1,550	1,442	0,198
qpof2 (quartos de proporção de ocup na família recodificado)	sem ocup na fam	1696	0,101	0,229	0,000	0,085	2,262	0,000	0,845
	de 0,08 a 0,30	3461	0,206	0,457	0,000	0,137	2,216	0,000	0,666
	de 0,33 a 0,45	3438	0,205	0,273	0,166	0,176	1,332	0,810	0,859
	de 0,50 a 0,64	3831	0,228	0,042	0,312	0,337	0,184	1,368	1,478
	de 0,67 a 1,00	4353	0,259	0,000	0,522	0,265	0,000	2,015	1,022
qrfe3 (quartos de rendimento familiar per capita recod.)	de \$0,00 a \$140,00	3261	0,194	0,618	0,000	0,000	3,185	0,000	0,000
	de \$140,20 a \$271,50	3195	0,190	0,253	0,258	0,085	1,330	1,355	0,447
	de \$271,60 a \$ 506,50	3227	0,192	0,026	0,300	0,243	0,133	1,561	1,265
	de \$506,67 a \$15625,00	3228	0,192	0,000	0,190	0,353	0,000	0,989	1,840
	sem decl	3868	0,231	0,104	0,253	0,319	0,450	1,094	1,381
sexo.1 (sexo do chefe)	masculino	16412	0,978	1,000	0,950	0,986	1,022	0,971	1,008
	feminino	367	0,022	0,000	0,050	0,014	0,000	2,277	0,627
fxet.1 (grau de instrução do chefe)	16 a 19 anos	83	0,005	0,012	0,004	0,000	2,300	0,880	0,000
	20 a 24 anos	834	0,050	0,070	0,084	0,000	1,398	1,682	0,000
	25 a 29 anos	1842	0,110	0,115	0,221	0,000	1,047	2,009	0,000
	30 a 39 anos	4628	0,276	0,354	0,449	0,072	1,283	1,626	0,260
	40 a 49 anos	4173	0,249	0,238	0,215	0,291	0,957	0,864	1,168
	50 a 59 anos	2780	0,166	0,167	0,027	0,301	1,008	0,161	1,816
	60 anos ou mais	2439	0,145	0,044	0,000	0,336	0,300	0,000	2,318

TABELA 2-A:

(continuação)

Freqüências marginais, probabilidades estimadas e fatores descritores dos perfis extremos
segundo as respostas às variáveis referentes aos casais

Variáveis	Respostas	Freq Marg		Lambdas			Lambdas / Freq		
		Abs.	Rel.	1	2	3	1	2	3
inst2.1 (<i>grau de instrução do chefe</i>)	sem decl	33	0,002	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
	analf / sem escolariz	1174	0,070	0,163	0,026	0,043	2,330	0,366	0,607
	fund incompl	7291	0,435	0,592	0,373	0,356	1,361	0,857	0,818
	fund compl	2276	0,136	0,138	0,169	0,102	1,014	1,239	0,746
	médio incompl	777	0,046	0,042	0,078	0,019	0,917	1,696	0,404
	médio compl	2986	0,178	0,065	0,250	0,205	0,364	1,407	1,150
	superior incompl	487	0,029	0,000	0,043	0,040	0,000	1,476	1,376
	superior compl	1755	0,105	0,000	0,062	0,237	0,000	0,590	2,258
cor.1 (<i>cor do chefe</i>)	branca ou amarela	11313	0,674	0,505	0,618	0,869	0,749	0,917	1,289
	preta ou parda	5466	0,326	0,495	0,382	0,132	1,518	1,171	0,403
migr10.1 (<i>condição migratória do chefe</i>)	natural ou imigr +10	14363	0,856	0,747	0,786	1,000	0,873	0,918	1,168
	imigr 10 anos ou -	2416	0,144	0,253	0,214	0,000	1,755	1,487	0,000
c030.1 (<i>posição no domicílio do chefe</i>)	chefe	16408	0,978	0,963	0,971	0,999	0,985	0,993	1,021
	cônjuge	0	0,000	0,000	0,000	0,000			
	filho	171	0,010	0,014	0,017	0,000	1,420	1,710	0,000
	outro parente	193	0,012	0,023	0,012	0,001	1,900	1,008	0,117
	agregado	1	0,000	0,000	0,000	0,000			
	pensionista	0	0,000	0,000	0,000	0,000			
	empregado dom	1	0,000	0,000	0,000	0,000			
	parente empr dom	0	0,000	0,000	0,000	0,000			
	outros	5	0,000	0,000	0,000	0,000			
q451.1 (<i>tipo de inatividade do chefe</i>)	não inativo	13965	0,832	0,800	1,000	0,707	0,962	1,202	0,850
	aposentado	2045	0,122	0,053	0,000	0,287	0,435	0,000	2,356
	licenciado	150	0,009	0,030	0,000	0,000	3,356	0,000	0,000
	afazeres domésticos	76	0,005	0,009	0,000	0,006	1,700	0,000	1,140
	estudante	8	0,000	0,000	0,000	0,000			
	vive de renda	68	0,004	0,014	0,000	0,000	3,425	0,000	0,000
	vive de ajuda	293	0,017	0,059	0,000	0,000	3,482	0,000	0,000
	outra	174	0,010	0,035	0,000	0,000	3,500	0,000	0,000
epioc.1 (<i>episódios de ocupação do chefe</i>)	nenhum episódio	27	0,002	0,000	0,000	0,005	0,000	0,000	2,300
	1 episódio	6987	0,416	0,131	0,000	0,995	0,315	0,000	2,393
	2 episódios	6028	0,359	0,606	0,549	0,000	1,689	1,530	0,000
	3 episódios	3737	0,223	0,263	0,451	0,000	1,178	2,021	0,000
epids.1 (<i>episódios de desocupação do chefe</i>)	nenhum episódio	5749	0,343	0,000	0,187	0,709	0,000	0,545	2,068
	1 episódio	7749	0,462	0,657	0,508	0,291	1,422	1,099	0,629
	2 episódios	3281	0,196	0,343	0,305	0,000	1,749	1,557	0,000

TABELA 2-A:

(continuação)

Freqüências marginais, probabilidades estimadas e fatores descritores dos perfis extremos
segundo as respostas às variáveis referentes aos casais

Variáveis	Respostas	Freq Marg		Lambdas			Lambdas / Freq		
		Abs.	Rel.	1	2	3	1	2	3
sitocr.1 (situação ocupacional do chefe)	inat sem experiência	24	0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
	ocup 8 anos ou +	4018	0,239	0,000	0,000	0,727	0,000	0,000	3,041
	ocup - 8 anos	8638	0,515	0,519	1,000	0,000	1,008	1,942	0,000
	inat com experiência	2790	0,166	0,232	0,000	0,273	1,395	0,000	1,645
	desem há 8 anos +	26	0,002	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
	desempr sem exper	3	0,000	0,000	0,000	0,000			
	des - 8 anos ex-ass	970	0,058	0,188	0,000	0,000	3,238	0,000	0,000
	des - 8 anos ex-out	310	0,018	0,061	0,000	0,000	3,411	0,000	0,000
pos1.1 (posição na ocupação corrente do chefe)	não se aplica	4123	0,246	0,544	0,000	0,207	2,213	0,000	0,842
	ass com cart	5789	0,345	0,230	0,581	0,226	0,666	1,683	0,656
	ass sem cart	1410	0,084	0,121	0,119	0,016	1,440	1,419	0,185
	ass públ	828	0,049	0,000	0,020	0,130	0,000	0,404	2,649
	ass não sabe	3	0,000	0,000	0,000	0,000			
	autônomo	3259	0,194	0,105	0,214	0,258	0,541	1,101	1,332
	empregador	1030	0,061	0,000	0,045	0,133	0,000	0,730	2,185
	empr doméstico	131	0,008	0,000	0,022	0,000	0,000	2,788	0,000
	trabalhador familiar	32	0,002	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
outro	174	0,010	0,000	0,000	0,030	0,000	0,000	2,960	
pdio.1 (posição na ocupação anterior do chefe)	não se aplica	6048	0,360	0,000	0,000	0,995	0,000	0,000	2,765
	assalariado	8257	0,492	0,739	0,805	0,000	1,501	1,637	0,000
	autônomo	1944	0,116	0,224	0,143	0,000	1,932	1,234	0,000
	empr doméstico	113	0,007	0,007	0,014	0,000	0,929	1,957	0,000
	outro	378	0,023	0,031	0,038	0,001	1,339	1,639	0,026
	nunca trabalhou	25	0,001	0,000	0,000	0,004	0,000	0,000	4,100
sem decl	14	0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	
pos3.1 (posição na ocupação pré-anterior do chefe)	sem decl	163	0,010	0,020	0,011	0,000	2,010	1,080	0,000
	ass com cart	3240	0,193	0,361	0,321	0,000	1,870	1,663	0,000
	ass sem cart	768	0,046	0,077	0,068	0,000	1,667	1,478	0,000
	ass públ	93	0,006	0,006	0,011	0,000	0,967	1,817	0,000
	autônomo	723	0,043	0,080	0,057	0,000	1,865	1,333	0,000
	empr doméstico	61	0,004	0,005	0,006	0,000	1,325	1,475	0,000
	outro	139	0,008	0,011	0,014	0,000	1,388	1,788	0,000
	não se aplica	11592	0,691	0,440	0,512	1,000	0,637	0,741	1,447
ram2.1 (setor de atividade corrente do chefe)	sem decl	5	0,000	0,000	0,000	0,000			
	indústria	3149	0,188	0,116	0,264	0,182	0,618	1,405	0,966
	construção	593	0,035	0,052	0,043	0,014	1,491	1,220	0,386
	comércio	2007	0,120	0,075	0,163	0,116	0,626	1,358	0,967
	serviços	6722	0,401	0,202	0,508	0,487	0,503	1,267	1,213
	serviços domésticos	131	0,008	0,000	0,022	0,000	0,000	2,788	0,000
	outros	49	0,003	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
	não se aplica	4123	0,246	0,555	0,000	0,202	2,256	0,000	0,822

TABELA 2-A:

(continuação)

Frequências marginais, probabilidades estimadas e fatores descritores dos perfis extremos
segundo as respostas às variáveis referentes aos casais

Variáveis	Respostas	Freq Marg		Lambdas			Lambdas / Freq		
		Abs.	Rel.	1	2	3	1	2	3
rdio.1 (setor de atividade anterior do chefe)	não se aplica	6075	0,362	0,000	0,000	1,000	0,000	0,000	2,762
	indústria	3228	0,192	0,307	0,289	0,000	1,601	1,506	0,000
	construção	720	0,043	0,097	0,039	0,000	2,263	0,916	0,000
	comércio	1565	0,093	0,137	0,153	0,000	1,475	1,644	0,000
	serviços	4936	0,294	0,439	0,494	0,000	1,493	1,679	0,000
	serviços domésticos	113	0,007	0,007	0,014	0,000	0,929	1,971	0,000
	outros	129	0,008	0,013	0,011	0,000	1,588	1,400	0,000
	sem decl	13	0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
ram3.1 (setor de atividade pré-anterior do chefe)	sem decl	165	0,010	0,020	0,011	0,000	2,000	1,120	0,000
	indústria	1498	0,089	0,143	0,146	0,000	1,601	1,640	0,000
	construção	389	0,023	0,055	0,020	0,000	2,396	0,878	0,000
	comércio	775	0,046	0,067	0,078	0,000	1,452	1,689	0,000
	serviços	2215	0,132	0,232	0,214	0,000	1,755	1,617	0,000
	serviços domésticos	61	0,004	0,005	0,006	0,000	1,325	1,475	0,000
	outros	84	0,005	0,009	0,006	0,000	1,880	1,280	0,000
	não se aplica	11592	0,691	0,469	0,519	1,000	0,679	0,751	1,447
tamemp.1 (tamanho / tipo da empresa do chefe)	inativo / desemp	4123	0,246	0,535	0,000	0,212	2,174	0,000	0,863
	trab sozinho	1853	0,110	0,056	0,084	0,192	0,505	0,763	1,748
	com fam, soc ou até 2	1483	0,088	0,026	0,110	0,123	0,299	1,253	1,399
	com 3 a 9 empreg	1466	0,087	0,073	0,122	0,066	0,839	1,400	0,756
	com 10 a 49 empr	1638	0,098	0,072	0,159	0,060	0,733	1,620	0,609
	com 50 a 499 empr	1723	0,103	0,079	0,174	0,054	0,764	1,684	0,522
	com 500 ou mais empr	2082	0,124	0,047	0,190	0,133	0,377	1,531	1,071
	em casa alheia	131	0,008	0,000	0,022	0,000	0,000	2,788	0,000
	em instituição públ	828	0,049	0,000	0,020	0,132	0,000	0,402	2,686
não sabe	1452	0,087	0,113	0,120	0,029	1,301	1,378	0,329	
tdsf.1 (familiar desem- pregado do chefe)	não tem	13145	0,783	0,609	0,851	0,879	0,777	1,087	1,123
	tem	3634	0,217	0,392	0,149	0,121	1,804	0,686	0,557
qtotr.1 (quartos de 'tempo ocup so- bre tempo total relatado' do chefe)	sem decl	9	0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
	de 0,00 a 77,59	3920	0,234	0,474	0,252	0,000	2,026	1,076	0,000
	de 77,61 a 95,38	3919	0,234	0,356	0,376	0,000	1,521	1,606	0,000
	de 95,39 a 99,99	2115	0,126	0,170	0,223	0,000	1,349	1,770	0,000
	100,00	5722	0,341	0,000	0,150	0,817	0,000	0,438	2,397
	não se aplica	1094	0,065	0,000	0,000	0,183	0,000	0,000	2,811
qtrr.1 (quartos de tempo total relatado do chefe)	sem decl	9	0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
	de 5 a 2508 dias	4056	0,242	0,503	0,347	0,000	2,080	1,432	0,000
	de 2520 a 3595 dias	4084	0,243	0,296	0,376	0,094	1,217	1,549	0,388
	de 3600 a 5400 dias	4611	0,275	0,138	0,236	0,393	0,502	0,858	1,430
	de 5407 a 24120 dias	3992	0,238	0,063	0,041	0,512	0,264	0,172	2,153
não se aplica	27	0,002	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	

TABELA 2-A:

(continuação)

Frequências marginais, probabilidades estimadas e fatores descritores dos perfis extremos
segundo as respostas às variáveis referentes aos casais

Variáveis	Respostas	Freq Marg		Lambdas			Lambdas / Freq		
		Abs.	Rel.	1	2	3	1	2	3
qrit.1 (quartos de rendimento individual total do chefe)	sem rend	1269	0,076	0,248	0,000	0,000	3,267	0,000	0,000
	de \$10 a \$400	3221	0,192	0,347	0,186	0,066	1,806	0,966	0,343
	de \$401 a \$700	3185	0,190	0,206	0,288	0,093	1,086	1,518	0,488
	de \$703 a \$1260	3028	0,180	0,092	0,218	0,224	0,512	1,208	1,247
	de \$1206 a \$40000	3000	0,179	0,000	0,148	0,350	0,000	0,828	1,957
	sem decl	3076	0,183	0,106	0,160	0,267	0,581	0,877	1,457
sexo.2 (sexo do cônjuge)	masculino	367	0,022	0,000	0,050	0,014	0,000	2,277	0,627
	feminino	16412	0,978	1,000	0,950	0,986	1,022	0,971	1,008
fxet.2 (grau de instrução do cônjuge)	16 a 19 anos	399	0,024	0,063	0,016	0,000	2,621	0,675	0,000
	20 a 24 anos	1487	0,089	0,129	0,151	0,000	1,447	1,694	0,000
	25 a 29 anos	2251	0,134	0,135	0,279	0,000	1,010	2,078	0,000
	30 a 39 anos	4755	0,283	0,323	0,408	0,148	1,142	1,441	0,523
	40 a 49 anos	3920	0,234	0,230	0,147	0,325	0,983	0,627	1,387
	50 a 59 anos	2242	0,134	0,118	0,000	0,267	0,878	0,000	1,993
	60 anos ou mais	1725	0,103	0,002	0,000	0,261	0,020	0,000	2,530
inst2.2 (grau de instrução do cônjuge)	sem decl	20	0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
	analf / sem escolariz	1162	0,069	0,168	0,008	0,054	2,428	0,112	0,775
	fund incompl	7521	0,448	0,597	0,336	0,427	1,332	0,749	0,952
	fund compl	2157	0,129	0,126	0,145	0,114	0,976	1,126	0,884
	médio incompl	881	0,053	0,059	0,079	0,021	1,109	1,492	0,387
	médio compl	3164	0,189	0,051	0,311	0,186	0,270	1,646	0,983
	superior incompl	438	0,026	0,000	0,044	0,030	0,000	1,696	1,162
	superior compl	1436	0,086	0,000	0,077	0,169	0,000	0,897	1,970
cor.2 (cor do cônjuge)	branca ou amarela	11418	0,680	0,528	0,617	0,876	0,776	0,908	1,289
	preta ou parda	5361	0,320	0,472	0,383	0,124	1,476	1,196	0,387
migr10.2 (condição migratória do cônjuge)	natural ou imigr +10	13985	0,833	0,742	0,723	1,000	0,891	0,868	1,200
	imigr 10 anos ou -	2794	0,167	0,258	0,277	0,000	1,546	1,660	0,000
c030.2 (posição no domicílio do cônjuge)	cônjuge	16408	0,978	0,962	0,971	1,000	0,984	0,992	1,022
	filho	107	0,006	0,007	0,013	0,000	1,117	2,083	0,000
	outro parente	255	0,015	0,031	0,017	0,000	2,073	1,133	0,000
	agregado	2	0,000	0,000	0,000	0,000			
	pensionista	0	0,000	0,000	0,000	0,000			
	empregado dom	0	0,000	0,000	0,000	0,000			
	parente empr dom	1	0,000	0,000	0,000	0,000			
	outros	6	0,000	0,000	0,000	0,000			

TABELA 2-A:

(continuação)

**Freqüências marginais, probabilidades estimadas e fatores descritores dos perfis extremos
segundo as respostas às variáveis referentes aos casais**

Variáveis	Respostas	Freq Marg		Lambdas			Lambdas / Freq		
		Abs.	Rel.	1	2	3	1	2	3
q451.2 (tipo de inatividade do cônjuge)	não inativo	9036	0,539	0,099	1,000	0,337	0,183	1,855	0,626
	aposentado	579	0,035	0,000	0,000	0,101	0,000	0,000	2,880
	licenciado	66	0,004	0,009	0,000	0,004	2,200	0,000	0,950
	afazeres domésticos	6972	0,416	0,883	0,000	0,555	2,122	0,000	1,334
	estudante	35	0,002	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
	vive de renda	5	0,000	0,000	0,000	0,000			
	vive de ajuda	68	0,004	0,010	0,000	0,003	2,450	0,000	0,800
	outra	18	0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
epioc.2 (episódios de ocupação do cônjuge)	nenhum episódio	1257	0,075	0,293	0,000	0,000	3,909	0,000	0,000
	1 episódio	8519	0,508	0,707	0,000	1,000	1,391	0,000	1,969
	2 episódios	5300	0,316	0,000	0,730	0,000	0,000	2,310	0,000
	3 episódios	1703	0,101	0,000	0,270	0,000	0,000	2,674	0,000
epids.2 (episódios de desocupação do cônjuge)	nenhum episódio	4162	0,248	0,204	0,147	0,371	0,822	0,591	1,496
	1 episódio	9884	0,589	0,796	0,393	0,629	1,352	0,667	1,068
	2 episódios	2733	0,163	0,000	0,461	0,000	0,000	2,826	0,000
sitocr.2 (situação ocupacional do cônjuge)	inat sem experiência	1196	0,071	0,225	0,000	0,000	3,172	0,000	0,000
	ocup 8 anos ou +	1853	0,110	0,000	0,000	0,323	0,000	0,000	2,935
	ocup - 8 anos	5490	0,327	0,000	0,944	0,000	0,000	2,888	0,000
	inat com experiência	6547	0,390	0,526	0,000	0,671	1,348	0,000	1,719
	desem há 8 anos +	169	0,010	0,026	0,000	0,007	2,570	0,000	0,650
	desempr sem exper	61	0,004	0,012	0,000	0,000	3,050	0,000	0,000
	des - 8 anos ex-ass	1295	0,077	0,181	0,054	0,000	2,353	0,699	0,000
	des - 8 anos ex-out	168	0,010	0,030	0,002	0,000	3,020	0,180	0,000
pos1.2 (posição na ocupação corrente do cônjuge)	não se aplica	9436	0,562	1,000	0,000	0,768	1,779	0,000	1,367
	ass com cart	2196	0,131	0,000	0,365	0,000	0,000	2,783	0,000
	ass sem cart	619	0,037	0,000	0,104	0,000	0,000	2,819	0,000
	ass públ	896	0,053	0,000	0,044	0,111	0,000	0,830	2,096
	ass não sabe	5	0,000	0,000	0,000	0,000			
	autônomo	1664	0,099	0,000	0,218	0,060	0,000	2,197	0,608
	empregador	340	0,020	0,000	0,027	0,031	0,000	1,335	1,555
	empr doméstico	1307	0,078	0,000	0,219	0,000	0,000	2,804	0,000
	trabalhador familiar	220	0,013	0,000	0,019	0,018	0,000	1,492	1,385
	outro	96	0,006	0,000	0,005	0,012	0,000	0,800	1,917
pdio.2 (posição na ocupação anterior do cônjuge)	não se aplica	6723	0,401	0,149	0,000	0,972	0,372	0,000	2,424
	assalariado	5510	0,328	0,279	0,703	0,000	0,851	2,144	0,000
	autônomo	1027	0,061	0,066	0,101	0,020	1,080	1,648	0,323
	empr doméstico	2027	0,121	0,221	0,171	0,000	1,830	1,416	0,000
	outro	224	0,013	0,006	0,025	0,008	0,485	1,892	0,623
	nunca trabalhou sem decl	1207 61	0,072 0,004	0,267 0,011	0,000 0,000	0,000 0,000	3,713 2,625	0,000 0,075	0,000 0,000

TABELA 2-A:

(continuação)

Freqüências marginais, probabilidades estimadas e fatores descritores dos perfis extremos
segundo as respostas às variáveis referentes aos casais

Variáveis	Respostas	Freq Marg		Lambdas			Lambdas / Freq		
		Abs.	Rel.	1	2	3	1	2	3
pos3.2 (posição na ocupação pré-anterior do cônjuge)	sem decl	64	0,004	0,006	0,006	0,000	1,600	1,375	0,000
	ass com cart	1568	0,093	0,000	0,265	0,000	0,000	2,846	0,000
	ass sem cart	753	0,045	0,000	0,127	0,000	0,000	2,822	0,000
	ass públ	91	0,005	0,000	0,016	0,000	0,000	3,100	0,000
	autônomo	304	0,018	0,000	0,052	0,000	0,000	2,861	0,000
	empr doméstico	875	0,052	0,017	0,136	0,000	0,323	2,612	0,000
	outro	54	0,003	0,000	0,009	0,000	0,000	3,067	0,000
	não se aplica	13070	0,779	0,977	0,391	1,000	1,254	0,502	1,284
ram2.2 (setor de atividade corrente do cônjuge)	sem decl	2	0,000	0,000	0,000	0,000			
	indústria	1078	0,064	0,000	0,184	0,000	0,000	2,870	0,000
	construção	42	0,003	0,000	0,007	0,000	0,000	2,367	0,000
	comércio	1130	0,067	0,000	0,162	0,030	0,000	2,412	0,451
	serviços	3754	0,224	0,000	0,424	0,215	0,000	1,894	0,960
	serviços domésticos	1307	0,078	0,000	0,223	0,000	0,000	2,862	0,000
	outros	30	0,002	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
	não se aplica	9436	0,562	1,000	0,000	0,755	1,779	0,000	1,343
rdio.2 (setor de atividade anterior do cônjuge)	não se aplica	7980	0,476	0,449	0,000	0,958	0,944	0,000	2,013
	indústria	1914	0,114	0,120	0,230	0,000	1,054	2,020	0,000
	construção	61	0,004	0,002	0,009	0,000	0,475	2,175	0,000
	comércio	1375	0,082	0,060	0,187	0,000	0,734	2,279	0,000
	serviços	3361	0,200	0,139	0,402	0,042	0,693	2,012	0,210
	serviços domésticos	2028	0,121	0,225	0,167	0,000	1,862	1,383	0,000
	outros	49	0,003	0,005	0,004	0,000	1,533	1,467	0,000
	sem decl	11	0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
ram3.2 (setor de atividade pré-anterior do cônjuge)	sem decl	63	0,004	0,006	0,006	0,000	1,550	1,375	0,000
	indústria	810	0,048	0,000	0,137	0,000	0,000	2,846	0,000
	construção	28	0,002	0,000	0,005	0,000	0,000	2,400	0,000
	comércio	607	0,036	0,000	0,102	0,000	0,000	2,844	0,000
	serviços	1300	0,077	0,000	0,220	0,000	0,000	2,851	0,000
	serviços domésticos	875	0,052	0,017	0,136	0,000	0,323	2,613	0,000
	outros	26	0,002	0,000	0,004	0,000	0,000	2,200	0,000
	não se aplica	13070	0,779	0,977	0,391	1,000	1,254	0,502	1,284
tamemp.2 (tamanho / tipo da empresa do cônjuge)	inativo / desemp	9436	0,562	1,000	0,000	0,776	1,779	0,000	1,381
	trab sozinho	918	0,055	0,000	0,105	0,049	0,000	1,905	0,885
	com fam, soc ou até 2	871	0,052	0,000	0,098	0,048	0,000	1,879	0,929
	com 3 a 9 empreg	679	0,040	0,000	0,098	0,015	0,000	2,448	0,380
	com 10 a 49 empr	717	0,043	0,000	0,119	0,000	0,000	2,763	0,000
	com 50 a 499 empr	642	0,038	0,000	0,107	0,000	0,000	2,808	0,000
	com 500 ou mais empr	756	0,045	0,000	0,125	0,000	0,000	2,780	0,000
	em casa alheia	1307	0,078	0,000	0,213	0,000	0,000	2,727	0,000
	em instituição públ	896	0,053	0,000	0,044	0,111	0,000	0,821	2,102
	não sabe	557	0,033	0,000	0,093	0,000	0,000	2,812	0,000

TABELA 2-A:

(conclusão)

**Freqüências marginais, probabilidades estimadas e fatores descritores dos perfis extremos
segundo as respostas às variáveis referentes aos casais**

Variáveis	Respostas	Freq Marg		Lambdas			Lambdas / Freq		
		Abs.	Rel.	1	2	3	1	2	3
tdsf.2 (familiar desempregado do cônjuge)	não tem	13501	0,805	0,602	0,899	0,896	0,748	1,117	1,113
	tem	3278	0,195	0,398	0,101	0,104	2,041	0,517	0,533
qtotr.2 (quartos de 'tempo ocup sobre tempo total relatado' do cônjuge)	sem decl	16	0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
	de 0,00 a 39,39	3061	0,182	0,327	0,163	0,075	1,796	0,894	0,413
	de 39,47 a 74,75	3040	0,181	0,189	0,312	0,000	1,042	1,723	0,000
	de 75,00 a 99,24	3077	0,183	0,089	0,347	0,033	0,485	1,897	0,180
	de 99,25 a 100,00	3060	0,182	0,000	0,178	0,363	0,000	0,980	1,992
não se aplica	4525	0,270	0,396	0,000	0,529	1,465	0,000	1,961	
qttr.2 (quartos de tempo total relatado do cônjuge)	sem decl	16	0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
	de 1 a 1988 dias	3858	0,230	0,329	0,392	0,000	1,430	1,705	0,000
	de 2010 a 3240 dias	4105	0,245	0,188	0,443	0,074	0,769	1,809	0,301
	de 3241 a 5370 dias	3434	0,205	0,138	0,165	0,307	0,671	0,803	1,498
	de 5400 a 23400 dias	4109	0,245	0,066	0,000	0,619	0,269	0,000	2,528
não se aplica	1257	0,075	0,279	0,000	0,000	3,723	0,000	0,000	
qrit.2 (quartos de rendimento individual total do cônjuge)	sem rend	8196	0,488	0,937	0,000	0,586	1,919	0,000	1,201
	de \$2 a \$200	1917	0,114	0,064	0,175	0,099	0,557	1,531	0,868
	de \$201 a \$380	1713	0,102	0,000	0,260	0,032	0,000	2,552	0,313
	de \$381 a \$700	1828	0,109	0,000	0,265	0,046	0,000	2,434	0,419
	de \$703 a \$20000	1789	0,107	0,000	0,145	0,166	0,000	1,350	1,547
sem decl	1336	0,080	0,000	0,155	0,072	0,000	1,943	0,900	

Fonte: Elaboração própria.

Anexo 5:

Tabela referente ao ponto “5.3.3 - Os perfis por grupos de idade, escolaridade, condição de atividade e rendimentos”.

TABELA 3-A:

Coefficientes de correlação (R de Pearson) de idades entre chefe e cônjuge por perfil de casais

e respectivos desvios padrões assintóticos, testes T e significância aproximada

Coefficientes e medidas	Sem Predomínio	Vulnerável	Duplo Vulnerável	Idoso em Alto Risco	Duplo Alto Instáveis	Duplo Instáveis	Duplo Parcial Seguro	Idosos Média Segurança	Duplo Seguro	Estabilizado	Amostra
Coef. R de Pearson	0,80	0,85	0,81	0,89	0,77	0,80	0,79	0,91	0,81	0,90	0,91
Desvio padrão assint. (*)	0,0173	0,0083	0,0133	0,0087	0,0145	0,0094	0,0129	0,0070	0,0130	0,0046	0,0020
T aproximado (**)	38,14	78,90	44,98	67,17	42,96	73,20	49,77	85,49	46,86	114,94	277,63
Significância aprox. (***)	5,8E-184	0	2,6E-251	0	3,0E-247	0	0	0	2,6E-269	0	0
Número de casos	823	2295	1100	1169	1235	3067	1446	1471	1156	3016	16778

(*) - Não assumindo a hipótese nula.

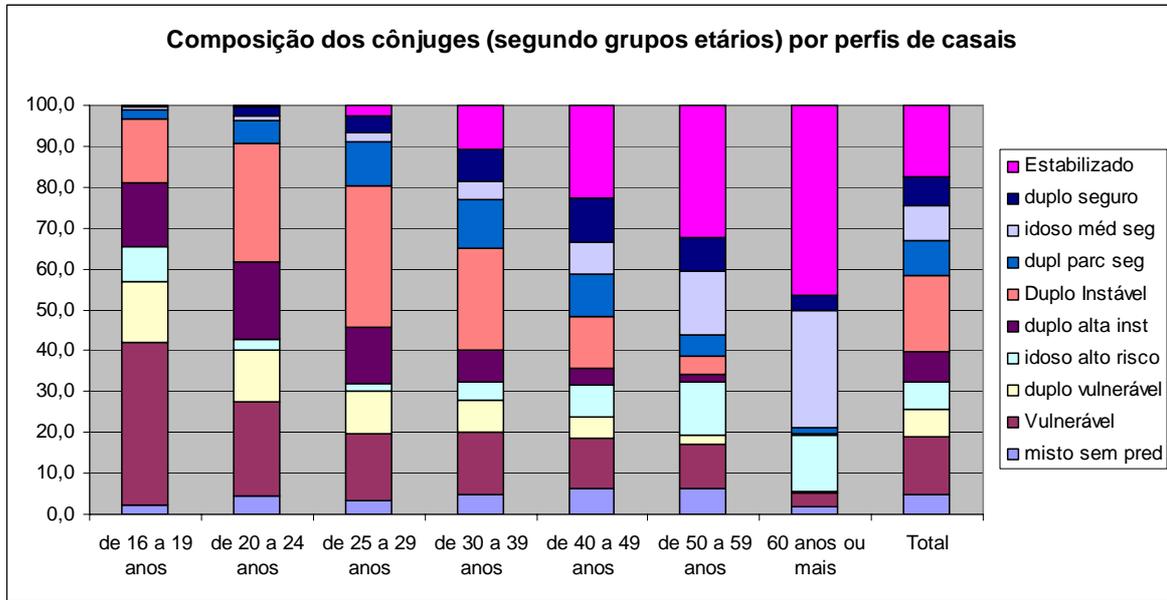
(**) - Usando desvio padrão assintótico baseado na hipótese nula.

(***) - Com base na aproximação normal.

Anexo 6:

Gráfico referente ao ponto “5.3.3 - Os perfis por grupos de idade, escolaridade, condição de atividade e rendimentos”.

GRÁFICO 12-A:



Fonte: Elaboração própria.

Obs: Dados ponderados.

Anexo 7:

Tabela referente ao ponto “5.3.3 - Os perfis por grupos de idade, escolaridade, condição de atividade e rendimentos”.

TABELA 4-A:

Coefficientes de correlação (R de Pearson) de anos de estudo completos entre chefe e cônjuge por perfil de casais e respectivos desvios padrões assintóticos, testes T e significância aproximada

Coefficientes e medidas	Sem Predomínio	Vulnerável	Duplo Vulnerável	Idoso em Alto Risco	Duplo Alto Instáveis	Duplo Instáveis	Duplo Parcial Seguro	Idosos Média Segurança	Duplo Seguro	Estabilizado	Amostra
Coef. R de Pearson	0,62	0,47	0,50	0,62	0,48	0,57	0,60	0,61	0,63	0,64	0,62
Desvio padrão assint. (*)	0,0250	0,0186	0,0246	0,0204	0,0262	0,0140	0,0200	0,0194	0,0217	0,0127	0,0057
T aproximado (**)	22,89	25,30	19,28	27,18	19,04	38,05	28,52	29,62	27,57	46,24	102,04
Significância aprox. (***)	4,5E-90	8,6E-125	1,4E-71	2,0E-126	4,3E-71	7,6E-260	2,6E-142	1,3E-151	6,1E-129	0	0
Número de casos	823	2295	1100	1169	1235	3067	1446	1471	1156	3016	16778

(*) - Não assumindo a hipótese nula.

(**) - Usando desvio padrão assintótico baseado na hipótese nula.

(***) - Com base na aproximação normal.

Anexo 8:

Tabela referente ao ponto “5.3.3 - Os perfis por grupos de idade, escolaridade, condição de atividade e rendimentos”.

TABELA 5-A:

Coefficientes de correlação (de Spearman) de nível educacional entre chefe e cônjuge por perfil de casais e respectivos desvios padrões assintóticos, testes T e significância aproximada

Coefficientes e medidas	Sem Predomínio	Vulnerável	Duplo Vulnerável	Idoso em Alto Risco	Duplo Alto Instáveis	Duplo Instáveis	Duplo Parcial Seguro	Idosos Média Segurança	Duplo Seguro	Estabilizado	Amostra
Coef. de Spearman	0,65	0,42	0,46	0,61	0,49	0,60	0,66	0,58	0,67	0,67	0,63
Desvio padrão assint. (*)	0,0222	0,0184	0,0261	0,0201	0,0234	0,0131	0,0166	0,0194	0,0187	0,0116	0,0054
T aproximado (**)	24,49	22,10	17,11	26,02	19,57	41,00	33,36	27,15	30,92	49,86	103,85
Significância aprox. (***)	7,1E-100	2,9E-98	2,4E-58	4,2E-118	1,8E-74	2,1E-293	2,0E-181	7,0E-132	2,3E-153	0	0
Número de casos	823	2295	1100	1169	1235	3067	1446	1471	1156	3016	16778

(*) - Não assumindo a hipótese nula.

(**) - Usando desvio padrão assintótico baseado na hipótese nula.

(***) - Com base na aproximação normal.

GRÁFICO 13-a-A:

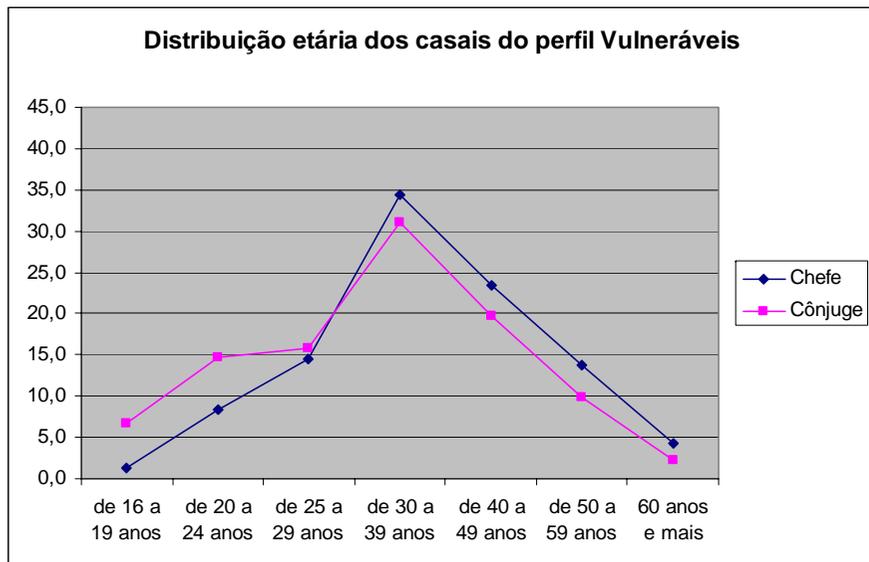


GRÁFICO 13-c-A:

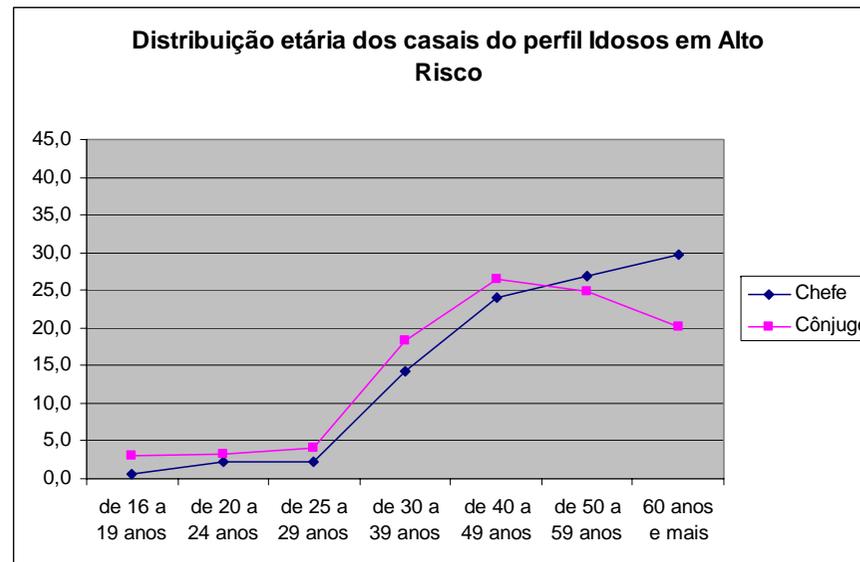


GRÁFICO 13-b-A:

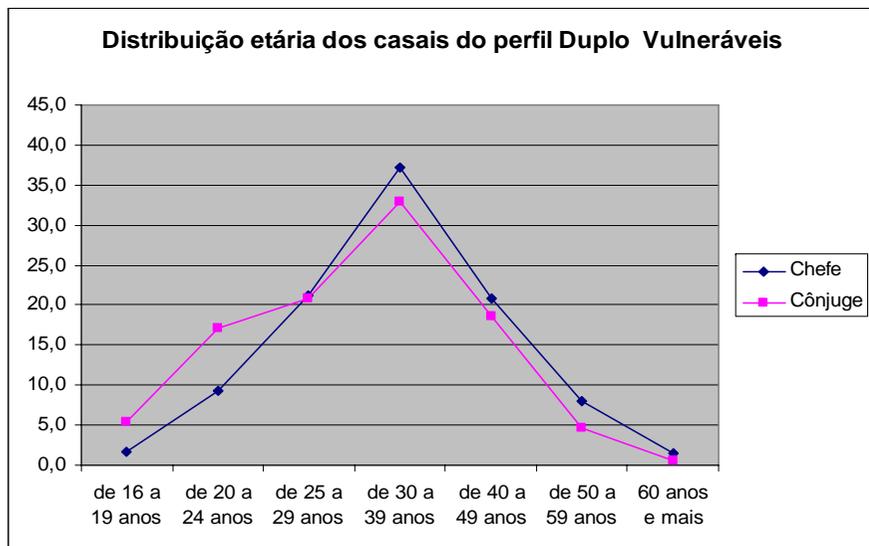


GRÁFICO 13-d-A:

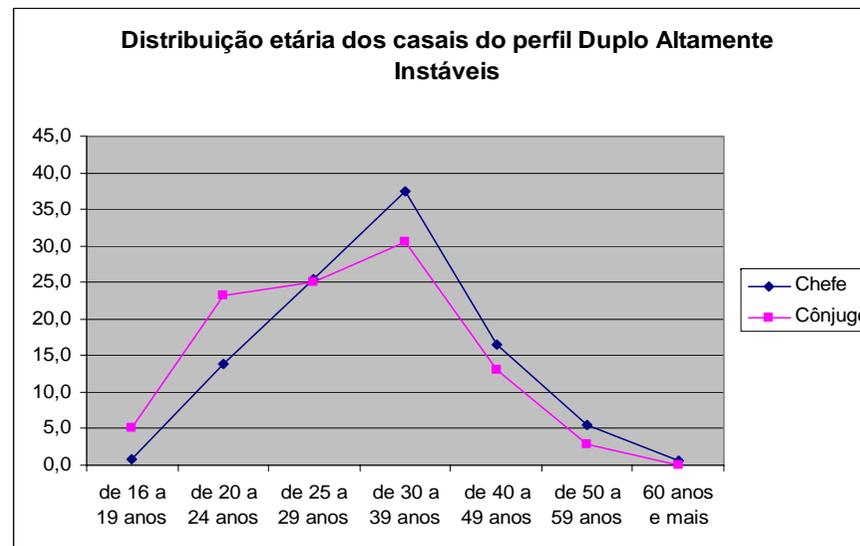


GRÁFICO 13-e-A:

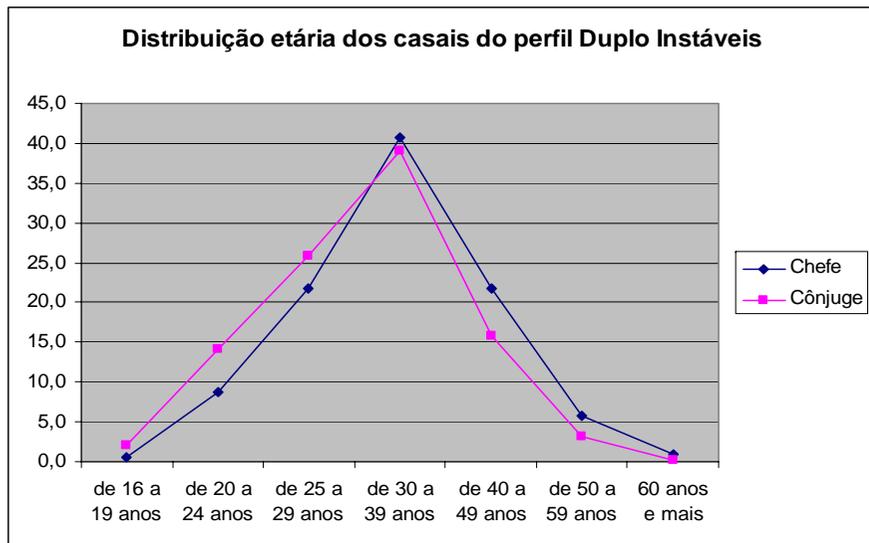


GRÁFICO 13-g-A:

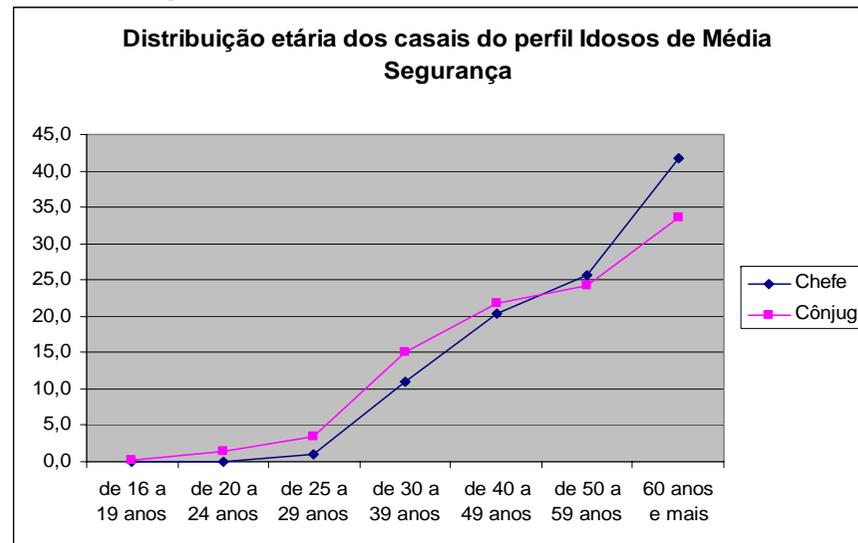


GRÁFICO 13-f-A:

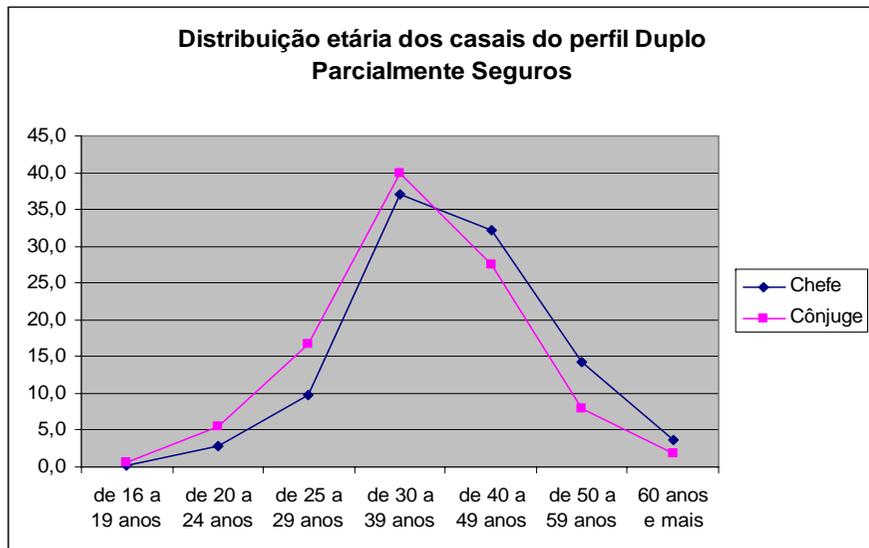


GRÁFICO 13-h-A:

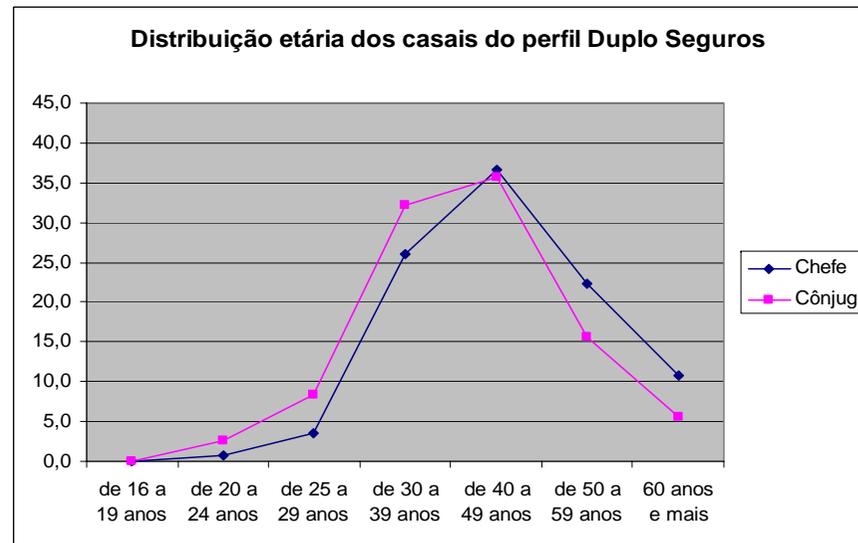


GRÁFICO 13-i-A:

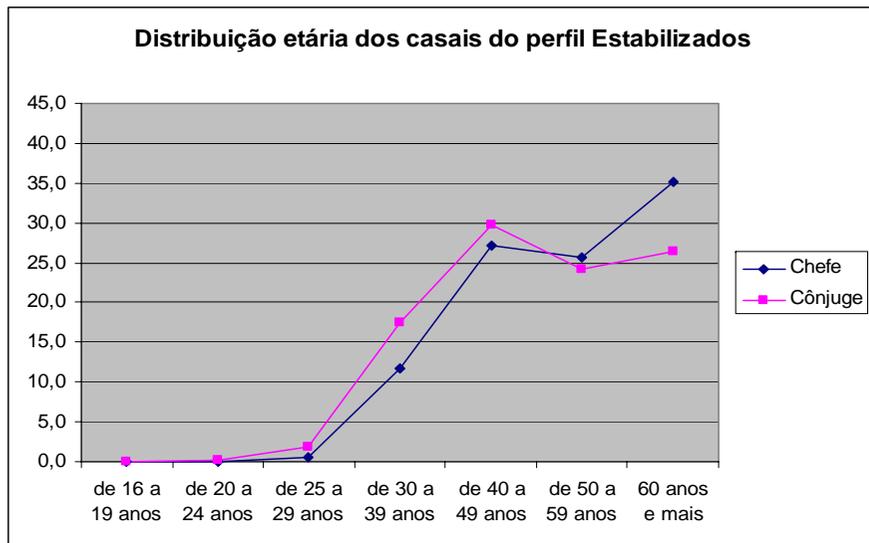


GRÁFICO 13-k-A:

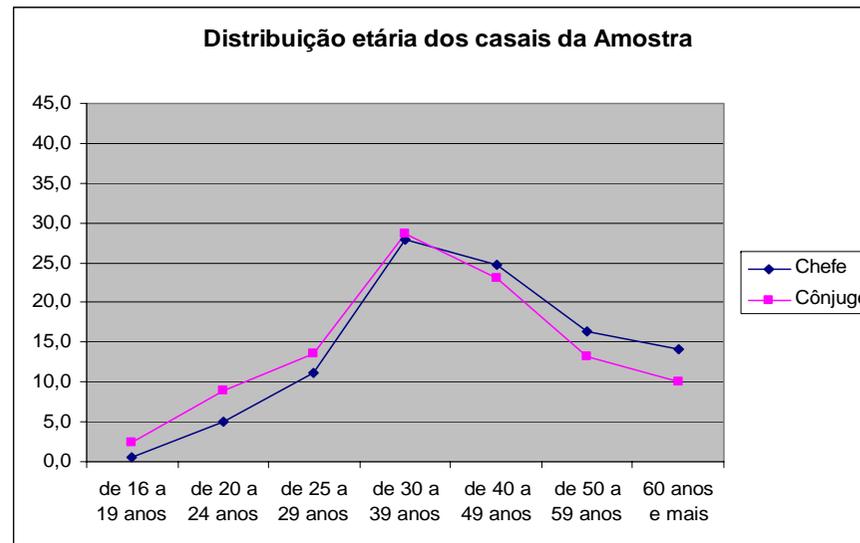
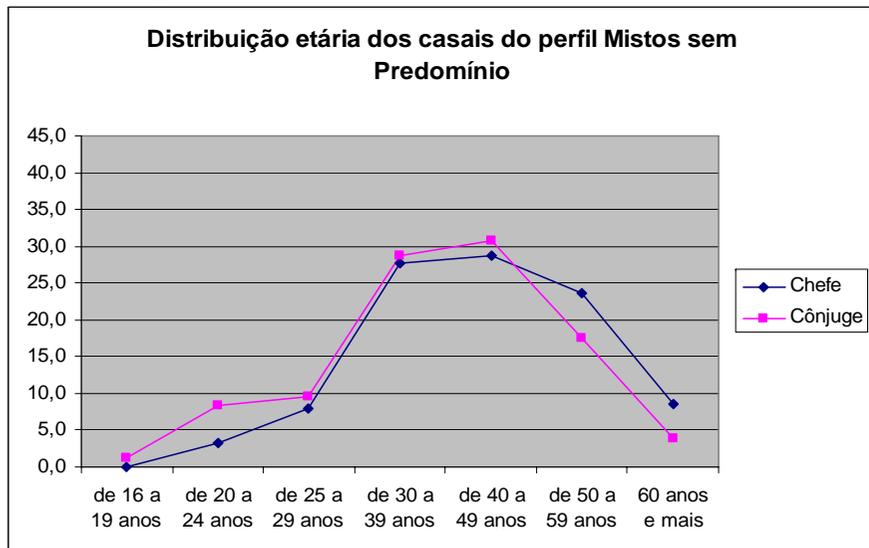


GRÁFICO 13-j-A:



Fontes do GRÁF. 13-a-A ao GRÁF. 13-k-A: Elaboração própria.
Obs: Dados ponderados.

